FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A Morte de um Ditador: O Visual e o Olhar no Funeral de António de Oliveira Salazar

Rodrigo Lacerda Fernandes

Dissertação
de Mestrado em Antropologia - Culturas Visuais

Junho de 2013

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia - Culturas Visuais, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor José Manuel Viegas Neves e da Professora Doutora Catarina Alves Costa

AGRADECIMENTOS

Quero aqui expressar o meu sincero agradecimento aos Professores José Neves e Catarina Alves Costa pelas várias propostas de bibliografia, ideias de linhas de pesquisa e interrogações que me provocaram, estimularam e possibilitaram a redacção desta tese. As contribuições das Professoras Clara Saraiva, Teresa Fradique e Margarida Medeiros também foram extremamente valiosas e decisivas para enquadrar teoricamente o trabalho. De facto, os vários Professores que tive o privilégio de contactar durante o mestrado em antropologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa deixaram uma profunda marca na minha formação. Nesse sentido, gostaria de salientar as aulas do Professor João Leal que me mostraram o fascínio de uma disciplina em constante interrogação, sustentada numa forte exigência epistemológica.

Nestes tempos políticos conturbados, quero também expressar o meu profundo agradecimento aos funcionários públicos que trabalham nas várias instituições que contactei (Hemeroteca de Lisboa, Biblioteca Nacional, Torre do Tombo, Arquivo da RTP, ANIM, Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Bibliotecas Municipais de Lisboa) pelo seu zelo profissional e simpatia. A pesquisa para esta dissertação teria sido mais difícil sem a sua paciência, sugestões e apoio.

Por fim, esta tese não teria sido possível sem a paciência e o apoio intelectual e afectivo daqueles que me estão mais próximos: os meus pais, Francisco Monforte, Daniela Ribeiro, Rita Alcaire, Catarina Barata, Luísa Cardoso, Ana Roque e António Silva.

A Morte de um Ditador: O Visual e o Olhar no Funeral de António de Oliveira Salazar

The Death of a Dictator: The Visual and the Eye in the Funeral of António de Oliveira Salazar

Palavras-chave: Antropologia Visual, Antropologia da Morte, Funeral, Corpo, Salazar

Keywords: Visual Anthropology, Anthropology of Death, Funeral, Body, Salazar

RESUMO

Nas sociedades contemporâneas, a morte é um assunto privado e essencialmente relevante para a família e amigos mais próximos. Contudo, algumas mortes possuem uma importância pública que é evidenciada pela sua repercussão mediática, principalmente a nível de imagens. Nesse sentido, este trabalho enceta uma análise do papel do visual e do olhar nos eventos associados à morte de pessoas que, devido à sua vida ou falecimento, são consideradas pelo Estado, população e media como simbolicamente importantes para a generalidade da comunidade.

Devido à diversidade cultural, histórica e política do universo de pesquisa, a segunda parte do trabalho centra-se na análise detalhada do funeral de uma única individualidade: António de Oliveira Salazar (1889-1970). Nesse sentido, este trabalho é uma contribuição para o estudo da imagem poliédrica produzida pelo ditador e vários agentes sociais, dos modos de reprodução social do regime e do *status quo* e da realidade social, política e mediática de Portugal em 1970.

ABSTRACT

In contemporary societies, death is a private matter that is mainly relevant to the family and close friends of the deceased. However, certain deaths still possess a wider importance as it is attested by their media coverage, namely through images. This thesis analyses the role of the visual and the eye in the events associated with the death of people who, due to their life or death, are considered by the State, population and media as symbolic relevant to the general community.

Because of the cultural, historical and political diversity of the object of research, the second part of this work is centered on the analysis of the funeral of one person: António de Oliveira Salazar (1889-1970). This work is a contribution to the study of the polyhedric image produced by the dictator and several social agents, of the ways of social reproduction of the regime and *status quo* and of the social, political and media reality of Portugal in 1970.

“Quando o Salazar morrer, o funeral vai ser assim: à frente vai a bandeira, depois a banda, depois o bandido, depois os bandalhos, seguem-se os que encheram o bandulho, depois a Força Pública e o público à força.”[1]

“Mas seria sempre uma imagem, nunca a verdade. E esse foi provavelmente o grande erro: julgar que a verdade é captável de fora, com os olhos só, supor que existe uma verdade apreensível num instante e daí para diante tranquilamente imóvel, como nem mesmo a estátua o é, ela que se contrai e dilata à mercê da temperatura, que se corrói com o tempo e que modifica não só o espaço que a envolve como, subtilmente, a composição do chão onde assenta, pelas ínfimas partículas de mármore que vai soltando de si, como nós os cabelos, as aparas de unhas, a saliva e as palavras que dizemos. (...) Na verdade, que perguntas iria eu fazer, e a quem, para descobrir a verdade? (...) a última questão continuaria de pé: como pôr tudo isso num retrato, como pôr tudo isso, também, num manuscrito? A minha arte, enfim, não serve para nada; e esta caligrafia, para que serve ela? Quem retrata, a si mesmo se retrata.”[2]

---

[1] Dizer transmitido oralmente durante o Estado Novo, antes da morte de Salazar. Coligido pelo meu pai, António Manuel da Silva Fernandes.

[2] Cfr. José Saramago, *Manual de Pintura e Caligrafia*, Lisboa, Caminho, Lisboa, 1983 [2006], pp.112-113

ÍNDICE

1.	**Introdução**	1
2.	**Objecto e Metodologia**	3
3.	**Proposta para uma Sistematização Visual das Morte Públicas nas Sociedades Contemporâneas**	9
3.1.	O Corpo Sacralizado	18
3.2.	O Corpo Dessacralizado	21
3.3.	O Corpo Invisível	24
3.4.	Conclusão	26
4.	**Elementos Visuais do Funeral de Salazar na Imprensa Portuguesa**	29
4.1.	Imprensa Portuguesa: Introdução Histórica	29
4.2.	O Funeral de Salazar na Imprensa Portuguesa	32
4.3.	O Corpo Morto e as Suas Mitologias	38
4.3.1.	"De Professor a Presidente"	40
4.3.2.	A Obra e a Nação: "O Homem que foi Portugal durante Quarenta Anos"	43
4.3.2.	A Construção de um Sorriso	47
4.3.3.	"Da Glória dos Jerónimos à Humildade de Santa Comba Dão"	49
4.3.4.	O Povo	54
4.3.5.	País Multirracial e Guerra Colonial	60
4.3.6.	Vaticano, Concordata e Igreja	65
4.3.7.	Militares	70
4.3.8.	Políticos Estrangeiros	72
4.3.9.	O Enterro ou a Continuação de uma Ideia? Marcello Caetano e Américo Thomaz	78
4.3.10.	A Oposição Visível e a Oposição Possível	82
5.	**Elementos Visuais do Funeral de Salazar na Televisão Portuguesa**	86
5.1.	Rádiotelevisão Portuguesa: Introdução Histórica	86
5.2.	Questões Metodológicas Relativas ao Arquivo da RTP	91
5.3.	O Funeral de Salazar na Televisão	92
5.4.	Análise da Reportagem da RTP	95

5.5. A Tríade Imagética 106

6. **Conclusão e Discussão** 108

Fontes

Publicações Periódicas 114

Referência Online 115

Bibliografia 116

Anexos

Anexos 01 - Mortes Públicas 120

Anexos 02 - Imprensa Portuguesa 126

Anexos 03 - Reportagem da RTP 249

1. Introdução

2002. Visitava os meus pais. Ao jantar, o som dos talheres do lado direito e esquerdo. A televisão anunciava a morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA, pelas forças militares angolanas. Em plano geral, um corpo obeso exposto em cima de um palanque improvisado na mata. Um plano aproximado mostrava o rosto inerte do antigo grande chefe rodeado de moscas. Exibia-se ali a 'prova'. Mas também se aproveitava para humilhar o inimigo de muitas décadas.

Mais tarde, estudei cinema e televisão e comecei a realizar documentários um pouco por acaso. Uma amiga minha tinha escrito uma tese de licenciatura em antropologia sobre uma banda de rock de Coimbra e a tentativa de criar uma identidade não universitária na cidade-museu do conhecimento. Desafiei-a a produzir um filme a partir desta história e, após três anos, o produto final estreou no IndieLisboa e foi exibido noutros festivais nacionais. Um impulso que teve consequências no meu então futuro. Um impulso que me fez compreender melhor as implicações da imagem. Havia, por exemplo, um elemento da banda que, pelo seu modo de comunicação e apresentação pública, podia ser representado como um 'cromo' ou 'palhaço'. Foi necessário estar muito atento durante a montagem para lhe manter a dignidade e inteligência que merecia. A estética e a ética tão intrinsecamente interligadas.

Entretanto ocorreram outras mortes públicas. Saddam Hussein foi capturado numa toca de uma quinta agrícola e enforcado na televisão. O corpo de Mu'ammar al-Kaddafi foi mutilado física e visualmente numa estética de telemóvel. Osama Bin Laden teve uma morte invisível. E, claro, outras imagens registadas no palimpsesto da memória visual reemergiram: os funerais ostensivos e catárticos de Amália Rodrigues e da Princesa Diana, o corpo-cristo de Ernesto Che Guevara morto, Benito Mussolini pendurado de pernas para o ar para exibição pública.

Quando me candidatei ao mestrado de antropologia, especialização culturas visuais, queria desenvolver uma melhor compreensão da realidade humana que pudesse utilizar nos meus documentários de modo a ultrapassar uma dimensão estética e de senso comum em que tinha medo de me perder. Alguns dos meus professores esperavam e incentivaram-me a realizar um filme como tese final. Mas eu quis aproveitar esta ocasião, este também estado de liminaridade, para reflectir sobre as minhas inquietações de realizador: a relação entre a estética e a ética a que acima aludi; a produção de poder que é um filme; o olhar, de cima, de baixo, de lado, de fora, de dentro.

Esta tese partiu destas questões insolúveis que só se podem equacionar e, talvez, tentar responder na arena da prática da produção de imagens. Esta tese evoluiu. Um olhar sistematizado (científico?) a analisar a diversidade da realidade encontra pontos de contacto e, se calhar, não resiste a estabelecer padrões. Mas a realidade é como uma imagem. Uma fotografia de uma pessoa, por exemplo: consigo classificar essa personagem a determinados níveis (idade, género, etc.) e posso tentar compreender o sentido da representação pretendida, consciente ou inconscientemente, mas continuarei sempre a experienciar a vertigem incomensurável, inclassificável, inefável do excesso de detalhes.

Neste contexto, o estranho fascínio da sociedade pelas imagens de eventos relacionados com mortes de figuras públicas regressou e impôs-se como tema de tese. Devido às dificuldades financeiras de aceder a arquivos estrangeiros, optei por analisar, de um modo detalhado, um caso nacional. De entre este universo, António de Oliveira Salazar surgiu como uma hipótese pertinente devido à relação múltipla que os portugueses possuem com esta personagem que governou o país durante quarenta anos. Para alguns, foi um campónio e beato que comandou Portugal segundo a estreiteza do seu pensamento. Outros consideram-no como o mais importante político nacional. Uma série televisiva recente apresentou-o como um Don Juan dissimulado e sofrido. Para o meu avô açoriano, foi aquele que o proibiu, durante anos, de exercer a sua profissão de professor no ensino público devido a um abaixo-assinado a exigir eleições livres que subscreveu, mas também foi a 'raposa matreira' que negociou a base das Lajes com os americanos. Nas conversas com os meus pais, o antigo Presidente do Conselho surge como um fantasma que percorreu os primeiros anos das suas vidas adultas, especialmente durante as lutas académicas de Coimbra. Existe, portanto, uma multiplicidade de representações de Salazar e, simultaneamente, uma elisão de factos sobre o Estado Novo: a censura, a opressão, a tortura, as mortes. O antigo Chefe do Governo construiu-se e foi construído de um modo poliédrico, reflectiu-se no caleidoscópio infinito das vivências dos portugueses e tentou tornar invisível aquilo que o desfavorecia. Nesse sentido, a análise do funeral deste ditador apresentou-se como uma oportunidade para estudar como as diversas imagens desta personagem foram elaboradas e reproduzidas e de como o poder, transversal a vários agentes da sociedade, utilizou e modelou os vários elementos visuais.

2. Objecto e Metodologia

Nas sociedades contemporâneas, a morte é um assunto privado e essencialmente relevante para a família e amigos mais próximos. Contudo, algumas mortes possuem uma importância pública que é evidenciada pela sua repercussão mediática, principalmente a nível de imagens. Alguns exemplos desta realidade são os falecimentos de Abraham Lincoln, Benito Mussolini, Amália Rodrigues, Princesa Diana, Jonas Savimbi, Saddam Hussein, Osama Bin Laden e Mu'ammar al-Kaddafi. A partir desta amostra inicial heterogénea, o objecto de estudo desta tese foi sistematizado do seguinte modo: análise do papel do visual e do olhar nos eventos associados à morte de pessoas que, devido à sua vida ou falecimento, são consideradas pelo Estado, população e media como simbolicamente importantes para a generalidade da comunidade.

Devido à diversidade cultural, histórica e política do universo de pesquisa, a segunda parte do trabalho centra-se na análise detalhada do funeral de uma única individualidade: António de Oliveira Salazar (1889-1970). Este estudo permite uma melhor compreensão da imagem poliédrica produzida pelo próprio e pelos vários agentes do regime, assim como os processos encetados para a sua reprodução. O discurso analisado também foi construído num determinado momento histórico que contaminou a narrativa encetada pelo Estado Novo, nomeadamente a nível das questões relativas à Guerra Colonial e à luta entre Marcello Caetano e Américo Thomaz pela orientação política do governo. Nesse sentido, o funeral de Salazar surge como um episódio histórico relevante que proporciona uma análise dos processos de construção das representações do antigo Chefe de Governo e do ambiente político em Portugal em 1970.

Este estudo recorre a conceitos e teorias da antropologia e história para proceder a uma análise da relevância das imagens nas mortes públicas. Ambas as disciplinas possuem uma relação ambivalente com aquele tipo de registo. David MacDougall, por exemplo, argumenta que, "Anthropology has had no lack of interest in the visual; its problem has always been what to do with it."[3] Esta conexão estabeleceu-se desde o início através da utilização do desenho, recolha de elementos da cultura material e até exposição de indígenas em palestras e museus. A invenção da fotografia e do cinema introduziram outras problemáticas e níveis de complexidade. A antropologia começou a utilizar estas tecnologias não só para compilar informação, mas também para produzir corpos epistemológicos com identidade própria designados por filmes etnográficos. Mais

[3] Cfr. David MacDougall, *The Corporeal Image*, New Jersey, Princeton University Press, 2006, p.213

recentemente, os antropólogos têm-se interessado e participado em media produzidos por povos indígenas que utilizam os meios de comunicação digitais como instrumento de correcção das representações ocidentais, meio de reivindicação política e dispositivo de renovação cultural. Mas, de facto, o visual e o olhar sempre estiveram presentes nesta ciência social, especialmente a partir do momento em que a *observação* participante se tornou o seu método de trabalho paradigmático.

Por outro lado, o recurso à imagem na história foi, duramente muito tempo, relativamente periférico. Mesmo assim, Peter Burke menciona alguns casos precursores no seu livro *Eyewitnessing, The Uses of Images as Historical Evidence*.[4] No século XVIII, por exemplo, as pinturas das catacumbas romanas foram estudadas para compreender as primeiras fases do cristianismo e, posteriormente, como indício da história social. Por volta da mesma altura, a tapeçaria de Bayeux também já era considerada um registo histórico importante. E, na segunda metade do século XX, a fotografia foi progressivamente reconhecida como uma ferramenta relevante na constituição de uma história 'vinda de baixo' centrada na vida quotidiana das pessoas comuns. Burke advoga que, "(...) increasing use is being made of a broader range of evidence, in which images have their place alongside literary texts and oral testimonies."[5]

Neste contexto de crescente relevância do visual nas ciências sociais, Marc Ferro publicou, nos anos sessenta, um conjunto de artigos sobre as potencialidades da imagem em movimento, especialmente do cinema. Para este autor da terceira geração da 'Escola dos *Annales*', a sétima arte é, simultaneamente, uma fonte que permite compreender as mentalidades de uma época e uma força de mudança social.

> "Each film has a value as a document, whatever its seeming nature. This is true even if it has been shot in the studio, and even if it neither narrates nor depicts. By the way it affects people's imaginary universe, and by the very imaginary universe that it conveys, every film posits a relation between its author, its subject matter, and the viewer. Besides, if it is true that the not-said and the imaginary have as much historical value as History, then the cinema, and especially the fictional film, open a royal way to psycho-socio-historical zones never reached by the analysis of 'documents'."[6]

---

[4] Cfr. Peter Burke, *Eyewitnessing, The Uses of Images as Historical Evidence*, Ithaca, Cornell University Press, 2008 (2001)

[5] *Ob.cit.* p.9

[6] Cfr. Marc Ferro, *Cinema and History*, Detroit, Wayne State University Press, 1988, pp.82-83

Segundo este investigador, o cinema também é um elemento central na construção do imaginário histórico popular. Assim como o romance *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, produz uma imagem do Cardeal de Richelieu que é mais vívida e influente no ser humano que o registo científico, também os filmes de Serguei Eisenstein sobre a revolução russa contaminam a nossa visão sobre este evento. Nesta perspectiva, a imagem surge nas ciências sociais como documento, mas também como agente do social, cultural e imagético.

As principais fontes visuais deste trabalho são fotografias de jornal e uma reportagem televisiva, apesar de existirem, como será analisado mais à frente, outros elementos relevantes que coabitam e se cruzam com aqueles. Em relação ao filme da RTP, procedeu-se a um visionamento repetido e, por vezes, a velocidade reduzida, de modo a dissecar os elementos presentes na imagem e a sua gramática cinematográfica. Tal como Laura Mulvey argumenta, as tecnologias digitais introduziram alterações na produção e distribuição de filmes, mas também tornaram possível ao espectador experienciar o cinema num tempo e modo diferente, potenciando, assim, a sua capacidade analítica.

> "The process of repetition and return involves stretching out the cinematic image to allow space and time for associative thought, reflection on resonance and connotation, the identification of visual clues, the interpretation of cinematic form and style, and, ultimately, personal reverie. Furthermore, by slowing down, freezing or repeating images, key moments and meanings become visible that could not have been perceived when hidden under the narrative flow and the movement of film."[7]

Nesse sentido, as visualizações sucessivas da reportagem ao longo de um ano, acompanhadas por um crescente conhecimento das questões históricas e antropológicas relacionadas com aquela, foram uma parte central da metodologia utilizada neste trabalho.

O *corpus* de estudo escolhido a nível da imprensa portuguesa inclui quase 1100 imagens. Perante esta quantidade elevada adoptou-se uma abordagem inicial baseada na análise de conteúdo. Esta técnica, extensamente utilizada na investigação empírica realizada nas ciências sociais e humanas, permite, segundo Bernard Berelson, "(...) a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação."[8] O procedimento é, geralmente, constituído por três

---

[7] Cfr. Laura Mulvey, *Death 24x a Second. Stillness and the Moving Image*, London, Reaktion Books, 2006, pp.146-147

[8] Cfr. Bernard Berelson, *Content Analysis in Communication Research* citado em Jorge Vala, "Análise de Conteúdo", in Augusto Santo Silva, José Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 2009 (1986), p.103

níveis: análise de ocorrências (quantas vezes determinado elemento surge); análise avaliativa (como se caracteriza o elemento); análise associativa (relação de associação ou dissociação entre os elementos).[9] No estudo de caso desta tese, contabilizou-se o número de fotografias que incluíam determinadas categorias como, por exemplo, 'Salazar vivo', 'Salazar morto', 'Marcello Caetano', 'família no funeral', 'militares', 'igreja', 'bandeira', etc. Esta abordagem foi útil para identificar os elementos mais recorrentes, mas também sublinhou um conjunto de problemas relacionados com a técnica e que se tornaram ainda mais evidentes na sua aplicação à imagem.

A fotografia é considerada um signo indexical segundo o sistema de classificação de Charles Sanders Peirce devido à sua relação física com o referente, tal como uma pegada na areia é um vestígio de um ser humano. Mas esta conexão à existência concreta introduz um excesso de informação que torna difícil a sua dissecção. Para Walter Benjamin, a natureza da fotografia está associada à contingência do real e é este factor que a separa da pintura e, até certo ponto, da arte: "Apesar de toda a habilidade artística do fotógrafo e da metodologia na atitude do seu modelo, quem contempla a fotografia sente o impulso irresistível de procurar, aqui e agora, o cintilar insignificante do acaso com o qual a realidade, por assim dizer, ateou o carácter da imagem (...)"[10] Nesse sentido, como categorizar uma fotografia que parece querer capturar um determinado elemento, mas inclui outros? Por exemplo, a imagem de Américo Thomaz no aeroporto, quando este regressou da viagem oficial a São Tomé para estar presente no funeral de Salazar, apresenta este político no centro e a legenda sublinha que ele é o objectivo da representação. Mas a fotografia também inclui outras pessoas, nomeadamente Marcello Caetano com um olhar confrangedor. Segundo Christopher Pinney, esta é uma das dificuldades da imagem indexical: "Photographs are usually taken to tell a story: their 'difficulty' stems from their insistence on always telling their own story. Photography's 'enactment' (...) produced an effect of manifestation that commonly exceeded the particularity of the event of its making."[11] Além disso, a análise de conteúdo ignora todo um conjunto de qualidades imagéticas, como a perspectiva, a dimensão dos planos, a iluminação, etc., revelando as limitações da técnica metodológica. Assim, após uma primeira avaliação quantitativa, procedeu-se a um estudo qualitativo mais detalhado e próximo do objecto que levou em consideração as várias dimensões intrínsecas à natureza da imagem fotográfica.

---

[9] Cfr. Jorge Vala, "Análise de Conteúdo", in Augusto Santo Silva, José Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 2009 (1986), p.108

[10] Cfr. Walter Benjamin, "Pequena História da Fotografia" in Walter Benjamin, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio D'Água, 1992, pp. 118-119

[11] Cfr. Christopher Pinney, *Photography and Anthropology*, London, Reaktion Books, 2011, p.80

Existem outros factores que dificultam a análise das imagens reproduzidas pelos periódicos. Desde o início da introdução da fotografia nos jornais, na viragem do século XX, que se começou a desenvolver uma certa hibridização entre imagem e texto. Luís Trindade sugere que foi a própria página de jornal - sendo a tese deste historiador centrada nas primeiras páginas - que se transformou e coloca a questão: "Uma primeira página lê-se ou vê-se?"[12] O suporte indexical ganhou uma centralidade e os títulos, o texto e outros elementos gráficos (linhas, círculos, etc.) dispuseram-se em torno daquele. A superfície dos periódicos deixou de ser visualmente plana e converteu-se numa paisagem com um complexo relevo onde se encena uma relação ambígua entre os seus vários componentes. Esta teia de elementos é parcialmente hierárquica, mas, principalmente, contaminadora e produtora de novos significados. Além disso, ao aumentarem e destacarem certas palavras, os jornais transformaram a própria natureza do texto, conferindo-lhe uma dimensão visual. Por fim, foi a própria página que se alterou: ela já não é só o suporte de vários signos, mas é, no seu todo, um signo. Em conclusão, "A partir deste momento, a palavra tornou-se, finalmente, imagem, e o texto tradicional adaptou-se ao novo regime comunicacional dominado pelas imagens e pelos sons."[13] Devido a este enquadramento teórico, a análise que se segue recorreu a estes elementos da imprensa como modo de iluminar e compreender as imagens. É também por esta razão que se optou por reproduzir as páginas inteiras nos anexos.

Entre este conjunto de elementos que se cruzam nos jornais, deve realçar-se a legenda. De facto, a quase totalidade das fotografias analisadas neste trabalho é acompanhada por este tipo de texto. Apesar de uma certa hegemonia da ideia de que a imagem se tornou paradigmática no mundo contemporâneo, Roland Barthes questionou esta teoria e chamou à atenção de que o texto continua a domesticar a *mensagem sem código*. Segundo este autor, a relação entre os dois elementos pode ser estabelecida de dois modos: de fixação ou de etapa. Enquanto que o último modo se refere a situações em que a palavra e a imagem coexistem numa relação complementar, a primeira refere-se a mecanismos que possuem o sentido de "(...) *fixar* a cadeia flutuante dos significados, de modo a combater o terror dos signos incertos (...)".[14] Este é o caso da legenda. O policiamento da imagem pela palavra não é fortuito, mas direccionado e possui, necessariamente, um forte componente ideológico e moral.

---

[12] Cfr. Luís Trindade, *Primeiras Páginas: O Século XX nos jornais portugueses*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2006, p.26

[13] *Ob.cit.*, p.28

[14] Cfr. Roland Barthes, *O Óbvio e o Obtuso*, Lisboa, Edições 70, 2009 (1982), p.34

> "(...) o texto é verdadeiramente o controlo do criador (logo, da sociedade) sobre a imagem: a fixação é um controlo, ela detém uma responsabilidade, face ao poder projectivo das figuras, sobre o uso da mensagem; em relação à liberdade dos significados da imagem, o texto tem um valor *repressivo* e compreende-se que seja ao seu nível que se investem sobretudo a moral e a ideologia de uma sociedade."[15]

Como se pode constatar, apesar de se ter partido da análise de imagens em sentido estrito, um conjunto de outros itens entrelaçou-se e impossibilitou a separação daquelas da teia de elementos e significados em que se inserem. Mas o desenvolvimento desta tese também originou certas questões epistemológicas sobre a própria condição do visual. Serão as imagens meras representações de práticas culturais pré-existentes ou serão elas próprias parte integrante do processo cultural em análise? Segundo MacDougall, "(...) visual anthropology is not about the visual per se but about a range of culturally inflected relationships enmeshed and encoded in the visual."[16] De facto, vários cientistas sociais, nomeadamente Clifford Geertz, têm defendido uma antropologia visual e da arte que vá para além de uma análise semiológica abstracta dos produtos culturais e tente compreender o significado e relevância destes na e para a comunidade.

> "If we are to have a semiotics of art (or for that matter, of any sign system not axiomatically self-contained), we are going to have to engage in a kind of natural history of signs and symbols, an ethnography of the vehicles of meaning. Such signs and symbols, such vehicles of meaning, play a role in the life of a society, or some part of a society, and it is that which in fact gives them their life. Here, too, meaning is use, or more carefully, arises from use, and it is by tracing out such uses as exhaustively as we are accustomed to for irrigation techniques or marriage customs that we are going to be able to find out anything general about them."[17]

Assim, em termos de metodologia, foi necessário recorrer às várias ferramentas e conceitos das disciplinas utilizadas, nomeadamente a nível de ritual, de modo a tentar compreender qual foi o papel das imagens nas mortes em análise. Este caminho implicou regressar à comunidade e às pessoas originando uma reflexão entre dois pólos: o visual e o olhar.

---

[15] Cfr. Roland Barthes, *O Óbvio e o Obtuso*, Lisboa, Edições 70, 2009 (1982), pp.34-35

[16] Cfr. David MacDougall, *The Corporeal Image*, New Jersey, Princeton University Press, 2006, p.221

[17] Cfr. Clifford Geertz, *Local Knowledge. Further Essays in Interpretive Anthropology*, New York City, Basic Books, Perseus Books, 1983, p.118

3. Proposta para uma Sistematização das Representações Visuais de Morte Pública nas Sociedades Contemporâneas

A morte é um momento marcante e ineludível da vida humana, simultaneamente perda daqueles que nos rodeiam e último acto das nossas vidas. Bronislaw Malinowski[18] defendeu no livro *Magia, Ciência e Religião* que o medo universal da morte era complementado por uma negação também universal desta através da crença na imortalidade. Esta dualidade conduz a que se estabeleça uma relação complexa entre os vivos e os mortos que os rituais funerários tentam resolver. Alguns anos antes, Arnold van Gennep[19] tinha classificado estas práticas como rituais de passagem que, como tal, eram constituídas por três fases: rituais de separação, rituais de transição e rituais de incorporação. No caso de um funeral, o antropólogo considerou que os primeiros eram os mais simples enquanto os segundos poderiam ter uma duração e complexidade tão grande que possuíam uma certa autonomia. As cerimónias responsáveis pela incorporação do defunto no mundo dos mortos seriam as mais elaboradas e de maior importância.

O trabalho de Robert Hertz sublinhou o aspecto social da morte. Segundo este autor, o fim da vida não representa apenas a aniquilação do ser humano biológico, mas, acima de tudo, a destruição do indivíduo social, representando, por isso, um choque na estrutura da comunidade. Nesse sentido, um funeral é uma cerimónia dupla que possui o intuito simultâneo de conferir uma nova função social ao defunto e sarar a ferida do grupo. Para Hertz, "(...) a healthy society cannot admit that an individual who was part of its own substance, and on whom it has set its mark, shall be lost for ever. The last word must remain with life: the deceased will rise from the grip of death and will return, in one form or another, to the peace of human association." [20]

A partir destas ideias, Maurice Bloch e Jonathan Parry[21] estabeleceram uma relação entre morte e fertilidade, sendo esta entendida no seu sentido mais lato, isto é, como modo de reprodução da sociedade. Nas comunidades tribais, os papéis sociais são conceptualizados como pertencentes a uma ordem eterna e imutável e a morte surge como uma cisão desta continuidade. Este paradoxo é

---

[18] Cfr. Bronislaw Malinowski, *Magia, Ciência e Religião*, Lisboa, Edições 70, 1988 (1984), pp.53-54

[19] Cfr. Arnold van Gennep, *The Rites of Passage*, Chicago, The University of Chicago Press, 1960 (1909), pp.146-165

[20] Cfr. Robert Hertz, *Death and the Right Hand*, New York, Routledge, 2004 (1907), p.78

[21] Cfr. Maurice Bloch, Jonathan Parry, "Introduction: death and the regeneration of life" in Maurice Bloch, Jonathan Parry (eds), *Death & the Regeneration of Life*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999 (1992)

resolvido através da inclusão do defunto no ciclo de decadência e renovação da vida: num primeiro momento, ocorre a decomposição e poluição do corpo, seguido da passagem do falecido para o mundo dos antepassados. Neste contexto, os autores estabeleceram uma distinção entre 'boa' e 'má' morte. O primeiro caso é representado pela tentativa de controlo cultural das forças indomáveis da natureza através da supressão das especificidades do evento individual e a sua conformação a um modelo tipo que é mais facilmente assimilado no padrão do ciclo da vida. Por oposição, a 'má' morte refere-se aos falecimentos que mais dificilmente se encaixam naquele modelo, revelando uma incapacidade de domínio sobre a natureza que não resulta, por isso, em regeneração. Por exemplo, entre os Lugbara, a 'boa' morte ocorre em casa - o santuário dos antepassados - e o defunto deve falar claramente para o seu herdeiro que depois inicia um cântico fúnebre garantindo, assim, o processo de sucessão. Por outro lado, a 'má' morte ocorre longe deste espaço, dificultando o regresso ao mundo dos antepassados, e num tempo que não permite assegurar a transmissão ordeira da linhagem. Recorrendo a exemplos de contextos etnográficos diversos, Bloch e Parry realçaram a relação entre o tipo de morte e a fertilidade: "(...) the 'good' death not only promises a rebirth for the individual but also a renewal of the world of the living; while the 'bad' death represents the loss of regenerative potential. But in some cases a 'bad' death is not merely a lost potential for, but is an actual threat to fertility,"[22]

Émile Durkheim defendeu no início do século XX que as expressões de luto eram prescritas e controladas pela sociedade. No seu famoso livro *Les formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, o sociólogo recorreu a registos etnográficos de aborígenes australianos e argumentou que, "Mourning is not the natural response of a private sensibility hurt by a cruel loss. It is an obligation imposed by the group. One laments not simply because one is sad but because one is obligated to lament."[23] Por outro lado, Paul C. Rosenblatt *et al* realizaram um estudo transcultural das emoções e práticas associadas à morte e analisaram três componentes (pesar ["grief"], perda ["bereavement"] e luto ["mouning"]) que advogaram terem diferentes relações com a dimensão biológica e cultural do ser humano:

> "By grief we mean the sorrow, mental distress, emotion agitation, sadness, suffering, and related feelings caused by death. By bereavement we mean both the period of time following a death, during

[22] *Ob. cit.*, p.16

[23] Cfr. Émile Durkheim,*The Elementary Forms of Religious Life*, New York, The Free Press, 1995 (1912), p.400

which grief occurs, and also the state of experiencing grief. By mourning we mean the culturally defined acts that are usually performed when a death occurs."[24]

Numa perspectiva diferente, Philippe Ariès estudou a evolução das atitudes ocidentais perante a morte ao longo da história e identificou cinco modelos influenciados por quatro parâmetros psicológicos: 1) a consciência de si; 2) a defesa da sociedade contra a Natureza selvagem; 3) a crença na outra vida; 4) a crença na existência do mal.[25] O primeiro modelo - "a morte domada"[26]- existiu entre os séculos XI e XVII e era mediado por rituais funerários que proporcionavam ao falecido um descanso sereno até ao dia do Julgamento Final. O fim da vida era um assunto social que envolvia toda a família e comunidade solidificando e restabelecendo o espírito de união desta. O modelo de "a minha morte"[27] teve início no século XI e tinha substituído completamente o enquadramento anterior no século XVII. As pessoas começaram a ver-se mais como indivíduos autónomos do que membros de um grupo social, desenvolvendo ideias sobre a separação do corpo e da alma, receios relativos à decomposição do cadáver e preocupações com a vida eterna que passou a ter início logo a seguir ao falecimento. No século XVIII, o modelo de "a morte distante e próxima"[28] tornou-se dominante. Nesta altura, a natureza passou a possuir um papel omnipresente nas várias dimensões da vida e o último acto humano era visto como algo misterioso e selvagem. Ao contrário de Malinowski, Ariès argumenta que é neste período que surge o medo da morte. Durante o século XVIII e XX, emergiu o modelo de "a morte do outro" [29], em que as angústias se reposicionaram, transferindo-se do próprio para a separação com os entes queridos. O falecimento era representado como algo sereno e até sublime, uma vez que a vida eterna representava o reencontro com os familiares e amigos que já tinham partido. Por fim, no século XX surgiu o modelo de "a morte invertida"[30], produto de uma sociedade individualista que, aparentemente, dominou a natureza. Hoje morre-se em lares de idosos e hospitais, longe da família e da comunidade.

---

[24] Cfr. Paul C. Rosenblatt, R. Patricia Walsh, Douglas A. Jackson, *Grief and Moruning in Cross-Cultural Perspective*, Yale, HRAF Press, 1976, p.2

[25] Cfr. Philipe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, Vol. II, Mem Martins, Europa-América, 2000 (1977), p.360

[26] Cfr. Philipe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, Vol. I, Mem Martins, Europa-América, 2000 (1977), pp.13-116

[27] *Ob. cit.*, pp.117-341

[28] Cfr. Philipe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, Vol. II, Mem Martins, Europa-América, 2000 (1977), pp.11-134

[29] *Ob. cit.*, pp.135-308

[30] *Idem*, pp.309-358

Segundo Clara Saraiva[31], em Portugal e em grande parte da Europa meridional, o paradigma da morte invertida é dominante nos meios urbanos, mas nas zonas rurais subsistem algumas práticas que se encontram mais próximas do modelo da morte domada. No Minho e em Trás-os-Montes, a ligação à casa é central nas cerimónias fúnebres, reflexo de uma estrutura económico-social assente naquele pilar. Normalmente, o velório tem lugar na habitação e não numa capela e o defunto é lavado e vestido pela família ou vizinhos. Em 1993, na serra do Marão, o velório também se realizava em casa que, no caso das habitações mais pobres, era equipada com colchas e lençóis de linho - elemento transformador do espaço e símbolo de pureza. Em Oleiros, na Beira Baixa, os encargos cerimoniais e financeiros são sustentados por "a corda", que consiste num sistema que organiza a comunidade segundo o princípio da vicinalidade. No Alentejo, algumas aldeias do concelho de Estremoz continuam a utilizar a carreta na procissão funerária em detrimento do carro funerário, enquanto em Arganil alguns idosos ainda preferem ser transportados à mão pelos seus filhos ou outros membros da vila até ao cemitério. Apesar da diversidade de práticas, tal como noutros contextos etnográficos, a importância do funeral está directamente relacionada com o prestígio do defunto e da sua família. Saraiva lembra que muitas destas práticas se encontram em declínio, mas sublinha que,

> "(...) [o] quadro estabelecido pelos historiadores de uma linearidade muito clara pode ser refutado, se tivermos em devida conta as diversidades que (ainda) existem no território nacional, que desenham níveis de evolução na relação com a morte assaz diferenciados, demonstrando que vivemos um período de rápidas e irreversíveis mudanças (...)"[32]

Audrey Linkman[33] estudou a relação entre morte e fotografia de 1839 até hoje, especialmente na Europa Ocidental e Estados Unidos da América, e identificou alguns paralelismos com a análise de Ariès. A fotografia foi inventada na altura em que o modelo da morte do outro e as ideias do romantismo eram dominantes e em que existia um conjunto de representações visuais de defuntos já bem estabelecidas: retrato *post-mortem* (pintura do falecido); retrato *posthumous* (representação da pessoa viva depois de esta morrer recorrendo a várias fontes); e máscara mortuária (obtida a partir de um molde do cadáver).[34] Neste contexto, a produção de fotografias

---

[31] Cfr. Clara Saraiva, "Rituais Funerários dos Dois Lados do Atlântico", in *Antropologia Portuguesa*, Vol. 12, Coimbra, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra, 1994, pp.43-59

[32] *Ob. cit.*, p.54

[33] Cfr. Audrey Linkman, *Photography and Death*, London, Reaktion Books, 2011

[34] *Ob. cit.*, p.10

post-mortem surgiu com naturalidade. Uma elevada percentagem representava o defunto como se estivesse a dormir recorrendo a um paralelismo ancestral que, segundo Ariès, data, pelos menos, dos tempos homéricos[35] e a luz era, normalmente, suave e sem sombras fortes sublinhando o efeito tranquilizador da imagem. A maioria dos retratos *post-mortem* são de crianças, uma vez que, numa altura em que as máquinas fotográficas estavam restringidas aos profissionais, aqueles surgiam como um importante traço físico da memória. Tal como Linkman sublinha, "The *post-mortem* portrait implies a desire to see and remember the person in death."[36] Mas não se tratava apenas de uma lembrança pessoal. As imagens eram consideradas um grande tesouro que podia ser exposto e mostrado aos amigos íntimos. Por outro lado, existem poucas fotografias de funerais desta altura, sendo a maioria referentes a pessoas famosas como o Presidente Abraham Lincoln (1865), Jefferson Davis (1889) e Rei Leopoldo II da Bélgica (1909).[37] O primeiro registo que se conhece deste tipo de eventos data de 1865 e é relativo à procissão funerária do Duque de Mornay, o popular meio irmão de Napoleão III. Estas imagens eram vendidas às pessoas comuns e, na viragem do século, à imprensa. De facto, a morte de políticos, eclesiásticos, artistas e intelectuais famosos causava um aumento da venda de imagens destas personagens. Por exemplo, uma semana após a morte repentina do Príncipe Albert, em 1861, um dos maiores estúdios de fotografia da Grã-Bretanha tinha recebido 70.000 encomendas de *cartes de visite.*[38][39]

No início do século XX, o retrato *post-mortem* sofreu um declínio acentuado no mundo ocidental, especialmente entre a classe média, sobrevivendo durante algum tempo na Rússia, partes da Europa do Leste e entre certas minorias étnicas e migrantes. Progressivamente, esta prática começou a ser considerada mórbida e desapareceu quase completamente. Contudo, a partir dos anos setenta, a fotografia *post-mortem* iniciou um renascimento gradual causado por antigas e novas preocupações sociais. Nesta década surgiram teorias psicológicas que consideraram que a fotografia de crianças falecidas precocemente podia ajudar os pais no período de luto e alguns hospitais começaram a aceitar e a encorajar esta prática. Mas enquanto que no período vitoriano o retrato era a única lembrança possível, hoje em dia são entregues aos progenitores outros traços de memória material, tais como etiquetas de hospital, impressões da mão e do pé e *frames* de *scans*. Com a

---

[35] Cfr. Philipe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, Vol. II, Mem Martins, Europa-América, 2000 (1977), p.34

[36] Cfr. Audrey Linkman, *Photography and Death*, London, Reaktion Books, 2011, p14

[37] *Ob. cit.*, pp.94-95

[38] Um tipo de fotografia pequena comum nos anos sessenta do século XIX.

[39] Cfr. Audrey Linkman, *Photography and Death*, London, Reaktion Books, 2011, p.145

introdução da internet, começaram a aparecer vídeos montados a partir de fotografias *post-mortem* no youtube e em sites de memorial especialmente dedicados a esta temática. Em 2005, uma mãe que perdera o seu filho e o fotógrafo que retratou a criança antes e depois de esta ter sido retirada do sistema de suporte à vida criaram a associação *Now I Lay Me Down to Sleep*, sediada no Colorado (EUA). Inicialmente, a organização funcionava em regime de voluntariado incentivando fotógrafos profissionais a disponibilizar os seus serviços gratuitamente a famílias em luto. Actualmente, empregam quatro profissionais, possuem 7000 fotógrafos voluntários em 25 países e um orçamento anual de $400.000. A associação produziu um manual para os retratistas no qual sugerem oito tipos de pose e recomendam o recurso à imagem a preto e branco como modo de esconder alguns defeitos dos nados-mortos e por possuir uma estética clássica e intemporal.[40]

A morte teve uma presença precoce na fotografia de arte, mas só atingiu um fulgor relevante a partir da década de setenta do século XX como forma de confrontar o "último tabu" (o outro tabu, sexo, tinha sido questionado na década anterior). Nos anos oitenta, representações visuais de pessoas que sofriam e faleceram de SIDA, cancro e outras doenças terminais começaram a ser exibidas como afirmação política e exposição mediática de um problema que era escondido socialmente. Neste contexto, William Yang retratou o seu antigo amante Allan durante dois anos até à sua morte, de SIDA, em 1990, e Annie Leibovitz publicou o livro *A Photographer's Life 1990-2005*, que inclui imagens da sua namorada, Susan Sontag, enquanto esta lutava contra o cancro e depois de falecer. Na década de noventa, a morte era uma presença tão ubíqua no mundo da fotografia de arte que o crítico Vicki Goldberg mostrava o seu espanto por nos seis meses precedentes terem ocorrido seis exposições sobre este tema em Nova Iorque.[41]

Durante a segunda metade do século XX, as atitudes em relação a representações visuais de funerais também começaram a mudar, provavelmente, devido à presença de parentes e amigos que estavam habituados a fotografar e filmar os outros eventos familiares. Alguns crematórios na Grã-Bretanha instalaram *webcams* de modo a que as pessoas que não possam estar presentes nas cerimónias as possam visualizar através da internet.[42] Outras empresas começaram a fornecer 'memoriais digitais' em DVD que incluem fotografias, filmes caseiros, música, histórias pessoais e

---

[40] *Ob. cit.*, p.85-86

[41] *Idem*, p.164

[42] *Idem*, p.106

as últimas palavras ou desejos do defunto.[43] Neste terreno em mutação, Linkman chama à atenção que as câmaras dos telemóveis irão, provavelmente, provocar outros desenvolvimentos na relação do ser humano com o seu último acto.[44]

Apesar destas mudanças ainda crepusculares, a morte é, hoje em dia, tal como foi acima exposto, um assunto privado e essencialmente relevante para a família e amigos mais próximos. Contudo, alguns corpos continuam a ter mortes ou cerimónias fúnebres públicas. Com a evolução da imprensa, rádio e televisão durante o século XX, estes eventos tornaram-se cada vez mais ubíquos e cuidadosamente encenados para o "ecrã global".[45] Nesse sentido, execuções públicas, como as de Saddam Hussein, ou funerais sumptuosos, como os de Mitterrand, Princesa Diana e Amália Rodrigues, podem ser considerados "acontecimentos mediáticos" ("media events"). Este conceito, desenvolvido por Daniel Dayan e Elihu Katz, a que aqui se recorre, não significa simplesmente notícia ampliada pelos media. Segundo os autores, acontecimentos mediáticos caracterizam-se por: 1) constituírem interrupções do fluxo normal das emissões televisivas e das vidas quotidianas que, nos casos mais importantes, são monopolistas, isto é, transmitidas em simultâneo por todos os canais; 2) recorrerem extensivamente ao directo televisivo fora do estúdio baseando-se no espaço e tempo real do evento; 3) serem, normalmente, organizados por instituições públicas exteriores aos media; 4) serem pré-planeados, anunciados e publicitados com antecedência; 5) basearem-se numa estética e locução de reverência e cerimónia; 6) possuírem audiências elevadas e electrizarem um país; 7) serem inquestionavelmente hegemónicas.[46]

Segundo estes sociólogos, a narrativa de alguns acontecimentos mediáticos pode ser relacionada com o modelo de "drama social", desenvolvido por Victor Turner. Este enquadramento teórico é constituído por, "(...) units of aharmonic or disharmonic process, arising in conflict

---

[43] *Idem*, p.187

[44] *Idem*, p.188

[45] Segundo Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, "[n]a sua significação mais ampla, ‹‹ecrã global›› remete para a nova potência planetária da ecranosfera, para o estado ecrãnico generalizado que é possibilitado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação. Eis-nos perante os tempos do ecrãmundo, do tudo-ecrã, contemporâneo da rede das redes, mas também dos ecrãs de vigilância, dos ecrãs de informação, dos ecrãs lúdicos, dos ecrãs de ambiente. (...) Toda a vida, todas as nossas relações com o mundo e com os outros estão cada vez mais mediatizadas por um sem número de interfaces pelos quais os ecrãs não param de convergir, de comunicar, de se interconectar." Cfr. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, *O Ecrã Global*, Lisboa, Edições 70, 2010 (2007), pp.21-22

[46] Cfr. Daniel Dayan, Elihu Katz, *A História em Directo. Os Acontecimentos Mediáticos na Televisão*, Coimbra, Minerva, 1999 (1994). pp.20-23

situations"[47], e pode ser sistematizado em quatro fases: 1) ruptura ("breach"); 2) crise e intensificação da crise ("*crisis*"); 3) acção reparadora ("*redressive action*"); 4) desfecho ("*reintegration* (...) or irreparable schism"). A primeira etapa ocorre quando existe uma ruptura das normas que governam um grupo de pessoas dentro do mesmo sistema de relações sociais. O não cumprimento de uma determinada regra não é um crime, mas um símbolo de dissidência. A não ser que seja possível reparar esta cisão muito rapidamente, ela origina uma crise que se tende a acentuar com o tempo. De modo a finalizá-la, é necessário encetar medidas de reajustamento através de mecanismos de reparação, formais ou informais, já institucionalizados ou originais. Estes dispositivos variam em termos de tipo e complexidade dependendo da comunidade, da sua relação com outros sistemas externos, da profundidade e significado social da ruptura e da extensão da crise. Este processo deverá conduzir a um desfecho que pode consistir numa reintegração do grupo social divergente ou numa secessão permanente deste.

O modelo teorizado de drama social relaciona-se com a ideia de liminaridade, inicialmente desenvolvida por van Gennep. Segundo Turner, "In this interim of 'liminality', the possibilities exists of standing aside not only from one's own social position but from all social positions and of formulating a potentially unlimited series of alternative social arrangements."[48] O antropólogo argumentou que existem características de liminaridade na segunda e, especialmente, na terceira fase do drama social. Este período, pelo seu carácter "betwixt and between", permite uma reencenação e crítica distanciada dos eventos que levaram à crise sob a forma, por exemplo, de um processo judicial ou, recorrendo à linguagem simbólica e metafórica, de um ritual[49]. Através deste mecanismo, a sociedade pode transformar-se e optar por um número variado de alternativas: "If there is order, it is seldom preordained (...); it is achieved - the result of conflicting and concurring will and intelligences, each relying on some convincing paradigm. (...) Yesterday's liminal becomes today's stabilized, today's peripheral becomes tomorrow's centered."[50]

Alguns cientistas sociais já analisaram como certos funerais específicos se relacionam com a

---

[47] Cfr. Victor Turner, *Dramas, Fields and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1974, p.37

[48] *Ob. cit.*, pp.13-14

[49] Na antropologia, o termo ritual é recorrente e possui vários significados que não é possível analisar neste trabalho. Nesta análise, ele vai ser utilizado no seu sentido mais lato recorrendo-se à definição de Turner: "(...)the performance of a complex sequence of symbolic acts", Cfr. Victor Turner, *The Antropology of Performance*, New York, PAJ Publication, 1988, p.75

[50] Cfr. Victor Turner, *Dramas, Fields and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1974, pp.14,16

estrutura de drama social. Neste capítulo, pretende-se sistematizar esta conexão recorrendo a um conjunto de mortes públicas bastante diverso e examinar como as representações visuais do corpo e símbolos associados a ele são essenciais na terceira fase do esquema teorizado por Turner. Tal como este antropólogo sublinhou,

> "When one is studying social change, at whatever social level, I would give one piece of advice: study carefully what happens in phase three, the would-be redressive phase of social dramas, and ask whether the redressive machinery is capable of handling crises so as to restore, more or less, the status quo ante, or at least to restore peace among the contending groups. Then ask, if so, how precisely? And if not, why not? It is in the redressive phase that both pragmatic techniques and symbolic action reach their fullest expression."[51]

A proposta de sistematização que se segue é da minha autoria e centra-se nas representações visuais do elemento comum a todos os casos do objecto de estudo - o corpo morto. De facto, no início, existe um corpo. Morto. Inerte. Katherine Verdery advoga que, "(...) the most important properties of bodies, especially dead bodies, is their ambiguity, multivocality or polysemy. Remains are concrete, yet protean: they do not have a single meaning but are open to many different readings."[52] Os defuntos possuem uma história de vida - um obituário - que pode ser mais ou menos manipulada consoante o presente político e a perspectiva daquele que a escreve.[53] Nesse sentido, é relativamente fácil citar fora de contexto e colocar palavras nas bocas do defunto, rescrevendo, assim, a história. Além disso, a própria materialidade do corpo reforça a ilusão de que este possui um só significado quando, na realidade, ele é um referente para vários olhares e leituras. Por outro lado, todos nós possuímos corpos. E é através deles que sentimos o mundo. Esta auto-referencialidade enquanto símbolo estabelece uma ligação fenomenológica entre nós e o defunto que toca no âmago do ser. Tal como Malinowski escreveu, "As emoções são extremamente complexas e mesmo contraditórias; os elementos dominantes, amor pelo morto e desprezo pelo

---

[51] *Ob. cit.*, pp.40-41

[52] Cfr. Katherine Verdery, *The Political Lives of Dead Bodies*, New York, Columbia University Press, 1999, p.28

[53] Recentemente, em Portugal, existiu alguma controvérsia em relação a alguns obituários devido à multiplicidade de leituras das histórias de vida dos falecidos. Por exemplo, para alguns, José Hermano Saraiva foi um importante divulgador mediático da história de Portugal enquanto que, para outros, ele foi um manipulador de factos históricos e um ministro do Estado Novo, nomeadamente durante a crise académica de Coimbra de 1969. Paralelamente, a morte de Jaime Neves relançou para a arena pública o julgamento histórico do '25 de Novembro' e de actos de genocídio praticados por militares portugueses em África.
A nível internacional, o falecimento de Margaret Thatcher opôs, por vezes violentamente, aqueles que a consideram responsável pela recuperação e reconversão económica do Reino Unido e aqueles que a acusam de ter destruído os direitos e garantias dos trabalhadores. Esta controvérsia não se deve apenas ao seu legado, mas reflecte também outros questões económicas, financeiras e sociais que se vivem, actualmente, naquele pais e um pouco por todo o mundo.

cadáver, ligação ainda forte à personalidade que paira sobre o corpo e um horrível medo da coisa macabra que ficou, estes dois elementos parecem misturar-se e digladiar-se."[54] Por fim, a quietude do paradoxo de uma pessoa sem vida levanta questões filosóficas e religiosas irresolúveis sobre o nosso medo da morte e o significado das nossas vidas que nos posiciona num estado emocional de desassossego, temor e reverência. Em resumo, "Dead bodies (...) have properties that make them particularly effective political symbols. They are thus excellent means for accumulating something essential to political transformation: symbolic capital."[55]

3.1. O Corpo Sacralizado

Avner Ben-Amos[56] estudou os funerais de Estado realizados em França entre 1789 e 1996 e estabeleceu uma relação entre drama social e as cerimónias fúnebres organizadas pela III República. Segundo este historiador, a ruptura acontecia com a morte de um "grande homem"[57] e a decisão do governo de lhe conferir um funeral de Estado. A crise emergia devido à controvérsia que se gerava em relação à validade desta honra, apesar da discussão estar, no fundo, relacionada com questões políticas mais profundas que dividam os partidos. O funeral correspondia ao clímax e ao início do apaziguamento da crise, isto é, à fase de acção reparadora. Este momento demonstrava a vitória do governo e a futilidade de continuar o debate. A quarta etapa seria ligeiramente diferente do modelo de Turner, uma vez que a controvérsia continuava, mas era menos intensa e centrava-se à volta das cerimónias fúnebres e não do "grande homem". Apesar de Ben-Amos argumentar que o aspecto político era apenas uma das faces de um acontecimento complexo, o historiador realça que a discussão sobre o funeral de Estado era um momento de liminaridade frequentemente aproveitado pelas várias forças políticas:

> "Those frustrated political forces that were excluded from power seized, then, any available opportunity to attack the regime. Hence the preponderance of the various 'crises' and 'scandals' in the political life of the Third Republic, media events that very often became major social dramas

---

[54] Cfr. Bronislaw Malinowski, *Magia, Ciência e Religião*, Lisboa, Edições 70, 1988 (1984), p.51

[55] Cfr. Katherine Verdery, *The Political Lives of Dead Bodies*, New York, Columbia University Press, 1999, p.33

[56] Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000

[57] "The elaboration of the concept of great man, begun in the Enlightment, continued during the first half of the century by the great systematizer Auguste Comte. He attributed to the great men of all ages a prominent role in the advancement of humanity on the way of progress (...)", Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, pp.144

which bypassed the parliaments and forced the regime to change itself."[58]

Daniel Dayan também recorreu ao modelo de Turner para analisar o funeral da Princesa Diana.[59] Neste caso, a ruptura deveu-se à recusa da monarquia em conceder um funeral nacional à antiga esposa do sucessor do trono considerando que esta já não pertencia à família real. Seguiu-se um momento de crise durante o qual o público e media britânicos protestaram contra a decisão. Por fim, a rainha de Inglaterra cedeu e as cerimónias fúnebres contaram com a participação exuberante de uma parte importante da população e a sempre discreta presença da realeza[60], num momento de acção reparadora. O desfecho originou um certo regresso ao *status quo*, mas também uma alteração na relação entre a monarquia e os seus súbditos.

Como podemos verificar, apesar da morte trágica da princesa Diana, esta não constituiu, segundo Dayan, a fase de ruptura. Mas existem casos em que tal pode acontecer sendo a acção reparadora ainda mais central e intensa. Abraham Lincoln foi assassinado por um cidadão do Sul cinco dias após a rendição da Confederação originando uma crise que podia ameaçar a unificação do país. O enterro ocorreu na sua terra natal, Springfield (Illinois), mas o funeral consistiu numa série de cerimónias imponentes que tiveram início em Washington DC. Um comboio fúnebre transportou o corpo através de vários estados parando em algumas cidades (Baltimore, Filadélfia, Nova Iorque, Albany, Syracuse, Cleveland, Indianapolis e Chicago). Em cada paragem, as carruagens ferroviárias eram recebidas na estação, sumptuosamente decorada, por um enorme número de pessoas e o caixão era mantido no vagão ou exibido em procissão pela cidade (fig. 1, anexo I). A acrescentar à magnitude do evento, o seu assassinato ocorreu, simbolicamente, numa Sexta-feira Santa, reforçando a imagem de Cristo a que ele estava associado e permitindo explicar a sua morte em termos religiosos. Mas, tal como Barry Schwartz advoga, "Lincoln's transformation into a sacred symbol lies not in the act of assassination but in the ritual actions the act produced."[61] Assim, ao contrário do que o assassino provavelmente pretendia, Ben-Amos argumenta que o momento do funeral - a fase de acção reparadora - permitiu solidificar os valores republicanos do

---

[58] Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p.254

[59] Cfr. Daniel Dayan, "O Jogo dos Media e dos Públicos no Funeral de Diana" in Mário Mesquita (org.), *Televisão e Públicos no Funeral de Diana*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2003, pp.29-45

[60] http://www.youtube.com/watch?v=86MQSbZo28Y; http://www.youtube.com/watch?v=eWuOJ-qc9cA

[61] Cfr. Barry Schwartz, "Mourning and the Making of a Sacred Symbol: Durkheim and the Lincoln Assassination", *Social Forces*, 70/2 (1991), pp.343-64, citado em Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p.387

Norte e unificar o país.[62]

Mas nem todos os funerais públicos são de figuras públicas. Em Portugal, no início do Estado Novo, existiu um conjunto de revoltas republicanas oposicionistas que ficaram conhecidas como "Reviralho". Em Abril de 1931, as três academias universitárias existentes no país começaram um período de luta influenciados pelo "4 de Abril" na Madeira e a implantação da II República, em Espanha. Como resposta, as forças policiais e militares do regime salazarista interromperam violentamente uma reunião na Faculdade de Medicina do Porto causando vários feridos e a morte do estudante João Martins Branco. O seu funeral deu origem a um cortejo público de pesar que reuniu milhares de pessoas naquela cidade a 30 de Abril (fig. 2, anexo I). Neste caso, a crise não se amenizou e as manifestações atingiram o seu clímax no 1º de Maio seguinte. Alguns dos membros estudantis desta revolta participaram, mais tarde, na definição e criação do Partido Socialista.[63]

Talvez o caso mais pertinente de funerais públicos de figuras não públicas seja constituído pelos túmulos do soldado desconhecido. Segundo Ariès[64], a transformação da morte do soldado de um momento privado num evento público e patriótico teve início na Guerra de 1870 e ficou concluída na Primeira Guerra Mundial. Um dos sepulcros mais conhecidos deste universo é o que está sob o Arco do Triunfo, em Paris, e que celebra os soldados franceses mortos durante a Guerra de 1914-1918. Logo em Setembro de 1914, uma associação republicana, *La Reconnaissance Nationale*, foi criada para promover a comemoração dos soldados mortos na guerra.[65] O prolongamento do conflito não diminuiu a urgência desta celebração, uma vez que se presumia que os indivíduos estariam mais disponíveis a sacrificar-se caso soubessem que viveriam para sempre na memória colectiva da nação. Apesar de o enterro ter sido inicialmente planeado para o Panteão Nacional, a cerimónia foi realizada no Arco do Triunfo. Tal como Ben-Amos sublinha, "The choice between the two monuments was not politically innocent. While the Panthéon was 'on the Left', the Arc de Triomphe, with its Bonapartists and militarist connotations, was considered to belong to the

---

[62] Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p.386

[63] Cfr. Luís Farinha, *O Reviralho, Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo 1926-1940*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998, p.138

[64] Cfr. Philipe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, Vol. II, Mem Martins, Europa-América, 2000 (1977), pp.296-300

[65] Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p.214

Right."[66]

A escolha do corpo a ser sepultado foi, em si mesmo, um ritual profundamente simbólico e pode ser considerado como parte da acção reparadora. O processo decorreu em Verdun, marco da resistência e sacrifício dos franceses. Oito caixões de cemitérios diferentes foram levados até àquela localidade onde um jovem cabo voluntário, que tinha perdido o seu pai na Guerra, colocou um ramo de flores colhidas num campo de batalha sobre o esquife que escolhera. Os mortos não eleitos foram enterrados em Verdun à mesma hora que o soldado desconhecido. Este foi transportado para Paris, envolto na bandeira tricolor francesa, agraciado com todas as condecorações militares e colocado em câmara-ardente na Place Denfert-Rochereau, de frente para a estátua Lion de Belfort. O cortejo partiu deste símbolo da Guerra franco-prussiana, seguiu para o Panteão Nacional, marca da revitalização moral e intelectual da República, e terminou no monumento conotado com as vitórias napoleónicas. Segundo Ariès, "O aniversário da vitória de 1918, em vez de ser celebrado como um dia de triunfo, tornou-se um dia dos mortos."[67]

Como podemos verificar através destes exemplos, não é relevante a condição física em que o corpo do morto se encontra. Ele pode, aliás, ser ou não exibido publicamente, sendo mais frequente encontrar representações visuais do caixão ou do veículo funerário que o transporta. O que é importante são os elementos que encouraçam o defunto - a bandeira, as condecorações, as flores, os monumentos, o povo, os representantes políticos, os desfiles pela cidade, as paradas militares, etc. Estes símbolos são essencialmente visuais e a sua representação é, normalmente, baseada numa estética muito cuidada com planos estáveis, próximos do público, mas respeitosamente distantes do esquife.[68] É a relação entre o ritual com os seus símbolos e a representação visual daquele que sacralizam o corpo.

3.2. O Corpo Dessacralizado

Mas nem todas as mortes são sacralizadas. As execuções de Mussolini, Savimbi, Kaddafi e Saddam Hussein e a exposição pública dos seus corpos violentamente dessacralizados e

---

[66] *Ob. cit.*, p.220

[67] Cfr. Philipe Ariès, *O Homem Perante a Morte*, Vol. II, Mem Martins, Europa-América, 2000 (1977), p.299

[68] Um exemplo deste cuidado estético é o funeral de John F Kennedy, disponível online em, http://www.youtube.com/watch?v=NuJjaOKITn4

desprovidos de qualquer monumentalidade, ou mesmo humanidade, serviram o objectivo exactamente oposto dos funerais anteriormente analisados. Se, por um lado, Kaddafi e Mussolini foram capturados e executados por rebeldes pertencentes às populações vítimas dos regimes liderados por aqueles, as mortes de Savimbi e Saddam Hussein foram levadas a cabo por representantes de instituições do Estado. Como se irá analisar, apesar de o *modus operandi* ser diverso, a centralidade da sua representação visual é transversal e categórica.

Mussolini, numa altura de menor ubiquidade dos media, foi executado por *partisans* e pendurado num posto de abastecimento de gasolina na Piazzale Loreto, em Milão. Vários italianos rumaram até este ponto para assistirem ao 'espectáculo' que foi capturado por câmara fotográficas (figs. 3, 4, anexo I) e cinematográficas[69]. Savimbi foi vítima de 15 tiros de tropas angolanas e o seu corpo sem vida foi exposto para exibição mediática no meio do mato em cima de um palanque improvisado. Os jornais reproduziram estas imagens (figs. 5, 6, anexo I) enquanto as televisões realizaram movimentos de ave de rapina deslocando-se de um plano geral desolador até um *close up* da cara do antigo dirigente da UNITA rodeado de moscas[70]. Já Saddam Hussein foi executado por enforcamento pelo novo Estado do Iraque. Estações de televisão de todo o mundo transmitiram este evento, algumas em directo, apesar de censurarem o momento da queda no cadafalso[71]. Nestas imagens vê-se o antigo ditador, vestido com uma t-shirt branca e um casaco preto simples, a ser conduzido por várias pessoas encarapuçadas até à corda que o estrangularia. As filmagens foram obtidas com uma câmara ao ombro, muito próxima do acontecimento, produzindo, por isso, imagens instáveis e distorcidas pela necessidade de utilização de lentes grande angular.

Por fim, a morte de Kaddafi é, provavelmente, o epítome desta realidade em que o "ecrã global", de Lipovetsky e Serroy, se funde com o "ecrã total", de Baudrillard.[72] Enquanto estava em fuga de Sirte, o antigo ditador da Líbia foi capturado por um exército da milícia que o espancou. Foi colocado, ainda vivo, na parte de trás de uma carrinha, mas caiu quando esta partiu. A seguir, foi transferido numa ambulância para Misrata mas morreu a meio do percurso. O seu espancamento foi filmado por câmaras de telemóveis e disponibilizado para as estações televisivas de todo o mundo. Estas imagens são pouco nítidas, muito pixelizadas e completamente instáveis, uma vez que os seus

---

[69] http://www.youtube.com/watch?v=hXUNXOqpwiE&bpctr=1365011661

[70] http://www.youtube.com/watch?v=zF6TZoU8FBg

[71] Excerto da transmissão da CNN: http://www.youtube.com/watch?v=KwfDHXT7RBM

[72] Cfr. Jean Baudrillard, *Screened Out*, London, Verso, 2002 (2000), pp.176-180

proprietários iam tentando romper o círculo de rebeldes que rodeava Kaddafi. [73] Só é possível vê-lo durante alguns segundos: a ser arrastado de um lado para o outro com as roupas cobertas de sangue. Os gritos de sofrimento, resistência e rebelião são constantes, mas indistintos para a audiência do mundo ocidental. Os media raramente traduziram estas palavras.

Estas imagens possuem vários impulsos dentro da sua materialidade. Por um lado, constituem a *prova* da morte ao recorrerem ao dispositivo realista da imagem indexical enquanto traço do real que se confunde, no senso comum, com documento da verdade. Nesta relação, como Roland Barthes analisou no seu livro *A Câmara Clara*, aponta-se para uma fotografia de um corpo morto e diz-se, mais frequentemente, "Eis um corpo morto!", do que, "Eis a imagem de um corpo morto." Este autor argumentou que existe uma conexão inseparável entre o signo e o referente na fotografia que os torna indistinguíveis:

> "Com efeito, uma determinada foto não se distingue nunca do seu referente (daquilo que representa), ou, pelo menos, não se distingue dele imediatamente ou para toda a gente (o que sucede com qualquer outra imagem, carregada à partida e por estatuto do modo como o objecto é simulado) (...) Por natureza, a Fotografia (...) tem qualquer coisa de tautológico: nela, um cachimbo é sempre um cachimbo, infalivelmente. Dir-se-ia que a Fotografia traz sempre consigo o seu referente (...)"[74]

Por outro lado, algumas destas mortes ocorreram em regimes profundamente personalizados que se fazem representar por uma "arte totalitária"[75] constituída pela omnipresença da figura do ditador em vários suportes visuais. Por isso, muitas revoluções estão associadas à destruição destes elementos. Por exemplo, durante a Comuna de Paris, o pintor Gustave Coubert foi responsável pela demolição da estátua de Napoleão na Place Vendôme que, por sua vez, tinha substituído uma de Luís XIV. A Revolução Russa também foi acompanhada pela destruição de muitas efígies de czares enquanto que a Revolução Húngara de 1956 levou à demolição do Monumento a Estaline, em Budapeste.[76] Recentemente, uma das imagens mais divulgadas e icónicas da Invasão do Iraque mostrava uma estátua de Saddam Hussein a ser derrubada (fig. 7, anexo I). Nesse sentido, a dessacralização do corpo também faz parte deste impulso de supressão de toda a imagem que

---

[73] Notícia da BBC News que inclui vídeos com as imagens obtidas pelos rebeldes nos seus telemóveis: http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-15390980

[74] Cfr. Roland Barthes, *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70, 2012 (1980), p.13

[75] Cfr. Peter Burke, *Eyewitnessing, The Uses of Images as Historical Evidence*, Ithaca, Cornell University Press, 2008 (2001) p.75

[76] *Ob.cit.*, p.78

represente o antigo opressor.

Recorrendo ao modelo de drama social, pode argumentar-se que estas mortes tiveram início numa ruptura causada por uma situação política opressiva e insustentável. Este acontecimento conduziu a uma crise que foi resolvida através da captura do responsável máximo pela cisão. Nesta fase, existem vários modos de proceder à acção reparadora. Nos casos em análise, esta etapa é marcada pela morte dessacralizada, violenta e humilhante. Noutras situações, quando se teme que os líderes possam tornar-se mártires, mas é necessário mantê-los invisíveis da comunidade, os indivíduos podem ser enviados para o exílio ou prisão. Em Portugal, por exemplo, os Capitães de Abril acordaram o exílio imediato de Marcello Caetano aquando da sua rendição no Quartel do Carmo, em Lisboa.[77] Trata-se de um desfecho que não é totalmente conclusivo, mas que permite uma reconciliação mais fácil e rápida entre elementos opostos da comunidade. Por outro lado, a hipótese da prisão implica a posse destes indivíduos nas mãos do Estado, conduzindo a um julgamento, muitas vezes em situações de elevada instabilidade social, política e institucional, que se pode arrastar no tempo e ter resultados imprevisíveis.

Como pode verificar-se, tal como no subcapítulo anterior, o significado simbólico destes corpos é o resultado da interface entre a performance e a sua representação visual. O recurso à violência conduz a uma certa pobreza polissêmica e reduz a potencialidade de negociação da fase de acção reparadora, podendo, inclusive, originar novas rupturas. Mas a violência é, por isso mesmo, categórica e induz uma reacção emocional forte que imprime o acontecimento na memória colectiva. Contudo, tal como Turner sublinha, o desfecho do drama social não implica um consenso em relação à sua conclusão. Por exemplo, apesar da morte sangrenta e 'espectacular' de Mussolini, a cripta da sua família, no cemitério de S. Cassiano, é, actualmente, um monumento de peregrinação para neo-fascistas, que aí cantam músicas e celebram missas.[78]

3.3. O Corpo Invisível

Mas nem sempre a crise acima anunciada é resolvida pelo exílio, prisão ou morte dessacralizada ou sacralizada. Em alguns casos, raros mas de referência pertinente, o corpo é

---

[77] Cfr. José Manuel Tavares Castilho, *Marcelo Caetano: Uma Biografia Política*, Coimbra, Ed. Almedina, 2012, p.824, 829

[78] Cfr. Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 44

executado, mas não é exposto, isto é, não existem (ou existem poucas) representações visuais deste. A raridade deste fenómeno deve-se, provavelmente, ao poder da imagem indexical enquanto elemento de prova, como foi acima analisado. Consequentemente, a inexistência de testemunhos visuais do defunto dificulta o fim da crise.

Esta abordagem foi tentada no caso da morte de Bin Laden. A sua execução ocorreu pelas mãos de militares americanos em solo paquistanês e as únicas imagens difundidas desta operação foram as da casa em que vivia, o sumário e distante enterro no mar e a reacção do Presidente e secretários de Estado dos EUA ao assassinato na *Situation Room* da Casa Branca. Uma análise deste evento a nível internacional revela as razões por que os Estados Unidos optaram por não apresentar nenhuma imagem do líder da Al-Qaeda morto. Apesar de Bin Laden ser um símbolo de ódio para este país e uma grande parte da população mundial, ele é venerado por outra parte importante do mundo. A sua imagem seria demasiado forte e poderia torna-se num ícone para aqueles que o reivindicariam como mártir.[79] O próprio corpo tornou-se imaterial ao ser devorado pela imensidão do mar, não estabelecendo uma relação com um ponto físico que pudesse originar peregrinações. Mesmo o filme de Kathryn Bigelow[80], que descreve, pormenorizadamente, os eventos que conduziram ao assassinato de Bin Laden, evita mostrar qualquer representação visual do seu corpo além de alguns planos desfocados de um indivíduo com barbas.[81] A ausência de símbolos conduz, contudo, a uma ausência da terceira fase do drama social impossibilitando um desfecho catártico.

Paralelamente, os soldados americanos mortos em serviço, especialmente no Iraque e no Afeganistão, também foram tornados invisíveis. Em 1991, na sequência da Primeira Guerra do Golfo, o Presidente George Bush decidiu implementar uma lei que proibia a filmagem de caixões que chegavam ao país através da Base Dover Air Force, em Delaware. Esta legislação foi especialmente útil durante a invasão do Iraque e do Afeganistão uma vez que a cobertura mediática do 1000.º, 2000.º e 3000.º soldado morto eram momentos de controvérsia entre defensores e

---

[79] Recentemente, uma organização não governamental conservadora norte-americana exigiu a divulgação pública das fotografias de Bin Laden morto. O tribunal indeferiu o pedido argumentando que, "It is undisputed that the government is withholding the images not to shield wrongdoing or avoid embarrassment, but rather to prevent the killing of Americans and violence against American interests." Cfr. http://www.guardian.co.uk/world/2013/may/21/osama-bin-laden-death-images-secret?INTCMP=SRCH

[80] Kathryn Bigelow, *00:30 A Hora Negra* (*Zero Dark Thirty*), 2012

[81] De modo a ter acesso a equipamento militar e outras regalias semelhantes, Kathryn Bigelow teve que ter o guião aprovado pelo Pentágono. É, por isso, possível que a decisão de não mostrar o corpo de Bin Laden morto não seja uma opção de realização mas uma imposição do exército.

opositores destas operações militares. A lei foi revogada em 2009 pelo Presidente Barack Obama.[82] Mais uma vez, a incapacidade de o regime controlar o significado simbólico do corpo morto, isto é, a futilidade deste na participação de uma acção reparadora que unisse a nação, conduziu à determinação da sua invisibilidade.

Mas, por vezes, a invisibilidade de um corpo não representa a anulação da fase de acção reparadora, mas sim a tentativa de supressão de toda a narrativa do drama social. No início dos anos setenta, Sana Na N'Hada foi escolhido por Amílcar Cabral para ir estudar cinema para Cuba para poder registar o movimento de independência encabeçado por este. Alguns anos mais tarde, quando o governo da Suécia lhe ofereceu uma bolsa para filmar um tema à sua escolha, o realizador optou por registar as cerimónias fúnebres realizadas em honra de Amílcar Cabral, em Bissau, durante a transladação do corpo de Conacri, onde tinha sido assassinado. Em 1980, Nino Vieira derrubou o governo de Luís Cabral, irmão de Amílcar, e proibiu a exibição do filme argumentando que se tratava de um instrumento de propaganda do anterior regime.[83]

Tal como em outros estudos culturais, a invisibilidade de determinados elementos, em vez de indicar a não importância destes, manifesta a relevância de processos sociais escondidos. Jacques Rancière argumenta que, "Há uma estética da política no sentido em que os actos da subjectivação política redefinem o que é visível, o que pode dizer-se sobre o visível e quais os sujeitos que são capazes de o fazer." [84] A invisibilidade dos corpos dos defuntos e das suas representações sociais sublinha o valor político, logo cultural, destes símbolos na nossa sociedade.

3.4. Conclusão

Tal como Hertz argumentou em relação a outros contextos, a morte pública nas sociedades industriais contemporâneas significa não só o fim de um indivíduo, mas também uma ruptura na estrutura da comunidade nacional ou mesmo internacional. Nesse sentido e recorrendo à teorização de Bloch e Parry, pode advogar-se que as práticas e rituais acima analisados estão relacionadas com a fertilidade, isto é, com a reprodução social de um determinado regime político. Assim, o corpo

---

[82] Artigo do New York Times, "Pentagon to Allow Photos of Soldiers' Coffins":http://www.nytimes.com/2009/02/26/us/26web-coffins.html?_r=0

[83] http://www.publico.pt/multimedia/video/excerto-do-filme-o-regresso-de-amilcar-cabral-20130117-182334

[84] Cfr. Jacques Rancière, *O Espectador Emancipado*, Lisboa, Orfeu Negro, 2010 (2008), p.95

dessacralizado está associado à 'má' morte, uma vez que quando se pretende alterar a forma de governo é necessário proceder a um corte no ciclo de vida deste, impedindo a sua regeneração. Por outro lado, as cerimónias fúnebres associadas ao corpo sacralizado, especialmente os funerais de Estado, correspondem a uma 'boa' morte, já que favorecem a incorporação do indivíduo no mundo dos antepassados da nação, isto é, contribuem para a assimilação dos valores e acções que ele realizou durante a vida na memória colectiva de um país, consolidando, expandindo e fortalecendo o regime político.

O conceito de memória colectiva foi desenvolvido por Maurice Halbwachs[85] e refere-se ao conjunto de informação partilhada por uma comunidade. Este sociólogo estabeleceu um corte epistemológico com visões psicológicas individualistas e defendeu que, à excepção dos sonhos, a memória é adquirida, lembrada, reconhecida e localizada em sociedade. Segundo este autor, "Collective frameworks are (...) precisely the instruments used by the collective memory to reconstruct an image of the past which is in accord, in each epoch, with the predominant thoughts of the society."[86] A recorrência do modelo de drama social desenvolvido por Turner nos casos de morte pública ocorre exactamente por esta razão: é necessário atravessar um momento de elevada liminaridade - a fase de acção reparadora - para ajustar a fricção entre a representação da vida do defunto e a incorporação deste na memória colectiva de um regime e de uma nação. Este processo ocorre através de mecanismos simbólicos controlados por vários agentes (governo, *media*, povo, etc.) que possuem intenções e visões próprias, por vezes, contraditórias. De modo a que aqueles possuam um efeito generalizado sobre a população, necessitam de recorrer aos meios de comunicação social, socorrendo-se, principalmente, da fotografia e da imagem em movimento. Esta relação também explica os casos de morte pública de figuras não públicas. Utilizando o corpo do defunto e a simbologia a ele associada, partes da comunidade tentam alterar ou solidificar determinados valores hegemónicos da memória colectiva. Acresce que as dimensões de pesar, perda e luto, mesmo que possuam uma origem mais cultural do que biológica, contribuem para a valorização das cerimónias fúnebres conferindo um peso emocional determinante a estes eventos.

É contudo de salientar que o objecto em análise é complexo e a explicação proposta não pretende ser totalizante. Existirão, sem dúvida, outras variáveis com outras implicações, assim como particularidades relevantes para cada caso. Além disso, esta proposta centra-se na relevância

---

[85] Cfr. Maurice Halbwachs, *On Collective Memory*, Chicago, The University of Chicago Press, 1992 (1952)

[86] *Ob. cit.*, p.40

das imagens nos rituais encenados para a câmara e, portanto, aplica-se às sociedades 'modernas' no sentido em que Susan Sontag as descreveu:

> (...) uma sociedade torna-se ‹‹moderna›› quando uma das suas principais actividades é produzir e consumir imagens, quando as imagens, que influenciam extraordinariamente a determinação das nossas exigências para com a realidade e são elas mesmas um substituto cobiçado da experiência autêntica, passam a ser indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade da política e para a procura da felicidade privada."[87]

Contudo, a produção de imagens no nosso cérebro, logo na memória colectiva, pode ter outras origens além de pinturas, fotografias e filmes. A descrição oral ou escrita de um ritual é algo intrinsecamente visual. No século XII, por exemplo, o imperador bizantino Andrónico I Comneno foi linchado pela população ao longo de três dias durante os quais amarraram o corpo a um poste, cortaram a mão direita, extraíram os dentes, o cabelo e os olhos e atiram água a ferver à cara. Após este período, foi pendurado pelos pés entre dois pilares do Hipódromo de Constantinopla e dois soldados lutaram à espada para decidir quem o mataria. Por fim, o seu corpo foi dilacerado. Existem representações visuais deste evento (fig. 8, anexo I) mas a sua importância na memória colectiva do Império ficou essencialmente registado através de relatos verbais. Este capítulo é, portanto, uma reflexão inicial sobre uma questão que necessita de ser estudada mais profundamente, recorrendo à análise de estudos de caso específicos, em vários contextos culturais e históricos, de modo a determinar a sua validade e fronteiras epistemológicas.

Nesse sentido, os dois capítulos seguintes vão centrar-se, em detalhe, no funeral de António de Oliveira Salazar. Este evento foi um acontecimento mediático nacional, que preencheu centenas de páginas da imprensa e originou reportagens e directos televisivos. O antigo Presidente do Conselho esteve no Governo durante quarenta anos e é, por isso, pertinente analisar como a auto-imagem produzida por este e pelo Estado Novo foi apresentada no momento da morte, especialmente tendo em conta a natureza opressiva do regime que restringiu, mas não eliminou, a liminaridade do processo cultural e político.

---

[87] Cfr. Susan Sontag, *Ensaios Sobre Fotografia*, Lisboa, Quetzal Editores, 2012 (1973), pp.149-150

4. Elementos Visuais do Funeral de Salazar na Imprensa Portuguesa

4.1. Imprensa Portuguesa: Introdução Histórica

A imprensa periódica surgiu em Portugal no século XVII, a seguir à Restauração da Independência, a partir da convergência de três factores: desenvolvimento tecnológico da tipografia, melhoria das comunicações e interesse público pela notícia.[88] O elevado valor pecuniário e a baixa taxa de alfabetismo restringiram, inicialmente, a circulação dos jornais a uma pequena parte da burguesia e aristocracia. A fase industrial da imprensa veio colmatar aquela limitação ao permitir a impressão de um maior número de exemplares reduzindo o preço de capa e aumentando o número de anúncios. Em Portugal, este período teve início em meados do século XIX, com a fundação do *Diário de Notícias*. José Tengarrinha sublinha que, "Desta maneira, vemos desenvolver-se no nosso país, em 1865, a Imprensa preponderantemente noticiosa, que se opõe à Imprensa preponderantemente de opinião. Estava lançada a trave mestra do jornalismo contemporâneo: a informação, como sua principal preocupação e objectivo."[89] Poucos anos depois, em 1880, a formação do jornal *O Século*[90] veio solidificar a hegemonia desta concepção jornalística em Portugal.

Ao longo da sua existência, a imprensa portuguesa sofreu períodos de maior e menor pressão reguladora ou mesmo censória, inclusive durante a Monarquia Constitucional e I República. Foi, contudo, com a implantação da Ditadura Militar, em 1926, que a censura se instalou definitivamente em Portugal durante quase 50 anos. Tal como Salazar disse, "Neste país, apenas o chefe do governo está isento de censura."[91] O controlo repressivo do Estado Novo, mais do que actuando através do fecho de jornais e da prisão de jornalistas, recorreu, preferencialmente, à censura prévia e à manutenção de directores e chefes de redacção fiéis ao regime.[92] Através deste jogo de aparências, marca fulcral do regime, o Estado Novo criou uma esfera mediática de aparente

---

[88] Cfr. José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989, p.35

[89] *Ob. cit.*, p.215

[90] Cfr. Luís Trindade, *Primeiras Páginas: O Século XX nos jornais portugueses*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2006, p.15

[91] Cfr. Franco Nogueira, Um político confessa-se (Diário: 1960-1968), 3ª Edição, Livraria Editora Civilização, Porto, 1987, p.138, citado por Carla Baptista *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, p.105

[92] Cfr. Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, p.101

liberalismo, mas profunda coacção, como argumenta Carla Baptista:

> "Em matéria jornalística, como nos restantes campos sociais, o Estado Novo criou e manteve uma fachada democrática q.b.: existiam em Portugal jornais suficientemente diferenciados para atraírem leitores situados em lugares muito afastados do espectro político. O aparelho censório e o controle ideológico exercido pela liderança das empresas foram suficientemente eficazes para controlar as lutas larvares travadas dentro das redações. Mas não conseguiram eliminá-las completamente, nem essa era a estratégia.
> A existência de jornais com diferentes identidades políticas, algumas contrários ao regime, servia para sinalizar os principais grupos políticos, dar-lhes algum espaço de respiração e criar a ilusão coletiva, útil sobretudo para fins de exportação, de que Portugal não era uma ditadura e até possuía Imprensa oposicionista."[93]

Tendo em conta este enquadramento, Luís Trindade [94] advoga que, consoante as orientações políticas e editoriais, se pode falar de três tipos de imprensa durante o Estado Novo: a continuação do jornalismo de referência nascido no século XIX mas mais situacionista durante a ditadura (*Diário de Notícias*, *O Século*); o aparecimento de periódicos apologéticos que apoiavam incondicionalmente o regime (*Diário da Manhã*, *A Voz*); jornais vagamente oposicionistas actuando, geralmente, mais pelo silêncio em relação à propaganda do Estado Novo do que pela oposição activa (*República*). Neste contexto, alguns deputados congratulavam-se com as transcrições integrais dos seus discursos na Assembleia Nacional, a maioria dos ministros adoptava uma atitude sobranceira perante a imprensa e Salazar resguardava-se. Este comunicou sempre através de discursos cuidadosamente escritos ou respondendo a perguntas previamente entregues por periódicos estrangeiros. Em quarenta anos de governo, o Presidente do Conselho só deu quatro entrevistas a dois jornalistas portugueses (António Ferro e Costa Brochado).[95] Assim, tal como outras esferas da política, o jornalismo foi anulado e restringido a um elencar de eventos programados pelo Estado (visitas oficiais, inaugurações, discursos da Assembleia Nacional, etc.). Segundo Trindade, durante o Estado Novo, "A política tinha acabado enquanto confronto e escolha. Não enquanto festa e cerimonial."[96] Baptista argumenta que, neste ambiente, "Foi-se inscrevendo

---

[93] Cfr. Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012,, pp.159-160

[94] Cfr. Luís Trindade, *Primeiras Páginas: O Século XX nos jornais portugueses*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2006, p.76

[95] Cfr. Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, p.118

[96] Cfr. Luís Trindade, *Primeiras Páginas: O Século XX nos jornais portugueses*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2006, p.68

uma distância entre as palavras e as coisas, e o jornalismo era apenas mais um discurso acessório e marginal, onde nada de substantivo se espelhava ou podia provocar-se."[97] Mesmo assim, a mesma autora advoga que, "Apesar de maltratado e diminuído, o jornalismo não morreu."[98]

A viragem para os anos sessenta assistiu a um conjunto significativo de alterações marcadas pelas profundas mudanças sociais que ocorreram no mundo ocidental, mas também por um novo Presidente do Conselho, Marcello Caetano, que via a comunicação social como um importante meio de divulgação da mensagem política. Contudo, como cedo se tornou claro, a abertura da primavera marcelista foi, essencialmente, formal e constituída por uma descompressão inicial seguida de um regresso e, por vezes, acentuação da repressão. Em 1969, em entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, Marcello Caetano negou a possibilidade do fim da censura, argumentando que, "(...) a braços com uma guerra subversiva, em que a retaguarda desempenha papel essencial e a arma psicológica é das mais importantes, seria neste momento imprudente abandonar uma defesa que os estados adoptam em períodos e situações semelhantes."[99] Mesmo assim, Francisco Sá Carneiro e Francisco Balsemão, deputados da 'ala liberal' eleitos em 1969, entregaram na Assembleia Nacional, a 22 de Abril de 1970, uma nova Lei da imprensa que pretendia democratizar a comunicação social, mas que foi liminarmente rejeitada. O Decreto-lei aprovado pelo governo manteve o *status quo* apesar de introduzir algumas modificações, como a substituição do termo "censura" por "exame prévio". Marcello Caetano só transigiu num ponto importante: os directores de jornais deixaram de ter que ser homologados pelo governo. Esta mudança permitiu a criação do semanário *Expresso*, em 1973, que foi origem de vários dissabores para o Estado Novo no seu último ano de existência.

Até aos anos sessenta, não existia uma profissionalização do trabalho jornalístico, sendo frequente situações de duplo emprego em que o jornalista acumulava uma posição num vespertino e num matutino ou em que trabalhava durante o dia na função pública ou numa agência de publicidade e, à noite, num periódico.[100] Também até esta data existiram jornalistas que recebiam avenças do Secretariado Nacional de Informação e de certas empresas no sentido de publicarem

---

[97] Cfr. Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, p.429

[98] *Ob. cit.*, p.265

[99] *Idem*, p.395

[100] *Idem*, p.114

informação favorável nos jornais.[101] No final da década de sessenta, as redacções começaram a receber uma injecção de jovens universitários com consciência política, normalmente de esquerda ou católicos progressistas, causando alguma tensão com a velha tradição jornalística. Os novos repórteres sabiam francês e inglês, permitindo-lhes seguir os periódicos e *telexes* estrangeiros, liam mais Hemingway do que Camilo e procuravam escrever um português mais desembaraçado. Foi este sangue novo que insuflou de vida velhos periódicos como o *Diário Popular* e constitui projectos inovadores como *A Capital*, fundado em 1968.

O período em análise neste trabalho situa-se, portanto, num ponto de viragem na sociedade, na política e no jornalismo. Em Julho de 1970, a primavera marcelista começava a chegar ao fim. A censura não abrandava, mas a ideia de que não se podia discutir a pátria começava a apresentar fracturas profundas. Portugal vivia num período de liminaridade e a morte de Salazar seria um momento para olhar o passado através do caleidoscópio daquele presente.

4.2. O Funeral de Salazar na Imprensa Portuguesa

Os periódicos portugueses analisados neste estudo de caso são os seguintes: diários de distribuição nacional *A Capital*, *O Comércio do Porto*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro*, *O Século*, *República*; diários associados ao regime *Diário da Manhã*, *Novidades*, *A Voz*; semanários ilustrados *Flama*, *O Século Ilustrado*, *Vida Mundial*; jornais desportivos *A Bola*, *Mundo Desportivo*, *O Norte Desportivo*, *Record*; jornais locais *Açores*, *A Comarca de Arganil*, *Correio do Minho*, *Diário de Coimbra*, *Diário Insular*, *Diário do Minho*, *Diário do Norte*, *Diário de Notícias* (da Madeira), *Diário do Sul*, *Jornal do Algarve*, *Jornal do Fundão*, *Notícias da Amadora*, *Notícias da Covilhã*, *Notícias d'Évora*, *O Setubalense*; e outros *Jornal do Comércio*, *Revista Municipal de Lisboa*, *Voz do Operário*, *Seara Nova*, *Vértice*, *O Tempo e o Modo*. De um universo de 46 diários e 1093 periódicos locais[102] que existiam no início dos anos setenta, pretendeu-se constituir um *corpus* de estudo que incluísse os jornais com maior distribuição nacional, mas que também fosse representativo de algumas franjas da imprensa (desportiva, local, cultural).

---

[101] *Idem*, p.111

[102] Cfr. Francisco Balsemão citado em Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, p.289

Na maioria dos jornais em análise, as notícias da morte e funeral de Salazar tiveram uma expressão considerável reflectida em várias páginas e fotografias publicadas e numa percentagem elevada da área das primeiras páginas. Os únicos periódicos que não imprimiram qualquer artigo sobre o assunto foram as revistas de natureza mais sociocultural e conhecidas como críticas do regime: *Seara Nova*, *Vértice* e *O Tempo e o Modo*. O tema em estudo mereceu destaque, principalmente, durante os quatro dias das cerimónias funerárias sendo este período de 28 a 31 de Julho, no caso dos matutinos, e 27 a 31, no caso dos vespertinos, tendo-se o presente trabalho concentrado neste intervalo de tempo. A pesquisa foi alargada no caso dos jornais locais devido à dificuldade de transmissão das imagens nessa época (por exemplo, o *Açores* só publicou fotos do funeral no dia 4 de Agosto de 1970) e no caso dos semanários devido à sua periodicidade específica. Alguns jornais matutinos (*Comércio do Porto*, *Diário de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro*, *O Século*) indicaram a 28 de Julho que tinham publicado uma 2ª edição no dia da morte de Salazar, sendo que estes números não existem nos arquivos da Biblioteca Nacional ou da Hemeroteca de Lisboa e não puderam, por isso, ser analisados. A extensão dos artigos dos vespertinos, poucas horas após o anúncio da morte do antigo Chefe de Governo, leva a supor que os textos já estavam redigidos e prontos a serem publicados, uma vez que este acontecimento era há muito aguardado. O editorial da revista *Flama*, semanário com edição à sexta-feira, mas que publicou um número especial no dia da morte de Salazar, terça-feira, aponta nesse sentido:

> "Dia e noite, aguardámos a notícia do falecimento do prof. Salazar em ambiente de febril preparação duma ofensiva jornalística a desencadear no momento há muito esperado. A notícia chegou à nossa Redacção muito antes de as estações de Rádio e de TV e as agências noticiosas internacionais terem tido dela conhecimento, mercê do funcionamento, no momento preciso, de um verdadeiro sistema de alarme laboriosamente aperfeiçoado, ao longo dos 22 meses de luta pela vida daquele que governou o País durante mais de quarenta anos. (...)
>
> Entretanto, outra equipa dava alguns retoques e acrescentava, ainda que levemente, o número especial aparecido horas depois da morte de Salazar, tendo na capa uma foto a cores e no interior uma extensa biografia com imagens de Salazar até ao seu último aparecimento em público nas eleições legislativas de 1969. Este número, recebido com grande entusiasmo por dezenas de milhares de leitores, esgotou-se ràpidamente."[103]

No final do período de quatro dias acima referido, parece existir um sentimento de fim de luto e a maioria dos jornais não publicou mais notícias sobre o assunto. As excepções foram o

[103] Cfr. *Flama*, 7 de Agosto de 1970, p.3

Jornal de Notícias, *O Século* e, principalmente, o *Diário de Notícias*. Este último continuou a editar todos os dias, até ao final de Agosto, pequenos artigos relativos à repercussão do evento na imprensa estrangeira e às exéquias realizadas em Portugal, nas regiões ultramarinas e noutros países.

As edições do primeiro dia de luto são aquelas que possuem mais páginas referentes a Salazar mencionando as cerimónias fúnebres privadas realizadas na residência de S. Bento, o discurso televisivo de Marcello Caetano, os últimos anos de vida de Salazar e, principalmente, a biografia pessoal e política deste. Os artigos publicados nos dois dias seguintes contêm descrições sobre a procissão que acompanhou o caixão de São Bento até ao Mosteiro dos Jerónimos e as exéquias realizadas neste lugar. No último dia, as principais notícias referem-se ao transporte do caixão de Lisboa até Santa Comba Dão e ao enterro no Vimieiro.

Alguns periódicos deram destaque a aspectos relacionados com a sua audiência específica. Os jornais desportivos, por exemplo, não publicaram notícias extensas tendo incidido os seus artigos na relação, um pouco forçada, entre Salazar e o desporto. O *Mundo Desportivo*[104] e *O Norte Desportivo*[105] imprimiram fotografias do antigo Presidente do Conselho a cumprimentar Eusébio. Aquele primeiro periódico foi o único a dedicar mais do que alguns parágrafos a Salazar publicando uma página inteira intitulada "Salazar e o Desporto".[106] Neste artigo são incluídas fotografias do antigo Chefe do Governo com a Federação Portuguesa de Vela, a equipa de hóquei em patins (campeã do Mundo em 1950), a equipa do Benfica (campeã da Europa em 1962) e o director do jornal. Existe também uma imagem do antigo Presidente do Conselho num barco que foi publicada em outros jornais[107] em que um diferente corte[108] permite ver Pedro Theotónio Pereira, o proprietário daquele iate. Contudo, o *Mundo Desportivo* optou por manter o amigo de Salazar fora do quadro, transformando, através da legenda, uma imagem potencialmente elitista (iate de um amigo e antigo governante rico) numa mensagem desportiva positiva que censura quem se dedica à "baixa política":

---

[104] Cfr. *Mundo Desportivo*, 29 de Julho de 1970, p.1

[105] Cfr. *O Norte Desportivo*, 29 de Julho de 1970, p.1

[106] Cfr. *Mundo Desportivo*, 29 de Julho de 1970, p.2

[107] Cfr. *A Capital*, 27 de Julho de 1970, p.8; *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1970, p.12

[108] O termo 'corte' será utilizado neste trabalho como o equivalente português da expressão anglo-saxônica 'crop', isto é, uma mesma fotografia que é recortada de modo diferente por diferentes jornais. Pretende-se, assim, distinguir do vocábulo 'enquadramento' que significa diferentes pontos de vista de um mesmo momento e objecto.

> "Uma fotografia que ficou célebre. Salazar, dando um notável exemplo à juventude, cujo alheamento dos desportos náuticos, ele comentaria da seguinte e notável forma, ao receber os representantes dos clubes, em Dezembro de 1933, quando estes lhe foram pedir a construção de um estádio nacional: 'Que pena me faz saber, aos domingos, os cafés cheios de jovens discutindo os mistérios e problemas de baixa política e, ao mesmo tempo, ver deserto esse Tejo maravilhoso, sem que nele remem ou velejem, sob o céu incomparável, aos milhares, os filhos deste País de marinheiros"

Alguns jornais locais e os nacionais com sede no Porto também publicaram artigos mais direccionados às suas audiências específicas. *O Setubalense*[109], *Açores*[110], *O Comércio do Porto*[111] e *O Primeiro de Janeiro*[112], por exemplo, imprimiram fotografias das exéquias realizadas nas cidades das suas redacções. Outros periódicos optaram por imagens de visitas de Salazar à sua cidade [113] ou do antigo Presidente do Conselho a cumprimentar ou a conversar com figuras públicas dessas localidades ou regiões. [114]

Além destes temas, é de realçar a extensão impressionante, principalmente nos diários de distribuição nacional, das notícias referentes à repercussão da morte de Salazar nas várias localidades de Portugal, Ultramar e estrangeiro. O *Diário de Notícias*[115], na edição de 28 de Julho de 1970, preencheu meia página com descrições dos rituais de luto em Luanda, cidade Salazar (antiga Dalatando), Lourenço Marques, Madeira, Açores (Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada), Guiné (Bissau), Cabo Verde (Cidade da Praia), Macau, Timor (Díli), Porto, São João da Pesqueira (São João da Madeira), Bragança, Valongo, Setúbal, Santa Comba Dão e Madrid. Esta prolixidade estende-se ao detalhe conferido à descrição do funeral. Os jornais mencionaram todas as individualidade políticas que visitaram as várias cerimónias funerárias, enumeraram a extensa lista dos indivíduos destacados para os turnos no Mosteiro dos Jerónimos e chegaram a relatar que, "A fila, compacta, estendia-se por mais de quinhentos metros, calculando-se em cinquenta a

---

[109] Cfr. *O Setubalense*, 1 de Agosto de 1970, p.1

[110] Cfr. *Açores*, 31 de Julho de 1970, p.1

[111] Cfr. *O Comércio do Porto*, 31 de Julho de 1970, p11

[112] Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 31 de Julho de 1970, p.9

[113] Por exemplo, o *Correio do Minho* incluiu uma foto do Chefe de Governo, em Braga, durante as celebrações do XX Ano da ‹‹Revolução do 28 de Maio››, Cfr. *Correio do Minho*, 28 de Julho de 1970, p.1

[114] Por exemplo, a fotografia com a seguinte legenda: "O Prof. Salazar, conversando com o nosso conterrâneo Visconde do Botelho (...)", Cfr. *Açores*, 28 de Julho de 1970, p.1

[115] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.10

sessenta por minuto, o número de pessoas que desfilavam perante a urna."[116] Os artigos aproximam-se, frequentemente, de um relatório militar detalhado, mas a profusão de pormenores que evidenciam fornece uma potencialidade de 'ver' o ritual. Portugal ainda vivia num período de transição para um paradigma mais visual, uma vez que, nessa altura, a maioria das pessoas não possuía televisão e a qualidade de impressão das fotografias nos jornais era relativamente fraca. Nesse sentido, a descrição pormenorizada de um ritual permitia uma visualização deste. Por outro lado, a morte é o estado de maior inacção do ser humano. Este facto poderá ter conduzido a imprensa a preencher, com um conjunto de detalhes excessivo, as extensas páginas que considerava ter que publicar como gesto laudatório a um símbolo maior do regime. A título de exemplo, transcreve-se um excerto do artigo "Milhares de pessoas viram passar o cortejo fúnebre até aos Jerónimos", do *Diário de Lisboa*:

> "O cortejo fúnebre que levou a urna de Salazar desde S. Bento até ao Mosteiro dos Jerónimos, abria com uma flecha de batedores motociclistas, a que se seguiam armões do Exército transportando muitas dezenas de coroas de flores (uma delas de Amália Rodrigues), e depois, sucessivamente o chefe de protocolo, secretários-gerais da Presidência do Conselho, governador civil de Lisboa e vicepresidentes do Município, subsecretário de Estado do Ultramar e ministros das Corporações, Interior,Defesa Nacional e Justiça e presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça. Por último, o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, seguido de um carro da D.G.S.
>
> Vinha, depois, um esquadrão de cavalaria da G.N.R. (guarda-avançada da escolta de honra), o presidente do cabido da Sé, em representação do cardeal-patriarca, e o autofúnebre, acompanhado pelo tenente-coronel Alexandre de Almeida, comandante da força da G.N.R. do Palácio de S. Bento, que seguiu a cavalo ao lado do armão que transportava a urna. Depois, num carro, o prof. Costa Leite (Lumbralles) e noutro o general Gomes de Araujo e o dr. Paulo Rodrigues.
>
> No Cadillac BL 21-51, que durante tantos anos foi o carro do antigo Presidente do Conselho, iam depois a sr.ª D. Maria de Jesus Caetano Freire, visívelmente comovida, a irmã, D. Marta do Resgate, e outros familiares. A terminar o cortejo, os dois últimos secretários do prof. Oliveira Salazar e o restante acompanhamento, composto por antigos membros do Governo, altas individualidades civis e militares, etc.
>
> O cortejo, que seguiu pela Avenida D. Carlos e depois pela da Índia, demorou 55 minutos a percorrer os cerca de 4 km que separam S. Bento do Mosteiro dos Jerónimos. Ao longo do percurso havia agentes da P.S.P. de 10 em 10 metros, assim como pessoas que viam passar o féretro. Nas varandas e janelas também se notavam muitas presenças."[117]

---

[116] Cfr. *Comércio do Porto*, 30 de Julho de 1970, p.5

[117] Cfr. *Diário de Lisboa*, 28 de Julho de 1970, p.16

A um nível mais estritamente visual, a notícia teve várias implicações na edição dos jornais. Alguns periódicos que recorriam à cor para se tornarem mais apelativos (em títulos e nalguns elementos gráficos, como linhas e círculos) optaram por imprimir a preto e branco durante alguns dias (*Comércio do Porto*: de 28 a 30 de Julho; *Diário Popular*: 27 e 30 de Julho; *Mundo Desportivo*: 29 e 31 de Julho; *Diário do Norte*: de 27 a 30 de Julho; *Diário do Sul*: 28 de Julho) ou reduzir consideravelmente a cor (*A Bola*: 30 de Julho; *Norte Desportivo*: 30 de Julho), produzindo aquilo que poderíamos denominar de 'edição de luto'. Tal como supramencionado, a maioria dos diários de distribuição nacional reproduziram um elevado número de fotografias, sendo de destacar, quantitativamente, *O Século* (127), o *Diário de Notícias* (150) e o *Diário da Manhã* (130). Alguns jornais publicaram páginas inteiras só com imagens e breves legendas.[118]

A notícia da morte de Oliveira Salazar também teve um impacto importante na composição gráfica das primeiras páginas. Em quase todos os diários de distribuição nacional, este evento preencheu mais de 50% da área. No caso do *Diário de Notícias* e *O Século*, a notícia ocupou a quase totalidade da primeira página durante os quatro dias em análise. Em alguns casos, a quantidade de texto foi reduzida e a primeira página assemelhava-se a um *poster* preenchido com fotografias e títulos laudatórios. No caso do *Diário de Notícias* de 28 de Julho de 1970, esta secção do jornal era constituída por pouco texto, duas fotografias (uma de arquivo, com Salazar à secretária; a outra com ele morto na cama e envergando as vestes de Professor da Universidade de Coimbra) e vários títulos de diferentes tamanhos: "A morte de Salazar emocionou profundamente o país"; "Definitivamente na História"; "Amanhã, no 'Diário de Notícias': 'Quarenta anos de História falarão por ele' - Um editorial de Augusto Castro"; "Príncipe Perfeito". No mesmo jornal, no dia 31 de Julho, a primeira página era quase unicamente constituída por três fotografias do funeral (em Belém, no Vimieiro e uma foto das duas irmãs de Salazar) e pelos títulos em grandes parangonas: "Cumpriu-se a vontade do Presidente Salazar"; "A última viagem para Santa Comba. Das pedras evocadoras da epopeia à campa rasa da aldeia beirã. O Senhor Doutor não volta mais: Um dos maiores portugueses de sempre repousa no recanto do pequeno cemitério da Terra Natal. Portugal viveu uma jornada de impressionante dignidade e emoção." Na edição de *O Século* do mesmo dia, a primeira página era também essencialmente composta por três fotografias do funeral, uma delas ocupando quase metade da página, e pelo título: "Da glória dos Jerónimos à humildade de Santa Comba Dão. Salazar reuniu-se a seus pais no cemitèriozinho da terra onde nasceu e onde morará

[118] Cfr. *Comércio do Porto*, 28 de Julho de 1970, p.15; *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.7 e 31 de Julho de 1970, pp.7,16

para sempre em campa rasa".

4.3. O Corpo Morto e as Suas Mitologias

A maioria das representações do corpo morto de Salazar na imprensa nacional apresentou-o deitado em cima da cama, com os olhos fechados e as mãos entrelaçadas a um crucifixo de marfim evidenciando uma tentativa de encenação da 'morte enquanto dormir', reminescente da imagética *post-mortem* do final do século XIX, analisada no capítulo anterior. Também existem imagens do corpo dentro do caixão com a cara coberta por um pequeno pano branco e o esquife ligeiramente inclinado para a câmara. Mas ele raramente surge sozinho. A quase totalidade das fotografias rodeia-o de outras pessoas, nomeadamente a governanta D. Maria, Marcelo Caetano e outros políticos.[119] A morte e o velório privado decorreram em casa reflectindo alguns traços culturais de Portugal analisados por Clara Saraiva e este foi o momento mais íntimo e pessoal do funeral. Ao longo do dia 27 de Julho, a elite política e alguns directores de periódicos mais importantes marcaram presença na residência de S. Bento mas os jornalistas só tiveram autorização para entrar na madrugada do dia seguinte. O jornalista de *O Comércio do Porto* reportou que o defunto, "(...) não tinha na fácies o rictus da dor e do sofrimento que o avassalou durante cerca de dois anos."[120], enquanto que o de *O Século* tentou ser um pouco mais honesto descrevendo que, "A face, visivelmente marcada pelo sofrimento dos últimos dois anos, denotava, apesar disso, serenidade absoluta."[121] Mas as fotografias são menos elogiosas e subtis e mostram antes um corpo envelhecido, castigado por um longo período de convalescença e que terá sido embalsamado com os conhecimentos rudimentares que existiam na altura em Portugal. Não se trata da imagem de um homem com poder, aliás, do homem que se confundia com o poder. Provavelmente por essa razão, o seu corpo débil nunca surge desprotegido de um universo simbólico vasto e forte: crucifixos, figuras de santas, Marcello Caetano, outras individualidades políticas e, principalmente, o traje doutoral de Professor Universitário com que Salazar foi vestido.

Pretende-se, a seguir, analisar como este corpo frágil e polissêmico foi encouraçado e contaminado por diversos elementos materiais e imateriais, no sentido de reforçar as mitologias do

---

[119] Cfr. *A Capital*, 28 de Julho de 1970, p.3; *O Comércio do Porto*, 28 de Julho de 1970, p.1; *Diário de Lisboa*, 28 de Julho de 1970, p.9; *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.1 e 29 de Julho de1970, p.8; *Diário Popular*, 28 de Julho de 1970, p.9; *Jornal de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.2; *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.1

[120] Cfr. *O Comércio do Porto*, 28 de Julho de 1970, p.6

[121] Cfr. *O Século*, 29 Julho de 1970, p.8

Estado Novo. Segundo Roland Barthes, "(...) o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem (...)".[122] Na semiologia de Ferdinand de Saussure, o significante e o significado formam o signo. Para Barthes, o mito é um nível semiológico adicional que é produzido por um signo que funciona como significante ao qual é acrescentado um novo significado. Esta nova relação, "(...) tem por missão fundar uma intenção histórica enquanto natureza, uma contigência enquanto eternidade (...)"[123], isto é, naturalizar a realidade política. Por outro lado, o termo mito também possui uma forte tradição na antropologia para a qual ele "(...) apresenta dois traços essenciais: por um lado, trata-se de um relato de carácter fundador sobre o sentido ou a origem das coisas e, por outro, é um relato simbólico, que inclui elementos impossíveis de serem interpretados a partir apenas dos dados empíricos."[124] Segundo alguns autores, o rito recapitula o mito, isto é, "(...) os mitos formam a estrutura simbólica dos ritos, que, de certa forma, são apenas a sua aplicação concreta."[125] Claude Lévi-Strauss discordava desta relação directa e argumentava que o mito funciona por segmentação do sentido, enquanto que o rito fragmentava o sentido em pequenas unidades que adquiriam coerência através do pormenor e da repetição litúrgica.[126] Não se pretende aqui analisar a validade das diferentes posições sobre este tema, mas, simplesmente, chamar à atenção para o modo como as mitologias do Estado Novo foram associadas ao ritual através da sua performance e representações visuais.

É também importante realçar que não se pretende advogar que os jornais se limitaram a ser um espelho acrítico de uma ideologia e ritual de Estado. O que se apresenta a seguir são elementos de mitos que foram identificados na imprensa portuguesa, mas que não surgem na sua totalidade num único jornal, nem são representados do mesmo modo em todos os periódicos. Contudo, devido à censura, à auto-censura e à reduzida vitalidade jornalística no período em análise, é possível argumentar que existiu uma certa homogeneidade na representação do funeral de Salazar.

---

[122] Cfr. Roland Barthes, *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, 2012 (1957), p.261

[123] *Ob. cit.*, p.295

[124] Cfr M.-A. Géraud, O. Leservoisier e R. Pottier, *Les Notions Clés de l'Anthropologie. Analyses et Textes*, Paris, Armand Colin, 1998, p.294 citado em Lionel Obadia, *Antropologia das Religiões*, Lisboa, Edições 70, 2011 (2007), p. 103

[125] Cfr. Lionel Obadia, *Antropologia das Religiões*, Lisboa, Edições 70, 2011 (2007), p.104

[126] *Ob. cit.*, p.104

4.3.1. "De Professor a Presidente"

Como foi acima analisado, o corpo morto de Salazar foi encouraçado e contaminado por símbolos materiais e imateriais que tinham como objectivo facilitar a sua incorporação na memória colectiva através da enunciação indirecta das mitologias associadas ao antigo Presidente do Conselho, ao Estado Novo e à nação. Uma das primeiras narrativas a ser expressa foi a imagem de lente de Coimbra que o antigo Chefe do Governo cultivou. Esta dimensão foi reflectida no traje doutoral de Professor Universitário com que o defunto foi vestido e nos vários periódicos que o denominaram de "Professor Doutor"[127].

Tal como Fernando Rosas [128] argumenta, uma das bases políticas do Estado Novo foi a naturalização da hierarquia social, isto é, a transformação dos processos de construção social e da distribuição do poder político, económico e financeiro em algo invisível e da 'ordem natural das coisas'. Nesse sentido, quem era Professor, possuía o poder do conhecimento e quem detinha o poder era quem o naturalmente merecia. Estar imbuído de uma autoridade catedrática foi uma das peças fundamentais da ascensão e manutenção do poder de Salazar. O Estado Novo não recorreu a uma propaganda histriónica como outros regimes fascistas da Europa, uma vez que, tal como Luís Reis Torgal propõe, o antigo Presidente do Conselho teria preferido apoiar-se nesta componente invulgar do seu carisma:

> "O ‹‹Chefe›› Salazar (...) obviamente que não se compara a Mussolini e muito menos a Hitler, nas características da sua personalidade, na sua prática política e mesmo na sua pose pública. Mas não se diga que não teve o seu carisma. Ele adveio-lhe exactamente da circunstância de Salazar ser um ‹‹professor universitário›› e de, segundo as suas próprias palavras, se ter rodeado de professores universitários e até de afirmar que não era um político e de querer regressar à sua cátedra de Coimbra logo que pudesse."[129]

---

[127] "A morte do Prof. Oliveira Salazar", Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, pp.8-11; "O falecimento do Prof. Salazar", Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, pp.8-11; "O funeral do prof. Salazar", Cfr. *A Capital*, 30 de Julho de 1970, p.4; "Morreu ontem o Prof. Dr. Oliveira Salazar", Cfr. *O Comércio do Porto*, 28 de Julho de 1970, p.1; "O funeral do prof. Oliveira Salazar efectua-se quarta-feira para Santa Comba", Cfr. *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1970, p.10; "Paz à sua alma, prof. Oliveira Salazar", Cfr. *O Norte Desportivo*, 30 de Julho de 1970; "A morte do Professor Dr. Oliveira Salazar", Cfr. *Diário do Sul*, 28 de Julho de 1970, p.1; "Morreu o Prof. Doutor António de Oliveira Salazar - Grande Português e eminente estadista que entra na história gloriosa de oito séculos como um dos mais lúcidos e esforçados servidores da Nação", Cfr. *Correio do Minho*, 28 de Julho de 1970, p.1; "Morreu o Doutor Oliveira Salazar", Cfr. *Diário de Notícias* (da Madeira), 28 de Julho de 1970, pp.4-7.

[128] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, pp.32-33

[129] Cfr. Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 352

Enquanto Professor Doutor, Salazar tinha construído uma aura de 'mago das finanças'. Esta imagem permitiu-lhe dar o primeiro passo na governação ao ser convidado, em 1926, para ministro das Finanças da Ditadura Militar. A progressiva ascensão no poder, profundamente conturbada, principalmente até 1932, foi, posteriormente, transformada numa mitologia 'natural' e 'ineludível' reproduzida, na altura da sua morte, em vários artigos e títulos de jornal. [130] Por exemplo, na biografia que *O Século* publicou a 28 de Julho de 1970, intitulada "Uma vida inteira consagrada à Nação", o jornalista apresentou Salazar como a solução natural para a instabilidade económica que continuou depois do "28 de Maio".

> "Vitorioso o movimento militar iniciado em Braga pelo general Gomes da Costa, e suspenso o funcionamento das instituições democráticas, os homens que assumiram as responsabilidades do Poder, a despeito da sua boa vontade, não lograram abrir caminho à pretendia estabilidade e eficácia governativa. Entre eles, no entanto, impõe-se, *naturalmente* e pelo respeito de que já vinha aureolado, o nome do sr. prof. Oliveira Salazar, lente de Economia e Finanças na Universidade de Coimbra."[131]

Numa fotografia que acompanha este artigo, podemos ver Salazar a conversar com o comandante Mendes Cabeçadas. Ambos encontram-se sentados, mas aquele aparece em destaque com os olhos bem abertos, as mãos firmemente entrecruzadas e os pés assentes no chão. Mendes Cabeçadas, 1.º Presidente da República da Ditadura Militar, está de costas, com uma mão apoiada sobre a extremidade de uma poltrona, numa posição instável. A imagem parece indicar que, apesar do poder formal deste, era Salazar quem estava em controlo da situação. A legenda reforça esta ideia: "Mesmo quando o cariz do 28 de Maio não estava inteiramente definido, a autoridade do prof. Salazar impunha-se já aos responsáveis do movimento." [132]

Após uma primeira e breve experiência como ministro das Finanças, em 1926, Salazar regressou ao governo, para o mesmo cargo, em 1928. Desta vez, colocou várias condições não negociáveis que lhe permitiram um controlo absoluto sobre as despesas dos vários ministérios. O

---

[130] Alguns títulos de jornal: "A notável acção do prof. Oliveira Salazar nas Finanças Públicas", Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.18; "A redução das despesas públicas defendida pelo dr. Salazar em 1923 e a maneira como a praticou", Cfr. *A Capital*, 27 de Julho de 1970, p.5; "Ministro das Finanças e restaurador da economia nacional", Cfr. *As Novidades*, 28 de Julho de 1970, p.4; "A sua obra financeira e os seus discursos traçaram as linhas mestras na vida nacional", Cfr. *A Voz*, 27 de Julho de 1970, p.3

[131] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.17 (itálico meu)

[132] *Ob. cit.*, p.17

seu primeiro orçamento, "(...) continha a primeira novidade sensacional da nova administração: o déficit crónico dava lugar à previsão de um saldo favorável de 1500 contos que, depois, no apuramento das contas, se elevou a 285 mil contos." [133] Neste contexto, o novo 'ditador das Finanças' encetou um conjunto de reformas que lhe conferiram prestígio junto da grande burguesia e, especialmente, do General Carmona. A partir daí, o Presidente da República impôs como condição que qualquer governo indigitado incluísse Salazar, conferindo a este, implicitamente, o poder de veto sobre qualquer ministro. Provido destes 'milagres' financeiros, *O Século* considerou que a sua promoção a Presidente de Conselho foi, mais uma vez, 'natural':

> "A ninguém escapava já, que o mestre de Coimbra, que dois anos antes acedera ao Governo como ministro das Finanças, se convertera, *iniludivelmente* no chefe da situação política criada em 1926. E de tal modo essa era a sua posição de facto, que o País recebeu, com *naturalidade* e sem surpresa, a sua ascensão ao cargo de Presidente do Conselho."[134]

A mesma ideia é encontrada em outros artigos e títulos de jornal, como, por exemplo, "A vida de Salazar na vida do País: De Professor Catedrático a Chefe do Governo"[135] e "A carreira do Prof. Dr. António de Oliveira Salazar de Catedrático em Coimbra a ministro das Finanças"[136]. Esta ascensão política não é explicada pelo recurso a jogos de bastidores ou causada por uma ganância de poder. Pelo contrário, a propaganda salazarista reproduzida por alguns jornais sustenta-a num espírito (cristão) de "sacrifício". No artigo de *A Voz*[137] intitulado "Uma vida de sacrifício e dedicação inteiramente consagrada ao serviço de Portugal", o jornal publicou uma fotografia da tomada de posse enquanto ministro das Finanças, em 1928, que também foi impressa noutros periódicos. Contudo, naquele jornal, a legenda sublinha e reforça o sentido do título do artigo:

> "A efeméride inicial duma grande e maravilhosa carreira política - Quando em 27 de Abril de 1928 Salazar tomou conta da pasta das Finanças, dirigindo-se ao Chefe do Governo, general Vicente de Freitas, fez-lhe a seguinte declaração: ‹‹Não tem que agradecer-me ter aceitado o encargo, porque representa para mim tão grande sacrifício, que por favor ou amabilidade não o faria a ninguém. Faço ao meu País como dever de consciência, friamente, serenamente ››"

---

[133] *Op. cit.*, p.18

[134] *Op. cit.*, p.8 (itálico meu)

[135] *Op. cit.*, p.18

[136] Cfr. *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1970, p.11

[137] Cfr. *A Voz*, 27 de Julho de 1970, p.2

No livro *Salazar, A Retórica da Invsibilidade*, José Gil analisou as narrativas ideológicas e propagandísticas construídas pelo antigo Presidente do Conselho através dos seus discursos. Segundo este filósofo, o 'espírito de sacrifício' era uma ideia recorrente nestes e fazia parte de um enunciado que pretendia estabelecer paralelismos subtis entre os actos de Salazar e a história de redenção de Cristo:

> "(...) Salazar propõe diversas variantes do modelo narrativo da saga nacionalista, uma das quais assimila a história do regime à Paixão de Cristo. Se bem que esta variante surja raramente no discurso - sendo sugerida por algumas imagens, como 'carregamos uma pesada cruz', 'subimos a colina da redenção', ou mais explicitamente por comparações, alusivas ou imediatamente denegadas, entre Salazar e Cristo -, os seus temas característicos mantêm-se sempre presentes: o sacrifício e a salvação, as três etapas da lógica da salvação - desordem, negação da desordem através do sacrifício e do sofrimento, redenção e renascimento, nova ordem nacional."[138]

Por fim, Salazar é também representado como 'Presidente entronizado'. Dois anos após a sua demissão, ele é descrito pela maioria dos jornais como o "Presidente Salazar".[139] Apesar do corpo do texto dos artigos o referir como "antigo Presidente do Conselho" ou "antigo Chefe do Governo", através de um processo de elipse, a imprensa construiu-o, a nível das parangonas, como a figura de Estado mais importante de Portugal - que tinha sido na prática, mas não constitucionalmente - mesmo depois da sua morte.

4.3.2. A Obra e a Nação: "O Homem que foi Portugal durante Quarenta Anos"

Além do mito de 'mago das finanças', os jornais destacaram um outro 'feito' de Salazar: a neutralidade de Portugal durante a II Grande Guerra. Não é possível elaborar neste trabalho grandes considerações sobre este episódio da História Mundial mas é importante sublinhar a relevância que ele teve para o país e para a estratégia de política externa do Estado Novo. Rosas [140] argumentou que, devido à sua experiência durante a Guerra de 1914-1918, Salazar tinha noção que um evento desta natureza poderia ter consequências sísmicas para a estabilidade do regime e do império colonial. Especialmente num contexto fortemente ideologizado em que Portugal poderia ser

---

[138] Cfr. José Gil, *Salazar: A Retórica da Invisibilidade*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1995, p.29

[139] Alguns exemplos: "A morte do Presidente Salazar", Cfr. *A Capital*, 27 de Julho de 1970, pp.4-7;"Será sepultado no Vimieiro o corpo do Presidente Salazar", Cfr. *Jornal de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.1; "A morte do Presidente Salazar", Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 28 de Julho de 1970, p.1.

[140] Cfr. Fernando Rosas, "O Estado Novo", in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, Sétimo Volume, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp.301-302

facilmente associado à Espanha franquista ou mesmo ao eixo italo-alemão e olhado com desconfiança pela Grã-Bretanha, sua eterna aliada. Qualquer movimento arriscado neste xadrez poliédrico poderia colocar o regime em perigo. Neste enquadramento, o Chefe do Governo optou por estabelecer relações diplomáticas e económicas subterrâneas com ambos os lados do conflito, pelo menos durante o período em que o desfecho era incerto, sem nunca envolver Portugal directamente nos confrontos bélicos. A nível oficial e mediático, o Presidente do Conselho defendeu uma política de neutralidade que foi utilizada extensivamente pela propaganda:

> "Com efeito, até à exaustão repetiram que, graças a uma prudente, assombrosa e incansável actividade diplomática superiormente pensada e dirigida por Salazar, a neutralidade peninsular, por ele unilateralmente anunciada logo em 27 de Outubro de 1938, havia conseguido impor-se a todas as adversidades, subtraindo portugueses e espanhóis aos horrores do conflito. As sucessivas ameaças de ocupação do arquipélago dos Açores por ingleses, americanos e alemães, a hipótese real de estes últimos invadirem o continente em 1940, a insistente pressão aliada no sentido de cessarem as exportações de volfrâmio para as tropas do Eixo, mesmo com Timor ocupado primeiro por holandeses e australianos e de seguida por japoneses - tudo o presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros e ministro da Guerra harmonizara enquanto ia desarmando os dois blocos beligerantes com os argumentos da sua razão, recorrendo apenas ao auxílio da Providência."[141]

Discursando sobre este episódio na altura da morte do antigo Chefe do Governo, os jornais reflectiram a mitologia do Estado Novo recorrendo a fotografias de Salazar, por vezes com pouco detalhe ou relativamente banais, que imbuíram de significado ideológico através das legendas. Por exemplo, na página 18 da edição de 28 de Julho de 1970, *O Século* publicou três fotografias relacionadas com este tema. Na primeira, o antigo Presidente do Conselho surge a discursar em plano médio contrapicado, isto é, fotografado de baixo para cima, tal como é convencional enquadrar os heróis[142], com a seguinte legenda: "Portugal não intervém na guerra: da tribuna da Assembleia Nacional, o prof. Salazar anuncia à Nação e ao Mundo a decisão do Governo." Uma segunda imagem introduz, contudo, alguma tensão ao aludir, indirectamente, a um possível desembarque de forças britânicas nos Açores: Salazar desfila perante um regimento militar acompanhado de oficiais superiores e a legenda enuncia que, "Durante a guerra mundial, tropas portuguesas foram destacadas para os arquipélagos dos Açores e Cabo Verde, numa delicada missão

---

[141] Cfr. Jorge Ramos do Ó, *O Lugar de Salazar: Estudo e Antologia*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p.56

[142] Os enquadramentos contrapicados e picados são utilizados para indicar, em termos genéricos, respectivamente, um ganhador e um perdedor. Um exemplo da manipulação desta técnica de imagem é a montagem de uma luta de boxe no filme *Raging Bull* (1980), de Martin Scorsese. Nesta sequência, Robert De Niro é filmado em picado quando está a perder mas o enquadramento muda subtilmente para contrapicado quando ele começa a ganhar.

de soberania. O prof. Salazar sublinhou com a sua presença nos embarques de soldados, a importância dessa missão." Por fim, a terceira imagem, um plano geral pouco inteligível de uma pequena praça preenchida por uma elevado número de pessoas, está completamente ancorada no texto que a acompanha: "Com a inauguração de uma escultura de Leopoldo de Almeida junto da residência do prof. Salazar, as mulheres portuguesas quiseram testemunhar o seu reconhecimento por ter evitado a entrada de Portugal na guerra". Assim, em três fotografias - em três actos - é encenada uma narrativa complexa na qual o desfecho é tranquilo devido à sagacidade do Chefe do Governo. Na verdade, nesta história, o maior perigo até advém do aliado histórico de Portugal.

De entre as fotografias publicadas sobre este tema na altura da morte do antigo Presidente do Conselho, existe uma particularmente interessante. A revista *Flama*[143] imprimiu uma pequena fotografia, na edição especial de 27 de Julho, em que se vê uma mulher abraçando emotivamente Salazar. O texto que a acompanha esclarece que, "Quando terminou a guerra, sem que Portugal se tivesse envolvido directamente, o Presidente do Conselho foi objecto duma manifestação de mulheres portuguesas." Contudo, o Chefe do Governo parece mais velho do que seria na altura, como sustentam as duas fotografias que ladeiam esta imagem, datadas de 1941 e 1946. Parece, portanto, que determinadas fotografias genéricas de, por exemplo, abraços emotivos ou manifestações, podiam ser utilizadas noutros contextos de modo a servirem uma narrativa predeterminada.

Alguns jornais evidenciaram outras obras, neste caso físicas, realizadas pelo Estado Novo. Por exemplo, o *Diário de Notícias*[144] publicou uma página inteira com o título "Salazar: 40 anos de grandes realizações" que incluía 7 fotografias de grande dimensão acompanhadas por pequenos textos. As imagens mostram o Estádio Nacional, a Universidade de Lisboa, uma barragem, uma ponte, um navio militar e a Torre de Belém enquadradas pelos respectivos subtítulos: "Juventude e Desportos", "Ensino", "Barragens e Estradas", "Renovação da Marinha" e "Restauração dos Monumentos Nacionais". No topo do artigo foi colocada uma fotografia, em grande destaque, da então denominada Ponte Salazar,[145] inaugurada em 1966. Esta é a obra que recebeu mais relevo nos restantes periódicos, especialmente através de uma imagem na qual se vê, do lado esquerdo, o caixão do antigo Chefe de Governo a ser transportado no desfile funerário e, do lado direito, uma

[143] Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.10

[144] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.25

[145] Rebaptizada Ponte 25 de Abril, após a Revolução dos Cravos.

placa a anunciar "Ponte Salazar". Uma justaposição subtil que aparece, com diferentes cortes, em vários periódicos.[146] A revista *Flama*[147] publicou também uma fotografia que preenche completamente duas páginas e em que se vê, em primeiro plano, o armão militar transportando o caixão acompanhado por um guarda militar a cavalo e, em segundo plano, no horizonte, a ponte sobre o Tejo.

Estas imagens evidenciam um aspecto que é transversal a vários jornais: Salazar confunde-se com a Obra, o País e a Nação. Além das fotografias, alguns títulos de artigos sustentam esta relação: "O homem que foi Portugal durante quarenta anos"[148], "Toda uma vida consagrada ao serviço da Nação!"[149], "A vida de Salazar na vida do País"[150], "Uma vida inteira dedicada à Nação"[151], "81 anos ao serviço de Portugal!"[152], "O Funeral do Dr. Oliveria Salazar foi manifestação de sentimento a que se associou todo o País"[153], "A Nação está de luto"[154], "Morreu o Presidente Salazar, o maior português do nosso século: a História considerá-lo-á como o grande obreiro do engrandecimento nacional"[155], "Morreu o Prof. Doutor António de Oliveira Salazar - Grande Português e eminente Estadista que entra na história gloriosa de oito séculos como um dos mais lúcidos e esforçados servidores da Nação"[156], "Presidente Salazar: Uma vida e uma carreira consagradas a procurar a ‹‹justiça e o bem do povo››"[157], "Portugal acompanhou Salazar no regresso a Santa Comba Dão"[158], "Salazar: Imagens de quarenta anos de História"[159]. Assim, através de técnicas de metonímia, metáfora e justaposição, um elevado número de periódicos

---

[146] Cfr. *As Novidades*, 29 de Julho de 1970, p.8; *A Voz*, 29 de Julho de 1970, p.6

[147] Cfr. *Flama*, 31 de Julho de 1970, pp.44-45

[148] Cfr. *Diário da Manhã,* 28 de Julho de 1970, pp.2-16

[149] Cfr. *As Novidades*, 28 de Julho de 1970, pp.4-5

[150] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, pp.18-23

[151] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.17

[152] Cfr. *Notícias da Covilhã*, 01 de Agosto de 1970, p.3

[153] Cfr. *O Comércio do Porto*, 31 de Julho de 1970, p.1

[154] Cfr. *Açores*, 28 de Julho de 1970, p.1

[155] Cfr. *A Voz*, 27 de Julho de 1970, p.1

[156] Cfr. *Correio do Minho*, 28 de Julho de 1970, p.1

[157] Cfr. *Diário Insular*, 28 de Julho de 1970, p.1

[158] Cfr. *Diário do Minho*, 31 de Julho de 1970, p.1

[159] Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.5

associou estas várias entidades ao antigo Chefe do Governo de um modo em que elas se sobrepõem e se confundem. Esta relação é reforçada por outros símbolos visuais que, apesar de serem protocolares em funerais de Estado, são sublinhados pela sua selecção enquanto imagens incluídas nas edições jornalísticas: a bandeira a meia-haste[160] e envolta no caixão[161], o Mosteiro dos Jerónimos e a Praça do Império[162].

4.3.3. A Construção de um Sorriso

A imagem que temos hoje de Salazar é de um "(...) austero catedrático (...)"[163], na sua "(...) pose de lente de Coimbra, severo, mas paternal, sério no seu saber e na sua prática."[164] Contudo, este homem fez parte do governo de Portugal durante quarenta anos e é natural que, apesar do imobilismo característico do Estado Novo, tenham ocorrido alterações na representação da imagem do Presidente do Conselho. Assim, a historiadora Heloísa Paulo propôs que,

> "(...) é através da fotografia e do cinema que vemos as alterações mais sensíveis na imagem do presidente do Conselho. (...) Nestes primeiros anos de governo, confirmando o seu sacrifício pessoal pela 'Nação', Salazar é a figura de um homem sério, de roupas austeras e negras, que sorri discretamente, em ocasiões excepcionais, quando o contacto com o público o exige. Na maioria das cenas, fotografadas ou filmadas, o seu rosto é austero, buscando expressar o sacrifício pessoal do antigo professor de Coimbra. (...)
>
> Nas décadas seguintes, com o crescimento das críticas ao regime, a figura de Salazar sofre alterações. Tal como o Estado Novo, que parece 'abrir-se' para o exercício da democracia, o presidente do Conselho altera a sua postura e imagem em público. As fotos formais são, aos poucos, substituídas por outras mais 'informais', à medida que mostram cenas mais familiares de Salazar. As imagens registadas revelam uma maior preocupação do ditador com a sua figura, que apesar das

---

[160] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.8; *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.9; *Diário Popular*, 27 de Julho de 1970, p.20; *Diário de Notícias* (da Madeira), 28 de Julho de 1970, p.5

[161] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, pp.8, 9, 13; *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.8, *O Comércio do Porto*, 29 de Julho de 1970, p.1, 31 de Julho de 1970, p.1; *Diário de Lisboa*, 28 de Julho de 1970, p.1 30 de Julho de 1970, pp. 1, 8; *Diário Popular*, 28 de Julho de 1970, pp.1, 7, 17, 30/07/1970, p.1, 31/07/1970, p.7; *Jornal de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.1; *Jornal de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.2; *O Primeiro de Janeiro*, 29 de Julho de 1970, p.1; *Diário da Manhã*, 31 de Julho de 1970, pp.4, 10; *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, pp.27, 31, 34; *Diário de Notícias* (da Madeira), 31 de Julho de 1970, p.6

[162] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.1; *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.7, 16; *Jornal de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.2; *O Primeiro de Janeiro*, 31 de Julho de 1970, p.1; *Diário da Manhã*, 31 de Julho de 1970, p.4, 6; *A Voz*, 31 de Julho de 1970, p.1; *Flama*, 31 de Julho de 1970, p.47, 48; *O Século Ilustrado*, 1de Agosto de 1970, capa, 39; *Diário de Notícias* (da Madeira), 31 de Julho de 1970, p.5

[163] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, p.166

[164] Cfr. Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 149

> afirmações da propaganda oficial em contrário, se mostra colaborante ao posar pacientemente para várias fotos (...) De facto, o que não muda na sua imagem oficial é a visão do seu estatuto de lente, o eterno e exemplo mais típico do professor de Coimbra (...) A par destas imagens, as fotografias do livro de Christine Garnier confirmam a jovialidade de Salazar, insinuando uma possível ligação amorosa com a jornalista francesa (...) Com o envelhecimento do regime, a figura do presidente do Conselho fica cada vez mais próxima de um ideal paternalista de governante."[165]

De facto, apesar de uma certa "retórica da invisibilidade", o antigo Presidente do Conselho foi aparecendo em público. Além disso, como já vimos, embora não se tenha apresentado como Mussolini ou Hitler, o líder era uma componente importante da propaganda da ditadura. Heloísa Paulo, no seu estudo sobre os documentários do Estado Novo, constatou que, a nível quantitativo, os filmes sobre Salazar aparecem em quarto lugar em termos de temas escolhidos, logo após os filmes sobre "o presente e passado de Portugal", "o regime enquanto motor da mudança" e "o apoio popular ao governo". A historiadora concluiu que, "(...) o presidente do Conselho, apesar da sua alegada despreocupação com a sua imagem pública, é objecto de um cuidado especial por parte da propaganda do regime (...)"[166]

Nesse sentido, é pertinente analisar as imagens de arquivo de Salazar escolhidas para ilustrar os artigos biográficos publicados durante o funeral deste. De um universo de 25 fotografias publicadas em *O Século*, em que a expressão facial é clara, em oito o Presidente do Conselho sorri (sempre depois da Segunda Guerra Mundial). No caso do *Diário da Manhã*, são 19 imagens sorridentes num grupo de 49. E em relação ao *Diário de Notícias*, existem 23 num conjunto de 52. De facto, o sorriso de Salazar é o aspecto mais surpreende destas imagens, mas mesmo nas fotografias em que não sorri, obtidas depois da Segunda Guerra Mundial, a expressão aparece menos tensa e mais fraternal. Portanto, uma análise centrada nos jornais que publicaram maior número de fotografias corrobora a tese da evolução de um Salazar com olhar grave e tímido nas primeiras décadas do seu mandato para um Chefe de Governo mais descontraído e sorridente após a Guerra de 1939-45.

Contudo, um olhar mais geral por todos os periódicos em análise parece reforçar os traços de personalidade sublinhados por Rosas e Torgal: um ditador austero e severo. Este paradoxo pode ter duas explicações. Por um lado, esta representação está associada às décadas de trinta e quarenta

---

[165] Cfr. Heloísa Paulo, "Documentarismo e propaganda. As imagens e os sons do regime" in Luís Reis Torgal (coord.), *O Cinema Sob o Olhar de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2011, pp.114-116

[166] *Ob. cit.*, p.108

durante as quais a propaganda do regime foi mais intensa e coerente. Este é o período durante o qual, por exemplo, António Ferro, um dos mais importantes encenadores do mito de Salazar, esteve à frente do SPN/SNI[167]. É, portanto, possível que este período tenha sido aquele que ficou mais fortemente endoutrinado na memória colectiva portuguesa, provavelmente, até hoje. Por outro lado, a morte nas sociedades contemporâneas está associada a um momento de tristeza e introspecção. Nesse sentido, os jornais que publicaram menos fotografias de Salazar e em que, consequentemente, cada imagem tem mais peso e força, poderão ter tentado evitar ser 'mal interpretados', nomeadamente pela censura, optando por não incluir muitas fotografias do antigo Presidente do Conselho a sorrir.

4.3.4. "Da Glória dos Jerónimos à humildade de Santa Comba Dão"

Por fim, a 31de Julho de 1970, *O Século* anunciou, na primeira página, a conclusão de um ciclo mitológico: "Da glória dos Jerónimos à humildade de Santa Comba Dão: Salazar reuniu-se a seus pais no cemitèriozinho da terra onde nasceu e onde morará para sempre em campa rasa" [168], acompanhando as grandes parangonas com uma fotografia da procissão fúnebre na Praça do Império (que preenche quase metade da página) e duas fotos do enterro no Vimieiro, que ocupam a área restante.

Antes de partir para a terra natal, o corpo de Salazar esteve exposto em câmara ardente no Mosteiro dos Jerónimos durante dois dias e foi visitado por milhares de pessoas anónimas. Este monumento, mandado edificar por D. Manuel I pouco depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, é um dos símbolos mais importantes dos Descobrimentos Portugueses. À sua frente, estendia-se a Praça do Império, associada também, pelo nome, às aventuras dos navegadores portugueses e construída por altura de um dos mais emblemáticos eventos da propaganda do regime, *A Grande Exposição do Mundo Português*, que comemorou o aniversário duplo da Fundação de Portugal (1140) e da Restauração da Independência (1640). O funeral de Salazar estabeleceu, assim, uma rede tentacular de relações simbólicas entre o regime presente e o passado glorioso com o intuito de enaltecer o primeiro e todos aqueles associados a ele. Jorge Ramos do Ó argumentou que este foi um dispositivo frequentemente utilizado pela

[167] O SPN (Secretariado de Propaganda Nacional) foi redenominado SNI (Secretariado Nacional de Informação) como parte das alterações, essencialmente formais, que ocorreram no regime após a Segunda Guerra Mundial.

[168] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.1

propaganda do Estado Novo:

> "(...) este nacionalismo visa fundar e promover uma leitura integral e positiva do passado - a I República seria o único tom menor, a única doença maligna da História de Portugal - a que se querem fazer equivaler os tempos actuais desencadeando o de todos conhecido sistema de representações em que se sucedem as imagens e os textos mitológicos de reis, descobridores, legistas, capitães, nautas, heróis e santo... (...) todo esse folclore histórico-propagandístico existe para insuflar conteúdo coerente, fornecer inteligibilidade simples e imediata ao sentimento de nacionalismo (...)"[169]

Contudo, o Mosteiro dos Jerónimos não é um edifício fácil de fotografar, especialmente tendo em conta a pouca qualidade e definição da impressão jornalística de então. Nos planos mais gerais que poderiam capturar a sumptuosidade do edifício, as caras das pessoas tornavam-se completamente irreconhecíveis, mergulhando os corpos numa massa amorfa cinzenta e obrigando os jornais a recorrerem à legenda para 'vislumbrar' o que era indiscernível.[170] Por isso, as redacções optaram, principalmente, por imagens com uma escala menor que se centravam na participação das pessoas nas cerimónias fúnebres e a imponência do Mosteiro foi transmitida através do texto que acompanhava as imagens: "Mosteiro dos Jerónimos: a grandeza de uma dor"[171]; "Aspecto do majestoso e subjugante Mosteiro dos Jerónimos, na hora solene e histórica das exéquias por alma de Salazar"[172]; "Na grandiosidade do Mosteiro dos Jerónimos destaca-se a essa com a urna do Presidente Salazar"[173]. Tal como era pretendido através da encenação do ritual, estas frases estabeleceram um paralelo claro entre a dimensão política de Salazar e a "grandiosidade" do monumento. Paralelamente, outras legendas destacaram a relação com o passado "glorioso" nacional: "A caminho dos Mosteiro das nossas glórias"[174]; "O Mosteiro dos Jerónimos, símbolo das épocas gloriosas do povo português, assiste à formação do cortejo, no qual estão integradas as mais altas individualidades da Nação"[175].

---

[169] Cfr. Jorge Ramos do Ó, *O Lugar de Salazar: Estudo e Antologia*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p.98

[170] Como, por exemplo, na fotografia com a seguinte legenda: "Os srs. Almirante Américo Thomaz e Prof. Dr. Marcello Caetano, todos os membros do Governo e eclesiásticos assistindo ao ofício fúnebre no Mosteiro dos Jerónimos", Cfr. *A Voz,* 31 de Julho de 1970, p.1

[171] Cfr. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.7

[172] Cfr. *Jornal de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.2

[173] Cfr. *Diário da Manhã*, 31 de Julho de 1970, p.4

[174] Cfr. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.7

[175] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.39

É, contudo, de realçar que as revistas semanais possuíam uma qualidade de impressão muito superior e, por isso, um plano muito geral, fotografado de um ponto alto do templo, deu origem à capa do número de *O Século Ilustrado*[176] totalmente dedicado ao funeral de Salazar. O corpo do antigo Presidente do Conselho aparece rodeado por um dos turnos e por uma fila de pessoas que lhe vinham prestar a última homenagem sob o olhar imponente do altar-mor. Estes gestos são emoldurados por três colunas gigantescas que estabelecem a relação sagrada entre a terra e o céu. A imagem salienta a pequena escala da vida e o caracter ineludível da perecibilidade humana enquadrada na incomensurabilidade da memória colectiva da nação.

Em aparente contradição ao acima exposto, a associação do antigo Presidente do Conselho à sua terra natal evidencia um outro aspecto do seu mito: a ruralidade. Esta dimensão de Salazar permitiu-lhe conquistar uma certa estima entre a elite do Integralismo Português e, simultaneamente, construir um processo de identificação com a imagem arquetípica do Portugal campestre. Tal como Ramos do Ó advoga, Salazar, "(...) dizendo-se banal fotocópia do comum dos seus compatriotas, legitimou afinal a sua preeminência absoluta."[177] Por isso, Torgal adverte que, "(...) quanto mais se dá uma visão rural de Salazar (...) mais haverá tendência para criar um movimento de simpatia, que se transforma numa visão forte de honestidade (...)".[178] Esta construção simbólica associou-se à ideia de pobreza, humildade e integridade que era sustentada por imagens e gestos simbólicos do ditador, como os fatos pretos simples e sem condecorações, as "botas velhas cardadas" e a expressão enfaticamente reproduzida por Franco Nogueira na sua biografia de Salazar: "No dia em que eu abandonar o poder, quem voltar os meus bolsos do avesso só encontrará pó."[179]

O título de um dos artigos biográficos de *O Século Ilustrado* realçou esta característica recorrendo ao discurso directo do antigo Presidente do Conselho: "Quem era Salazar? 'pobre filho de pobres'".[180] Algumas páginas mais à frente, o semanário publicou uma fotografia equívoca em

---

[176] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970

[177] Cfr. Jorge Ramos do Ó, *O Lugar de Salazar: Estudo e Antologia*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p.63

[178] Cfr. Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 301

[179] citado em Franco Nogueira, *Salazar: Estudo Biográfico*, Coimbra, Atlântida Editora, 1977, p.383

[180] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.47

que um Salazar desajeitado se inclina para tocar uma galinha.[181] O cenário possui poucos detalhes, mas parece mais provável que aquele instante tenha ocorrido na sua residência em São Bento do que num lugar campesino devido a certos elementos poucos nítidos que surgem em segundo plano (grandes escadas com ornamentações neoclássicas). Existem outras imagens que tentam reforçar esta relação, como, por exemplo, uma fotografia impressa no centro de uma página do *Diário da Manhã* em que um Salazar idoso, de bengala singela na mão e um cobertor sobre os ombros - uma representação de ancião - posa ao lado de um grupo de jovens aldeões no meio de uma paisagem campestre e pobre. Na legenda lê-se: "No meio da ‹‹sua gente››, no ambiente rústico da sua terra, Salazar segue os trabalhadores da lavoura."[182] As reproduções da casa do antigo Chefe do Governo no Vimieiro[183] foram frequentes e as legendas realçaram o acima exposto: "A casa pobre, no lugar do Vimieiro, onde nasceu Salazar"[184]; "Esta é a casa onde, há 79 anos, nasceu o Presidente do Conselho, Prof. Dr. Oliveira Salazar. Uma casa modesta, de um só piso, igual a tantas casas das nossas terras da província."[185]; "No Vimieiro, nesta casa que vemos depois de restaurada, nasceu Salazar. Seus pais eram modestos agricultores"[186]; "Foi ali - há 81 anos - que, sob o signo histórico que Deus marcara aos portugueses, então afligidos por dores políticas que haviam de concretizar-se numa mudança de ‹‹regime›› - nasceu Salazar. Melhorada hoje?! - Talvez. Mas dá-lhe caracter especial - qual museu de coisas vivas - essa circunstância, e que o tempo ainda há-de tornar maior."[187].

Estes elementos remetem-nos para outro eixo central da encenação das raízes: a família. Esta componente central na visão do Portugal rural é paradoxal em Salazar, uma vez que este nunca se casou nem teve filhos. A este nível existem poucos elementos visuais publicados, sendo, contudo, de destacar o retrato de família do Chefe de Governo com as suas irmãs reproduzido em diversos

---

[181] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto1970, p.49

[182] Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.6

[183] Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.2; *As Novidades*, 28 de Julho de 1970, p.4; *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.5; *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de1970, p.49; *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.18; *Diário de Coimbra*, 28 de Julho de 1970, p.6; *Correio do Minho*, 30 de Julho de 1970, p.4

[184] Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.2

[185] Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.5

[186] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.49

[187] Cfr. *Correio do Minho*, 30 de Julho de 1970, p.4

jornais.[188] Paralelamente, os periódicos também publicaram várias fotografias das duas irmãs[189] que viajaram até Lisboa e acompanharam o funeral. Elas surgem isoladas, ladeadas pelo Presidente da República e o Chefe do Governo ou amparadas pelas esposas de ministros e outras figuras públicas. Estão sempre de luto, tristes, mas contidas e parecem um pouco deslocadas do seu meio. São quadros de família que a imprensa, provavelmente, sentiu a obrigação de reproduzir, mas não são as imagens catárticas arquetípicas. Elas não foram as carpideiras deste funeral.

D. Maria de Caetano Freire, a governanta de Salazar durante décadas, poderia ter sido o ruído deste mito. Ela foi, provavelmente, a pessoa mais parecida com o conceito de família que Salazar adulto teve. A necessidade de domesticação deste significado foi conseguida através de legendas e títulos que a classificam como a "fiel servidora"[190], a "fiel governanta"[191], a "dedicada governanta"[192] e aquela que "chora a morte daquele que seguiu fielmente desde os tempos de Coimbra"[193]. Tal como se lê na legenda de uma das poucas fotografias a cores publicada em *O Século Ilustrado*: "Eram 19 horas e 7 minutos quando a urna desceu à terra. Nesse momento, o Presidente da República e D. Maria de Jesus não se contiveram - e choraram lágrimas sentidas pela perda de um companheiro insubstituível."[194] Ela foi uma das carpideiras mais importantes do funeral.

Segundo a informação disponível nos jornais, o enterro em campa rasa junto dos pais foi a única decisão de Salazar sobre o seu funeral. Esta opção funciona como o corolário da " retórica da invisibilidade", importante mecanismo de manutenção de poder do antigo Presidente do Conselho que José Gil analisou:

> "(...) quem interpreta e decide o valor moral (portanto político) de um tal acto [político]? A resposta de Salazar segue a doutrina moral religiosa: é a 'consciência moral' de cada um. Mas quem faz a

---

[188] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.17; *O Comércio do Porto*, 28 de Julho de 1970, p.6; *Jornal de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.2; *O Primeiro de Janeiro*, 28 de Julho de 1970, p.9; *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.18; *As Novidades*, 28 de Julho de 1970, p.3; *A Voz*, 28 de Julho de 1970, p.6

[189] Uma das irmãs encontrava-se gravemente doente e ficou em casa no Vimieiro tendo a procissão funerária parado durante alguns minutos em frente da sua casa.

[190] Cfr. *Flama*, 31 de Julho de 1970, p.37; *O Século*, 30 de Julho de 1970, p.1

[191] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.1; *Diário de Coimbra*, 28 de Julho de 1970, p.9

[192] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.10; *Diário de Coimbra*, 29 de Julho de 1970, p.7

[193] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.26B

[194] *Ob. cit.*, p.43

articulação entre a consciência moral individual e o efeito político do acto? É a 'consciência nacional', a mesma de que Salazar se considera o porta-voz, e que afirma ser conhecida 'pela intuição profunda do povo'. Em suma, Salazar é quem interpreta, pois é ele quem representa a consciência nacional dos portugueses - é portanto ele quem detém o poder, é ele quem suprime a separação entre moral individual e política nacional.

Mas só pode fazê-lo sob uma condição: manter a invisibilidade.

A invisibilidade permite que a transcendência do princípio espiritual funcione como imanente ao exercício do poder político material."[195]

A campa rasa, sua última residência, é, portanto, um símbolo dos mitos da 'humildade', 'pobreza' e 'invisibilidade' de Salazar. Anulando-se e desaparecendo, mitificou-se. É também uma representação do seu poder, pois, apesar de todos os rituais fúnebres que o Estado Novo encenou, o último gesto foi decidido pelo antigo Chefe do Governo. E é ainda, talvez, uma prova da sua argúcia: a História ensina que todos os regimes acabam e, assim, resguardado na lonjura de Santa Comba Dão, o seu corpo simbólico não foi, mesmo no período quente do pós-25 de Abril, dessacralizado.

No final da análise das mitologias associadas mais directamente a Salazar, podemos concluir que o antigo Presidente do Conselho aparece-nos como uma personagem poliédrica: Professor Universitário e aldeão, "filho de pobres" e envolto na bandeira nacional, em câmara ardente no Mosteiro dos Jerónimos e enterrado no "cemiteriozinho" do Vimieiro. Mas estes paradoxos foram exactamente a base de uma propaganda eficaz. Tal como Jorge Ramos do Ó [196] argumentou, a multiplicidade de narrativas, que tinham que ser, contudo, simples, forneceu uma plasticidade mitológica ao regime, que as pôde, assim, adaptar a cada audiência específica.

4.3.5. O Povo

Até agora, analisaram-se, principalmente, as imagens de Salazar e dos símbolos associados mais directamente a ele. Mas após as edições de 27 e 28 de Julho - em que aparece em fotos de arquivo, exposto na cama ou dentro do esquife na sua antiga residência em S. Bento - o corpo do antigo Presidente do Conselho desaparece. A partir do momento em que sai da casa, apesar do caixão continuar aberto, os fotógrafos dirigem a atenção da câmara para as pessoas que rodeiam o

[195] Cfr. José Gil, *Salazar: A Retórica da Invisibilidade*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1995, p.47

[196] Cfr. Jorge Ramos do Ó, *O Lugar de Salazar: Estudo e Antologia*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p. 118

falecido e outros elementos simbólicos. Entre estes vários objectos de interesse jornalístico, existe uma entidade muito importante na política desde o século XVIII-XIX: o Povo. Giorgio Agamben argumenta que a sua definição é complexa e polissêmica e que oscila entre dois aspectos antagónicos que convivem no discurso público:

> "Tudo se passa, pois, como se aquilo a que chamamos povo fosse na realidade não um sujeito unitário mas uma oscilação dialéctica entre dois pólos opostos; por um lado, o conjunto Povo como corpo político integral, por outro, o subconjunto povo como multiplicidade fragmentária de corpos necessitados e excluídos; no primeiro caso, uma inclusão que se pretende sem restos, no segundo, uma exclusão que se sabe sem esperança."[197]

Estas duas interpretações coexistem nas representações visuais do funeral em análise. No primeiro caso, o povo é constituído pelos grandes ajuntamentos de pessoas presentes nas manifestações 'espontâneas' organizadas pelo Estado Novo, nomeadamente aquelas relativas ao fim da II Guerra Mundial e de 'apoio' à Guerra Colonial. As imagens são formadas por planos muito gerais em que as pessoas surgem como uma massa indistinguível de cabeças e onde se descortinam alguns fragmentos de cartazes. Mais uma vez, as legendas procuram controlar os significados: "Ao longo da sua permanência na chefia dos destinos da Nação, o prof. Oliveira Salazar foi, inúmeras vezes, alvo de gigantescas manifestações de aplauso e agradecimento. Nesta que a imagem documenta, uma vez mais, em Agosto de 1963 o Terreiro do Paço foi pequeno para conter a multidão"[198]; "27 de Abril de 1953: uma autêntica multidão concentra-se junto do Palácio de S. Bento. É a consagração do País. Salazar assiste, numa das janelas, ao gigantesco desfile. Nesse dia comemorava-se o 25º aniversário da sua vida pública"[199]; "Em 28 de Agosto de 1963 se fez no Terreiro do Paço uma manifestação a Salazar de aplauso e agradecimento nacional pela sua política ultramarina. Essa manifestação, iniciativa da Câmara Municipal de Coimbra teve a adesão de Portugal inteiro. Na gravura se vê o aspecto que nesse dia memorável teve o Terreiro do Paço"[200]; "Em 28 de Abril de 1959 se prestou a Salazar grandiosa homenagem nacional pelo 31º aniversário da sua presença no Governo. A essa homenagem aderiu de maneira admirável a Mulher Portuguesa. Na gravura se vê um aspecto da presença de senhoras junto da residência do Presidente do

---

[197] Cfr. Giorgio Agamben, "O que é um povo?" in Bruno Peixe Dias, José Neves (coord.), *A Política dos Muitos: Povo, Classes e Multidão*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2011, p.32

[198] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.20

[199] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.17

[200] Cfr. *A Voz*, 27 de Julho de 1970, p.4

Conselho"[201]; "O povo português, nas horas decisivas da vida nacional, acorria como a gravura documenta, para ouvir Aquele que foi quase durante 40 anos o condutor dos seus destinos"[202].

Deste universo, é de realçar a imagem reproduzida pelo *Diário do Norte*[203] em que se vê Salazar de mãos abertas a discursar para uma plateia de centenas de pessoas. Recorrendo a técnicas de composição gráfica, o antigo Presidente do Conselho surge numa escala várias vezes superior à real, quase como um deus, alguém superior à dimensão humana. Porém, a legenda ignora o dispositivo não realista empregue: "Da janela da sua residência, o Presidente Salazar a agradecer a manifestação das mulheres portuguesas por ele ter evitado que os seus maridos e os seus filhos se perdessem na voragem da guerra 1939-1945". Em termos quantitativos, esta gravura não é representativa, mas funciona como um resumo alegórico das restantes.

Apesar do seu forte impacto, estas imagens não são numerosas. Ao contrário de outros regimes autoritários da Europa, o Estado Novo, segundo Rosas, "(...) olharia sempre com a maior desconfiança as tentativas de mobilização política das massas, mesmo para o apoiarem ou combaterem os seus inimigos (...)"[204]. Na opinião deste historiador, o regime português assentou num terreno social e político diferente dos outros fascismos europeus, enraizando-se numa oligarquia de Estado sob o beneplácito das Forças Armadas e da Igreja católica e onde a visão elitista determinava 'Um lugar para cada um, cada um no seu lugar'. Além disso, Salazar teve sempre receio da inconstância e volatilidade das pessoas que, num momento, poderiam estar a seu favor e, no momento seguinte, revoltarem-se contra si.

Também foram publicadas várias fotografias de ajuntamentos de pessoas no funeral de Salazar. Neste caso, os planos não são tão gerais, provavelmente porque estiveram presentes menos pessoas do que nas manifestações supramencionadas. É importante realçar que uma fotografia só é uma imagem de massas se os seus elementos encherem completamente o enquadramento. Além disso, enquanto que as fotografias supra analisadas eram obtidas quase sempre numa perspectiva de cima para baixo, isto é, num *bird's eye view*, as imagens das cerimónias fúnebres foram quase todas capturadas ao nível dos olhos reduzindo a relação de poder implícita. A relevância destas imagens

---

[201] Cfr. *A Voz*, 27 de Julho de 1970, p.4

[202] Cfr. *Notícias da Covilhã*, 1 de Agosto de 1970, p.1

[203] Cfr. *Diário do Norte*, 27 de Junho de 1970, p.9

[204] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, p.33

parece incidir, antes, numa tentativa de representação 'totalizante' do povo, isto é, as pessoas fotografadas representariam 'todo o povo', de "todas as categorias sociais", de todo o país. Algumas das legendas corroboram esta argumentação: "Frente ao Mosteiro dos Jerónimos, centenas de pessoas, de todas as condições sociais, numa última homenagem ao homem que durante quatro décadas suportou o pesado fardo da governação do País - nas horas fecundas da paz e nos tempos conturbados da guerra"[205]; "Milhares de pessoas, de todas as categorias sociais, juntaram-se no adeus de Lisboa ao prof. António de Oliveira Salazar"[206]; "Estas imagens repetiram-se na sua grandiosidade, variando apenas na qualidade das pessoas, demonstrando que a Nação, em toda a plenitude, sentiu profundamente a morte do Homem que a nobilitou"[207]; "O povo da capital presenciou, recolhido e emocionado, o desfile do cortejo fúnebre, de S. Bento até à Praça do Império"[208]; "Imagens do último adeus de Lisboa ao Presidente Salazar"[209]; "Coimbra quis, também, estar presente"[210]; "Ao longo do trajecto para Santa Comba, centenas e centenas de pessoas assistiram à passagem do comboio que transportava o corpo de Salazar"[211]; "Última etapa de uma viagem sem regresso: toda a população de Vimieiro e Santa Comba nela esteve presente"[212]; "Ao longo da estrada que sobe a colina, o povo esperou para ver passar o cortejo fúnebre."[213]; "Até de madrugada, o povo aguardou pacientemente a sua vez de se aproximar da urna do prof. Salazar. A fila de pessoas estendeu-se, em dada altura, dos Jerónimos até ao Estádio do Restelo"[214]; "O desfile do povo nos Jerónimos"[215]; "O povo, em verdadeira multidão, presta nos Jerónimos a última homenagem ao saudoso estadista"[216]; "Na nave do Mosteiro de Santa Maria de Belém, o corpo do Presidente Salazar teve de entre todos os turnos um: o do povo"[217].

---

[205] Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.8

[206] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.10

[207] Cfr. *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1970, p.8

[208] Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.1

[209] Cfr. *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.7

[210] *Ob. cit.*, p.9

[211] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.41

[212] Cfr. *Diário Popular*, 31 de Julho de 1970, p.7

[213] Cfr. *Flama*, 7 de Agosto de 1970, p.41

[214] Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.1

[215] Cfr. *Diário de Lisboa*, 29 de Julho de 1970, p.12

[216] Cfr. *A Voz*, 30 de Julho de 1970, p.1

[217] Cfr. *Diário da Manhã*, 29 de Julho de 1970, p.3

Em alguns casos, a câmara aproximou-se e enquadrou as pessoas em planos entre o geral e o médio. Já não são fotografias de massas de pessoas mais ou menos amorfas, mas de rostos, lágrimas e gestos. Já não é o povo, regressando às definições de Agamben, como "corpo político integral" mas sim "o subconjunto povo como multiplicidade fragmentária de corpos necessitados e excluídos".[218] Neste grupo, é de realçar que as escolhas dos jornais não recaem sobre os indivíduos vestidos de um modo urbano e moderno numa faixa etária entre os 18-50 e que nas imagens da RTP surgem como bastante expressivos. O olhar selectivo da imprensa orientou-se, principalmente, em direcção aos pobres, mas honestos: velhos e velhas[219], católicos[220], inválidos[221], crianças guiadas pelos mais velhos[222] e mesmo um menino inválido[223]. Deste conjunto, sobressaem as mulheres, quase sempre visivelmente comovidas: elas são, em paralelo com a governanta D. Maria, as carpideiras do funeral. Mas, como sempre, as fotografias extravasam de informação que é difícil de enquadrar na mitologia. Por exemplo, numa fotografia de *O Século* [224] vê-se o rosto de sete pessoas (três mulheres, três homens e uma menina). Uma das mulheres, de pano negro por cima da cabeça e lenço nas mãos que se aproximam num gesto de reza, chora num pranto descontrolado. Os restantes não demonstram qualquer emoção em excesso. Contudo, a legenda tentou generalizar o sentimento da primeira: "Consternação e lágrimas nos rostos da gente beirã, que não faltou, nos caminhos de Santa Comba, a testemunhar o definitivo regresso do seu mais ilustre conterrâneo". Assim, através do efeito de fixação da legenda e, principalmente, do *punctum* da mulher que chora,

---

[218] Cfr. Giorgio Agamben, "O que é um povo?" in Bruno Peixe Dias, José Neves (coord.), *A Política dos Muitos: Povo, Classes e Multidão*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2011, p.32

[219] Legendas de algumas imagens: "Lágrimas, expressões compungidas de populares, marginando o extenso percurso da Estrela a Belém" Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.10; "A passagem do préstito, mulheres ajoelhadas ou de mãos postas, murmurando sentidas orações" Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.11; "Comoção e tristeza neste grupo junto aos Jerónimos" *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.11; "A eloquência dos rostos e das mãos no silêncio do Mosteiro" Cfr. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.1; "Houve que fazer um sacrifício mas tudo era preferível a faltar" Cfr. *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1970, p.8; "Ao longo do percurso repetiram-se as cenas de profunda emoção popular" Cfr. *Diário Popular*, 28 de Julho de 1970, p.17

[220] Legenda de uma das imagens: "Três religiosas prestam a sua última homenagem a Salazar", Cfr. *Diário da Manhã*, 30 de Julho de 1970, p.7

[221] Legenda de uma das imagens: "A gratidão e o dever de a manifestar empolgaram inúmeros portugueses e foi assim [de cadeira de rodas] que um deles desfilou perante o féretro de Salazar", Cfr. *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1970, p.10

[222] Legendas de algumas imagens: "Acompanhada dos filhos, dos netos, portadora de singelas recordações do estadista, gente do povo desfila pela câmara-ardente", Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.9; "Tristeza e solenidade: Para um derradeiro olhar", Cfr. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.7; "Esta criança terá um dia consciência do que representou acompanhar a mãe neste momento", Cfr. *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1970, p.8; "Um aspecto do desfile de pessoas ante a urna de Salazar" , Cfr. *Diário de Lisboa*, 29 de Julho de 1970, p.13

[223] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.29

[224] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.11

produz-se um efeito geral de larga tristeza entre a população que, quantitativamente, a imagem não reproduz.

Noutras imagens, o povo é utilizado num palimpsesto de símbolos que se organizam a vários níveis com os mitos já analisados. Num desses casos, duas imagens publicadas em dois jornais diferentes funcionam como espelho, isto é, duas perspectivas geograficamente opostas, mas ideologicamente iguais. Na primeira[225], um homem sozinho no meio de um campo de produção cerealífera vestido no seu fato de domingo inclina "respeitosamente" a cabeça enquanto cruza as mãos. Em primeiro plano, vê-se uma parte do caixão, tão próximo que as suas extremidades saem do enquadramento, sobre a qual pousa a bandeira de Portugal e a nítida esfera armilar. A legenda resume o quadro: "Nos caminhos que percorreu em criança, Salazar, numa urna envolvida pela bandeira nacional, cruzou-se com um camponês, igualmente solitário, que respeitosamente se curvou perante o ataúde". Na segunda imagem[226], uma mulher vestida de luto aparece, em primeiro plano, de costas para o fotógrafo. Ao fundo, no meio dos campos agrícolas, advinha-se a procissão funerária onde o caixão coberto pela bandeira nacional se destaca. A legenda, apesar de extensa, merece ser transcrita na totalidade:

> "Salazar voltou à terra beirã que o viu nascer: não já o mestre de Coimbra, não já o pensador e filósofo, não já o governante sereno e firme que durante mais de quarenta anos presidiu aos destinos de Portugal. Salazar regressou ao Vimieiro sem vida, para um descanso infindo em campa rasa, impenetrável às vaidades, às intrigas, aos ódios, aos aplausos. Inerte e frio, o corpo do antigo Presidente do Conselho ali permanecerá, porém vivo na recordação do povo que durante décadas lhe pronunciou o nome e dele aguardou, nos mais difíceis momentos da vida nacional, a palavra de ordem que traçou os rumos da história contemporânea portuguesa. Esta mulher modesta, hierática, que à beira do caminho espreita o cortejo fúnebre que próximo passa, é a encarnação do povo humilde que jamais regateou a Salazar os sacrifícios que este lhe pediu em prol dos interesses da Grei. Ali a surpreendeu o nosso fotógrafo, ciciando uma oração num recolhimento digno..."

Assim, através do povo, regressamos a Salazar: o homem rural, solitário, figura paternal que pediu os sacrifícios em nome da nação, isto é, do povo.

Outra fotografia apresenta uma mulher à janela que olha para algo fora de campo com uma gravidade contida. Acompanham-na duas crianças que olham noutras direcções, uma delas em

---

[225] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.13

[226] Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 31 de Julho de 1970, p.1

direcção à câmara. Trata-se, portanto, de uma imagem que podia existir em diversos contextos, mas que a legenda liga ao funeral: "Janela de pedra beirã. Três expressões que são paradigma do sentimento de Portugal inteiro. Era Salazar quem passava. Era um momento da História, que acontecia."[227] Através de um processo de metonímia, estas três pessoas, mas principalmente o *punctum* da mulher séria, representam o "Portugal inteiro", ao mesmo tempo que Salazar se confunde com a própria nação através do seu lugar na História.

Tal como vários historiadores e cientistas sociais têm demonstrado, o povo do Estado Novo foi um elemento encenado, de vários modos e em vários suportes, para servir os seus propósitos políticos. João Leal, por exemplo, contrapõem os etnográfos criadores do Museu de Etnologia com os etnográfos do regime:

> "Para Jorge Dias - como para a maioria dos etnógrafos que o antecederam - a prioridade estava do lado da recolha e da interpretação, mas, para os etnógrafos do Estado Novo, o importante era a encenação. Enquanto os segundos fundaram o Museu de Arte Popular, o primeiro criou o Museu de Etnologia."[228]

O povo é, assim, o símbolo mais polissémico deste ritual onde uma infinidade de mitos se podem encenar e espelhar. Mas, enfim, o antigo Presidente do Conselho era popular a vários níveis. *O Século Ilustrado*[229] publicou uma foto de um homem que, numa berma de estrada de terra batida, provavelmente no Vimieiro, negociava artigos relacionados com o antigo Chefe do Governo. Segundo a legenda: "Biografias e retratos do prof. Salazar eram vendidas, a preços populares."

4.3.6. País Multirracial e Guerra Colonial

No "Acto Colonial" de 1930, redigido, na sua maioria, por Salazar, o artigo 2º dizia: "É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar populações indígenas."[230] Tal como Torgal, sublinha, "(...) a ideia de Nação suporá sempre a ideia de ‹‹Império Colonial›› (...) mas dificilmente integrará os

---

[227] Cfr. *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.10

[228] Cfr. João Leal, "Usos da cultura popular" in José Neves (coord.), *Como Se Faz Um Povo*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2010, p.129

[229] Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.43

[230] Cfr. Acto Colonial, promulgado pelo Decreto nº 18 570, de 8/7/1930, citado em Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, p.324

‹‹indígenas›› (palavra oficial, que significa, *lato sensu*, ‹‹filho da terra›› e, em sentido literal, ‹‹originário de dentro››) no conceito de ‹‹cidadania portuguesa›› (...)".[231] Contudo, depois da Segunda Guerra Mundial, o conceito de "colónias" começou a tornar-se incómodo na arena internacional e o Estado Novo iniciou um processo de alteração do seu mito incorporando algumas simplificações das teorias de Gilberto Freyre sobre a originalidade colonialista portuguesa.[232] Portugal passou, assim, na opinião de Torgal, a ser representado como "(...) uma espécie de microcosmos europeu, onde se teria verificado um encontro e uma variedade de culturas. Desta forma, haveria uma identidade nacional e, simultaneamente, um multirracialismo e um multiculturalismo."[233], sendo que, "(...) o multirracialismo foi, na verdade, o grande mito da política colonial ou ultramarina portuguesa."[234] Esta mudança para uma política de assimilação seria, contudo, segundo o historiador, essencialmente retórica. Na realidade encenada do funeral de Salazar, o povo é, portanto, constituído por pessoas de várias "categorias sociais" mas nunca é "multiracial". Como se irá expor, o país e os cidadãos portugueses é que são multiraciais. Estabelece-se, assim, uma diferença subtil entre a entidade 'povo', enquanto elemento ontológico e identitário de Portugal, e os vários 'povos' do 'Império Português', corolário do mito imperialista nacional.

A primeira página da edição de 29 de Junho do *Diário da Manhã* é um símbolo interessante da evolução que ocorreu no pós-II Guerra Mundial. As parangonas do jornal, que ocupam aproximadamente um sexto da área total, anunciam que, "Portugueses de todas as etnias de S. Bento aos Jerónimos exprimiram o seu profundo desgosto pela morte do Presidente Salazar". Por baixo deste título, duas imagens funcionam em dialéctica. Na primeira, o caixão envolto na bandeira nacional é transportado aos ombros por militares através dos jardins do Palácio de S. Bento sob o olhar contido de Marcello Caetano e outras personalidades políticas. Na segunda, vê-se um pormenor do desfile funerário público em que um tríptico de 'representantes' dos portugueses se destacam: uma mulher idosa de rugas cavadas e expressão triste e um mulato alto que olha na direcção de uma outra mulher que parece virar a cara à câmara devido à sua incapacidade de conter as lágrimas. A legenda indica que, "Cenas como a desta imagem que publicamos repetiram-se

---

[231] Cfr. Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 472

[232] *Ob. cit.*, p.492

[233] *Ob. cit.*, p.472

[234] *Ob. cit.*, p.493

ontem constantemente entre São Bento e os Jerónimos. Portugueses de todas as etnias e de todas as idades choraram a morte do maior português do nosso século." Existe, portanto, neste periódico, que, convém notar, era o jornal oficial da Acção Nacional Popular[235], um esforço de retórica assimilacionista. As várias etnias nacionais são consideradas portuguesas logo, implicitamente, cidadãos de Portugal. Curiosamente, uma fotografia semelhante foi utilizada pelo *Diário de Lisboa.*[236] Nesta imagem, obtida segundo a mesma perspectiva, mas alguns segundos antes ou depois, a mulher em primeiro plano passa um lenço pelos olhos e o mulato olha em frente e não na direcção da outra mulher. A legenda menciona que, "Algumas pessoas emocionaram-se durante o cortejo". Podemos assim notar que esta fotografia, apesar de uma *mise en scène* semelhante, não mereceu um destaque especial nem serviu a narrativa mitológica do *Diário da Manhã*. Tal como foi analisado no segundo capítulo deste trabalho, a legenda e o posicionamento relativo de uma fotografia na panóplia de símbolos de um jornal permite leituras diversas sobre o abismo de significados de uma imagem.

A questão colonial foi acentuada por um acontecimento que decorria em simultâneo com a morte de Salazar e que com este se interligou. Poucos dias antes do falecimento do antigo Chefe de Governo, o Presidente da República partira em visita oficial a S. Tomé. As fotografias desta notícia tentaram, mais uma vez, mostrar um país de vários povos que saudaram com júbilo o representante português. Nem todos os jornais tiveram a oportunidade de acompanhar a missão presidencial, provavelmente devido aos elevados custos, mas algumas imagens e as suas legendas são elucidativas desta relação: "O protocolo foi constantemente quebrado, como foram dispensadas quaisquer medidas de segurança quando o Chefe do Estado esteve em contacto directo com as populações de S. Tomé que lhe prestaram tão respeitoso quanto carinhoso e entusiástico acolhimento."[237] Durante a visita de Estado, Américo Thomaz assistiu às exéquias realizadas em honra de Salazar na ilha. Numa das fotografias deste evento, pode ver-se, em primeiro plano, um negro na igreja, pobremente vestido, de joelhos, com uma bíblia nas mãos e olhar penitente. Em segundo plano, entrevêem-se várias pessoas caucasianas de pé, em posição solene. O negro é,

---

[235] A Acção Nacional Popular é o produto da redenominação e reorganização da União Nacional decidida em Fevereiro de 1970, durante o V congresso desta organização e que fez parte de um conjunto de mudanças, essencialmente formais, encetadas pelos governos de Marcello Caetano. Signicantemente, este conseguiu assim que "(...) o nome de Salazar, que ainda figurava no topo da única organização política aceite pelo regime, desaprecia, formal e definitivamente, das instituições do Estado Novo (...)", José Manuel Tavares Castilho, *Marcelo Caetano: Uma Biografia Política*, Coimbra, Ed. Almedina, 2012, p.558

[236] Cfr. *Diário de Lisboa*, 28 de Julho de 1970, p.16

[237] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.5

nitidamente, o centro da imagem devido ao enquadramento e à iluminação e esse facto é sublinhado pela legenda que ignora os restantes elementos: "O sentimento que se apoderou da população de S. Tomé ao tomar conhecimento da morte do presidente Salazar, está bem patente na expressão deste velho são-tomense, que reza nas exéquias pelo antigo Presidente do Conselho"[238]. Assim, recorrendo a um processo de metonímia, a população de S. Tomé é descrita como um povo negro, pobre, submisso e de joelhos perante a 'Nação Imperial e Católica'.

Alguns artigos biográficos sobre Salazar também arriscaram uma relação com o Ultramar que foi, no melhor dos casos, forçada. Por exemplo, o *Diário de Notícias* publicou, na página 17, de 28 de Junho, uma fotografia que retrata o antigo Chefe do Governo com um grupo de crianças e uma freira, com a seguinte legenda: "Salazar foi o maior defensor do nosso Ultramar. Esta imagem - a última da sua vida política - foi registada quando, no dia 31 de Agosto, na sua residência de Santo António do Estoril, recebia um grupo de futuras professoras de Malanje". O jornal *A Capital* aludiu ao mesmo acontecimento recorrendo a uma fotografia que não incluía a freira e enquadrando o evento de um modo completamente diferente: "A última audiência no Forte de Santo António, em São João do Estoril, poucos dias antes da doença"[239]. Neste caso, o contraste entre a idade avançada do Presidente do Conselho e as crianças reunidas à sua volta transmite a imagem de um passar do testemunho que se avizinhava.

Uma vez que Salazar nunca viajou até aos territórios do Império, os periódicos recorreram a imagens de quando o 'Império viajou até ele'. O *Diário de Notícias*[240], por exemplo, publicou uma imagem de Salazar sorrindo enquanto falava com um guineense vestido de fato e gravata com a seguinte legenda: "Trocando amistosas impressões com um velho natural da Guiné". *A Voz*[241] reproduziu uma fotografia semelhante com outro negro com um texto em que realça o "nosso ultramar": "Salazar viveu intensamente o nosso Ultramar. Aqui o vemos recebendo uma recordação das mãos de um angolano". O *Diário de Notícias* (da Madeira)[242] optou por uma imagem de um encontro entre o antigo Chefe do Governo e uma delegação de régulos africanos vestidos com trajes indígenas: "Esta fotografia pode considerar-se um documento do interesse que os problemas

---

[238] Cfr. *O Século*, 30 de Julho de 1970, p.2

[239] Cfr. *A Capital*, 27 de Julho de 1970, p.6

[240] Cfr. *Diário de Notícias,* 28 de Julho de 1970, p.20

[241] Cfr. *A Voz*, 27 de Julho de 1970, p.1

[242] Cfr. *Diário de Notícias* (da Madeira), 28 de Julho de 1970, p.6

ultramarinos sempre mereceram a Salazar: Régulos africanos trocando impressões com o Prof. Salazar".

Uma caixa de notícia do *Diário de Notícias*, intitulada "País Multiracial", resume a problemática do Império português e lança algumas pistas sobre as representações da guerra colonial no funeral do antigo Presidente do Conselho. A caixa é constituída por um díptico em que numa das imagens se vê Salazar a ser abraçado calorosamente por uma mulher sorridente negra e em que noutra se mostra o antigo Chefe do Governo a condecorar um militar. As fotografias são acompanhadas por um pequeno texto:

> "A Nação portuguesa é constituída por povos de várias raças e credos religiosos. Ao prof. Oliveira Salazar foi sempre reconhecido o alto mérito com que soube interpretar a comunhão multirracial do País que governou com invulgar inteligência e saber. A comunicabilidade dos sentimentos dos portugueses está expressa nestas duas gravuras. Uma mulher de cor abraça entusiasticamente o grande estadista. E este condecora um herói pelos seus feitos militares praticados em defesa do nosso património africano" [243]

É de realçar que o funeral de Salazar ocorreu após uma década de elevada contestação na arena internacional, especialmente na ONU, contra a guerra e a presença colonial de Portugal em África. Além disso, dois acontecimentos que decorreram em 1970 intensificaram esta crise. A 1 de Abril, Mário Soares deu uma conferência de imprensa em Nova Iorque, durante a qual denunciou o colonialismo português, que, segundo José Manuel Tavares Castilho, foi fortemente mediatizada e difundiu a problemática para um público mais alargado. [244] A 1 de Julho do mesmo ano, o papa Paulo VI realizou um encontro informal com alguns representantes dos movimentos de libertação das colónias (Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Marcelino Santos) que provocou uma ainda maior repercussão internacional da questão colonial. [245]

Contudo, apesar deste contexto externo, o discurso enunciável em Portugal continuava fortemente controlado. Nos periódicos em análise, os temas do Ultramar e da Guerra Colonial são raramente mencionados, excepto para indicar, exaustivamente, as exéquias que iam ser realizadas naquelas regiões. O *Diário de Lisboa* imprimiu em parangonas o título "A questão do Ultramar (na

---

[243] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Junho de 1970, p.23

[244] Cfr. José Manuel Tavares Castilho, *Marcelo Caetano: Uma Biografia Política*, Coimbra, Ed. Almedina, 2012, p.579

[245] *Ob. cit.*, p.591

última década do governo) pôs à prova a política do Prof. Dr. Oliveira Salazar"[246], mas não incluiu nenhuma fotografia sobre este assunto. Já o *Diário de Notícias* publicou o artigo "Sentinela vigilante do Ultramar Português"[247], acompanhando-o de uma imagem de Salazar a ser condecorado enquanto defensor dos "valores nacionais" contra o "terrorismo".[248] As restantes representações referem-se a três fotografias de Salazar abraçado a soldados portugueses com as seguintes legendas: "Perante a Nação e perante o Mundo, o prof. Salazar ficará como o símbolo da resistência em África. Na imagem, abraçando um herói que acabara de condecorar"[249]; "10 de Junho de 1963 - Salazar abraça um dos militares condecorados por feitos no Ultramar"[250]; "Salazar quiz entregar pessoalmente, a muitos dos heróis do Ultramar, as condecorações com que foram distinguidos pelos seus feitos em campanha"[251]. A revolta, a guerra, a violência, os soldados independentistas, nunca aparecem. Só existem "heróis" que defendem os "povos de várias raças" que constituem a "Nação portuguesa".

4.3.7. Vaticano, Concordata e Igreja

A Igreja Católica, no sentido da sua estrutura hierárquica constituída por cardeais, bispos, padres e eclesiásticos responsáveis por diversos organismos religiosos nacionais ou sectoriais, foi um dos pilares fundamentais do Estado Novo. Segundo Rosas[252], esta relação teve duas fases: consolidação da "união moral" entre 1926 e 1958 e crise entre este ano e 1968. Assim, num primeiro momento, apesar da Constituição de 1933 ter consagrado Portugal como um estado laico[253], ocorreu uma evolução formal e orgânica ao longo das décadas seguintes que assimilou a Igreja, progressivamente, na estrutura ideológica do Estado Novo. A Concordata e o Acordo Missionário assinados em 1940 foram a consagração legal e simbólica deste processo que conferiu ou restituiu vários privilégios à Igreja (por exemplo, regresso da indissolubilidade do casamento

---

[246] Cfr. *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de1970, p.13

[247] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.21

[248] Legenda: "O presidente do Município de Carmona, em 1961, ofereceu a Salazar um símbolo da cidade que, na hora trágica da eclosão do terrorismo foi sentinela e exemplo de defesa dos valores nacionais" Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de1970, p.21

[249] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.20

[250] Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.12

[251] Cfr. *Diário de Notícias* (da Madeira), 28 de Julho de 1970, p.7

[252] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, pp.257-280

[253] A palavra 'Deus' só entrou na Constituição portuguesa com Marcello Caetano. Cfr. Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p.423

católico, ensino religioso nas escolas, instituição de uma hierarquia paralela à hierarquia militar nas Forças Armadas).[254] Rosas salientou que o Estado Novo não cedeu em tudo o que o Vaticano exigiu[255] e estudos recentes indicam que a Concordata portuguesa foi menos generosa do que aquelas que foram estabelecidas com outros países.[256] O equilíbrio tentado constitui-se na cedência à Santa Sé do maior número de regalias possível de modo a esta desempenhar o seu papel legitimador do regime sem provocar sentimentos anti-clericais entre os apoiantes da ditadura.

Devido à importância política e simbólica da Concordata, vários periódicos mencionaram-na na altura da morte do antigo Chefe do Governo [257] ilustrando-a com fotografias singelas de Salazar e do Núncio Apostólico, monsenhor Ciriacci, a assinarem o documento legal na presença de outras individualidades políticas e eclesiásticas. A maioria das legendas são bastante lacónicas sendo, contudo, de realçar a de *O Século* que sublinha a dimensão de política externa do acto e a iniciativa e empenho do Presidente do Conselho nele: "A Concordata com a Santa Sé foi uma constante da política externa, conduzida ou inspirada pelo prof. Salazar: o acto da sua ratificação, em Junho de 1940."[258]

A partir de 1958, uma série de fracturas conduziram a uma crise na relação do Estado Novo com uma Igreja que começava a incluir elementos que se definiam como progressistas, apesar de não serem, necessariamente, democratas. Esta crispação atingiu o seu ponto político mais problemático em 1964 com a notícia de que o Papa Paulo VI iria deslocar-se ao Congresso Eucarístico em Bombaim, na União Indiana. As chagas da anexação de Goa (que, aparentemente, o sumo pontífice chegou a considerar visitar) ainda estavam latentes. Salazar respondeu liminarmente ao Papa através do Cardeal Cerejeira, mandou Franco Nogueira sublinhar a gravidade, inutilidade e injustiça da acção numa conferência de imprensa, proibiu a publicação de qualquer artigo sobre a viagem e accionou medidas policiais e administrativas contra qualquer figura eclesiástica que

---

[254] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, p.258

[255] *Ob.cit.*, p.267

[256] Cfr. Rita Almeida Carvalho, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013, p.598

[257] "A Concordata com a Santa Sé: A 1 de Janeiro de 1940, o prof. Oliveira Salazar, nessa ocasião Presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros, troca com o Núncio Apostólico, monsenhor Ciriacci, os instrumentos de ratificação da Concordata e do Acordo Missionário firmados por Portugal e a Santa Sé" Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.23; "Acto de assinatura da Concordata e do Acordo Missionário com a Santa Sé" Cfr. *Jornal de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.22; "Assinatura da ratificação da Concordata e do Acordo Missionário, entre Portugal e a Santa Sé" Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.28.

[258] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.19

defendesse a posição do Papa. Todas estas acções foram aceites com o beneplácito do Cardeal de Lisboa. Como forma de amenizar as relações entre os dois Estados, Paulo VI concedeu a Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima e visitou-o em 1967. Mesmo assim, a viagem incluiu algumas subtilezas protocolares que indiciavam o progressivo afastamento entre o Vaticano e o Estado Novo: a visita papal não decorreu de um convite do governo português, mas da diocese de Leiria; o papa não desembarcou no aeroporto de Lisboa, mas no aeródromo de Monte Real; e, quando no Santuário de Fátima, rezou "pela paz no mundo".[259] Apesar desta cisão, os periódicos, segundo Luís Trindade, realizaram uma cobertura exaustiva e apoteótica: "Os títulos dos jornais, como sempre, procuraram exprimir toda a intensidade de um momento vivido como se não fizesse bem parte deste mundo. 'É Cristo que vem até nós', garantia logo no dia 10, o *Diário da Manhã*; 'O céu ao alcance da terra!', extasiava o *Diário de Notícias*, no próprio dia 13."[260] Este momento foi relembrado em vários artigos biográficos publicados durante o funeral de Salazar. Apesar da cobertura, "sobretudo fotográfica"[261], do evento, em 1967, os jornais optaram por o representar, em 1970, com uma simples fotografia[262] em que os dois Chefes de Estado se cumprimentam cordialmente e, talvez, mais afectuosamente do que a produção historiográfica indica. Nenhum dos periódicos mencionou os graves problemas que ainda existiam entre as duas entidades. Pelo contrário, as legendas indicam que nesta ocasião Salazar, "(...) teve a oportunidade de contactar uma das [personalidades] mais gratas do seu coração (...)"[263] e que foi recebido "afectuosamente"[264] pelo Papa.

Apesar da distanciação e instrumentalização da Igreja que Salazar operou após entrar no Governo, ele possuía um passado católico evidenciado pela sua educação seminarista (alguns

---

[259] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, p.280

[260] Cfr. Luís Trindade, *Primeiras Páginas: O Século XX nos jornais portugueses*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2006, p. 148

[261] *Ob. cit.*, p. 148

[262] "Entre os milhares de personalidades ilustres com quem teve oportunidade de contactar, uma das mais gratas do seu coração terá sido, sem dúvida, o Papa Paulo VI, em Fátima" Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.19; "O Papa Paulo VI que esteve em Portugal como peregrino de Fátima por ocasião do cinquentenário das aparições na Cova da Iria, recebe os cumprimentos do Presidente do Conselho, prof. dr. Oliveira Salazar" Cfr. *O Comércio do Porto*, 28 de Julho de 1970, p.15; "Fátima, 13 de Maio de 1967 - Salazar é recebido afectuosamente pelo Papa Paulo VI" Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.10; "Maio de 1967: Paulo VI, peregrino em Fátima, recebe os cumprimentos do Presidente do Conselho" Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.28

[263] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.19

[264] Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.10

periódicos publicaram a fotografia da turma de 1907-08[265]) e por uma intervenção política no Centro Católico Português. Devido a estes factores e à sua contínua tentativa de identificação com Portugal, o funeral foi católico com uma profusão de símbolos desta religião: crucifixos, figuras de santas, missas em várias igrejas, cortejos fúnebres, enterro cristão. Contudo, apesar da omnipresença destes elementos nas fotografias, eles, geralmente, apontam para outros componentes do ritual: figuras públicas e políticas, o povo, a imponência do Mosteiro, o cortejo híbrido, isto é, mais estatal do que religioso, etc. Por exemplo, numa imagem publicada por *O Primeiro de Janeiro*[266] vê-se um grupo de seis eclesiásticos a saírem do Mosteiro dos Jerónimos carregando um grande crucifixo. Atrás de si, outros clérigos, militares e a população espectadora. Do lado esquerdo do enquadramento, perto da margem deste, encontra-se Marcello Caetano olhando para fora de campo. Contudo, apesar de este não ser, claramente, o centro da fotografia, nem sequer o seu possível *punctum*, a legenda reproduz a seguinte informação: "O Presidente do Conselho à saída dos Jerónimos".

De entre os eclesiásticos, o Cardeal Patriarca de Lisboa é o mais representado[267], tanto nos artigos biográficos que mencionam os "raríssimos" encontros com Salazar - "dois homens de excepção" [268] - como nas visitas a S. Bento após o falecimento deste e no funeral no Mosteiro dos

---

[265] Legendas das imagens de Salazar seminarista: "Um documento raro: o prof. Oliveira Salazar (o primeiro da esquerda, sentado), quando ainda estudante no Seminário de Viseu" Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.17; "Os alunos do curso do 3º ano do Seminário de Viseu (1907-1908) com os respectivos professores, à esquerda, vê-se o estudante Oliveira Salazar" Cfr. *A Capital*, 27 de Julho de 1970, p.7; "Salazar estudou no Seminário de Viseu. Vêmo-lo, na fotografia - o primeiro, sentado, a contar da esquerda" Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.53; "O curso do Seminário de Viseu, de que fazia parte o prof. Oliveira Salazar. Da esquerda para a direita (1.º plano):António de Oliveira Salazar, cónego dr. António Marques de Figueiredo, cónego dr. José Rito e Cunha, p. António Ferreira de Sousa Duarte; (2.º plano): p. Manuel Paes Alexandre, p. Vasco Pereira Matos Azevedo, p Luís Henriques de Figueiredo, p Maximiano Paes d'Almeida e eng. Francisco Tristão Ferreira d'Almeida" Cfr. *Vida Mundial*, 31 de Julho de 1970, p.5

[266] Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 31 de Junho de 1970, p.5

[267] Legendas de algumas das fotografias: "A amizade exemplar de dois homens de excepção: - O cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira e o antigo condiscípulo e companheiro de Coimbra, Dr. António de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros, num dos raríssimos encontros" Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.7; "D. Manuel Gonçalves Cerejeira, conversando com Salazar, antigo companheiro dos anos de Coimbra" Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.29; "Companheiro do prof. Salazar desde os tempos de Coimbra, o cardeal Cerejeira, seu grande amigo, acompanhou-o em todos os momentos. Aqui os vemos já depois da enfermidade que, em Setembro de 1968, pôs diversas vezes o antigo chefe do Governo às portas da morte" Cfr. *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1970, p. 13; "Com a dor estampada no rosto, S. E. o Cardeal-Patriarca delecto amigo de sempre, desce, talvez pela última vez as escadas da casa da Rua da Imprensa" Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.7; "O Cardeal-Patriarca de Lisboa procedendo à absolvição da urna com os restos mortais do Presidente Salazar" Cfr. *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.16.

[268] "A amizade exemplar de dois homens de excepção: - O cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira e o antigo condiscípulo e companheiro de Coimbra, Dr. António de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros, num dos raríssimos encontros" Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.7

Jerónimos. O segundo mais representado e identificado é o Monsenhor Moreira das Neves[269], responsável pela elogio fúnebre que foi reproduzido, parcial ou integralmente, em vários jornais.[270]

No geral, portanto, apesar de omnipresente, a Igreja não possui um lugar de destaque nas representações visuais do funeral de Salazar. Existem, contudo, algumas excepções relevantes. Por exemplo, na edição do dia 31 de Junho de 1970, o *Diário da Manhã* publicou uma fotografia que ocupa longitudinalmente mais de um quinto da área da primeira página e na qual se vê a plateia oficial na abside durante a missa.[271] Do lado esquerdo, estão as figuras políticas e militares mais importantes do Estado, nomeadamente Américo Thomaz e Marcello Caetano, e, do lado direito, apresentam-se várias individualidades eclesiásticas. Todos levantados, o Estado de mãos cruzadas e expressão solene, a Igreja envergando os seus diferentes hábitos. A legenda descreve de forma sucinta o quadro: "O Chefe do Estado, o Governo e o Clero no Mosteiro dos Jerónimos". Esta é, portanto, a imagem inversa do povo - a imagem do poder: cerimonioso, controlado, não emotivo, bem vestido, em pose. O poder está sempre onde deve estar e nunca se descontrola ou mistura com as restantes pessoas. Numa outra fotografia vê-se Monsenhor Moreira das Neves a ler o elogio fúnebre e alguns elementos do Governo e do Clero em segundo plano. Recorrendo a um processo de metonímia, a legenda enuncia todo o poder do Estado Novo que se encontra *por detrás* do eclesiástico: "No templo dos Jerónimos, cheio de representantes especiais de numerosos países, de membros do Governo, de deputados e procuradores, de industriais, banqueiros, financeiros e de numerosas senhoras, mons. Moreira das Neves leu o elogio fúnebre do extinto." [272] Assim, esta imagem resume a função central da Igreja durante o EstadoNovo: ao colocar-se ao lado da ditadura, estabeleceu uma legitimação teológica e ideológica do regime e das suas elites.

---

[269] "No templo dos Jerónimos, cheio de representantes especiais de numerosos países, de membros do Governo, de deputados e procuradores, de industriais, banqueiros, financeiros e de numerosas senhoras, mons. Moreira das Neves leu o elogio fúnebre do extinto. Citou a frase histórica ‹‹Morreu o Homem›› e comparou a figura de Salazar à do rei D. João II" Cfr. *Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1970, p.10; "Monsenhor Moreira das Neves, quando proferia o elogio fúnebre de Salazar" Cfr. *Diário Popular*, 30 de Julho de 1970, p.7; "Monsenhor Moreira das Neves proferindo, na Igreja dos Jerónimos, o elogio fúnebre de Salazar" Cfr. *Jornal de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.2; "O Padre Moreira das Neves proferindo o elogio fúnebre" Cfr. *As Novidades*, 31 de Julho de 1970, p.3

[270] Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.8; *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.8; *A Capital*, 30 de Julho de 1970, p.2; *O Comércio do Porto*, 31 e Julho de 1970, p.1,11; *Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1970, p.9; *Diário Popular*, 30 de Julho de 1970, p.7, 9; *Jornal de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.2, 6; *O Primeiro de Janeiro*, 31 de Julho de 1970, p.5; *As Novidades*, 31 de Julho de 1970, p.3; *A Voz*, 31 de Julho de 1970, p.1, 5; *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.32

[271] A mesma fotografia foi reproduzida, mas em muito menor dimensão, no periódico *A Voz*, 31 de Junho de 1970, p.1

[272] Cfr. *Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1970, p.10

4.3.8. Militares

Tal como o clero, existe outro grupo social frequentemente fotografado no funeral, mas raramente identificado: os militares. Eles aparecem em várias imagens dos cortejos fúnebres e ladeando o esquife no Mosteiro dos Jerónimos. Contudo, quase só são nomeados nas legendas quando transportam aos "ombros" o caixão do antigo Presidente do Conselho.[273]

A revista semanal *Flama*[274] dedicou duas páginas a este tema reproduzindo três fotografias do funeral do Vimieiro acompanhadas do título: "Exército: Apoio até ao fim". A primeira imagem mostra dois militares a içarem o caixão do exterior da estação de Santa Comba Dão para cima do armão. As outras duas assentam numa beleza coreográfica próprias destas formações. Numa delas vê-se mais de uma dezena de espingardas erguidas, associadas a braços de corpos sem cara. Em primeira plano, surge o único militar de que se vê a expressão e que, sem nenhuma arma na mão, terá dado a ordem de disparo de três descargas de pólvora seca. Na última fotografia, a guarda de honra, de espingardas apontadas ao chão, apresenta-se em sentido à frente do cortejo fúnebre que se descortina ao fundo. A posição da câmara produziu um contraluz que obscureceu as expressões dos militares. Mais uma vez, não se descortinam as caras. O exército surge assim representado como um conjunto sem forma, anónimo e funcional: não é constituído por pessoas, mas por braços e espingardas ao serviço do Estado. Por outro lado, uma fotografia reproduzida por três periódicos[275], nomeadamente com destaque de primeira página em *As Novidades* e *Diário Popular*, mostra dois guardas da GNR, em sentido, num plano médio apertado. Ao fundo, entre as duas cabeças, entrevê-se o caixão de Salazar a ser transportado pela escadaria exterior do Palácio de S. Bento. Nesta imagem, os militares enquadram o poder e surgem enquanto garante e protector deste.

---

[273] Legendas de algumas fotografias em que é reiterado o facto de os militares levarem o caixão "aos ombros": "No trajecto entre a residência e o Palácio da Assembleia Nacional, a urna, transportada aos ombros de elementos da Polícia Militar, precedia um pequeno cortejo formado pelo Presidente Marcello Caetano e outras altas individualidades" Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.8; "A saída do féretro levado aos ombros dos militares" Cfr. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.8; "A urna sai da estação de Santa Comba aos ombros dos soldados" Cfr. *O Comércio do Porto*, 31 de Julho de 1970, p.10; "Do armão militar que o levou de S. Bento, soldados levam aos ombros a urna" Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 29 de Julho de 1970, p.11; "Aos ombros de militares a urna do Presidente Salazar atravessa os jardins do Palácio de S. Bento" Cfr. *Diário da Manhã*, 29 de Julho de 1979, p.1; "A urna do Presidente Salazar aos ombros de Marinheiros [Marinha de Guerra]" Cfr. *Diário da Manhã*, 31 de Julho de 1970, p.6; "Aos ombros de militares dos três ramos das Forças Armadas, a urna de Salazar encaminha-se lentamente para o comboio que a transportará até Santa Comba" Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.34

[274] Cfr. *Flama*, 7 de Agosto de 1970, pp.42-43

[275] "De um hieratismo rígido, como que feito de pedra, os dois membros da G.N.R. enquadram a urna que deixa o edifício da Assembleia Nacional" Cfr. *O Comércio do Porto*, 29 de Julho de 1970, p.9; "A urna, à saída do Palácio da Assembleia Nacional" Cfr. *Diário Popular*, 28 de Julho de 1970, p.1; "A urna à saída do Palácio de S. Bento" Cfr. *As Novidades*, 29 de Julho de 1970, p.1

O periódico *Flama* [276] também publicou, na sua edição especial dedicada à biografia de Salazar, algumas fotografias anódinas com um título geral paralelo ao acima analisado: "Salazar: Apoio constante das Forças Armadas". Estas imagens são relativas ao período imediatamente anterior à ascensão do então ministro das Finanças da Ditadura Militar a Presidente do Conselho. Através dos títulos e legendas,[277] as fotografias reiteram o processo de amnésia já analisado que consistiu na criação do "mito do passeio triunfal do '28 de Maio' ao advento do Estado Novo".[278] De facto, Salazar possuía poucos apoios entre os comandos militares quando tomou posse como ministro das Finanças, em Abril de 1928. Estes resumiam-se a alguns elementos inorgânicos e instáveis e ao 'tenentismo' fascizante. Neste contexto, uma revolta armada contra os militares republicanos conservadores estava votada ao fracasso e, de qualquer modo, o exército ainda era útil para combater o reviralhismo. Salazar optou por realizar, nos quatros anos seguintes, um conjunto de manobras políticas que lhe permitiram ascender a Presidente do Conselho e impor a sua versão política e ideológica para o país. O Presidente General Carmona foi um dos mais importantes aliados desta caminhada, considerando o 'mago das finanças' insubstituível e, na prática, concedendo-lhe o poder de veto sobre os membros dos sucessivos governos. O ponto de viragem decisivo e simbólico aconteceu no sexto aniversário do '28 de Maio', durante o qual Salazar leu o discurso intitulado "Exército e a Revolução". Tal como Rosas argumenta, "Homenageando as Forças Armadas e aceitando a sua suprema tutela sobre os destinos do país e da ‹‹Revolução Nacional››, Salazar anuncia ter chegado o momento de elas regressarem às suas tradicionais funções de defesa e segurança, para bem do prestígio e dignidade do seu papel."[279] Mesmo assim, os militares continuaram activos politicamente e só a recandidatura de Carmona à Presidência da República, em 1934, e o assumir da pasta da Guerra por Salazar, em 1936, estabeleceu alguma calma passageira nesta frente. De facto, o descontentamento militar, com várias origens e causas, foi uma preocupação constante do Estado Novo. Até ao seu fim, levado a cabo pela revolução dos 'capitães de Abril'. [280]

---

[276] Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.6

[277] Legendas das três fotografias de *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.6: "Os comandantes das unidades da guarnição de Lisboa (Abril de 1928) com o então ministro das Finanças, junto de quem foram manifestar o seu apoio à obra por ele realizada."; "O doutor Oliveira Salazar contou sempre com o apoio das Forças Armadas. Ei-lo, em cima, com uma comissão da Marinha (1931) que lhe foi manifestar lealdade e, em baixo, discursando por ocasião da entrega das insígnias da ‹‹Torre e espada›› que lhe foi conferida (em 1932) pelas forças de terra, mar e ar."

[278] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, pp.70-156

[279] *Ob. cit.*, p.116

[280] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, pp.212-213

Em conclusão, as ritualizações que o Estado moderno organiza possuem várias funções.[281] A inclusão do exército, a vários níveis, nomeadamente através de paradas militares, nestes eventos serve como demonstração da sua subordinação e obediência ao Estado e como manifestação do poder armado do regime. Toda a representação visual das Forças Armadas é orientada no sentido de as transformar numa massa homogénea e anónima ao serviço do Estado. Nesse sentido, a relevância e eficácia dos símbolos são tanto maiores quanto menos enunciados são o seu significante e significado.

4.3.9. Políticos Estrangeiros

A política externa foi sempre um elemento central do Estado Novo, como se pode constatar pelos períodos em que o Presidente do Conselho puxou a si a pasta do Ministério dos Negócios Estrangeiros, assim como pelo relevo político de certas personalidades associadas a este gabinete (por exemplo, Pedro Theotónio Pereira e Franco Nogueira). Em 1970, contudo, a situação política do regime na arena internacional era periclitante. Portugal, um pequeno país da Europa, era a última potência colonizadora de África e a guerra do Ultramar já se alastrava há quase uma década. Ao longo dos anos sessenta, as resoluções da ONU sobre este tema, especialmente após a eleição de John Kennedy, tinham-se tornado cada vez mais difíceis de gerir e o governo começou a perder aliados que antes considerava seguros. No início do seu mandato, Marcello Caetano empreendeu um conjunto de viagens diplomáticas internacionais, nomeadamente ao funeral de Dwight Eisenhower, durante o qual tentou obter de Richard Nixon, mais receptivo que o seu antecessor, apoio logístico para a guerra em África.[282] Mas, um ano depois, Mário Soares realizou a conferência de imprensa em Nova Iorque que difundiu, para lá das janelas de vidro da ONU, aquela questão e o suposto liberalismo do novo Presidente do Conselho. Por fim, a 1 de Julho de 1970, o papa Paulo VI recebeu alguns dos representantes dos movimentos de libertação das colónias - Amílcar Cabral (Guiné), Agostinho Neto (Angola) e Marcelino Santos (Moçambique) - projectando ainda mais internacionalmente a luta contra o colonialismo português. [283]

---

[281] Ver Fernando Catroga, "Ritualizações da História" in Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História de Portugal. Séculos XIX-XX*, Vol. II, Lisboa, Temas e Debates e Autores, 1998, pp. 221-361

[282] Cfr. José Manuel Tavares Castilho, *Marcelo Caetano: Uma Biografia Política*, Coimbra, Ed. Almedina, 2012, p.477

[283] *Ob. cit.*, p.591

É neste contexto de acesa crítica externa que é necessário analisar a importância conferida pelos jornais portugueses à opinião do estrangeiro sobre Salazar e à presença de representantes de outros países no funeral. A nível dos textos biográficos, existe um número significativo de artigos relativos a este aspecto, como os seguintes títulos de artigos atestam: "A Política externa e a extraordinária acção diplomática do Prof. Oliveira Salazar"[284]; "Salazar e a fraternal ligação de Portugal com o Brasil"[285]; "Salazar: Política de entendimento peninsular"[286]; "Salazar: Um sorriso voltado para o Ocidente"[287]; "Salazar: Presença na vida internacional"[288]. Um dos melhores exemplos desta relação é a caixa de notícia publicada pelo *Diário de Notícias* intitulada "Grandes da História pronunciaram-se sobre Salazar" [289] e que era constituída por um conjunto de retratos e citações de dez individualidades estrangeiras: Winston Churchill, Konrad Adenauer (antigo chanceler da República Federal da Alemanha), Papa Pio XII, Cardeal Spellman (antigo arcebispo de Nova Iorque), General Eisenhower, Dean Acheson (antigo secretário de Estado norte-americano), Generalíssimo Franco, Juscelino Kubitschek de Oliveira (antigo Presidente da República do Brasil), Alcide de Casperi (antigo chefe do Governo italiano) e Antoine Pinay (antigo Presidente do Conselho da França). A súmula, ou antes, o palimpsesto discursivo destas citações pode ser resumido do seguinte modo: Portugal - e "o amável e acolhedor povo português" (Franco) - "desempenha um papel importantíssimo" (Casperi) sendo de destacar "a fidelidade portuguesa aos compromissos assumidos e o exemplo que a nação lusa oferece ao Mundo, no seu espírito de defesa da civilização que ajudou a construir e a propagar" (Eisenhower). O "(...) exemplo honesto do viver português; a clareza da sua administração; a seriedade dos seus princípios de franca e leal colaboração e cooperação pela paz e pelo progresso da civilização (...)" (Churchill) permite-lhe continuar "(...) na sua rota de glória de povo cruzado e missionário (...)" (Papa Pio XII). Salazar, "senhor de uma rara inteligência, e até de um raro encanto" (Acheson), é "(...) um político extraordinário, com grande senso das responsabilidades e de uma capacidade administrativa difícil de ser ultrapassada (...)" (Spellman), que tem levado a cabo uma "obra milagrosa" (Adenauer) e na qual "A sua obra financeira é notável" (Pinay). Ele é a "grande voz do Ocidente" (Kubitschek Oliveira). A maioria das personagens olha de frente para a câmara, isto é, fala para os leitores e,

---

[284] Cfr. *Diário de Notícias,* 28 de Julho de 1970, p.20

[285] Cfr. *A Voz*, 27 de Julho de 1970, p.3

[286] Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.9

[287] *Ob. cit.*, p.23

[288] *Ob. cit.*, p.33

[289] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.21

como se pode constatar, o seu discurso editado corrobora as mitologias do Estado Novo funcionando como um eficaz dispositivo de propaganda interna e até externa. A caixa transmite a mensagem de que Portugal possuiu, logo possui, aliados estrangeiros poderosos (as principais potências mundiais estão representadas) que elogiam os portugueses, o seu país, o regime e as suas políticas.

Nos principais jornais periódicos nacionais esta imagem é reforçada através da publicação de um elevado número de fotografias de encontros entre políticos estrangeiros e o antigo Presidente do Conselho. Os países que merecem maior atenção são o Brasil, Espanha, EUA e Reino Unido - cada um com uma relação diferente com Portugal, frequentemente descrita em termos fraternais ou emotivos. As fotografias referentes ao Brasil são sobretudo relativas ao encontro de Salazar com o Presidente General Costa e Silva durante a visita deste a Portugal em 1966. Ambos os estadistas mostram-se muito sorridentes e as legendas descrevem, em termos afectuosos, a relação com o "país irmão" como um "caso à parte": "O antigo chefe do Governo tinha, reconhecidamente, uma grande ternura pelo país irmão de além-Atlântico."[290]; "O amor ao Brasil - um caso à parte no pensamento e na acção do prof. Oliveira Salazar."[291]. Por outro lado, Espanha é identificada como uma amiga de longa data. As imagens que colocam Salazar e o general Franco no mesmo enquadramento sublinham a importância da relação diplomática de "amizade" existente: "Com o generalíssimo Franco, Salazar teve repetidos contactos conducentes ao perfeito entendimento reinante entre Portugal e a Espanha. Na imagem do lado, Salazar e Franco quando do seu encontro em Ciudad Rodrigo, em 1957."[292]; "Um abraço histórico: o prof. Salazar e o generalíssimo Franco, em Outubro de 1949, reafirmam e confirmam a amizade luso-espanhola"[293]. Outras imagens, referentes ao conturbado período da Segunda Guerra Mundial, apresentam uma maior frieza.[294] Nalguns casos, Franco aparece 'fora de campo', como numa fotografia em que se vê Salazar dentro de uma carruagem de comboio antes de partir para Espanha.[295] No caso deste país, existe uma

---

[290] Cfr. *Jornal de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.13

[291] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de Julho, p.20

[292] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.23

[293] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.18

[294] Legendas: "Em 1942, Salazar foi a Sevilha conferenciar com Franco, num dos vários encontros que os dois estadistas tiveram, sempre perto da fronteira" Cfr. *O Século Ilustrado*, 1 de Agosto de 1970, p.46B; "Em Fevereiro de 1942, o prof Salazar deslocou-se a Sevilha, onde se avistou com o generalíssimo Franco, junto de quem se vê o então ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Serrano Suner, cunhado do Generalíssimo", Cfr. *Vida Mundial*, 31 de Julho de 1970, p.11

[295] "1940 - Salazar parte para Sevilha, para se avistar com Francisco Franco" Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.9

maior ambiguidade na representação parecendo evocar o adágio português, 'Amigos, amigos. Negócios à parte.' e que o antigo Presidente do Conselho expôs eloquentemente numa entrevista à revista argentina *Extra* em Junho de 1968: "Nós e a Espanha somos dois irmãos com casa separada. Tão vizinhos que nos podemos falar da janela, mas seguramente mais amigos por sermos independentes e zelosos da nossa autonomia." [296]

As relações com os EUA são mais formais apesar das fotografias escolhidas mostrarem os protagonistas com um riso largo (o de Eisenhower é um pouco mais forçado do que os restantes) e num ambiente pouco protocolar. O caso do Reino Unido é curioso. Com a excepção da caixa jornalística supra analisada, não existem mais imagens de Churchill, provavelmente devido à relação tensa entre este e Salazar durante a Segunda Guerra Mundial e, também, porque estes nunca se encontraram pessoalmente. Contudo, uma fotografia da Rainha Isabel II e Salazar obtida durante a sua visita a Portugal foi uma das imagens mais reproduzidas na imprensa analisada.[297] Neste caso, os dois governantes encontram-se sentados numa poltrona do Teatro S. Carlos e riem-se com agrado. Apesar de sentados, o fotógrafo colocou-se de joelhos conseguindo, assim, obter uma perspectiva discretamente de baixo para cima, evidenciada pelas sombras que o *flash* produziu na parede. As legendas enaltecem o "momento alto das relações luso-britânicas" e o "riso claro" da rainha do "nosso mais velho aliado". Além destes quatro países, existem mais algumas imagens de encontros de Salazar com representantes políticos de outras nações em que os personagens aparecem sempre bem dispostos permitindo construir uma imagem não só de grande cordialidade entre Portugal e outros Estados mas também de amizade e intimidade.

Apesar da relevância conferida às relações diplomáticas nos artigos biográficos, as notícias da imprensa internacional referentes à morte de Salazar, as mensagens de condolências de estadistas estrangeiros e a presença de representantes de vários países no funeral de Salazar obtiveram um ainda maior destaque. Devido à sua importância, transcreve-se aqui uma longa mas não exaustiva

---

[296] citado em Franco Nogueira, *Salazar: O Último Combate (1964-1970)*, Vol.VI, Porto, Livraria Civilização Editora, 1985, p.368

[297] Legendas: "Momento alto das relações luso-britânicas no riso claro da rainha Isabel II e do prof. Salazar" Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.19; "A rainha Isabel II de Inglaterra, soberana do nosso mais velho aliado, visitou Portugal em Fevereiro de 1957. Esta imagem foi obtida no Teatro de S. Carlos durante o espectáculo de gala." Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.23; "No intervalo de uma récita no Teatro Nacional de S. Carlos, em Fevereiro de 1957, o prof. dr. Oliveira Salazar conversa com a rainha Isabel II, de Inglaterra" Cfr. *O Comércio do Porto*, 28 de Julho de 1970, p.14; "1957. Salazar e a Rainha Isabel II durante o intervalo do espectáculo em S. Carlos em honra da soberana britânica" Cfr. *Diário Popular*, 27 de Julho de 1970, p.10_11B; "Com a Rainha Isabel de Inglaterra" Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.11; "O Presidente Salazar com a Rainha Isabel II, quando sua majestade visitou Portugal" Cfr. *Diário do Norte*, 27 de Julho de 1970, p.6

lista de alguns títulos dos artigos: "Salazar em foco na imprensa internacional"[298]; "A imprensa de todo o mundo fala de Salazar"[299]; "A morte de Salazar teve forte repercussão em todo o Mundo"[300]; "Na imprensa estrangeira: Salazar viveu em cada minuto da sua existência os problemas da sua pátria - escreve em editorial o ‹‹Jornal do Brasil››"[301]; "‹‹O País irmão perdeu o homem que o salvou da ruína económica e do desastre político›› - escreve ‹‹El Alcazar››"[302]; "Mensagem de condolências do primeiro-ministro da Rodésia"[303]; "Telegramas de todo o mundo chegam a Lisboa para expressar ao governo o sentimento de pesar dos povos nossos amigos"[304]; "O ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul presta homenagem a Salazar"[305]; "Ian Smith enviou condolências ao Governo Português"[306]; "Presidente do Malawi: Salazar foi um grande dirigente"[307]; "Mensagem de Edward Heath para Marcello Caetano"[308]; "U Thant tinha grande admiração e respeito por Salazar - disse um informador das Nações Unidas"[309]; "Condolências do Presidente da Argentina"[310]; "Os ministros do Governo de Franco e o Príncipe de Espanha assistiram às exéquias realizadas em Madrid"[311]; "Três dias de luto oficial no Brasil que será representado pelo vice-presidente Augusto Rademaker"[312]; "Sete países [Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, França, Inglaterra, Alemanha Federal e África do Sul] estrangeiros representados oficialmente no funeral [de Santa Comba Dão] de Salazar"[313]; "Destacadas figuras

---

[298] Cfr. *O Século*, 29 de Julho de 1970, p.10

[299] Cfr. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1970, p.9

[300] Cfr. *Diário do Norte*, 28 de Julho de 1970, p.1

[301] Cfr. *Diário da Manhã*, 30 de Julho de 1970, p.7

[302] Cfr. *A Voz*, 28 de Julho de 1970, p.6

[303] Cfr. *A Voz*, 30 de Julho de 1970, p.6

[304] Cfr. *As Novidades*, 29 de Julho de 1970, p.5

[305] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, p.10

[306] Cfr. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de/1970, p.10

[307] *Ob. cit.*, p.10

[308] *Ob. cit.*, p.10

[309] *Ob. cit.*, p.10

[310] *Ob. cit.*, p.10

[311] Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 30 de Julho de 1979, p.9

[312] Cfr. *Diário de Notícias*, 28 de Julho de 1970, pp.1, 9

[313] Cfr. *Diário Popular*, 29 de Julho de 1970, p.7

políticas constituem as delegações estrangeiras"[314].

A imprensa portuguesa também reproduziu um elevado número de fotografias[315] dos representantes de países estrangeiros presentes no funeral de Salazar. Estas foram obtidas logo após a aterragem no aeroporto de Lisboa, nas breves conferências de imprensa que realizaram e no Mosteiro dos Jerónimos. As suas expressões oscilam entre uma solenidade protocolar e um claro sorriso com cumprimentos e abraços. Apesar da profusão de imagens, só num caso[316] é que aparecem na primeira página, sendo também o único exemplo em que são fotografias de arquivo e *close-ups*. As legendas são, na generalidade, bastantes lacónicas.

Em conclusão, as visitas dos representantes políticos estrangeiros servem como reforço simbólico das relações diplomáticas que existem entre Estados. Quanto mais importante e próxima é a relação, mais elevada é a patente do visitante e mais expressiva é a sua representação nos jornais nacionais. As baixas patentes da maioria dos representantes presentes nas cerimónias fúnebres é indicativo da frágil situação, a nível de política externa, em que Portugal e o Estado Novo se encontravam. Tal deveu-se a razões histórico-económicas e ao facto de Salazar já não ser Chefe de Governo há dois anos, mas também à forte crítica internacional à guerra colonial. Contudo, este enquadramento nunca foi assumido pela imprensa portuguesa. Pelo contrário, os jornais conferiram grande relevo às "destacadas figuras políticas" das delegações estrangeiras. Esta atitude deve-se a outro papel fundamental destes elementos: a sua importância para a propaganda interna. As visitas oficiais de altos dignatários de outros países são também uma forma de legitimar e credibilizar a ideologia do governo visitado.

4.3.10.O Enterro ou a Continuação de uma Ideia? Marcello Caetano e Américo Thomaz

Dois dos periódicos analisados terminam os artigos biográficos sobre Salazar com a mesma

---

[314] Cfr. *O Século*, 30 de Julho de 1970, p.1

[315] Cfr. *O Século*, 30 de Julho de 1970, p.9; *O Século*, 30 de Julho de 1970, p.11; *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.9; *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1970, p.7; *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1970, p.10; *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.8; *A Capital*, 30 de Julho de 1970, p.2; *A Capital*, 30 de Julho de 1970, p.3; *Diário da Manhã*, 30 de Julho de 1970, p.5; *Diário da Manhã*, 30 de Julho de 1970, p.7; *Diário da Manhã*, 30 de Julho de 1970, p.8; *Diário da Manhã*, 31 de Julho de 1970, p.6; *Diário de Notícias* (da Madeira), 31 de Julho de 1970, p.1; *Diário de Notícias* (da Madeira), 31 de Julho de 1970, p.5

[316] Cfr. *O Século*, 30 de Julho de 1970, p.1

ideia vertida para títulos semelhantes: "A rendição de um homem para continuar uma ideia"[317] e "Último acto público de Salazar: um voto na continuidade"[318]. Paralelamente, o editorial de Augusto Castro que ocupa um terço da primeira página do *Diário de Notícias*, de 29 de Julho de 1970, conclui o antepenúltimo parágrafo com a seguinte frase: "E essa obra, que foi integralmente a vida da Nação, entregou-a [Salazar] ao génio político de Marcello Caetano, que a continua."

A problemática da distinção entre Salazar e o Estado Novo e da continuidade deste para além da figura do ditador foi formulada desde muito cedo. Após a II Guerra Mundial, houve várias tentativas de convencer o Chefe de Governo a candidatar-se a Presidente da República - representante máximo do país a nível constitucional, mas vazio de poder efectivo - de modo a abrir caminho a uma nova geração. Mas só o acidente no Verão de 1968 e a declaração médica de inaptidão de Salazar para qualquer cargo político impuseram a Américo Thomaz o processo de sucessão. Ao contrário do que Marcello Caetano defendeu nas suas memórias, a historiografia actual considera consensual que este se posicionou, de imediato, como sucessor natural apresentando a sua indigitação como corolário de várias décadas de proximidade e crítica ao governo que o tinham transformado no delfim de Salazar. Esta não era a opção preferida do Presidente da República que, depois de averiguar a inviabilidade de outras alternativas, cedeu, impondo, porém, algumas condições, designadamente a continuidade da política colonial. Mas Américo Thomaz só dispensou Salazar das suas funções numa situação *in extremis* e o novo Chefe do Governo nunca iria auferir da mesma aura de intocável.

De facto, a relação entre Américo Thomaz e Marcello Caetano nunca foi fácil e é possível argumentar que nesta fase do regime coexistiram duas forças de poder, por vezes antagónicas. O primeiro, em conjunto com os militares, ministros e deputados conservadores, interpretava a defesa da política salazarista, nomeadamente a nível do império colonial e da delimitação das liberdades individuais. O segundo representava, inicialmente, a face do Estado Novo social, a aposta na liberalização económica e a defesa da autonomização das províncias ultramarinas. Segundo Torgal, "Desta bipolarização resultou uma política de ambiguidade, ‹‹defensiva›› evitando medidas que agudizariam a situação de crise política (...)"[319] Este xadrez político torna difícil a definição dos seis

---

[317] Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.22

[318] Inclui fotografia relativa ao voto de Salazar nas eleições de 1969. Cfr. *Flama*, 27 de Julho de 1970, p.34

[319] Cfr. Luís Reis Torgal, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp.617-618

anos finais do Estado Novo. Para Torgal, "(...) não existe uma lógica de originalidade política no período do governo de Marcello Caetano (...)"[320], apesar de não colocar em causa o termo marcelismo, uma vez que "(...) ‹‹qualquer coisa de diferente›› aconteceu (...)".[321] Nos primeiros anos ocorreram mudanças que foram, essencialmente, formais: substituição do SNI pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo, em 1968, da PIDE pela Direcção Geral de Segurança, em 1969, da União Nacional pela Acção Nacional Popular, em 1970, e da censura pelo exame prévio, em 1971. Foram também iniciadas algumas reformas mais profundas: extensão da previdência, instituição da ADSE e subsídio de férias para os funcionários públicos, alguma liberdade inicial para os sindicatos nacionais, alargamento da rede escolar, formação de novas universidades e regresso temporário de Mário Soares e D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, dos seus exílios. Em 1969, Marcello Caetano decretou eleições nacionais que foram, mais uma vez, manipuladas, mas que permitiram a entrada de deputados na Assembleia Nacional que constituíram um grupo difícil de circunscrever coerentemente, que ficou conhecido como 'Ala Liberal' e que deu voz a várias críticas ao governo. Apesar de alguma alegada abertura no início do mandato, a manutenção da política colonial, a inflação e as crises económicas dos anos setenta iriam conduzir a um recuo acentuado a partir de 1970, gorando as expectativas criadas. É, contudo, necessário sublinhar que Marcello Caetano nunca foi um democrata, tendo as suas raízes num Integralismo Lusitano necessariamente autoritário. Em conclusão,

> "(...) mais do que Salazar, Marcello Caetano ficou, no fim do seu governo de seis anos, isolado, com ataques da ‹‹direita›› e da ‹‹esquerda››. Não se pode dizer que tenha ficado ‹‹orgulhosamente só››, parafraseando as palavras de Salazar de 1965, mas tristemente só. O certo é que não conseguira dar qualquer passo significativo no sentido da ‹‹liberalização›› do regime, nem conseguira recriar o Estado Novo por via de regresso a uma ideia de ‹‹revolução de direita››, que (...) terá estado mais no seu horizonte ou na sua memória de político. Mas, isso seria impossível com o segundo poder que representou Américo Tomás e alguns ministros de Salazar que permaneceram durante o seu governo ou durante parte significativa dele."[322]

Como é que esta luta pelo poder decorreu na arena simbólica do funeral de Salazar? Num primeiro momento, Marcello Caetano deteve o trunfo de Américo Thomaz se encontrar ausente do país em visita de Estado a S. Tomé. Assim, a maioria das fotografias dos primeiros dias do funeral

---

[320] *Ob. cit.*, pp.615-616

[321] *Ob. cit.*, pp.615-616

[322] *Ob. cit.*, pp.624-625

são do Chefe do Governo que aparece a entrar e a sair da antiga residência de Salazar e do Conselho de Ministros, a deslocar-se à RTP, a participar nos vários cortejos fúnebres e a posar para a fotografia no quarto de São Bento ao lado do defunto no esquife. Deste último grupo, é de destacar a imagem publicada no centro da primeira página de *O Século*, de 29 de Julho de 1970.[323] Marcello Caetano apresenta-se de pé, com uma marreca ligeiramente perceptível, mãos cerradas sobre o peito, olhos fitos na câmara e lábios tensos como que a esconder a sua expressão. A seu lado está o caixão aberto de Salazar com a face coberta por um pano branco. Na parede ao fundo, vislumbra-se uma pequena sombra do Chefe do Governo. Mas a imagem parece indicar exactamente o contrário: Marcello Caetano abandonava cada vez mais a sombra. Salazar estava morto e o novo Chefe estava de pé. De facto, este periódico foi aquele que imprimiu mais imagens do Presidente do Conselho. Por exemplo, das sete fotografias publicadas com o artigo "A rendição de um homem para continuar uma ideia", quatro são referentes a Salazar e três a Marcello Caetano.[324]

Por outro lado, a visita de Estado de Américo Thomaz a S. Tomé não obteve a mesma cobertura jornalística que o funeral de Salazar porque nem todos os jornais acompanharam o Presidente da República e, principalmente, porque aquela deslocação não possuía o mesmo peso emotivo e simbólico de uma morte pública que se transformou num verdadeiro acontecimento mediático. Além disso, o discurso proferido naquela ilha por Américo Tomaz em honra do defunto não foi particularmente brilhante. Mesmo assim, alguns periódicos citaram algumas destas palavras que incluíram em títulos de artigos acompanhando-as de retratos de arquivo do Presidente da República. Deste universo, é de destacar o título do texto publicado na primeira página de *O Século,* de 29 de Julho: "Portugal perdeu em Salazar um dos seus mais excelsos príncipes de todos os tempos".

Após o seu regresso a Portugal a 29 de Julho de 1970, os jornais tentaram estabelecer um equilíbrio imagético entre os dois representantes do Estado publicando um número semelhante de fotografias de cada um. Dois exemplos claros desta estratégia são as primeira páginas de *A Capital*

---

[323] A legenda indica, laconicamente: "Ao lado da urna em que repousava o prof. Salazar, ainda na residência oficial da Rua da Imprensa, o Presidente Marcello Caetano, assistiu aos actos solenes que precederam à transladação". Cfr. *O Século*, de 29 de Julho de 1970, p.1

[324] Legendas das imagens em que surge Marcello Caetano: "O Presidente da República com o novo Chefe do Governo, depois da cerimónia oficial do juramento e da investidura, realizada no Palácio Nacional de Belém, em 27 de Setembro de 1969. O Chefe do Estado via cumprida, assim, a sua decisão histórica de assegurar, sem sobressaltos, a indispensável continuidade ao Governo que durante quatro décadas o prof. Salazar chefiara"; "O prof. Marcello Caetano, acompanhado pelo dr. Moreira Baptista, à saída do Hospital da Cruz Vermelha, em Benfica, onde se delocara para se inteirar da evolução do estado de saúde do prof. Salazar"; "O prof. Marcello Caetano ao dirigir-se, no Palácio de S. Bento, para o primeiro Conselho que presidiu como Chefe do Governo", Cfr. *O Século*, 28 de Julho de 1970, p.22

e de *O Comércio do Porto*, respectivamente, dos dias 30 e 31 de Julho de 1970. Em ambos os casos, duas fotografias, uma de Marcello Caetano e outra de Américo Thomaz a chegarem ao Mosteiro dos Jerónimos, encabeçam a página e são unidas por uma única legenda.[325] A partir deste momento, nomeadamente devido ao protocolo estabelecido, os Presidentes da República e do Conselho aparecem, frequentemente, na mesma imagem.[326] O funeral de Salazar é, assim, mais um momento em que se registaram as tensões existentes entre Marcello Caetano e Américo Thomaz que continuaram até ao fim do Estado Novo sem que nenhum dos dois tenha saído vencedor.

Mas, como foi analisado no capítulo anterior, o funeral de uma figura pública é especialmente importante por se tratar de um ritual de passagem do mundo do vivos para a esfera dos antepassados, isto é, para a memória colectiva da nação. Nesse sentido, apesar de terem existido algumas notas dissonantes que serão mais à frente analisadas, as cerimónias fúnebres em honra de Salazar e a maioria das representações visuais destas decorreram de modo a estabelecer a morte de um corpo sacralizado. Porém, é interessante analisar como Marcello Caetano se posicionou nesta narrativa, através do discurso que fez na televisão, de um modo ambíguo e crítico do processo mitológico. Ao contrário do que os jornais indicaram, o Chefe do Governo apresentou uma grande contenção emotiva, ou mesmo frieza, nos doze minutos da transmissão televisiva durante os quais leu uma exposição com uma retórica elaborada e polissêmica. A maioria dos diários de distribuição nacional publicou fotografias do Presidente do Conselho na televisão com legendas que incluíam excertos do discurso. Alguns reproduziram o texto na íntegra e vários títulos de artigos, nomeadamente da primeira página, foram constituídos por citações da alocução. Estes recorreram, principalmente, a duas frases que estabeleceram os dois eixos políticos do discurso. Marcello

---

[325] Legendas: "O Presidente da República e o Chefe do Governo, este com sua filha Ana Maria, ao chegarem esta manhã ao mosteiro dos Jerónimos" Cfr. *A Capital*, 30 de Julho de 1970, p.1; "Chegada do Chefe do Estado e do Presidente do Conselho aos Jerónimos" Cfr. *O Comércio do Porto*, 31 de Julho de 1970, p.1.

[326] "Entre o Chefe do Estado e o Presidente do Conselho, na capelinha de Santa Comba Dão, as duas irmãs do prof. Salazar" Cfr. *O Século*, 31 de Julho de 1970, p.13; "O Prof. Marcello Caetano cumprimentando o Almirante Américo Thomaz" Cfr. *Diário de Notícias*, 30 de Julho de 1970, p.1; "O Chefe do Estado, o Presidente do Conselho, membros do Governo e outras altas entidades assistindo às exéquias" Cfr. *Diário de Notícias*, 31 de Julho de 1970, p.16; "O Presidente da República e o Chefe do Governo, este com sua filha Ana Maria, ao chegarem esta manhã ao mosteiro dos Jerónimos" Cfr. *A Capital*, 30 de Julho de 1970, p.1; "Chegada do Chefe do Estado e do Presidente do Conselho aos Jerónimos" Cfr. *O Comércio do Porto*, 31 de Julho de 1970, p.1; "No cemitério do Vimieiro, a urna com os restos mortais do prof. Oliveira Salazar vai descer ao coval raso. O Chefe do Estado e o Presidente do Conselho vivem intensamente a última cerimónia" Cfr. *O Comércio do Porto*, 31 de Julho de 1970, p.1; "O Presidente da República, pouco depois de chegar ao aeroporto de Lisboa, onde o aguardavam o Chefe do Governo, ministros e outros altas individualidades da vida nacional" Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 30 de Julho de 1970, p.1; "Um aspecto das cerimónias no interior dos Jerónimos. Para lá da essa, no alto-mor (à esquerda) tomaram lugar o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho e os membros do Governo." Cfr. *O Primeiro de Janeiro*, 31 de Julho de 1970, p.1; "O Presidente da República e do Conselho com as irmãs do Presidente Salazar e outras individualidades na Igreja do Vimieiro" Cfr. *Diário da Manhã*, 31 de Julho de 1970, p.3; "Os srs. Almirante Américo Thomaz e Prof. Dr. Marcello Caetano, todos os membros do Governo e eclesiásticos assistindo ao ofício fúnebre no Mosteiro dos Jerónimos" Cfr. *A Voz*, 31 de Julho de 1970, p.1.

Caetano começou por enumerar o conjunto de 'conquistas' do Estado Novo sob a tutela de Salazar, sublinhando, todavia, que ninguém estava isento de erros episódicos ("de sombras"), e concluindo esta parte com uma das frases mais repetidas pelos periódicos: "Para avaliar a obra de Salazar é preciso comparar o Portugal que ele recebeu ao assumir o governo com o Portugal que ele deixou". Contudo, apesar dos supostos feitos, o Presidente do Conselho tentou, a seguir, destronar a vontade de mitificação acima analisada terminando o discurso com a frase lacónica: "Ele foi, em toda a dimensão da palavra e em toda a dignidade da espécie - um Homem." O Chefe do Governo apresentou, assim, Salazar como um entre muitos, questionando, implicitamente, a validade da sua incorporação na memória colectiva do regime e da nação.

Em conclusão, Marcello Caetano posicionou-se no funeral de Salazar de modo a colar-se ao poder simbólico do regime e, desse modo, reforçar a sua autoridade interna. Simultaneamente, através do discurso televisivo e das fotografias em que posou ao lado do defunto, o Chefe do Governo tentou reduzir a importância de algumas das narrativas mitológicas do falecido mencionando, subtilmente, alguns erros e, acima de tudo, reduzindo-o à dimensão humana. Curiosamente, este foi o paradoxo paralisante do marcelismo: ao apoiar-se no legado do regime, nunca se demarcou de Salazar permitindo que este permanecesse como sombra até ao fim. Preso nesta ambiguidade, o Presidente do Conselho não foi um elemento determinante na condução ideológica do funeral. Pode mesmo argumentar-se, pelo que foi exposto neste capítulo, que a imprensa, habituada a ser situacionista e marcada pela censura e auto-censura, foi a componente mais relevante das cerimónias fúnebres ao reproduzir uma ideologia do Estado Novo que, em parte, se tinha apropriado da memória colectiva. Se o regime facilitou e organizou o ritual, a imprensa seleccionou, sublinhou e acrescentou, construindo a imagem que foi transmitida à nação.

4.4. A Oposição Visível e a Oposição Possível

Da análise até agora encetada, podemos verificar que a reprodução das narrativas do regime pela maioria da imprensa portuguesa foi essencial na mitificação de Salazar e do Estado Novo. Tal como Carla Baptista argumenta, "Os jornais da situação desempenharam o utilíssimo papel de amplificar o elogio laudatório ou, em períodos de crise, desancar os adversários internos ou externos do regime."[327] Contudo, a construção do mito de Salazar assentou também, como em

[327] Cfr. Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, p.109

muitos casos semelhantes na história, na invisibilidade dos conflitos e oposições e na elaboração de uma narrativa mítica linear e gloriosa. Tal como José Gil advogou,

> "(...) na narrativa da acção política do Estado Novo, faz-se apenas alusão a tudo o que se lhe opõe, nunca constituindo a luta e o combate episódios importantes da saga; o novo regime surge na sua plena positividade, sem que nunca se distingam nele as feridas da guerra. Também os argumentos dos opositores nunca são evocados, limitando-se Salazar a dar a entender - quase sempre por meio de não-ditos - que poderia haver opiniões contrárias às suas."[328]

Nesse sentido, a propaganda e a sua reprodução servem não só para elogiar, legitimar e naturalizar o poder, mas também para esconder aquilo que o fragiliza ou se opõe a ele. Por isso, é compreensível não encontrar menções à oposição nos artigos publicados durante o funeral. Aquelas que aparecem surgem exactamente através da lógica da última frase do excerto de José Gil transcrito: eles existem, mas a sua racionalidade não é articulada. Em suma, o único inimigo de Salazar terá sido a morte. *O Comércio do Porto*[329], por exemplo, destaca uma "Presença Oposicionista" no funeral que se resume às palavras de um homem que define o antigo Presidente do Conselho como "grande patriota":

> "Flores, muitas flores para Salazar, e entre os muitos ramos e coroas que se viam nos Jerónimos, numa que terá sido das mais significativas, lia-se na legenda: ‹‹Ao grande patriota, homenagem de um opositor››. Assinava-a o dr. Rodrigo de Abreu, adversário político do extinto. São assim os grandes homens. Defrontam-se, mas respeitam-se."

Noutros casos, a manipulação é mais grave. O *Diário da Manhã*[330], jornal oficial da Acção Nacional Popular, publicou uma fotografia de um enorme banho de multidão que aclama Salazar. Perdido numa imensidão de gente, o periódico assinalou o Presidente do Conselho com um círculo no centro da imagem. A legenda indica que se trata da recepção que Salazar recebeu quando o navio "Santa Maria" regressou ao cais lisboeta, omitindo qualquer referência ao verdadeiro comício internacional da oposição em que esta operação consistiu: "17 de Fevereiro de 1961 - Quando regressou a Lisboa o ‹‹Santa Maria››, Salazar, depois de haver entrado no cais, ficou bloqueado pela multidão, que o cercou, aclamando-o até à escada do portaló".

---

[328] Cfr. José Gil, *Salazar: A Retórica da Invisibilidade*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1995, p.26

[329] Cfr. *O Comércio do Porto*, 29 de Julho de 1970, p.9

[330] Cfr. *Diário da Manhã*, 28 de Julho de 1970, p.10

Existe, contudo, uma excepção que é necessário sublinhar: a revista semanal *Vida Mundial*, propriedade da Sociedade Nacional de Tipografia, que também detinha *O Século* e *O Século Ilustrado*.[331] Porém, ao contrário dos outros periódicos,

> "A *Vida Mundial* foi uma das revistas que mais politizou os temas económicos, divulgando inúmeros estudos de caráter científico ou técnico sobre aspetos estruturais ou sectoriais da economia portuguesa, onde se apontavam as debilidades habituais. Complementava o tratamento informativo desses dados com comentários e análises críticas."[332]

É interessante verificar que a *Vida Mundial* não publicou nenhum artigo ou fotografia[333] sobre o funeral de Salazar na sua edição de 31 de Julho de 1970 e dedicou o número inteiro à análise do "Testamento Político de Salazar" - título do seu editorial. Apesar de pertinente, é impossível analisar neste trabalho as 63 páginas da revista que, recorrendo a uma linguagem o mais objectiva possível, mas sempre sob o olhar do lápis afiado da censura, estabelece um equilíbrio entre o elogio e a crítica questionando os limites do enunciável. Alguns dos títulos merecem destaque e permitem uma síntese dos assuntos analisados: "Durante 61 anos (1907-1968) Salazar foi sobretudo político", "O problema do regime: Salazar e a restauração da Monarquia", "O Nacional-Sindicalismo". De entre todos os artigos é de destacar o "Movimentos de oposição revolucionária e eleitoral" no qual se relata alguns dos momentos mais críticos da Ditadura Militar e Estado Novo: "O 7 de Fevereiro de 1927", "O 20 de Julho de 1928", "A revolta da Madeira", "O 26 de Agosto de 1931", "A greve geral de 18 de Janeiro de 1934", "A 10 de Setembro de 1935", "A revolta do ‹‹Dão›› e do ‹‹Afonso de Albuquerque›› " , "O atentado de 4 de Julho de 1937", "A ‹‹revolta da Mealhada›› ", "Tentativa revolucionária de 12 de Março de 1959", "O assalto ao ‹‹Santa Maria›› ", "O assalto ao quartel de infantaria 3, em Beja". Este também foi o único periódico que publicou fotografias de opositores ao regime como, por exemplo, do coronel Sousa Sias, Rolão Preto, Mário de Azevedo Gomes, Nórton de Matos, Humberto Delgado e Henrique Galvão. Tal como a escrita, os retratos são maioritariamente anódinos.

Enquanto que a *Vida Mundial* era considerada uma revista de análise crítica, mas não

---

[331] Cfr. Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, pp.287-288

[332] *Ob. cit.*, p.241

[333] A edição da *Vida Mundial* de 7 de Agosto de 1970 incluiu um breve artigo e duas fotos sobre o funeral de Salazar.

necessariamente oposicionista, existiam outros periódicos que eram conhecidos como adversos ao Estado Novo[334] e para os quais a censura era a única fronteira intransponível: *Jornal do Fundão*, *Notícias da Amadora* e, principalmente, *República*. Tal como comentou o então jornalista Jaime Gama quando foi entrevistado por Baptista, "A *República* era o único jornal em que a única barreira era a da censura. Eu não recebia quaisquer instruções para não escrever o que quisesse, o problema é que tudo aquilo tinha de ir à censura."[335] No caso do funeral de Salazar, os três periódicos optaram por realizar uma cobertura jornalística minimalista, não ignorando o acontecimento mediático, mas relatando apenas o estritamente necessário. A *República* foi o jornal de distribuição nacional que dedicou uma menor percentagem da primeira página ao evento e também aquele que publicou menos fotografias (só uma, na primeira página, no dia 27 de Julho de 1970). De facto, a cobertura deste vespertino no dia da morte do antigo Presidente do Conselho foi equivalente à que conferiu, quatro dias depois, a João Soares, opositor do Estado Novo e filho de Mário Soares. Por sua vez, esta morte foi ignorada pela maioria da imprensa situacionista.

O *Notícias da Amadora* optou por uma estratégia semelhante (também só reproduziu uma fotografia de Salazar) mas com algumas especificidades: os únicos artigos que publicou relativos à temática em análise foram o editorial e um conjunto de excertos de citações sobre o antigo Presidente do Conselho. Se é verdade que estes textos são, principalmente, apologéticos, como no artigo semelhante impresso no *Diário de Notícias* e acima analisado, é de destacar a inclusão de uma citação de Goebbels, reflectindo uma recusa em apagar um passado de entendimento, ainda que publicamente discreto, entre o Estado Novo e o III Reich. O editorial também não é claramente crítico, mas, recorrendo a uma citação do discurso televisivo de Marcello Caetano, realça as "sombras" do regime e advoga que é necessário tempo e distância para julgar os quarenta anos de governo de Salazar.

> "A toda a hora esperada, sobretudo neste últimos dias, a morte do presidente Salazar emocionou o país. Embora afastado da chefia do Governo há cerca de dois anos, por motivos de impiedosa

---

[334] Este estudo não inclui uma análise da imprensa clandestina. Contudo, é de realçar, que o *Avante!* publicou um pequeno artigo na primeira página da sua edição de Agosto de 1970 que consistia na reprodução de alguns excertos da declaração da Comissão Executiva do Comité Central. Este texto salientava que, apesar da morte de Salazar, Marcello Caetano e a sua "camarilha" herdavam e prosseguiam o regime do ditador: "M. Caetano e a sua camarilha sentem-se na necessidade de fazer o ilogio fúnebre do ditador porque se sentem solidàriamente responsáveis pelos crimes e misérias do regime em que colaboraram e que herdaram. É um tal regime que procuram continuar no essencial introduzindo-lhes apenas alterações de forma impostas pelas circunstâncias. (...) A morte física de Salazar provocará novas perturbações entre as hostes fascistas. Mas o fascismo não cairá por si." in http://www.ges.pcp.pt/bibliopac/imgs/AVT6419.pdf

[335] entrevista pessoal a Jaime Gama citada em Cfr. Carla Baptista, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora, 2012, p.160

> enfermidade, os ecos da sua voz, a sombra da sua figura, continuaram, de certo modo, a fazer-se sentir no desenrolar da vida da nação. (...)
>
> Incondicionalmente apoiar ou na sua totalidade verberar a obra de qualquer estadista, poderá ser posição fácil e cómoda mas justa não será nem realista. Como o Professor Marcello Caetano teve o cuidado de salientar na sua comunicação ao país - comunicação naturalmente comovida e ao mesmo tempo sóbria e ponderada - ‹‹quarenta anos de governo não podem ser isentos de sombras››. Mas às sombras e às claridades será a história, um dia, a determinar-lhes as fronteiras, esquecidas que sejam as paixões que ainda hoje roubam lucidez aos homens seus contemporâneos.
>
> Pode afirmar-se que a sua morte, mais ainda que a sua forçada exoneração, corresponde ao virar de uma página da história da nação portuguesa."[336]

Encurralada entre um regime opressivo e um acontecimento mediático, a imprensa oposicionista estava limitada a uma subtil e breve crítica pontual e à recusa de participar na reprodução do elogio laudatório. Ironicamente, apesar de possuírem objectivos diferentes, tanto Marcello Caetano como os jornais adversos à ditadura tentaram reduzir a morte de Salazar à dimensão do homem comum criticando, indirectamente, a sua inclusão na memória colectiva. Mas tal como qualquer elemento político no Estado Novo, o funeral de Salazar possuiu pouca liminaridade. Tudo se processou como um julgamento em que se conhece o fim e em que as testemunhas foram previamente silenciadas.

[336] Cfr. *Notícias da Amadora*, 1 de Agosto de 1970, p.2

5. Elementos Visuais do Funeral de Salazar na Televisão Portuguesa

5.1 Rádiotelevisão Portuguesa: Introdução Histórica

As tentativas de fundar uma televisão nacional em Portugal remontam, pelo menos, aos anos trinta do século XX.[337] O regime salazarista foi sempre muito reticente em relação a este meio audiovisual e só o impulso de Marcello Caetano, enquanto ministro da Presidência, permitiu a constituição da RTP Rádiotelevisão Portuguesa, SARL, em 1955, com capitais do Estado, estações emissoras particulares e bancos.[338] No mesmo ano em que o Reino Unido comemorou 30 anos de transmissões regulares, a RTP deu início às primeiras emissões experimentais que decorreram na Feira Popular de Lisboa durante o mês de Setembro de 1956. O processo recomeçou a 3 de Dezembro nos Estúdios da Cinelândia, no Lumiar, e prosseguiu até 7 de Março de 1957, iniciando-se então as transmissões regulares.[339] Na altura, um televisor era caro e custava, no mínimo, cinco mil escudos estando registados 17 569 receptores, número que, apesar de reduzido, não diferia substancialmente dos outros países europeus. [340]

A recolha de imagens era executada por operadores de câmara que não eram acompanhados por jornalistas, mas que, mesmo assim, não possuíam grande autonomia. Quando iam filmar discursos, por exemplo, era-lhes fornecido previamente o texto com as partes que deviam ser gravadas. As filmagens eram enviadas para a redacção que as montava e as fazia acompanhar integralmente de um texto jornalístico ou música, evitando quaisquer momentos de silêncio. Como sublinha Jacinto Godinho, "Assim, este [o espectador] não poderia ser confrontado com a liberdade polissémica das imagens, que sem esforço deslocavam, por vezes, para o ridículo o rígido protocolo das cerimónias oficiais."[341] Esta necessidade de controlo das imagens através do texto reflectia-se na existência de menos técnicos de gravação de audio do que operadores de câmara, sendo impossível a utilização de som directo na maioria das reportagens. Só se recorria a esta técnica no caso de alguns discursos, originando uma verdadeira concorrência entre ministros por esta opção que denotava importância política.

---

[337] Cfr. Francisco Rui Cádima, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, p.25

[338] *Ob. cit.*, p.28

[339] *Ob. cit*., p.33

[340] *Ob. cit.*, p.33

[341] Cfr. Jacinto Godinho, *As Origens da Reportagem - Televisão*, Lisboa, Livros Horizonte, 2011, p.128

Tal como na imprensa escrita, a maior parte das notícias era referente a eventos cerimoniosos organizados pelo Estado Novo, segundo um discurso oficial e oficioso, que era complementada com *faits-divers* e informação desportiva. Por exemplo, no dia da chegada do Homem à Lua, o *Telejornal* abriu com a notícia da visita de Américo Tomaz[342] a Pataias por ocasião das bodas de prata de uma empresa de cimento. Prosseguiu com a visita do ministro da Justiça ao distrito de Aveiro, a deslocação do Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência a Santarém, a incursão do Governador Civil de Faro a Olhão, etc. A notícia internacional mais importante do dia seria a décima quinta do alinhamento.[343] Mesmo assim, a partir de 1961, com o início da guerra colonial, a televisão começou a ganhar uma importância propagandística central no regime, como sublinha Francisco Rui Cádima: "Era a súbita descoberta do meio eficaz para legitimar uma estratégia de ofensiva na frente militar, e, naturalmente, o canal próprio para a concretização dos efeitos de manipulação de um conflito que o mundo, aliás, de uma maneira geral, queria ver resolvido através de negociações imediatas."[344]

Por outro lado, episódios orquestrados pela oposição na década de sessenta - golpe de Botelho Moniz, fuga de Elvas do capitão Almeida Santos, distribuição de panfletos pela cidade de Lisboa recorrendo a um avião da TAP desviado por Henrique Galvão - foram ignorados ou noticiados de uma forma lacónica. Nunca eram acompanhados de imagens, uma vez que estas nem sequer eram registradas. A censura fazia-se sentir não só através dos censores e da auto-censura, mas também através da máquina institucional da RTP. Mas não era só a oposição exógena ao regime que era silenciada. Durante o marcelismo, certas individualidades que tinham tido relações com o Estado Novo, como Adriano Moreira, Franco Nogueira e Kaúlza de Arriaga, foram 'proibidas' de serem representados no *Telejornal*.[345]

Tal como acima referido, Marcello Caetano foi o dinamizador e arquitecto do embrião e primeiros passos da televisão em Portugal. Ele escreveu, mais tarde, nas suas memórias que, "Eu tinha, nas minhas saídas pelo estrangeiro tomado contacto com essa nova e aliciante forma de

---

[342] Américo Tomaz era uma das figuras que mais frequentemente abria o *Telejornal*, geralmente em visitas de Estado ou em cerimónias públicas, tendo, por isso, ficado conhecido como "presidente corta-fitas". Cfr. Jacinto Godinho, *As Origens da Reportagem - Televisão*, Lisboa, Livros Horizonte, 2011, p.141

[343] Cfr. Francisco Rui Cádima, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, p.228

[344] *Ob. cit.*, p.345

[345] *Ob. cit.*, p.221

comunicação que era a TV. E parecia-me que Portugal estava a atrasar-se demais na sua implantação."[346] Ele foi o primeiro membro do Governo a aparecer a falar neste dispositivo de comunicação, poucos meses após o início das emissões regulares, constituindo-se, rapidamente, nestes primeiros anos, como a face audiovisual do Governo. Em 1959, regressou à Universidade e só voltou a aparecer na televisão após a sua nomeação para o cargo de Presidente do Conselho. No seu regresso ao Governo e ao pequeno ecrã, Marcello Caetano encetará o que Cádima[347] definiu como a "dessalarização" da RTP. Manuel Maria Múrias, Chefe de Divisão de Programas de Informação e Actualidades, continuou durante vários meses a acreditar numa recuperação 'milagrosa' de Salazar e só cedeu a 6 de Novembro de 1968, admitindo, num texto lido por José Gomes Ferreira no *Telejornal*, que, "O discurso de Marcello Caetano é, mais uma vez, a prova irrefragável de que o facho não se apagou. Mudou de mãos. Apenas."[348] Seria, contudo, demasiado tarde. Em 1969, Múrias foi transferido para Chefe de Divisão de Programas Educativos e Culturais e substituído por Vasco Hogan Teves. Para finalizar o seu controlo do aparelho televisivo, o Chefe de Governo colocou Ramiro Valadão como Presidente do Conselho de Administração da RTP. Este foi um fiel súbdito de Caetano, afirmando, anos mais tarde, em entrevista a Cádima, que agiu de maneira, "(...) perfeitamente consentânea com os interesses do regime e a sua estratégia política global, e de uma forma bastante mais rigorosa do ponto de vista propagandístico do que até então tinha acontecido."[349]

O novo regime muda o modo de enunciação do dispositivo editorial terminando com os comentários de Múrias, de pendor mais pessoal e confrontacional, apesar de sempre defensor da linha política de Salazar, e passando a transmitir os editoriais de Vasco Teves que se assumem como a voz televisiva do governo.[350] Mesmo assim, Marcello Caetano não se coibirá de relembrar, em carta ao seu 'fiel amigo' Ramiro Valadão, o poder propagandístico da televisão:

> "Conto com o apoio fiel, dedicado e inteligente dos amigos, sobretudo daqueles a quem estão confiadas posições-chave, como sucede consigo. A televisão é nos tempos correntes um instrumento essencial de acção política e nós não podemos hesitar na sua utilização - nem em vedar aos adversários da ordem social essa arma de propaganda. Sei que está atento, mas nos tempos que

[346] citado em *Ob. cit.*, pp.28-29

[347] *Ob. cit.*, pp.219-224

[348] *Ob. cit.* p.208

[349] citado em *Ob. cit.*, p.207

[350] *Ob. cit.*, p.223

> correm toda a vigilância é pouca, toda a inteligência e argúcia na acção são insuficientes: há que pôr em jogo todas as nossas faculdade de combate."[351]

Ao contrário de Salazar, o novo Presidente do Conselho tornou-se, logo a seguir a Américo Thomaz, na segunda figura política uma presença mais frequente na televisão. A 8 de Janeiro de 1969 deu início às famosas "Conversas em Família" que justificou do seguinte modo:

> "Pareceu-me conveniente que, sobretudo no período que estamos a viver, houvesse possibilidade de contactos frequentes entre os que têm a responsabilidade do poder e o comum dos Portugueses. (...) Os actuais meios de comunicação permitem conversar directamente com as pessoas, sem formalismo, sem solenidades, sempre que seja julgado oportuno ou necessário. É esta conversa em família que vou tentar estabelecer de vez em quando através da rádio e televisão." [352]

Este discurso e o próprio nome da rubrica são evidências da evolução, substancialmente formal, do marcelismo: o regime aproximava-se das pessoas, mas aquilo que entendia por conversa e, implicitamente, exercício de poder, continuava a ser uma relação unidireccional. Lá do cima da cadeira da sua cátedra ou da Presidência do Conselho, o Estado Novo continuava a saber o que era melhor para o povo e não tinha necessidade de o ouvir.

Se Salazar tinha sido afastado do Governo em 1968, a sua morte pública ocorreu, segundo alguns, em 1969, na RTP. A propósito de mais um aniversário da sua entrada no Governo, a televisão transmitiu, a 28 de Abril, uma reportagem com a duração de 1 minuto e 16 segundos em que o antigo Chefe do Governo leu uma breve mensagem de saudação e agradecimento ao povo português. Mário Soares foi peremptório ao afirmar que, perante aquela "(...) espécie de cadáver empalhado (...)", se tinha acabado o mito.[353] Jaime Nogueira Pinto não assistiu à emissão, mas descreveu do seguinte modo o episódio que lhe foi relatado: "Trémulo, cadavérico, numa voz entrecortada de hesitações, o antigo presidente do Conselho oferecera (...) a imagem dum pobre velho caquético, uma espécie de morto-vivo alucinante e alucinado."[354] Não existe consenso sobre as razões desta representação do antigo ditador. Segundo Nogueira Pinto, Ramiro Valadão defendeu-se argumentando que não tinha visto o filme antes da sua exibição. Mas ainda segundo

---

[351] citado em *Ob. cit.*, pp.396-397

[352] citado em *Ob. cit.*, p.213

[353] citado em *Ob. cit.*, 1996, p.219

[354] citado em *Ob. cit.*, p.220

aquele antigo jornalista da RTP, um redactor do *Telejornal* presenciara Valadão a ver o filme e este comunicara com alguém por telefone que lhe ordenara para o transmitir. Jacinto Godinho resume as consequências deste incidente do seguinte modo:

> "Este 'caso Salazar' demonstra como o regime estava suspenso numa 'Imagem' - a figura de Salazar - que dava coesão ao território da experiência política em que assentava o poder do salazarismo. Soares tem razão porque, efectivamente, Salazar só 'caiu' na reportagem do *Telejornal*. Desta vez a imagem não foi potenciada pela angústia do ver, assomando o objecto do desejo de forma distanciada. Desta vez a reportagem mostra-a de bastante perto, perto demais, e, com tudo visto, desfez-se o véu. Não havia mais nada para ver. Salazar desfigurado, desfigurou-se."[355]

Cádima conclui o seu estudo sobre a RTP durante o Estado Novo defendendo que as notícias televisivas foram mais instrumentalizadas durante o regime de Marcello Caetano do que de Salazar. Apesar de, em ambos os períodos, a televisão ter sofrido a censura e transmitido uma visão auto-celebratória do Estado Novo,

> "(...) a verdade é que ao tempo de Marcello Caetano a RTP é explícita e assumidamente um ‹‹instrumento›› de acção política propagandística no domínio de informação televisiva, a qual, de facto, sobretudo a partir de meados dos anos 60, tem já um impacto significativo no campo dos media no plano nacional, quer pela cobertura da RTP, quer pela audiência atingida."[356]

5.2. Questões Metodológicas Relativas ao Arquivo da RTP

A definição de um *corpus* de estudo para este trabalho foi dificultado pelas deficiências de preservação e organização do arquivo da RTP e dos constrangimentos técnicos da emissão televisiva da altura. Num primeiro momento, foi enviado um email para este departamento requisitando todo o material referente ao assunto da tese que obteve como resposta a identificação de um filme, de cerca de 30 minutos, com data de emissão de 1 de Agosto de 1970 e identificado do seguinte modo: "Lisboa; Santa Comba Dão. Reportagem sobre o cortejo fúnebre de António de Oliveira Salazar desde a Assembleia Nacional, à missa do corpo presente no Mosteiro dos Jerónimos e funeral no cemitério do Vimieiro, em Santa Comba Dão." Após a leitura da tese de Cádima e a descoberta de mais emissões da RTP relativas ao tema da tese, voltei a contactar o departamento de arquivo da RTP. Neste segundo momento foram-me, gentilmente, cedidas

---

[355] Cfr. Jacinto Godinho, *As Origens da Reportagem - Televisão*, Lisboa, Livros Horizonte, 2011, p.143

[356] Cfr. Francisco Rui Cádima, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, pp.334-335

digitalizações de alinhamentos de emissão referentes aos dias 27 a 31 de Julho e 1 a 2 de Agosto de 1970. Tive também oportunidade de visualizar outras filmagens nas instalações da RTP que se encontravam em cassetes com o rótulo genérico "exéquias de Salazar". Devido às dificuldades de datar e ordenar as imagens e também devido a restrições orçamentais[357], este capítulo centrar-se-á sobre o primeiro filme enviado pela RTP, sendo precedido por uma breve descrição das transmissões televisivas referentes ao funeral de Salazar baseado nos alinhamentos de emissão e sustentado pelo estudo de Cádima.[358] Esta reportagem síntese dos principais acontecimentos das cerimónias fúnebres não possui som com a excepção de dois breves momentos que incluem um discurso de Salazar e uma alocução proferida perante a campa no Vimieiro pelo Professor Afonso Queiró, director da Faculdade de Direito de Coimbra. Na altura, as imagens e o som de arquivo eram editados previamente e o *pivot* do serviço noticioso lia, em directo, o texto que acompanhava o filme. Este audio não ficava gravado. Alguns textos foram encontrados e digitalizados pelo arquivo da RTP mas este estará perdido.

5.3. O Funeral de Salazar na Televisão

A morte do antigo Presidente do Conselho foi anunciada numa edição especial do *Telejornal*, às 12h45, do dia 27 de Julho de 1970, seguida de alguns segundos de silêncio. A notícia abriu a emissão do *Telejornal* das 13h45 que acrescentou que tinha decorrido uma reunião extraordinária do Conselho de Ministros na sequência da qual Marcello Caetano faria uma comunicação ao país. Este discurso, com uma duração aproximada de 12 minutos, foi transmitido às 14h30 e repetido às 20h e 22h. O *Telejornal* da noite abriu com um editorial de Vasco Teves, lido por Henrique Mendes, que citava alguns excertos do discurso de Marcello Caetano. A edição continuou com a descrição do protocolo das cerimónias fúnebres (bandeira a meia-haste, luto geral, percurso do cortejo, etc.), uma reportagem sobre a deslocação do Chefe do Governo à antiga residência de Salazar, uma revista de imprensa e notícias sobre as repercussões da notícia no estrangeiro.

Às 22h15, foi emitido o documentário "Salazar, uma Vida ao Serviço da Nação", com duração de 1h 35m e inserido numa estética propagandística sustentada nas mitologias do Estado Novo já analisadas. O som era constituído por voz *off*, excertos de discursos do antigo Chefe do

[357] O visionamento nas instalações da RTP tem um custo de 34,92 € + IVA à taxa de 23%, por hora. Os valores mínimos por cada meia hora de gravação de imagens são 65,00 € + Iva à taxa de 23%, para entidades singulares/culturais, incluindo já o suporte e portes de expedição.

[358] Cfr. Francisco Rui Cádima, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, pp.252-257

Governo, música suave nos momentos relativos ao regime e sons violentos nas partes alusivas à "desordem" (I República, I e II Guerras Mundiais, Guerra Civil de Espanha, Humberto Delgado, "Terrorismo em África", etc.) Tal como Fernando Rosas advoga, Salazar apresentava-se como o seguro da ordem contra a "política da desordem" que era constituída por "(...) as ideias, os ‹‹políticos›› e os partidos do ‹‹demo-liberalismo››, do socialismo ou do anarco-sindicalismo (e depois do comunismo) (...)".[359] O filma sublinha este aspecto recorrendo a várias técnicas cinematográficas. Por exemplo, a certa altura, o locutor menciona, em termos genéricos, o movimento de descolonização dos anos cinquenta definindo-o como o momento em que, "A Europa entregou África aos inimigos do Ocidente." Logo a seguir, num exercício de montagem muito eficaz, o filme corta para a campanha de "subversão" de Humberto Delgado, em 1958. Deste modo e recorrendo ao texto, o documentário associa o general às forças exógenas ao país que queriam entregar o Ultramar aos inimigos de Portugal e da civilização. No filme, esta crise é resolvida pela intervenção do antigo Chefe do Governo - "Com Salazar, as eleições foram ganhas por Portugal." - apesar de o candidato da União Nacional a essas eleições ter sido Américo Thomaz.

Curiosamente, o filme inclui filmagens de três funerais com uma duração relativamente extensa e que antecedem momentos de crise que seriam resolvidos politicamente, mas, por vezes, só cinematicamente, pela figura de Salazar. Assim, a descolonização de África e a campanha de Humberto Delgado aparecem imediatamente após o quadro referente à morte do Marechal Carmona. Como foi acima analisado, segundo o filme, a intervenção de Salazar finalizou a crise. Mais perto do início do filme, Sidónio Pais surge como o homem que "(...) escorraça os políticos e assume o poder (...)" como reacção de Portugal à desordem. Este governante é apresentado como uma figura bem intencionada apesar de alguns defeitos. O seu funeral precede a intensificação da "desordem republicana" representada através de movimentos e cortes muitos rápidos de fotografias de lutas, corpos mortos, caras a chorar, etc. que instalam a violência cinematicamente. Esta crise é solucionada pela "arrancada triunfal" de Braga de Gomes da Costa que logo convida Salazar para a pasta das Finanças. O caso mais interessante encontra-se no princípio do filme. Após uma breve descrição da infância e adolescência de Salazar no Vimieiro e no seminário de Viseu, o documentário introduz o funeral de D. Carlos que, "(...) não foi morto pelos seus defeitos, mas pelas suas qualidades." Este quadro conduz à I República e à sua representação enquanto violência, recorrendo aos recursos estilísticos já acima analisados. A Ditadura Militar e o Estado Novo só surgiriam vários anos mais tarde e, por esta razão, o realizador decidiu resolver esta crise cortando

[359] Cfr. Fernando Rosas, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china, 2012, p.27

para o período em que Salazar estudou e ensinou em Coimbra como modo de sanar, cinematicamente, a crise.

No dia 28 de Julho, a edição especial das 12h45 noticiou questões de protocolo referentes aos turnos no Mosteiro do Jerónimos. A emissão das 13h45 transmitiu imagens da missa de corpo presente e do cortejo fúnebre até àquele monumento. Às 19h30 foi emitida uma reportagem de 14m 25s sobre a procissão e foi anunciado que a RTP emitiria em directo, no dia seguinte, as cerimónias fúnebres. A edição da noite do *Telejornal* abriu com um editorial de Armando Marques Carvalho resumindo o percurso do antigo Chefe de Governo. A edição continuou com a repetição das imagens das celebrações fúnebres daquele dia - procissão até aos Jerónimos, protocolo dos turnos, leitura de mensagens de condolências, elogios fúnebres - e leitura da revista de imprensa, concluindo com um plano da bandeira portuguesa acompanhada do hino nacional, símbolo do luto televisivo.

A 29 de Julho, a estrutura informativa foi semelhante ao dia anterior com a excepção das transmissões em directo que tiveram início logo na emissão das 13h45. Na edição das 19h30 foi anunciado que o dia seguinte seria exclusivamente dedicado às cerimónias fúnebres, incluindo uma transmissão em directo do enterro no Vimieiro. O *Telejornal* da noite voltou a abrir com um editorial que aludiu indirectamente à guerra colonial e que sublinhou que Salazar foi um defensor das ideias do Ocidente: "(...) poderá afirmar-se, agora, que Salazar foi o Homem do Ocidente. Pela forma clara, serena, mas sempre determinada como defendia a sua civilização. (...) Primeiro na Europa. Depois na Oceânia. Mais tarde, na África e na Ásia."[360] O programa prosseguiu com excertos de discursos de Salazar, reportagens de Santa Comba Dão e da chegada das delegações estrangeiras, revista de imprensa (com longas citações do editorial de Augusto de Castro no *Diário de Notícias*) e uma transmissão em directo dos Jerónimos. A edição concluiu, mais uma vez, com a bandeira e o hino nacional.

No dia da transferência do corpo de Salazar dos Jerónimos para Vimieiro e o seu enterro nesta localidade, a RTP iniciou a emissão às 9h45 com um directo relativo à chegada de Américo Thomaz ao aeroporto. Seguiu-se um noticiário com informação sobre as cerimónias fúnebres e a chegada das delegações estrangeiras. Posteriormente, realizou-se outra ligação directa de mais de três horas aos Jerónimos que incluiu a transferência do corpo para o comboio com destino a Santa

[360] citado em Cfr. Francisco Rui Cádima, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, p.256

Comba Dão. A edição noticiosa terminou às 13h19 e reiniciou às 17h45 com um resumo dos eventos da manhã com uma duração de 29 minutos. A seguir, procederam a mais um directo, desta vez do Vimieiro, durante o enterro de Salazar, com uma duração de 43 minutos. Na edição da noite do Telejornal foram exibidas reportagens com o sumário das cerimónias fúnebres que decorreram naquela dia. O documentário sobre Salazar voltou a ser exibido nessa noite, por volta das 23h, concluindo o ciclo de luto da RTP. Nos dias seguintes, o tema ainda foi mencionado no *Telejornal*, nomeadamente referindo as repercussões da morte do antigo Presidente do Conselho na imprensa internacional, mas, tal como nos jornais, a notícia rapidamente desapareceu da secção informativa.

5.4. Análise da Reportagem da RTP

O filme em análise confirma algumas das mitologias enunciadas no capítulo anterior apesar de a ausência de texto não fixar o seu significado e permitir uma leitura mais polissêmica. Porém, uma vez que estas imagens possuem movimento e são um resumo das cerimónias fúnebres captadas pela RTP, serão utilizadas, neste capítulo, essencialmente para uma análise do ritual funerário. De facto, a relação entre filme e ritual é bastante forte e encontra-se presente, desde o início, nas tentativas de cruzamento da antropologia com o cinema. Gregory Bateson e Margaret Mead, por exemplo, utilizaram imagens da sua pesquisa extensiva no Bali para produzir o filme *Trance and Dance in Bali* (1952), que levou a artista Maya Deren a encetar um estudo sobre o *voodoo* no Haiti.[361] Esta afinidade surge, provavelmente, por diversas razões, mas uma das causas mais evidentes é a limitação descritiva do texto verbal, como argumenta David MacDougall:

> "The possibility of grasping complex social events simultaneously through its various dimensions of gesture, facial expression, speech, body movement, and physical surrounding is something that a text can only approach with great difficulty. (...) film allows it to be seen and interpreted as it occurs spontaneously in its original setting."[362]

Nesse sentido, este capítulo tentará relacionar as imagens com algumas das teorias de ritual enunciadas anteriormente. O primeiro plano do filme é constituído por um plano geral da

[361] Cfr. Arnd Schneider, "Unfinished Dialogues", in Marcus Banks e Jay Ruby (eds), *Made to Be Seen, Perspectives on the History of Visual Anthropology*, Chicago, The University of Chicago Press, 2011, pp.126-127

[362] Cfr. David MacDougall, *The Corporeal Image*, Princeton, Princeton University Press, 2006, p.50

Assembleia Nacional[363] a que se seguem as breves cerimónias fúnebres que se realizaram no seu interior. As pessoas filmadas são figuras do clero, forças militares e políticos do governo acompanhados pelas suas esposas. Deste conjunto, Marcello Caetano é o mais representado a nível de número e duração de planos. Avistam-se alguns elementos do povo entre os militares que ladeiam o ritual, mas são poucos e não recebem especial destaque. A presença de um número reduzido de pessoas nesta cerimónia pode explicar-se pela brevidade desta e pelo facto de só o dia 30 de Julho ter sido declarado feriado nacional. Porém, é também de sublinhar que este era um momento do Estado e que o espectáculo do povo se realizaria, mais tarde, no Mosteiro dos Jerónimos.

Segundo Arnold van Gennep, como já foi referido, os funerais são rituais de passagem que, portanto, possuem três componentes: *separação* do estado anterior; *transição*, durante o qual o sujeito fica suspenso entre dois pólos; *incorporação* na nova condição. No caso de um funeral, o antropólogo considerou que os estudos analisados indicavam que os rituais de separação são os mais simples e menos numerosos enquanto os de transição podem ter uma duração tão extensa e complexa que possuem uma certa autonomia. Por fim, os rituais de incorporação são os mais elaborados e importantes.[364] A sequência inicial do filme constitui, portanto, um ritual de separação que marca o corte com o foro privado. Todas as personagens e edifícios representados são símbolos do Estado, indicando que o corpo já não pertence ao homem ou à sua família. Este processo é sublinhado pela bandeira nacional que envolve o caixão e estabelece uma ligação entre o polo orético, biológico, e o polo normativo, ideológico, segundo a terminologia de Victor Turner.[365]

Quando as cerimónias fúnebres no interior da Assembleia terminam, o filme corta para o exterior enquadrando um GNR num plano médio contrapicado que inclui Marcello Caetano a sair do edifício. A seguir, o caixão é colocado num armão e transportado para a Praça do Império. Durante o percurso, o caixão atravessa a cidade: o lugar do povo. O filme mostra, através de *travellings*, as pessoas que se amontoam nos passeios para ver passar o cortejo fúnebre e suspende-se durante alguns segundos num plano médio de duas mulheres em que uma delas enxuga as

---

[363] Ao contrário da imprensa escrita, nem neste filme, nem nas filmagens visualizadas nas instalações do arquivo da RTP, não existem filmagens do corpo de Salazar na cama ou em dentro do caixão no quarto. As únicas imagens que existem da residência da Rua da Imprensa são exteriores, provavelmente, devido às condições de pouca luz no interior e da impossibilidade de instalar luzes devido à exiguidade do espaço.

[364] Cfr. Arnold van Gennep, *The Rites of Passage*, Chicago, The University of Chicago Press, 1960 (1909), p.146

[365] Cfr. Victor Turner, *Dramas, Fields and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1974, p.55

lágrimas com um lenço. Estes momentos têm uma duração curta e são logo interrompidos por imagens de militares a cavalo, camionetas com coroas de flores, carros com os ilustres que vêm da Assembleia e a inevitável imagem do caixão e da ponte Salazar.

Inicia-se, neste instante, a fase de transição que, segundo Turner[366], é um período de liminaridade constituído por uma espécie de limbo cultural que possui poucas ou nenhumas características em comum com o estado de partida ou de chegada. Trata-se de um período extremamente frágil em que as referências se diluem e em que podem ocorrer mudanças ou convulsões. Neste contexto, Avner Ben-Amos[367] considera que a procissão do caixão e das altas figuras do Estado pelas ruas da cidade é um momento precário e vulnerável em que o perigo que algo possa correr mal reforça o clímax atingido com o sucesso. O historiador advoga que o luto de um funeral conduz, normalmente, a um espírito de trégua de morte que não equivale a um consenso, mas a uma comunhão entre as pessoas. Contudo, existem casos em que tal não acontece. Recentemente, as cerimónias fúnebres de Margaret Thatcher foram acompanhadas por várias manifestações contra a antiga primeira-ministra britânica que tiveram que ser cuidadosamente controladas pela polícia.[368] Em Portugal, o funeral de Sidónio Pais foi impressionante e reuniu dezenas de milhares de pessoas, mas foi perturbado por disparos oriundos de um prédio, causando a morte de quatro indivíduos.[369] É contudo de salientar que o funeral de Salazar decorreu num período de ditadura que recorria a vários modos de controle da sociedade civil. Este enquadramento e os perigos de liminaridade desta fase explicam a pouca exposição do Estado às ruas da cidade. O caixão e os representantes do Estado foram transportados em veículos motorizados e os militares marcharam em cavalos. De S. Bento à Praça do Império, o poder só pisou o solo quando estava muito próximo do Mosteiro dos Jerónimos e se encontrava protegido por um círculo militar e policial.

Recorrendo ao trabalho de Don Handelman sobre eventos públicos, Ben-Amos argumenta que as procissões funcionam através de um processo de "adição e acumulação" que se manifesta através dos vários elementos que vão sendo, sequencialmente, acrescentados: caixão, militares,

---

[366] Cfr. Victor Turner, *The Ritual Process. Structure and Anti Structure*, Ithaca, Cornell University, 1991 (1969), p.94

[367] Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p.306-307

[368] http://www.guardian.co.uk/politics/video/2013/apr/16/police-prepared-protests-thatcher-funeral-video?INTCMP=SRCH

[369] Cfr. *Diário de Notícias*, 23 de Dezembro de 1918, p.1

Estado, flores, sociedade civil, etc. Trata-se, contudo, de uma adição sequencial que reflecte, em certa medida, a hierarquia do Estado segundo a óptica deste. Deste modo, o historiador argumenta que a procissão, "(...) turned the state, which was an abstract notion, into a palpable, wellordered entity that could be grasped at a single glance."[370] O cortejo fúnebre de Salazar encetou um processo de adição e acumulação, uma vez que os vários componentes que o constituíam se diferenciavam pelos diversos tipos de transporte que utilizavam. E, tal como foi acima analisado, este processo é enfatizado no filme por uma montagem rápida que corta entre os diversos elementos. Mas apesar da sua aparente leitura narrativa devido à deslocação dos itens de um modo linear, penso que é talvez mais útil analisar a parada do ponto de vista de topo. Olhada de cima, apesar do movimento, a estrutura da procissão mantém-se inalterada e é constituída por círculos concêntricos. No centro, encontra-se o caixão e as figuras políticas. A rodeá-los, à frente, atrás e de lado, dispõem-se as forças de vigilância e violência do Estado: militares, paramilitares e polícia. Por fim, à sua volta, nas bermas, o povo.

De modo a analisar os vários componentes que constituem este período, é relevante recorrer às teorias sobre eventos de modelação e eventos de apresentação, desenvolvidas por Handelman.[371] Segundo este autor, os primeiros são comuns em comunidades tribais e decorrem em microcosmos fechados. As transformações que aí se processam são depois reflectidas em toda a sociedade invertendo o processo metonímico. Por outro lado, os eventos de apresentação são típicos de sociedades modernas industrializadas e funcionam através de uma imagem espelho da comunidade. O produto destes eventos não decorre de uma transformação, mas da relação entre o evento e a comunidade no seu todo. Segundo Handelman, a inexistência de eventos de modelação nas sociedades contemporâneas deve-se ao papel central da burocracia[372], entendida em sentido lato, isto é, as organizações taxonómicas e transformativas que classificam a matéria social. Nesse sentido, as instituições burocráticas funcionam como eventos de modelação, mas de um modo contínuo e rotineiro.

Ben-Amos argumenta que os funerais de Estado são interessantes exactamente porque combinam elementos de eventos de modelação e apresentação. A cerimónia fúnebre é delineada em

---

[370] Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p.326

[371] Cfr. Don Handelman, *Models and Mirrors. Towards an Anthropology of Public Events*, New York, Berghahn Books, 1998 (1990), pp.22-48

[372] *Ob. cit.*, pp.77-79

termos burocráticos e os vários elementos visuais constituem o evento de apresentação. Porém, as várias etapas que conduzem o homem de figura pública a personagem com direito a ser preservado na memória colectiva equivalem a um evento de modelação. Neste processo, os elementos simbólicos da sua vida são seleccionados e cristalizados transformando a identidade do corpo e, progressivamente, do regime. Por esta razão, o olhar das pessoas é determinante para o sucesso da cerimónia, uma vez que, na sua ausência, todos os símbolos e elementos visuais presentes seriam apenas um evento de apresentação e não teriam um efeito transformador. Do mesmo modo, a reprodução destas imagens por todo o país, através de jornais e da televisão, e a ideia da sua preservação no tempo multiplicam esta componente exponencialmente.

No Mosteiro dos Jerónimos, a câmara enquadra o monumento num ligeiro contrapicado evidenciando a sua monumentalidade. O plano desce depois de modo a filmar o caixão que chegava justapondo, assim, os dois símbolos. O filme corta rapidamente entre várias imagens que identificam as personagens deste quadro e o espírito de luto: *close up* de mãos em súplica, plano médio de duas mulheres que choram, uma das irmãs de Salazar a sair do carro e o sempre presente Marcello Caetano. Existe, nomeadamente, um plano-sequência deste que merece ser destacado. A câmara começa por mostrar alguns militares a aproximarem-se e fotógrafos em cima de um palanque enquadrando a nuca do Chefe do Governo do lado esquerdo do plano. A seguir, sem cortar, o operador muda para a posição oposta em relação a Marcello Caetano e filma o seu perfil exactamente quando o caixão passa à sua frente. Aquele e os restantes membros do Governo avançam no sentido de se juntarem à procissão que entra nos Jerónimos obscurecendo, por segundos, o esquife de Salazar. Simultaneamente, num único plano, Marcello Caetano é o ponto de vista da sequência, sobrepõe-se ao caixão de Salazar e esconde e revela este.

A seguir, o filme em análise passa para as cerimónias fúnebres realizadas no dia 30 de Julho. Mas, tendo em conta as reportagens consultadas no arquivo da RTP, existe um aspecto que é necessário salientar: as pessoas comuns que visitaram o corpo de Salazar nos Jerónimos nos dias 28 e 29 de Julho. Devido ao reduzido tempo de visualização e por causa de alguma repetição de certas sequências, é difícil contabilizar o número total de minutos deste tipo de imagens, mas deverá ser superior a meia hora. A variabilidade não é muita, contudo. Alguns *travelling* mostram as longas filas de pessoas à espera da sua vez para entrar no monumento, tanto de dia como de noite, revelando olhares com um misto de expectativa, curiosidade e paciência resignada. Outros enquadramentos, mais numerosos, centram-se nos homens e mulheres que passam em frente do

caixão num passo lento e com pouco alento, causado, talvez, pela desilusão, cansaço da espera ou espírito de solenidade. Certas imagens, mais próximas, identificam personagens específicas também recortadas pelos jornais: o homem de cadeira de rodas, as freiras e as crianças ao colo dos pais. Curiosamente, durante dois breves planos, a câmara sustem-se em duas mulheres que vendem fotografias e livros de Salazar. Por fim, à saída, alguma pessoas assinam folhas de presença que se encontram, actualmente, no arquivo da Torre do Tombo. Esta assinatura emulava o que acontecia em algumas cerimónias fúnebres privadas, mas, segundo Ben-Amos, no caso de funerais de Estado, possui um significado acrescido: "They were leaving a trace of themselves and of their visit for posterity, satisfied to see their names displayed beside those of the eminent figures who also signed the register. In one case, that of Hugo's funeral, the act of signing even became the centre of the rite."[373]

O conjunto destas imagens evidencia que os funerais públicos não devem ser analisados apenas pelo seu aspecto religioso, de luto e cerimonial de Estado. É impossível determinar as razões que levaram cada pessoa a deslocar-se ao Mosteiro dos Jerónimos. Existe a possibilidade de terem sido coagidos ou sentirem-se coagidos por um regime de vigilância e repressão que trespassava a sociedade. Por outro lado, tratava-se de uma oportunidade, quiça única, de estar perto de figuras do poder, vivas e mortas, que, especialmente em regimes ditatoriais, tendem a posicionar-se distantes e inacessíveis. Mas, como se pode ver nos fotogramas, este também foi um momento de encontro, comunhão, voyeurismo, diversão e até comércio. Nesse sentido, estas imagens estão relacionadas com o conceito de peregrinação, enunciado por Turner. Segundo este antropólogo, uma peregrinação consiste na viagem até um local que marca uma separação do seu quotidiano e é constituído por três pontos de convergência: "(...) solemnity, festivity and trade, all three representing different types of liminal disengagement from day-to-day participation in structural role playing and status incumbency, and three types of voluntaristic activity."[374]

Depois do plano à volta da cabeça de Marcello Caetano, acima descrito, o filme corta para dentro do Mosteiro dos Jerónimos e para o dia 30 de Julho durante o qual se celebrou o elogio fúnebre. Nesta sequência o povo desaparece e a câmara centra-se, principalmente através de planos médios e gerais, nos vários representantes do Estado, figuras do clero, Marcello Caetano, irmãs de

---

[373] Cfr. Avner Ben-Amos, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press, 2000, p.295

[374] Cfr. Victor Turner, *Dramas, Fields and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press, 1974, p.221

Salazar, Américo Thomaz, Cardeal Cerejeira, delegações estrangeiras e Monsenhor Neves. O Presidente da República e o Cardeal de Lisboa são os únicos personagens representados em *close up*, provavelmente por serem os únicos que evidenciavam algum sofrimento.

Entretanto, a bandeira sobre o caixão foi substituída por uma maior. Enquanto antes era possível ver as extremidades do esquife, a partir deste momento, a bandeira extravasa os limites daquele conferindo uma nova visibilidade e centralidade à esfera armilar. Nas imagens a preto e branco dos jornais e da televisão, o verde e o vermelho confundiam-se numa matiz cinzenta difícil de distinguir. A nova proeminência e visualidade da esfera armilar tornava o símbolo facilmente reconhecível, talvez explicando a substituição da bandeira. É, contudo, difícil não reconhecer nesta transformação um indício do ritual de transição: o corpo e o caixão desaparecem e já só é possível ver o símbolo maior da nação.

A sequência dentro do Mosteiro dos Jerónimos é principalmente constituída por ritos religiosos observados por representantes das várias autoridades do país. No fim, o filme corta para um plano geral picado que, do alto, enquadra a cerimónia e a audiência entre as colunas monumentais do templo. Neste momento, inicia-se a reprodução de um excerto de uma preleção proferida por Salazar:

> "Não tenho ambições. Não posso envaidecer-me, pois que não realizei tudo o que desejava; mas realizei o suficiente para não se poder dizer que falhei na minha missão. Não sinto por isso a amargura dos que merecida ou imericidamente não viram coroados os seus esforços e maldizem dos homens e da sorte. Nem sequer me lembro de ter recebido ofensas que em desagravo me induzam a ser menos justo ou imparcial. Pelo contrário: neste país, onde tão ligeiramente se apreciam e depreciam os homens públicos, gozo do raro privilégio do respeito geral."[375]

Trata-se de um discurso autobiográfico e, acima de tudo, no seu estilo próprio, de hábil auto-celebração. Ele é montado na transição entre o interior dos Jerónimos e a procissão que se inicia na Praça do Império, isto é, na altura de trânsito da porta do templo, podendo, por isso, considerar-se que faz parte de um ritual de passagem territorial. Segundo van Gennep, "(...) the door is the boundary (...) between the profane and sacred worlds in the case of a temple. Therefore to cross the threshold is to unite oneself with a new world. It is thus an important act in marriage, adoption,

[375] Excerto do discurso lido no Palácio da Bolsa, a 7 de Janeiro de 1949, durante a inauguração da conferência da União Nacional e da campanha para a reeleição do Presidente Carmona. in *Discursos e Notas Políticas*, Vol. IV, Coimbra, Coimbra Editora, 1951, p.353

ordination, and funeral ceremonies."[376] A alocução surge, assim, como forma de transição entre as cerimónias sagradas, realizadas no interior do Mosteiro, e a procissão, essencialmente civil e profana, que se seguiu no exterior. Mas trata-se também de um instante de especial perigo porque ocorre na passagem entre um momento de menor liminaridade (o interior do monumento no qual se encontravam apenas representantes do Estado que assistiam a um ritual litúrgico que possui pouco variação) para um dos períodos de maior potencial de liminaridade (o cortejo fúnebre dos Jerónimos até ao comboio fúnebre foi, desta vez, realizado a pé perante a presença de milhares de pessoas). De facto, no exterior, apesar de a câmara continuar fundamentalmente centrada nas várias personagens do poder, surgem vários quadros representando a população, tanto em planos gerais que revelam uma Praça do Império repleta, como em breves *travellings* que disponibilizam um olhar mais aproximado da audiência.

As sequências no interior dos Jerónimos e na Praça do Império também funcionam como modo de estabelecer um tempo e espaço sagrados. Segundo Mircea Eliade, o tempo sagrado é constituído por períodos que "(...) não participam da duração temporal que os precede e os segue, que têm uma estrutura de todo diferente e uma outra ‹‹origem››, porque é um tempo primordial, santificado pelos deuses e susceptível de ser tornado presente pela festa."[377] Nesse sentido, a instauração do feriado nacional no dia 30 de Julho de 1970 funcionou como um modo de assegurar a presença de um elevado número de pessoas nas cerimónias fúnebres, mas também consistiu num processo de suspensão do fluxo regular do tempo. Além disso, outras festividades, como teatros, concertos e feiras, foram canceladas no sentido de tornar o funeral na única actividade social possível. Paralelamente, o espaço das cerimónias fúnebres também é sagrado. O Mosteiro dos Jerónimos é, simultaneamente, um templo cristão e um monumento associado ao período histórico português mais engrandecido pela historiografia popular e do Estado Novo. Esta componente tinha sido sublinhada pelo regime salazarista que realizou, à sua frente, em 1940, *A Exposição do Mundo Português*, que celebrou os 800 anos da fundação do país e os 300 anos da Restauração da Independência. Tal como Maurice Halbwach advogou, "Sacred places (...) commemorate not facts certified by contemporary witnesses but rather beliefs born perhaps not far from these places and strengthened by taking root in this environment."[378] O Mosteiro dos Jerónimos surge, assim, como

---

[376] Cfr. Arnold van Gennep, *The Rites of Passage*, Chicago, The University of Chicago Press, 1960 (1909), p.20

[377] Cfr. Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Lisboa, Edição ‹‹Livros do Brasil››, 1956, p. 83

[378] Cfr. Maurice Halbwach, *On Collective Memory*, Chicago, The University of Chicago Press, 1992 [1952, 1941], p. 199

um espaço especialmente relevante para um funeral de Estado, uma vez que é, concomitantemente, sagrado para a Igreja e para a nação.

Outro aspecto interessante do ritual de transição foi a passagem do corpo pelas várias organizações das forças armadas. Em S. Bento, o caixão foi transportado pela polícia militar. Na Praça do Império, as forças terrestres levaram-no até ao interior do Mosteiro dos Jerónimos. No dia 30 de Julho, elementos da marinha militar carregaram o esquife até ao comboio fúnebre. Por fim, neste momento da cerimónia, os aviões da aeronáutica passaram por cima do desfile e um navio da marinha atracado no Tejo e o exército de terra dispararam tiros de pólvora seca. Tal como outros aspectos deste ritual, ele possui uma importância dual: o corpo sacralizado confere prestígio às várias organizações militares, mas estas também transmitem o seu prestígio e peso hierárquico ao elemento em transição.

A seguir, inicia-se a sequência relativa ao comboio fúnebre para o qual tinha sido especialmente construído uma estação perto da Praça do Império. A primeira imagem que surge não é, todavia, da locomotiva, mas um *close up* de uma fotografia de Salazar - a primeira e uma das poucas imagens do antigo Presidente do Conselho - que um *zoom out* revela estar presa a uma coroa de flores que um militar segura na mão dentro da carruagem. Os três *close ups* seguintes mostram o emblema "Comandos da Guiné" e a fita do arranjo floral com a mensagem "Soldados de comandos [imperceptível] condecorados com as cruzes de guerra 1ª e 2ª classe" e "ao Sr. Dr. Oliveira Salazar". Só a seguir aparecem imagens do esquife a entrar no comboio perante o olhar de milhares de pessoas reveladas num movimento panorâmico. O comboio começa a movimentar-se e o filme corta para vários planos da Praça cheia de gente. A reportagem acompanha o percurso pela cidade mostrando as centenas de indivíduos que esperavam a passagem da locomotiva ao longo da linha, a ponte Salazar, o aqueduto e ainda mais pessoas nos arredores da capital. No último plano em Lisboa, algumas mulheres acenam adeus com um lenço branco. Por fim, o filme inclui alguns fotogramas de árvores recortadas pelo contra luz do sol que produz um *lens flare* e que anuncia a saída da metrópole e a entrada no país rural.

Na estação de Coimbra-B, centenas de pessoas aguardavam a chegada do comboio. De entre estas, o filme destaca alguns eclesiásticos, professores da Universidade, um militar e um estudante. Quando o comboio chega, inicia-se uma sequência delirante em que o operador filmou, em *close up*, dezenas de flores a serem colocadas dentro do comboio. Os planos são muito próximos e

filmados em direcção a um céu que explode em branco e no qual só se vêem mãos a segurar as flores ou as nucas de pessoas que se acotovelam para chegar à carruagem. Estes elementos foram montados em sequência produzindo uma abstracção e vertigem estilística semelhantes aos momentos mais dinâmicos de *O Homem da Câmara de Filmar* (1929), de Dziga Vertov. Por fim, o operador afasta-se, o comboio parte lentamente e a câmara centra-se nos reflexos das pessoas nas janelas da carruagem, justapondo o povo, as flores e o caixão ferroviário que prossegue o seu percurso em direcção ao Vimieiro. O quadro de Coimbra termina com o *close up* de um chapéu empunhado contra o céu em sinal de adeus.

A viagem ferroviária de Lisboa até Santa Comba Dão é um aspecto curioso do funeral de Salazar. A nível prático, o percurso ferroviário possibilitou o transporte do caixão de um modo seguro por vários pontos da cidade e do país. Apesar de ser feriado nacional, nem todos os lisboetas se deslocaram à Praça do Império, preferindo realizar o acto mais simples de esperar a passagem da locomotiva num ponto, provavelmente, mais perto da sua habitação. Mas depois do caixão e da bandeira nacional, o comboio surge como mais uma camada que protege o corpo: em parte, um quase esquife metálico que irrompe pelo país, em parte, um jazigo de ferro em que o caixão foi enterrado. De facto, a sequência de flores em Coimbra assemelha-se aos rituais que ocorrem durante o enterro, podendo argumentar-se que o corpo foi sepultado um pouco por todo o país. Além disso, este tipo de dispositivo ecoa outros funerais importantes, como os de Léon Gambetta e Abraham Lincoln, que, pela sua monumentalidade, ainda podiam ser referências importantes na altura. Tal como nestes casos, a digressão pela nação sublinha e estimula ainda mais o carácter nacional da morte somando-se a outros actos de ressonância deste evento como, por exemplo, as bandeiras a meia-haste, o encerramento de estabelecimentos e as exéquias paralelas realizadas em várias localidades do país. Contudo, a um nível mais simbólico, apesar das constrições inerentes ao percurso ferroviário, é curioso como o trajecto foi realizado no sentido oposto à marcha da vida do "pobre, filho de pobres" do Vimieiro, que se tornou lente em Coimbra e depois Chefe do Governo de Portugal. Trata-se, portanto, de um regresso dual: de volta à terra no sentido bíblico e biográfico. É também de realçar que o mundo rural representava, para a ideologia do Estado Novo, o mito ontológico de Portugal e, por isso, é possível advogar que esta viagem consistiu num retorno e incorporação na essência idealizada da nação.

Quando chegou a Santa Comba Dão, o caixão foi transferido para um armão militar e as pessoas acompanharam-no a pé até ao cemitério do Vimieiro, parando, primeiro, na igreja desta

localidade. O percurso foi realizado pelas estradas de terra da aldeia rodeadas de árvores e espectadores. Nas filmagens, o cortejo surge extenso e já não se assemelha a uma parada militar ou procissão religiosa. Nesta fase, longe da metrópole e dos perigos oposicionistas, várias pessoas do povo juntaram-se às individualidades ilustres desfigurando a estrutura do poder tão cuidadosamente preservada em Lisboa. No cemitério, as pessoas acotovelaram-se no espaço exíguo e, quando a campa rasa foi finalmente colocada, as portas abriram-se para toda a população. Este é um instante em que ocorre o que Turner designou por "*communitas*"[379]: um momento transitório, típico da fase liminal, que se caracteriza por uma sociedade pouco ou nada estruturada. Segundo este antropólogo, as comunidades necessitam destes períodos uma vez que, "It is rather a matter of giving recognition to an essential and generic human bond, without which there could be *no* society. Liminality implies that the high could not be high unless the low existed, and he who is high must experience what is like to be low."[380]

Depois de Santa Comba Dão, o filme regressa a Lisboa. Uma criança aponta com o dedo para uma pequena montra que indica "Salazar" e que se assemelha a um pequeno santuário secular constituído por fotografias emblemáticas do antigo Chefe do Governo. Vários planos mostram pormenores das imagens ou mais pessoas a olharem para elas. Por fim, o filme conclui com a Assembleia Nacional e a bandeira a meia-haste. Esta sequência final constitui a fase de incorporação na qual o antigo Presidente do Conselho entra na memória colectiva nacional. A viagem da cidade ao campo e deste à nação encontra-se concluída. Salazar já não é corpo, mas imagem da imagem, uma ideia enquadrada e preservada nos grãos de prata que servem de ponto de partida para outras lentes e exposições.

Em conclusão, pode verificar-se que o funeral de Estado funcionou como um ritual de passagem duplo: a um nível privado, mas também como forma de aprovação do governo e da comunidade da incorporação do homem na memória colectiva do regime e, implicitamente, da nação, cristalizando-o em torno de uma determinada mitologia. Pode, contudo, ser argumentado que Salazar seria aceite na memória colectiva mesmo sem este ritual. Para responder a esta posição, é necessário regressar à teoria de drama social de Turner. Segundo este modelo, a morte do ditador constituiu a ruptura na estrutura social. Este evento levou a um julgamento da sua história e relevância nacional que pode classificar-se como fase de crise. Nesse sentido, tal como analisado no

---

[379] Cfr. Victor Turner, *The Ritual Process. Structure and Anti Structure*, Ithaca, Cornell University, 1991 (1969), p.96

[380] *Ob. cit.*, p.97

capítulo três, o funeral, as suas representações visuais, os obituários e outros elementos constituíram o momento da acção reparadora em que várias forças sociais (Estado, media, povo) e agentes (políticos, burocratas, jornalistas, fotógrafos, operadores de câmara, redactores, etc.) actuaram encetando um balanço que, dependo do meio de comunicação, foi mais ou menos manipulado por uma das forças. Tendo em conta a violência preventiva e punitiva do Estado Novo, é compreensível que se tenha verificado uma certa homogeneidade neste balanço. Mas mesmo numa ditadura, nem todos os jornais apresentaram a mesma imagem de Salazar, uma vez que este período é, intrinsecamente, liminal. Por fim, ao contrário do modelo de Turner, o desfecho não é necessariamente conclusivo, uma vez que a história pode ser - e é -, frequentemente, revisitada por forças hegemónicas ou periféricas.

5.5. A Tríade Imagética

Como podemos verificar pelo acima exposto, a acuidade visual dos operadores de câmara e montadores da RTP era bastante elevada e possui poucos pontos de contacto com as reportagens televisivas actuais. Especialmente se considerarmos os planos sequência que possuem uma intenção experimentalista e estético-ideológica que é pouco comum na linguagem visual contemporânea, alegadamente neutra. Mesmo assim, é necessário realçar que, neste filme, as câmaras apontaram as suas lentes, essencialmente, às figuras de poder. Deste conjunto, as duas personagens que surgem com maior relevo são Marcello Caetano e Américo Thomaz. Este só aparece a partir do momento que regressa da viagem a S. Tomé, isto é, a partir das exéquias realizadas no Mosteiro dos Jerónimos levando a que o primeiro possua maior destaque durante uma parte considerável do filme. A estes dois elementos, junta-se Salazar representado pelo esquife.

É, portanto, pertinente analisar a ligação cinemática estabelecida entre estas três figuras. Tal como na imprensa escrita, a partir do momento em que Américo Thomaz entra em cena, o filme tem a preocupação de manter uma representação equilibrada dos dois elementos mais importantes do Estado. No Vimieiro, o Presidente da República até recebe maior relevo, uma vez que leva pela mão uma das irmãs de Salazar produzindo um casal simbólico profundamente arquetípico: o Estado, homem e cavalheiro, serve de apoio ao foro privado, feminino, emocional e de luto. Contudo, a primeira parte da reportagem pertence inteiramente a Marcello Caetano. Ele não só aparece constantemente (o primeiro *close up* do filme é dele) como está sempre associado ao esquife. Esta ligação estabelece-se a dois níveis comuns na linguagem da montagem. Por um lado, o filme corta

frequentemente entre Marcello Caetano e o caixão de Salazar baseando-se na dialéctica do cinema de Eisenstein e que Godard tão bem sumariou na frase: "(...) há uma certa forma de juntar imagens: assim que há duas, há três (...)"[381]. Por outro lado, tal como foi acima analisado, alguns planos permitem a justaposição dos dois elementos no mesmo enquadramento produzindo um efeito semelhante, mas, possivelmente, ainda mais eficaz.

Para Francisco Rui Cádima, a "dessalarização" da RTP encetada por Marcello Caetano era evidenciada pelas poucas notícias sobre o funeral após o enterro no Vimieiro. [382] Mas o mesmo aconteceu na imprensa escrita. E, como foi acima exposto, a morte de Salazar provocou alterações na emissão da RTP típicas dos acontecimentos mediáticos estudados por Daniel Dayan e Elihu Katz: interrupção da transmissão regular e directos televisivos, por exemplo. Como advogaram os autores de *Grief and Moruning in Cross-Cultural Perspective*, [383] uma das funções das cerimónias fúnebres finais é estabelecer uma data limite para o período de luto. Além disso, após a conclusão do ritual, deixaram de existir elementos de performance susceptíveis de originar material visual ou informativo, logo reportagens jornalísticas. A inexistência de notícias no *Telejornal* depois de 30 de Julho deve-se, assim, ao fim do ritual e do luto. O que de facto evidencia a "dessalarização" da RTP foi a manipulação subtil e não textual do material fílmico que permitiu transformar o funeral de Salazar num evento de Estado protagonizado por Marcello Caetano e, mais parcialmente, por Américo Thomaz.

---

[381] Cfr. Jean-Luc Godard, "Jean-Luc Godard rencontre Régis Debray", p.430 citado em Didi-Huberman, *Imagens Apesar de Tudo*, Lisboa, KKYM, 2012 (2004), p.172

[382] Cfr. Francisco Rui Cádima, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, p.257

[383] Cfr. Paul C. Rosenblatt, R. Patricia Walsh, Douglas A. Jackson, *Grief and Moruning in Cross-Cultural Perspective*, Yale, HRAF Press, 1976, p.90

6. Conclusão e Discussão

O estudo de caso do funeral de Salazar comprova as generalizações relacionadas com a morte do corpo sacralizado enunciadas no capítulo três e lança algumas pistas para futuras análises. O contexto político opressivo da ditadura reduziu as potencialidades de liminaridade deste ritual e considera-se, portanto, pertinente aprofundar o tema em contextos democráticos onde exista maior pluralidade de opinião. O enterro do antigo Presidente do Conselho num lugar longe do centro político permite equacionar este exemplo, também, como um corpo parcialmente invisível ou, pelo menos, retoricamente invisível, neste caso por desejo do defunto. Nesse sentido, as três categorias propostas não devem ser equacionadas como realidades estanques, mas antes como enquadramentos teóricos que se podem sobrepor e transformar com o tempo. Esta vontade do antigo Chefe do Governo também evidencia que determinados actos realizados ou desejados em vida são produzidos com o intuito de construir uma determinada imagem histórica, nomeadamente no momento fulcral do funeral.

Um factor que surge como particularmente relevante neste processo cultural é o obituário - o resumo da história de vida do defunto realizado na altura da morte. Estas narrativas parecem funcionar a dois níveis. Num primeiro momento, fornecem uma síntese da vida do falecido, simplificando-a e cristalizando-a. Concomitantemente, sublinham determinados elementos que podem ser mais importantes no contexto social e histórico em que ocorre o falecimento. Num ambiente mediático plural, a liminaridade da morte pública revela-se também aqui ao apresentar visões concorrentes destas mitologias. No caso do funeral de Salazar, as imagens e textos reproduziram, na sua maioria, uma realidade encenada ao longo de quarenta anos de governo. As críticas expressas em público tiveram que ser muito subtis e revelaram-se, principalmente, através da recusa do elogio laudatório equiparando, implicitamente, o antigo Presidente do Conselho a uma pessoa comum. Como analisado no capítulo quatro, num aparente paradoxo, foi a própria mitologia do Estado Novo sobre Salazar que se apresentou plural. O antigo Chefe de Governo foi representado, simultaneamente, como Professor Universitário e aldeão, "pobre, filho de pobres" e envolto na bandeira nacional, em câmara ardente no Mosteiro dos Jerónimos e enterrado no "cemiteriozinho" do Vimieiro. Deste modo, a liminaridade foi sequestrada através da construção de uma variedade de narrativas, todas elas controladas e relativamente simples, que foram disponibilizadas para diferentes audiências. Por outro lado, certas questões controversas no momento do falecimento contaminaram o ritual e o obituário do defunto. No caso em análise, a

guerra colonial, que já durava há quase dez anos, e a forte crítica internacional a esta, conduziram a um sublinhar do mito de Portugal enquanto "país multiracial" e à representação do conflito militar através de condecorações dos "heróis do Ultramar".

Os elementos que encouraçam o morto sacralizando o seu corpo são essencialmente visuais e assentam em mitologias de fácil apreensão pelo espectador. Alguns desses itens serão, provavelmente, generalizáveis, apesar de outros serem específicos de determinado defunto ou, pelo menos, de um regime político. No caso em análise, os principais componentes de sacralização do corpo durante o funeral, particulares ao falecido ou ao Estado Novo, foram o traje doutoral de Professor Universitário, o Mosteiro dos Jerónimos, a Assembleia Nacional, o comboio funerário e a campa rasa no Vimieiro. Apesar da indumentária universitária surgir como um aspecto específico do antigo Presidente do Conselho, as roupas parecerem ser um factor relevante na maioria deste tipo de mortes. Por exemplo, o General Carmona foi enterrado com o seu uniforme militar (fig. 9, anexo I) e Amália Rodrigues com um vestido negro e longo - imagem de marca da fadista, a partir de uma certa altura (fig. 10, anexo I). Não obstante o seu carácter nacional, os Jerónimos e a campa rasa no Vimieiro, salientam a relevância simbólica, transversal no caso dos corpos sacralizados, dos espaços em que se realizam as cerimónias fúnebres e o enterro.

Outros elementos que encouraçaram o corpo sacralizado são comuns a várias ritualizações de Estado. O povo, símbolo polissêmico e fundamental da política desde o século XVIII-XIX, foi representado enquanto povo-nação nas fotografias muito gerais das grandes manifestações encenadas pelo Estado Novo e em que não é possível discernir a individualidade das pessoas. Simultaneamente, surge como classe social, pobre mas digna, nos planos médios que enfatizam a emoção do funeral. Nos enquadramentos gerais em que se vêem alguns traços de identificação das pessoas, esta entidade também se apresenta como 'parte pelo todo', uma vez que, através das legendas e de um processo de metonímia, alguns indivíduos representam "todas as categorias sociais", de várias cidades e de todo o país. Mas, como foi analisado no capítulo dois, o excesso de informação da fotografia e a sua ligação ontológica ao real impossibilitam-na de estabelecer abstracções, de natureza estatística ou outra, mesmo recorrendo ao poder de fixação das legendas. Contudo, este impulso existiu com algum relevo no primeiro século da imagem indexical, exactamente porque a sua relação física ao referente parecia indica-la como um dispositivo científico. August Sander, por exemplo, desejou retratar 600 pessoas da área de Colónia, onde nascera em 1876, de modo a representar todos os arquétipos de classe social, emprego, vocação e

privilégio.[384] O seu plano não foi concluído porque o III Reich considerou que o projecto não se coadunava com o seu ideal de raça.[385] Este impulso também existiu nas ciências sociais. J. H. Lamprey, por exemplo, propôs que os antropólogos fotografassem os sujeitos contra um fundo em grelha, constituído por quadrados de 5 cm, no sentido de facilitar a comparação anatómica de diferentes povos.[386] E, contudo, o nosso olhar vê pessoas e não abstracções sociais ou étnicas. Segundo Christopher Pinney,

> "The grid (...) sought to transform the presence of unique bodies into what we might think of as somatic prototypes (...) For Lamprey, individual variation was an obstacle in the way of his desire for a complete visual knowledge that would assimilate bodies as data in a vast system of comparison. But it is striking how individuals still emerge in these gridded images (...)"[387]

Em oposição ao povo, surge a elite representada pelos políticos nacionais e internacionais, o clero e os militares. Enquanto que aquele é emotivo, estes são cerimoniosos, controlados, bem vestidos e em pose. O poder está sempre onde deve estar e nunca se descontrola ou mistura com as restantes pessoas. No caso em estudo, determinados elementos foram destacados, nomeadamente Marcello Caetano, Américo Thomaz e o Cardeal Cerejeira. Por outro lado, a Igreja e as forças armadas, uma presença ubíqua nas cerimónias fúnebres, raramente foram identificadas nas legendas e textos, sublinhando que a relevância e eficácia dos símbolos são tanto maiores quanto menos enunciados são o seu significante e significado. A presença destas duas entidades serviu como demonstração da sua subordinação ao Estado e, também, como forma de legitimação deste através da autoridade ideológico-religiosa da primeira e do poder bélico das segundas. De facto, os vários elementos que encouraçam o defunto possuem um propósito dual: eles conferem prestígio ao corpo que se encontra num processo liminal de sacralização, mas este também prestigia aqueles.

Como já foi mencionado no capítulo três, é necessário realizar análises detalhadas de outras mortes públicas em outros contextos políticos, culturais e históricos para determinar a validade transversal de algumas generalizações apresentadas. A um nível mais estrito, é também importante continuar a desenvolver trabalho científico na área da cultura visual em Portugal. Duas das lacunas mais evidentes detectadas durante a fase de levantamento bibliográfico foram as ausências de

---

[384] Cfr. John Berger, *About Looking*, New York, Pantheon Books, 1980, p.27

[385] Cfr. Roland Barthes, *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70, 2012 (1980), p.45

[386] Cfr. Christopher Pinney, *Photography and Anthropology*, London, Reaktion Books, 2011, pp.28-29

[387] *Ob.cit.*, p.29

estudos a nível estético, histórico, social e cultural sobre o fotojornalismo e a televisão em Portugal. A maioria dos livros publicados centra-se nos textos escritos pelos media e em entrevistas realizadas a jornalistas, redactores e directores de periódicos e da RTP. A variável da imagem surge de algum modo relegada para segundo plano ou invisível, até pelo facto de as fotografias não serem, nessa altura, assinadas. Contudo, os operadores destas tecnologias imagéticas são agentes importantes dos processos culturais analisados e poderia ser revelador conhecer melhor o seu *background* social, cultural, artístico e profissional e o modo como a imagem se relacionava com o texto nas redacções dos jornais e da televisão.

Também não foram encontrados trabalhos sobre representações visuais da morte em Portugal. Num primeiro momento da pesquisa, procuraram-se imagens de outras mortes públicas neste país. Neste processo é de salientar que as fotografias impressas nos periódicos referentes aos funerais de Sidónio Pais e do General Carmona apresentam semelhanças com as de Salazar. Os pontos de contactos são, além das procissões, o velório privado em casa e a representação do fim da vida como dormir equacionando possíveis ecos mais permanentes da "morte do outro" neste canto da Europa. Segundo relato de Clara Saraiva, existe um pequeno acervo de fotografias *post-mortem* produzidas em Portugal ao qual não foi, contudo, possível aceder. De qualquer modo, a um nível cultural e histórico, seria relevante analisar as contaminações externas e o desenvolvimento interno desta imagética em Portugal.

Por fim, é importante sintetizar as questões centrais desta dissertação através dos dois pólos que constituem os pontos de partida da análise e que fazem parte do subtítulo deste trabalho: o visual e o olhar. A presente tese defende que a morte pública provoca uma ruptura na sociedade que origina um debate simbólico sobre a validade da entrada do indivíduo no mundo dos antepassados, isto é, na memória colectiva. No caso do corpo sacralizado, as cerimónias fúnebres, em sentido lato, isto é, incluindo os rituais paralelos e as representações nos media, são a arena de liminaridade que permite encenar a resolução desta fricção. Recorrendo às teorias de Don Handelman, os elementos visuais do funeral constituem um evento de apresentação, semelhante à tomada de posse de um ministro ou secretário de estado. Mas para que uma morte pública entre na memória colectiva de uma comunidade é necessário que ela seja um evento de modelação, provocando uma transformação orgânica na sociedade. Este poder modelador ocorre através da segunda componente: o olhar das pessoas presentes no funeral, mas também através da visualização deste por intermédio de imagens reproduzidas pelos media. Roland Barthes fez uma contribuição importante para esta

relação ao argumentar que a fotografia possui uma dupla temporalidade: ela é, simultaneamente, passado e presente. A partir da observação do retrato de Lewis Payne, condenado à morte pela tentativa de assassínio do secretário de Estado americano W. H. Seward, o filósofo escreveu, "(...) *ele vai morrer*. Leio ao mesmo tempo: *isto será* e *isto foi*."[388] De facto, o seu ensaio *A Câmara Clara* começa exactamente com esta constatação: "Um dia, há muito tempo, encontrei uma fotografia do irmão mais novo de Napoleão, Jerôme (1852). Disse então para comigo, com um espanto que, desde então, nunca consegui reduzir: ‹‹Vejo os olhos que viram.››"[389] A fotografia possui, portanto, o tempo do presente da visualização e o presente da captura do referente. Nesse sentido, a reprodução das imagens indexicais do funeral permite uma multiplicação do olhar presencial no espaço e no tempo.

O olhar surge, então, como acto passivo (evento de apresentação) e activo (evento de modelação). Num ensaio sobre o trabalho de George Bataille, Michel Foucault argumentou que, "The eye is mirror and lamp; it discharges its light into the world around it, while in a movement that is not necessarily contradictory, it precipitates the same light into the transparency of its well."[390] Para este autor, o olho é receptor e emissor. Isto é, tal como no objecto em análise, o olhar pode ser, simultaneamente, espectador e actor. Nesse sentido, as cerimónias fúnebres de mortes públicas apresentam pontos de contacto com outras áreas: a antropologia origina conhecimento por meio da *observação* participante e o cinema e a fotografia produzem corpos com sentido através da interacção do olho com o enquadramento. O olhar não só vê como produz.

Além disso, tal como discutido no capítulo três, o funeral de Salazar comprova que as cerimónias fúnebres de corpos sacralizados são um dispositivo de reprodução social do regime e do *status quo*. Este processo baseia-se, fundamentalmente, no visual do ritual (corpo morto, indumentária, procissões, etc.) e nas representações imagéticas deste e do percurso de vida do defunto. No presente estudo de caso, aquela dimensão revela-se, inclusive, nos textos dos artigos que, pelo seu detalhe, permitem 'ver' o ritual. O aspecto visual é, portanto, um componente central deste processo cultural e político. Porquê? Certos autores, advogam que o paradigma ocidental

---

[388] Cfr. Roland Barthes, *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70, 2012 (1980), p.107 (itálico no original)

[389] *Ob. cit.*, p.11

[390] Cfr. Michel Foucault, *A Preface to Transgression* citado em Gary Shapiro, *Archaeologies of Vision. Foucault and Nietzsche on Seing and Saying*, Chicago, The University of Chicago, 2003, p.199

actual é ocularcêntrico[391] e que, por isso, as sociedades contemporâneas apreendem e analisam a realidade, maioritariamente, através deste sentido que se tornou hegemónico. Apesar da sua pertinência, esta abordagem teórica é tautológica. Por isso, voltemos ao início. Como foi analisado, tudo começa com um símbolo visual - o corpo morto - que, segundo Katherine Verdery[392], é algo físico e concreto, mas também um repositório de vários significados para diferentes pessoas e perspectivas. Paralelamente, de acordo com Roland Barthes[393] e Walter Benjamin[394], a imagem indexical possui uma relação física, mas contigente com o referente e, por isso, é, simultaneamente, algo concreto e polissêmico. É por causa destas características que a legenda é um elemento importante de controlo ideológico ao tentar fixar o significado das imagens. Nesse sentido, várias manifestações do visual analisadas (o corpo, a bandeira, o povo, as fotografias, etc.) possuem esta natureza dual contraditória: elas são, simultaneamente, concretas e polissêmicas. O visual surge, assim, como uma dimensão imbuída de uma liminariedade em potência, isto é, um acumulador de capital simbólico fundamental para a reprodução ou transformação social e política.

---

[391] Cfr. David Michael Levin (ed.), *Modernity and the Hegemony of Vision*, Berkeley, University of California Press, 1993

[392] Cfr. Katherine Verdery, *The Political Lives of Dead Bodies*, New York, Columbia University Press, 1999, p.28

[393] Cfr. Roland Barthes, *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70, 2012 (1980)

[394] Cfr. Walter Benjamin, "Pequena História da Fotografia" in Walter Benjamin, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio D'Água, 1992, pp. 118-119

Fontes

Publicações Periódicas

Açores

A Bola

A Capital

A Comarca de Arganil

O Comércio do Porto

Correio do Minho

Diário da Manhã

Diário de Coimbra

Diário de Lisboa

Diário de Notícias

Diário de Notícias (da Madeira)

Diário do Minho

Diário do Norte

Diário do Sul

Diário Insular

Diário Popular

Flama

Jornal de Notícias

Jornal do Algarve

Jornal do Comércio

Jornal do Fundão

Mundo Desportivo

O Norte Desportivo

Notícias da Amadora

Notícias da Covilhã

Notícias d'Évora

Novidades

O Primeiro de Janeiro

Record

Revista Municipal de Lisboa

Seara Nova

O Século

O Século Ilustrado

O Setubalense

República

O Tempo e o Modo

Vértice

Vida Mundial

A Voz

Voz do Operário

Referências Online

Funeral da Princesa Diana

http://www.youtube.com/watch?v=86MQSbZo28Y

http://www.youtube.com/watch?v=eWuOJ-qc9cA

Funeral de John F Kennedy

http://www.youtube.com/watch?v=NuJjaOKITn4

Execução e morte de Benito Mussolini

http://www.youtube.com/watch?v=hXUNXOqpwiE&bpctr=1365011661

Morte de Jonas Savimbi

http://www.youtube.com/watch?v=zF6TZoU8FBg

Enforcamento de Saddam Hussein

http://www.youtube.com/watch?v=KwfDHXT7RBM

Site da BBC com fotografias e vídeos relativos à morte de Mu'ammar al-Kaddafi

http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-15390980

Artigo do *New York Times*, "Pentagon to Allow Photos of Soldiers' Coffins"

http://www.nytimes.com/2009/02/26/us/26web-coffins.html?_r=0

Site do jornal *Público* com excerto do filme "O Regresso de Amílcar Cabral", de Sana Na N'Hada

http://www.publico.pt/multimedia/video/excerto-do-filme-o-regresso-de-amilcar-cabral-20130117-182334

Site do jornal *The Guardian* com vídeo sobre a preparação da polícia por causa dos possíveis conflitos gerados pelo funeral de Margaret Thatcher

http://www.guardian.co.uk/politics/video/2013/apr/16/police-prepared-protests-thatcher-funeral-video?INTCMP=SRCH

Site do jornal *The Guardian* com a notícia "Osama bin Laden death images should stay top secret, says court"

http://www.guardian.co.uk/world/2013/may/21/osama-bin-laden-death-images-secret?INTCMP=SRCH

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio, 2011, "O que é um povo?", in Dias, Bruno Peixe e José Neves (coord.), *A Política dos Muitos: Povo, Classes e Multidão*, Lisboa, Ed. tinta-da-china.

ARIÈS, Philipe, 2000 (1977), *O Homem Perante a Morte*, Vol. I & II, Mem Martins, Europa-América.

BAPTISTA, Carla, 2012, *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses - do Século XIX ao Marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio Editora.

BARTHES, Roland, 2012 (1957), *Mitologias*, Lisboa, Edições 70.

BARTHES, Roland, 2012 (1980), *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70.

BARTHES, Roland, 2009 (1982), *O Óbvio e o Obtuso*, Lisboa, Edições 70.

BAUDRILLARD, Jean, 2002 (2000), *Screened Out*, London, Verso.

BEN-AMOS, Avner, 2000, *Funerals, Politics and Memory in Modern France 1789-1996*, Oxford, Oxford University Press.

BENJAMIN, Walter, 1992, "Pequena História da Fotografia", in Benjamin, Walter, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio D'Água.

BERGER, John, 1980, *About Looking*, New York, Pantheon Books.

BLOCH, Maurice e Jonathan Parry, 1999 (1992), "Introduction: death and the regeneration of life", in Bloch, Maurice e Jonathan Parry (eds), *Death & the Regeneration of Life*, Cambridge, Cambridge University Press.

BURKE, Peter, 2008 (2001), *Eyewitnessing, The Uses of Images as Historical Evidence*, Ithaca, Cornell University Press.

CÁDIMA, Francisco Rui, 1996, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Presença.

CARVALHO, Rita Almeida, 2013, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores.

CASTILHO, José Manuel Tavares, 2012, *Marcelo Caetano: Uma Biografia Política*, Coimbra, Ed. Almedina.

DAYAN, Daniel e Elihu Katz, 1999 (1994), *A História em Directo. Os Acontecimentos Mediáticos na Televisão*, Coimbra, Minerva.

DAYAN, Daniel, 2003, "O Jogo dos Media e dos Públicos no Funeral de Diana", in Mesquita, Mário (org.), *Televisão e Públicos no Funeral de Diana*, Coimbra, MinervaCoimbra.

DIDI-HUBERMAN, Georges, 2012 (2004), *Imagens Apesar de Tudo*, Lisboa, KKYM.

DURKHEIM, Émile, 1995 (1912), *The Elementary Forms of Religious Life*, New York, The Free Press.

ELIADE, Mircea, 1956, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Lisboa, Edição ‹‹Livros do Brasil››.

FARINHA, Luís, 1998, *O Reviralho, Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo 1926-1940*, Lisboa, Editorial Estampa.

FERRO, Marc, 1988, *Cinema and History*, Detroit, Wayne State University Press.

GEERTZ, Clifford, 1983, *Local Knowledge. Further Essays in Interpretive Anthropology*, New York City, Basic Books, Perseus Books.

GENNEP, Arnold van, 1960 (1909), *The Rites of Passage*, Chicago, The University of Chicago Press.

GIL, José, 1995, *Salazar: A Retórica da Invisibilidade*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.

GODINHO, Jacinto, 2011, *As Origens da Reportagem - Televisão*, Lisboa, Livros Horizonte.

HALBWACHS, Maurice, 1992 (1952), *On Collective Memory*, Chicago, The University of Chicago Press.

HANDELMAN, Don, 1998 (1990), *Models and Mirrors. Towards an Anthropology of Public Events*, New York, Berghahn Books.

HERTZ, Robert, 2004 (1907), *Death and the Right Hand*, New York, Routledge.

LEAL, João, 2010, "Usos da cultura popular", in Neves, José (coord.), *Como Se Faz Um Povo*, Lisboa, Ed. tinta-da-china.

LEVIN, David Michael (ed.), 1993, *Modernity and the Hegemony of Vision*, Berkeley, University of California Press.

LINKMAN, Audrey, 2011, *Photography and Death*, London, Reaktion Books.

LIPOVETSKY, Gilles e Jean Serroy, 2010 (2007), *O Ecrã Global*, Lisboa, Edições 70.

MACDOUGALL, David, 2006, *The Corporeal Image*, New Jersey, Princeton University Press.

MALINOWSKI, Bronislaw, 1988 (1984), *Magia, Ciência e Religião*, Lisboa, Edições 70.

MULVEY, Laura, 2006, *Death 24x a Second. Stillness and the Moving Image*, London, Reaktion Books.

NOGUEIRA, Franco, 1977, *Salazar: Estudo Biográfico*, Coimbra, Atlântida Editora.

NOGUEIRA, Franco, 1985, *Salazar: O Último Combate (1964-1970)*, Vol.VI, Porto, Livraria Civilização Editora.

Ó, Jorge Ramos do, 1990, *O Lugar de Salazar: Estudo e Antologia*, Lisboa, Publicações Alfa.

OBADIA, Lionel, 2011 (2007), *Antropologia das Religiões*, Lisboa, Edições 70.

PAULO, Heloísa, 2011, "Documentarismo e propaganda. As imagens e os sons do regime", in Torgal, Luís Reis (coord.), *O Cinema Sob o Olhar de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates/ Círculo de Leitores.

PINNEY, Christopher, 2011, *Photography and Anthropology*, London, Reaktion Books.

RANCIÈRE, Jacques, 2010 (2008), *O Espectador Emancipado*, Lisboa, Orfeu Negro.

ROSAS, Fernando, 1994, "O Estado Novo", in Mattoso, José (dir.), *História de Portugal*, Sétimo Volume, Lisboa, Círculo de Leitores.

ROSAS, Fernando, 2012, *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Ed. tinta-da-china.

ROSENBLATT, Paul C., R. Patricia Walsh, Douglas A. Jackson, 1976, *Grief and Moruning in Cross-Cultural Perspective*, Yale, HRAF Press.

SARAIVA, Clara, 1994, "Rituais Funerários dos Dois Lados do Atlântico", in *Antropologia Portuguesa*, Vol. 12, Coimbra, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

SCHNEIDER, Arnd, 2011, "Unfinished Dialogues", in Banks, Marcus e Jay Ruby (eds), *Made to Be Seen, Perspectives on the History of Visual Anthropology*, Chicago, The University of Chicago Press.

SHAPIRO, Gary, 2003, *Archaeologies of Vision. Foucault and Nietzsche on Seing and Saying*, Chicago, The University of Chicago.

SONTAG, Susan, 2012 (1973), *Ensaio Sobre Fotografia*, Lisboa, Quetzal Editores.

TENGARRINHA, José, 1989, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

TORGAL, Luís Reis, 2009, *Estados Novos Estado Novo*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

TRINDADE, Luís, 2006, *Primeiras Páginas: O Século XX nos jornais portugueses*, Lisboa, Ed. tinta-da-china.

TURNER, Victor, 1991 (1969), *The Ritual Process. Structure and Anti Structure*, Ithaca, Cornell University.

TURNER, Victor, 1974, *Dramas, Fields and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press.

TURNER, Victor, 1988, *The Antropology of Performance*, New York, PAJ Publication.

VALA, Jorge, 2009 (1986), "Análise de Conteúdo", in Silva, Augusto Santos e José Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

VERDERY, Katherine, 1999, *The Political Lives of Dead Bodies*, New York, Columbia University Press.

ANEXO I

Mortes Públicas

Fig. 1: Funeral do Presidente Lincoln, Nova Iorque, 25 de Abril de 1865, E.&H.T. Antony publishers

Fig. 2: Funeral do estudante João Martins Branco, Porto, 30 de Abril de 1931

Fig. 3: Corpo de Benito Mussolini e de outros membros do seu governo pendurados na Piazzale Loreto, em Milão

Fig.4: Pormenor do corpo de Benito Mussolini pendurado na Piazzale Loreto, em Milão

Fig. 5: Corpo de Jonas Savimbi morto, revista *Expresso*, 3 de Março de 2002, pp. 46, 47

Fig. 6: Corpo de Jonas Savimbi morto, *Público*, 24 de Fevereiro de 2002, p.1

Fig. 7: Derrube de uma estátua de Saddam Hussein no Iraque

Fig. 8: Representação da morte do imperador bizantino Andrónico I Comneno

S. E. o Cardeal-Patriarca abençoa o cadáver do sr. marechal Carmona, ainda deitado no leito onde exalou o último suspiro

Fig. 9: Corpo morto do General Carmona, *O Século*, 19 de Abril de 1951, p.1

Fig. 10: Corpo morto de Amália Rodrigues, revista *Expresso*, 25 de Agosto de 2012, p.108

ANEXO II

Imprensa Portuguesa

DEPÓSITO LEGAL
18 MAIO 1978

AÇORES

Ano Vigésimo Sexto — N.º 7471 Fundador — CICERO DE MEDEIROS Sexta-feira, 31 de Julho de 1970

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DO ARQUIPÉLAGO

Um desfile de mais de cem mil pessoas

LISBOA, 30. — Todos os diários madrilenos continuam a dedicar a máxima atenção às notícias chegadas de Lisboa sobre o falecimento do dr. Oliveira Salazar. Além disso, os jornais

(Conclui na 2.ª Página)

DIRECTOR E EDITOR — ANTONIO ALCÂNTARA DE MENDONÇA DIAS
CORPO DE REDACÇÃO — M. JACINTO DE ANDRADE

PROPRIEDADE DA IMPRENSA — SOCIEDADE DE IMPRENSA E PUBLICIDADE, S. A. R. L.
ADMINISTRAÇÃO — PRAÇA GONÇALO VELHO, 37 — P. DELGADA TELEF. 23 337 23 437
REDACÇÃO E OFICINAS — RUA MANUEL DA PONTE — P. DELGADA TELEF. 23 437

OS ESQUECIDOS!...

Por Dinis da Silva

OS FUNERAIS DO PRESIDENTE SALAZAR para Santa Comba Dão

As solenes exéquias nos Jerónimos

LISBOA, 30. — O cerimonial especial que transcorreu ao recinto mortal do Presidente Salazar e as numerosas individualidades que acompanham o corpo do ilustre estadista durante a jornada para Santa Comba Dão.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

O corpo de Salazar foi embalsamado

Uma exibição de Salazar em Luanda

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

O Presidente da República

elevado à dignidade de Almirante pelo Conselho de Ministros

Sob a presidência do Prof. Marcelo Caetano, reuniu-se, no Palácio de São Bento, o Conselho de Ministros.

Decidiu conferir a dignidade de marechal ao almirante

que oficialmente assumiu as funções no cargo de Presidente da República.

Assim, foi promovido a almirante o Presidente Américo Tomás. — E. N.

Um momento da missa de «requiem» cantada em português, celebrada pelo sr. D. Manuel de Medeiros Guerreiro, Bispo da Nampula, acolitado pelos revs. padres António de Almeida Maia e José Baptista Ferreira, párocos, respectivamente, de S. José e S. Pedro

AS EXÉQUIAS NA MATRIZ DE P. DELGADA

em sufrágio de SALAZAR

COMISSÃO DE PLANEAMENTO DA REGIÃO AÇORES

A 1.ª Reunião dos Grupos de Trabalhos

O rev. Dr. Herculano Pontes, vice-reitor do Seminário da Santa Cruz, quando proferia o elogio fúnebre de Salazar

AS FLORES DO AÇORES NO TÚMULO DE SALAZAR

Como oportunamente tivemos ocasião, a sr.ª D. Maria de Lurdes Tomás Rebelo levou, na última 3.ª feira para Lisboa um ramo de cinquenta cravos brancos perfeitos, ramo êste com a seguinte inscrição: «A homenagem do «Açores» ao grande restaurador da confiança aos destinos de Portugal eterno. Ponta Delgada 28 de Julho de 1970». Cremos não errar se dissermos que foi um dos primeiros ramos a chegar à urna do Presidente Salazar.

Outro à tarde, recebemos da mesma entidade especial o seguinte telegrama: «Evidenciando profunda gratidão, milhares de pessoas de todas as categorias sociais e diversas representações oficiais desfilam com impressionante espírito de ordem e civismo em filas compactas, de centenas de metros, esta última perante a urna do grande obreiro do ressurgimento nacional. Nesta hora histórica, as cravos açorianos prendem com a sua viva cordeira geral emoção lacrimejantes perfumadas saudades. Lourdes Rebelo».

4 Segunda-feira, 27 de Julho de 1970 A CAPITAL

A MORTE DO PRE

UMA VIDA DE TRABALHO

(Continuação da pág. 1)

...ja qual for o aspecto por que se analise, não deixou de ter profunda repercussão em todo o País, que se habituara a ver nele, ao longo de quatro décadas, a própria encarnação do regime de que foi o construtor e o condutor pertinaz. O seu desaparecimento — há quase dois anos — da cena política portuguesa, embora tivesse sido substituído, nas suas altas funções, por um homem de incontestável talento, revestiu-se de um significado transcendente de que nenhuma pessoa responsável deixou de ter perfeita noção. Tanto os que o aceitaram como chefe indiscutível e indiscutido como aqueles que, com idêntica firmeza, se recusaram sempre a dar-lhe o seu apoio, reconheceram nessa hora decisiva o alcance iniludível de um acontecimento que representava o abrir de um capítulo novo na história política do País.

Partidários que o seguiram cegamente e adversários que nunca aceitaram o ideário do regime recordam agora, embora por forma diferente, a sua passagem pelo Poder ao longo de quatro décadas. E por tal forma muitos dos seus adeptos se tinham habituado à sua presença constante e se recusavam a aceitar a ideia de que ele podia faltar um dia, ainda considerando a sua idade avançada, que a sua morte — mesmo a sua «morte política» — teria criado problemas que ainda não haviam sido postos, quer no espírito da maioria das pessoas responsáveis quer à consciência da Nação, se o Chefe do Estado não tivesse tomado na hora própria a decisão adequada: chamar Marcello Caetano, depois de ouvir as opiniões mais responsáveis do regime.

Nos sectores da oposição, que, embora discordando da linha de rumo seguida pelo regime, não desejam outra coisa que não seja o progresso de Portugal e o bem-estar de todos os portugueses, também o desaparecimento do Presidente Salazar como homem público não deixou de ser acompanhado com o interesse e a emoção que amplamente se justificava. Durante os anos em que o Poder esteve a seu cargo — e foi ele o estadista que durante mais largo período de tempo o ocupou na nossa História — teve os que discordaram, em diversas ocasiões, da orientação do regime, quer nas suas linhas gerais quer em simples pormenores de execução, enquanto muitos outros o acompanharam sem vacilações. Muitos houve que se declararam prontos a assumir responsabilidades, sem que se tenha deparado oportunidade para isso, mas ninguém de boa fé lhe negava o esforço que desenvolveu e os objectivos que sempre visou, ao longo da sua árdua vida de trabalho: promover o progresso do País.

A crise resultante da sua prolongada doença foi resolvida pelo Presidente da República a tempo de evitar que a situação se deteriorasse. A individualidade escolhida para assumir as responsabilidades do Poder encontrou, sem dúvida, uma árdua tarefa a desempenhar, mas todos reconheceram, embora a unanimidade seja sempre difícil de conseguir, que o prof. Marcello Caetano era o único homem capaz de corresponder, dentro dos quadros do regime, ao que as circunstâncias exigiam dele. O povo português, compenetrado da gravidade desse momento histórico, abriu ao novo Presidente do Conselho aquele crédito de confiança que ele lhe pediu no seu discurso, pois desejava — e deseja — ver nas cadeiras do Poder quem saiba servir, acima de tudo, os altos interesses nacionais, sem pôr em causa — como não se põe — a legitimidade e o prestígio da República, proclamada em Portugal há sessenta anos. Foi nesta ansiosa expectativa que todos os portugueses viram abrir-se um novo capítulo na História de Portugal.

A «morte física» de Salazar, quase dois anos depois da sua inesperada «morte política» é o último acto de uma longa vida à qual os historiadores de amanhã — porque para os de hoje ainda é cedo — hão-de dedicar aturado estudo e, certamente, os mais ajustados juízos.

A História escrita no próprio dia peca sempre por excessos — muitas vezes antagónicos — que só o tempo se encarrega de esbater e depois de repor nos limites aceitáveis da verdade.

Três dias no Governo — O dr. Oliveira Salazar com os membros do primeiro Governo saído do Movimento de 28 de Maio de 1926, e no qual se manteve apenas três dias, para só voltar em Abril de 1928. Na gravura vêem-se também o comandante Mendes Cabeçadas, o prof. Mendes dos Remédios, o general Gomes da Costa, o prof. Manuel Rodrigues e o general Óscar Carmona

A VIDA POLÍTICA
DO ANTIGO CHEFE DO GOVERNO

(Continuação da pág. 1)

[illegible]

• Deputado pelo Centro Católico

[illegible]

O dr. Oliveira Salazar, na cerimónia da posse da pasta das Finanças (Abril de 1928), em que declarou: «Sei muito bem o que quero e para onde vou». À direita, vê-se o general Vicente de Freitas, chefe do Governo

À saída do Palácio de Belém quando foi, pela primeira vez, encarregado de formar Governo

A Capital, 27 de Julho de 1970, p.4

SIDENTE SALAZAR

assim as responsabilidades do Poder. Não tardou, todavia, a regressar a Coimbra, após dois meses como titular da pasta das Finanças, embora a sua passagem pelo Ministério se refundisse realmente a poucos dias. De novo em Coimbra, a sua actividade doutrinal continuou, versando a situação financeira do País. A gerência de 1926-1927 encerrara-se com um «deficit» de 641 mil contos, o qual, em 1927-1928, ainda seria de 381 mil contos. Perante as dificuldades crescentes, o Governo solicitara um empréstimo avultado à Sociedade das Nações, o qual deliberou concedê-lo desde que um seu delegado fiscalizasse a aplicação. Em face das condições decidiu-se deste empréstimo. Constituído novo ministério, presidido pelo general Vicente de Freitas, depois do efémero presidente Carmona. Foi para ele convidado o prof. Oliveira Salazar, que aceitou e assumiu sob a condição de lhe caber o direito de fixar para ùltimo e estabilização do orçamento e das contas, mediante o aumento das receitas e a restrição das despesas, adiando-se a reforma do concelho de nova despesa extraordinária, redução da dívida pública, reforma de impostos, reorganização do crédito, bem como outras providências: reforma da Caixa Geral de Depósitos, da Junta do Crédito Público; transformação do Instituto Nacional de Estatística; reorganização da Casa da Moeda; criação da Inspecção Geral das Finanças; instituição da Caixa Nacional de Crédito, da Caixa Nacional de Previdência, e do Ministério dos Serviços do Estado, etc., etc.

• Chefia do Governo

As normas fundamentais que estabeleceu para a administração pública manifestaram-se ao longo de todo o período em que presidiu aos destinos da País. Chamado, em 1932, a exercer as funções de Chefe do Governo cumulativamente com as responsabilidades inerentes à pasta das Finanças, generalizava a toda a vida pública portuguesa as normas por que pautara a actividade do seu departamento. Contado, já antes de 1932 o prof. doutor Oliveira Salazar recebera homenagens significativas por parte de oficiais do Exército e da Marinha, aos quais se dirigia sobre problemas políticos da maior magnitude, e, especialmente, sobre as virtudes militares, cujo elogio proferiu em 1926, no Quartel General do Governo Militar de Lisboa, apoiando da imposição das insignias ao então governador militar da região, general Daniel de Sousa. Em 1932, o prof. doutor Oliveira Salazar recebeu da oficialidade das Forças Armadas as insignias da Grã-Cruz da Torre e Espada. Na decurso da referência, referiu-se largamente ao papel do Exército na implantação e evolução do regime instaurado em 1926, tendo sido convidado à presidência do Ministério pouco menos depois.

A nova situação política começou a adquirir, a partir de então, uma estrutura jurídica e política, dominada por esta, em 1921, a revolta da Madeira e omitida a agitação que se propagara um pouco em Portugal após a queda de Prima Rivera e da Monarquia em Espanha.

Relativamente aos ministérios portugueses, o prof. doutor Oliveira Salazar, após ter decretado os últimos cortes de D. Manuel II, que faleceu em 1932, exprimia na sua política de vida no discurso perante os corpos directivos da União Nacional, não só o que vacuo e curtas concepções ministeriais para que não tenha por elas absoluto respeito: não se ordena à inteligência que deixe de olhar a verdade onde a vir, afirmou, «Mas as ideias não têm sempre força realizadora nem utilidade política.»

Acerca de D. Manuel II cujo elogio proferiu, declarou que o monarca deposto morrerá sem deixar herdeiro nem sucessor.

• 1933: nova Constituição

A Imprensa publicara, em 1932, o projecto de Constituição baseada na soberania das Famílias perante o Estado, no livre acesso de todas as classes aos benefícios da civilização e na independência de todos os elementos estruturais da Nação na vida administrativa e na feitura das leis.

Deixara igualmente desde então a criação do Secretariado Nacional de Informação, Turismo e Cultura Popular (actualmente o S. N. I.), bem como os discursos proferidos nova reunião das comissões políticas da U. N., efectuado no Coliseu dos Recreios; na inauguração da 2 Conferência dos Governadores Coloniais; na organização desportivas; aos delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, e em outras ocasiões oficiais. Ainda em 1933 foi promulgado o «Estatuto do Trabalho Nacional», na sequência de iniciativas já tomadas anteriormente quanto a um sector especial da economia portuguesa: o comércio e indústria das conservas da sardinha.

No ano imediato efectuaram-se o I Congresso da União Nacional e o lançamento da primeira pedra de bairros de casas económicas, no Porto, no decurso dos quais o Chefe do Governo expendeu públicamente os conceitos fundamentais da sua governação.

Em 1935 procedeu-se, por disposição constitucional, à eleição do Presidente da República, sendo reeleito o general António Oscar de Fragoso Carmona. Nesse ano abateram em Lisboa uma tentativa revolucionária, a propósito da qual o prof. doutor Oliveira Salazar enunciou diversas declarações sobre os problemas do País. Em 1936, o Chefe do Governo, que já ocupara, trimestralmente, em 1928, a pasta dos Colónias, veio a desempenhar o cargo de ministro da Guerra, a título interino, e, a terceira vez, o de ministro dos Negócios Estrangeiros, de que, pouco depois, passou a ser titular.

Entretanto a situação internacional evolucionava e, em Espanha, em Maio desse ano, declarava-se o movimento insurrecional chefiado por Franco, rapidamente transformado em guerra civil. Assim, em Braga, em 28 de Maio do mesmo ano, ao comemorarem-se do X aniversário da revolução, chamada pelo general Gomes da Costa, ao divorcio das quais haviam políticas várias declarações políticas e manifestações repetir com energia uma tentativa de marinheiros em dois navios de guerra surtos no Tejo.

• A guerra civil de Espanha

O problema internacional criado pela guerra de Espanha é objecto de atitudes prudentes, em várias notas, até que o Chefe do Governo deliberou suspender as relações diplomáticas com Madrid. Ocorreu, então, uma manifestação de apoio ao Governo, em Outubro desse ano. Em Julho de 1937, o prof. doutor Oliveira Salazar assegura livre de um atentado dinamitista.

Em princípios de 1938, o Chefe do Governo declara pe-

(Continua na pág. 6)

O dr. Oliveira Salazar no dia em que tomou posse, pela primeira vez, da pasta das Finanças (1928) da qual se afastou dias depois

Numa festa da Mocidade Portuguesa, junto do Presidente Carmona e dos ministros Mário Pais de Sousa e Carneiro Pacheco

• Pela segunda vez na pasta das Finanças

Tomou posse do cargo em 27 de Abril de 1928, na véspera de completar 39 anos, e, pouco depois, publicava a reforma orçamental, bem como diplomas legais sobre o imposto de salvação pública e alterações em matéria fiscal. Em Julho do mesmo ano foi a revisão das tarifas de direitos aduaneiros e a simplificação das imposições alfandegárias, e, em 31 de mesmo mês, publicou o orçamento para 1928-1929, o primeiro equilibrado depois da tentativa de Afonso Costa em 1913-1914.

Nesse primeiro orçamento do novo ministro das Finanças figurava o saldo positivo de 1876 contos, e que nas contas efectivas correspondiam 272 mil contos.

Só em 1942 o prof. doutor Oliveira Salazar abandonaria a pasta das Finanças, somando cerca de 2 milhões de contos o total dos saldos dos exercícios desses dois anos. Ao regressar a Coimbra, após dois meses como titular da pasta das Finanças, embora a sua passagem pelo Ministério se refundisse realmente a poucos dias. De novo em Coimbra, a sua actividade doutrinal continuou, versando a situação financeira do País. A gerência de 1926-1927 encerrara-se com um «deficit» de 641 mil contos, o qual, em 1927-1928, ainda seria de 381 mil contos. Perante as dificuldades crescentes, o Governo solicitara um empréstimo avultado à Sociedade das Nações, o qual deliberou concedê-lo desde que um seu delegado fiscalizasse a aplicação. Em face das condições decidiu-se deste empréstimo. Constituído novo ministério, presidido pelo general Vicente de Freitas, depois do efémero presidente Carmona. Foi para ele convidado o prof. Oliveira Salazar, que aceitou e assumiu sob a condição de lhe caber o direito de fixar para

A REDUÇÃO DAS DESPESAS PÚBLICAS DEFENDIDA PELO DR. SALAZAR EM 1923 E A MANEIRA COMO A PRATICOU

Em Novembro de 1923, no Congresso das Associações Comerciais e Industriais Portuguesas, foi lida uma tese do dr. Oliveira Salazar mais tarde publicada com o título alterado das Despesas Públicas, a qual afirmou hoje limpável interesse por dois motivos: pelas suas afirmações sobre o socialismo que então era viste com simpatia e esperança por muitos países e Governos para salvar das dificuldades criadas pela guerra de 1914-18, a qual terminara alguns tempos antes, e pelas conclusões do autor que viu a pena colher com as realizações do seu longo consulado governativo.

As suas preferências em matéria económica e social eram já estão nítidas e não podiam subsistir dúvidas quando à sua acção governativa que se propunha exercer desde que entrara na política, como deputado do Centro Católico, dirigente desse organismo e escritor e jornalista que, pelo livro, pelo folheto, pela conferência e pelo jornal se propunha cultuar na marcha da política nacional.

Eis as suas referências ao socialismo na Europa de 1923: «Sabe-se a Europa depauperada e exaurida pela guerra, aproveitando as dificuldades políticas e económicas e a crise de autoridade que as acompanhou, o socialismo lei os seus exércitos de conquista do Poder. Não podia triunfar senão de momento porque um regime socialista, mesmo moderado e a nova concepção da socialização geral, traduzem-se por uma diminuição de produtividade e não poderia aguentar-se com relativa fácil senão onde e quando uma longa acumulação de riquezas permitisse o seu largo desperdício. Em condições diferentes, tudo havia de ruir no desordem e no crime e nada melhor do que isto para provocar a necessidade das reacções salvadoras. Até que ponto e quando quererá o Estado português acompanhar o movimento que começa contra um maior alargamento das atribuições do Estado pela redução da tarefa que se tem sistematicamente imposto?»

O dr. Salazar, adversário do socialismo e das soluções socialistas entre as quais já então

(Continua na pág. 6)

O dr. Oliveira Salazar na célebre reunião da Sala do Risco, em que proferiu um importante discurso, dirigido aos altos comandos militares e à oficialidade da guarnição de Lisboa

A Capital, 27 de Julho de 1970, p.5

A MORTE DE SALAZAR

MINISTRO DAS FINANÇAS DAS COLÓNIAS, DA GUERRA E DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

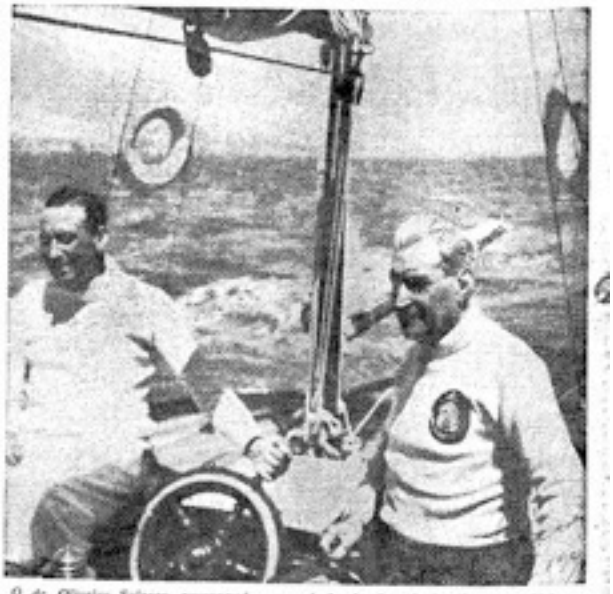
Depois do movimento militar de 28 de Maio de 1926, o dr. Oliveira Salazar foi por duas vezes chamado a Lisboa para sobraçar a pasta das Finanças, a primeira em Junho daquele ano, a segunda em Abril de 1928. Da primeira vez conservou-se na capital apenas alguns dias e regressou à sua cátedra de Coimbra. Da segunda ficou na capital até deixar, quarenta e um anos depois, o poder por motivo de doença.

Professor de Economia da Faculdade de Direito, o dr. Salazar distinguira-se como especialista das técnicas orçamentais e por isso era o seu nome lembrado para sobraçar a pasta das Finanças em circunstâncias diversas. No movimento de 28 de [illegible] colaboraram representantes militares de diversas correntes políticas, monárquicos (legalistas e constitucionalistas) e republicanos (da esquerda e da direita). Havia em diversos graus de [illegible] cujos guarnições estavam comprometidas no movimento, assumidas pelo propósito de impedir a intervenção [illegible] unidades com as quais estavam em contacto no movimento que estalou em Braga e Santarém.

Um dos mais importantes era o ecomildo de Coimbra, do qual faziam parte, entre outros oficiais, o major de artilharia [illegible] Fidro de Almeida e o capitão da administração militar Júlio de Oliveira. Estavam assim elementos ligados, como costuma dizer-se em gíria revolucionária, com o capitão-de-mar-e-guerra [illegible] Mendes Cabeçadas, um dos oficiais da Marinha que tomaram parte na revolução da 5 de Outubro de 1910. O capitão-de-mar-e-guerra Mendes Cabeçadas e os militares de Coimbra desejavam que do Governo saído do movimento [illegible] 28 de Maio fizessem parte alguns professores da Universidade e, assim, no primeiro Governo que se constituiu em seguida à vitória do movimento, entraram os professores Oliveira Salazar (Finanças), Manuel Rodrigues (Justiça) e Mendes dos Remédios (Instrução). Esse Governo foi derrubado por um golpe de Estado dado pelo então general Gomes da Costa. Dos três professores de Coimbra apenas um, o dr. Manuel Rodrigues, ficou em Lisboa e continuou a fazer parte do Governo. Os drs. Oliveira Salazar e Mendes dos Remédios deitaram a capital e voltaram a reger as suas cátedras na Universidade. O dr. Salazar exerceu de novo funções ministeriais dois anos depois, em Abril de 1928, em circunstâncias que vão a pena recordar.

A gestão financeira de 1926-27, da [illegible] estabilização política resultante do movimento de 28 de Maio, fora confiada ao ministro general Sinel de Cordes. As contas desse gerência apareceram no começo de 1928. A sua publicação revelou a existência de um «deficit» de mais de 400 mil contos, soma excessiva, tendo em conta que na previsão orçamental elaborada pelo ministro das Finanças dr. Marques Guedes figurava um «deficit» de 80 mil contos, o qual devia ser, na totalidade ou em parte, coberto pela receita da exploração do comércio e industria dos tabacos, cujo monopólio acabara pouco antes. Em Abril formou-se o primeiro Governo, tendo Presidente da República o general Carmona, à frente do qual estava o general [illegible] de Vicente de Freitas. A pasta das Finanças ficou durante cerca de um mês vaga até à nomeação do seu titular. Para o cargo cogitaram-se diversos nomes, acabando por ser escolhido o dr. Oliveira Salazar. Em nome do Governo foi a Coimbra e ali lhe transmitiu o convite oficial o então ministro da Instrução engenheiro Duarte Pacheco, muito tarde ministro das Obras Públicas.

O dr. Salazar chegou a Lisboa na véspera do seu aniversário natalício (contava então trinta e nove anos) e tomou posse preferindo um pequeno discurso que ficou a assinalar o primeiro etapa da sua prolongada carreira ministerial. O novo ministro das Finanças aceitara o cargo depois de aceitas as condições postas para isso. O Ministério das Finanças passava a ter direito de veto sobre as despesas de todos os departamentos ministeriais da forma a reduzir acentuadamente os encargos do Estado. O resultado da sua primeira gerência foi um saldo positivo e o ministro conservou-se à frente desse departamento da administração, embora episòdicamente exercesse passado por outros as Colónias, Guerra, Negócios Estrangeiros — em circunstâncias difíceis. Foi como ministro das Finanças, beneficiando dos seus conhecimentos dos problemas orçamentais, que ganhou a reputação que lhe permitiu, a partir de 1930 e sobretudo de 1932, desempenhar papel predominante na política nacional. Como ministro das Finanças fez parte dos Governos presididos pelos generais Vicente de Freitas, Inaia Ferreira e Domingos de Oliveira.



O dr. Oliveira Salazar, assevergando a candidata da Associação Naval de Lisboa, no «stan» do dr. Pedro Teotónio Pereira, por ele timonado

PRESENÇA A UMA ÚNICA SESSÃO DO PARLAMENTO

Embora [illegible] passado desprovidas de suas manifestações e repercussões a distância, por duas vezes se interrompeu do dr. Oliveira Salazar decisivamente influiram no curso dos acontecimentos. Da primeira, em 1922, resultou dotar a separação do Centro Católico como entidade política autónoma que teve na política do País anterior ao movimento de 28 de Maio, papel importantíssimo e que não está suficientemente estudado e documentado. Da segunda em 1932, dez anos depois do primeira, sendo já então chefe do governo, o discurso que proferiu em Novembro de 1932 estabeleceu os fundamentos das relações entre o Estado Novo e os monárquicos portugueses como força organizada cuja objectiva não podia deixar de ser a restauração do regime banido em 5 de Outubro de 1910. Comparemos-os como do primeiro por ser aquele que mais cedo fêm não e, devido à importância e alcance de sua intervenção procuraremos fundi-lo com certa extensão.

Após o seu rápido afastamento da cátedra, no princípio de 1918, o dr. Salazar voltou a reger a sua cátedra em Coimbra e a sua intervenção na política que ali ainda se fazia sentir no âmbito local, como estudante em Viseu onde fez uma conferência numa época em que expondo doutrinas os suas simpatias iam para o partido chefiado por João Franco, e depois de ingressar na Universidade como jornalista no «Imparcial» e dirigente do C. A. D. C. o Centro Católico encontrava-se na primeira fila dos seus dirigentes. Apesar de à frente do Centro se encontrarem personalidades políticas da categoria do seu presidente dr. Lino Neto, a política do Centro era orientada pelos bispos portugueses, entre os quais algumas divergências havia sobre a melhor maneira de a planear e executar e será de mais sentir a influência dos bispos [illegible] especialmente de Coimbra, desde os mais velhos como o professor da Faculdade de Cânones dr. Bissaia Gomes, os de Leiria Ferreira e Silva e Mendes dos Remédios, até aos mais novos, antigos discípulos do C. A. D. C., como Oliveira Salazar, Gonçalves Cerejeira, Pacheco de Amorim, Fernando de Almeida e outros. Embora os nomes dos drs. Pacheco de Amorim e Gonçalves Cerejeira tenham permanecido referidos e conhecidos à influência do seu colega da Faculdade de Direito, dr. Oliveira Salazar, era grande como se verifica do seguinte passo de um trabalho do prof. Marcelo Caetano referente ao ano de 1922: «No estado-maior do Centro Católico fora-se destacando um jovem professor da Universidade de Coimbra que fizera os seus estudos secundários no Seminário de Viseu, Chamava-se António de Oliveira Salazar.»

Entre católicos e monárquicos após um período de colaboração para fins políticos, a qual acompanhou as primeiras eleições da vigência do regime republicano, começaram as primeiros a manifestar propósitos de independência, justificados pela sua força eleitoral e influência no País. Com a criação do Centro Católico os mútuos com a sua reorganização, este interveio activamente nas páginas eleitorais e foi sempre os seus primeiros representantes nas eleições de 1911. (Castro Meireles e Júlio Gonçalves). Nas eleições de 1911, realizadas durante o consulado sidonista, elementos e a separação de monárquicos e católicos. Os primeiros queriam apenas dar dos últimos dois lugares nas suas listas, o que eles recusaram, decidindo por fazer triunfar este candidatura exclusivamente com os seus forças.

Depois da malogrado tentativa de restauração monárquica de 1919 (Norte e Monsanto), voltaram os católicos a concorrer às eleições mas estão já separados dos seus antigos aliados, os monárquicos. Nas eleições que se realizaram em Julho de 1921, no rescaldo da malogrado tentativa restauracionista do Norte e Monsanto, o dr. Oliveira Salazar foi proposto como candidato do Centro Católico e eleito pelo círculo de Guimarães, sendo também eleito vários eleitores o professor Pacheco de Amorim.

A influência exercida do Centro Católico era importante em vários círculos, especialmente em Braga e na Guarda. O arcebispo de Braga, onde exercia o direito eleitoral de Guimarães, era D. Manuel Vieira de Matos, antigo bispo da Guarda e um dos organizadores do Centro. O partido estão eleito sendo o governo do partido liberal chefiado pelo velho republicano Jaime de Barros Queiroz reuniram poucos votos excepto no bispo e as suas portas. O deputado dr. Oliveira Salazar compareceu a uma sessão de trabalhos que se realizaram entre os chefes dos diversos partidos naquela mês, para Coimbra para serviços de exames. Só por esse facto, e não por motivo de uma inexistente repugnância pela instituição parlamentar, deixou de comparecer na Câmara. Ao comentar este passo da sua carreira escreveu o professor Marcelo Caetano: «O dr. Salazar só assistiu a uma reunião da Câmara porque esta só funcionou em época de exames.» O dr. Salazar não se candidatou nas eleições de 1922 e 1925 mas, entretanto, expandia o ensinamento do prof. Marcelo Caetano, ao seu predomínio no movimento católico em montana de dia para dia. Graças a esse predomínio soube-lhe o visado defensor de Se-lhe e visado defensor de [illegible] o orgão, definitivamente, o reporter, definitivamente, o movimento católico da Causa monárquica e das tentativas para restaurar o regime deposto em 1910.

Dirigente do C. A. D. C. e colaborador assíduo do semanário «Imparcial»

(Continuação da pág. 7)

quintas, começou a ler Maurras e Bourget.» A cabeça do «Imparcial», órgão do C. A. D. C., figurava como director o dr. Gonçalves Cerejeira, mas, segundo este confessa, o verdadeiro director do jornal, no seu primeiro ano de existência, foi de facto Francisco Veloso.»

Quem consultar os números do «Imparcial» relativos a esse primeiro ano de publicação encontrará artigos assinados com o pseudónimo Alves da Silva, que usava o estudante Oliveira Salazar. Desses artigos, os que mais impressão causaram foram os referentes à questão da igreja de S. João de Almedina, escorraçado durante alguns tempos ao culto e mais tarde roubada após diversas peripécias que agitaram o meio académico. Escreve ao recordar esse episódio o dr. Cerejeira: «O Oliveira Salazar escreveu, então, com o pseudónimo Alves da Silva, inconvertivelmente os seus melhores artigos.» O incidente da igreja de S. João de Almedina foi sanado, e «Imparcial» interrompeu a publicação, o C. A. D. C. prosseguiu na sua marcha, vindo a exercer papel relevante na política nacional. Os dirigentes desta época dispersaram-se seguindo cada um o seu caminho, mas os mais influentes congregaram-se no Centro Católico e depois no desempenho de importantes cargos de Governo e da [illegible]-colaboração, durante a vigência do Estado Novo.

A Capital, 27 de Julho de 1970, p.8

A CAPITAL

Ano III (2.ª Série)
N.º 874 — 1970
Quinta-feira
30 de Julho
Preço 1$50

Director: MAURICIO DE OLIVEIRA

Editor: MANUEL NUNES

PROPRIEDADE: S. C. C. — SOCIEDADE GRÁFICA DA CAPITAL — S. A. R. L. • RUA DO SECULO, 94 — LISBOA-2 • TELEFONES: [illegible] • ENDEREÇO TELEGRÁFICO: ACAPITAL • TELEX: [illegible]

O Presidente da República e o Chefe do Governo, este com sua filha Ana Maria, ao chegarem esta manhã ao mosteiro dos Jerónimos

OS RESTOS MORTAIS DE SALAZAR A CAMINHO DE SANTA COMBA

• GRANDE MULTIDÃO ASSISTIU, EM SILÊNCIO, AO EMBARQUE DA URNA

• OS PRESIDENTES DA REPÚBLICA E DO CONSELHO ACOMPANHARAM O CORPO ATÉ À ÚLTIMA JAZIDA

Salazar efectuou hoje a derradeira viagem para Santa Comba Dão — a sua terra natal, onde vai dormir o sono eterno ao lado das campas de seus pais.

Durante dois dias, milhares de pessoas desfilaram em silêncio diante da seu ataúde, no mosteiro dos Jerónimos, em manifestação que teve incontestável significado. Muitos viram-no agora pela primeira vez. A romagem foi incessante e só parou quando o serviço de ordem a interrompeu, esta manhã, para principiarem as cerimónias finais.

Sob um sol rutilante, e por entre um mar de gente enaudecida pela comoção, o comboio especial, conduzindo a urna de Salazar, arrancou lentamente a caminho da última jazida do homem que governara Portugal, com tenacidade e fé — e sem desânimos — ao longo de quatro décadas consecutivas, por vezes eriçadas de graves problemas.

A multidão adensa-se

Logo de manhã cedo — quando ainda era permitido o desfile ante os restos mortais de Salazar — a romagem retomou o seu ritmo intenso, ininterrupto: gente de todas as condições sociais, mulheres de lenços humedecidos pelas lágrimas, homens de fisionomia contraída, crianças, em bicos de pés, para tentar ver o perfil emagrecido do prof. Salazar, formavam um cortejo silencioso que não cessava.

Cá fora, frente ao mosteiro, o movimento crescia de minuto a minuto. Os automóveis deixavam sobre a larga passadeira vermelha que dava acesso ao pórtico manuelino toda a Lisboa política, diplomática, militar, administrativa e social numa sucessão interminável de mantilhas negras, fraques, chapéus altos, fardas dos três exércitos, púrpuras e vestes universitárias.

Ao longo do percurso que a urna fará em redor da Praça do Império, ladeado de flores e todo alcatifado, a multidão vai conquistando os melhores lugares para ver Salazar passar pela última vez.

Contingentes militares da Armada, do Exército e da Força Aérea alinham pelo percurso. A multidão cresce constantemente.

• Uma divisão naval diante do mosteiro

No rio, em frente do mosteiro, alinha uma força naval, constituída por quatro navios de guerra com as bandeiras em funeral: as fragatas «Sacadura Cabral» e «Roberto Ivens» e as corvetas «João Coutinho» e «Jacinto Cândido», as quais salvarão com 21 tiros à saída do préstito.

• Milhares de pessoas em silêncio

Pouco antes das 10 horas, a multidão que se aglomera nos espaços para tal permitidos, na Praça do Império, oferece já um aspecto grandioso. Muita gente defende-se do Sol escaldante (que um brisa fresca tempera) como pode: com chapéus ou simples lenços; outros, em cabelo, afrontam corajosamente as inclemências ameaçadoras do astro-rei. Vendem-se, entre a multidão, retratos de Salazar — grandes, mais pequenos, simples postais.

Continua, entretanto, a chegada ao templo do mundo oficial: membros do Governo e alto funcionalismo civil, generais e almirantes;

(Continua na pág. 2)

Os ministros da Defesa, do Interior e dos Negócios Estrangeiros com suas esposas

O CARDEAL-PATRIARCA PRESIDIU ÀS EXÉQUIAS

...SADO PELA CENSURA

HOJE:
28 PÁGINAS
INCLUINDO
O SUPLEMENTO
«ECONOMIA
& TÉCNICA»

A Capital, 30 de Julho de 1970, p.1

O Comércio do Porto

Tentativa revolucionária de 1935 e o atentado dinamitista contra Salazar, em 1937

Livros

Alguns dos principais discursos de repercussão nacional e internacional proferidos por Salazar

O Comércio do Porto, 28 de Julho de 1970, p.14

O Comércio do Porto, 28 de Julho de 1970, p.15

A morte do Prof. Dr. OLIVEIRA SALAZAR

PONTE SALAZAR

O CHEFE DO ESTADO

A SAÍDA DO CORTEJO FÚNEBRE PARA O MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

O POVO ANÓNIMO

TAMBÉM DESFILOU PERANTE A URNA NOS JERÓNIMOS

A REPERCUSSÃO NO ESTRANGEIRO

Sugerido o encerramento de estabelecimentos e escritórios na cidade de Lisboa

O Comércio do Porto, 29 de Julho de 1970, p.9

ANO CXVII — NÚMERO 208

Sexta-feira, 31 de Julho de 1970

O Comércio do Porto

EDIÇÃO DA MANHÃ

FUNDADO EM 1854

TAPETES • CARPETES
Carpilio

FUNDADORES: H. C. DE MIRANDA • M. S. CARQUEJA • F. S. CARQUEJA • BENTO CARQUEJA • DIRECTOR E EDITOR: F. SERRA CARDOSO

O FUNERAL DO DR. OLIVEIRA SALAZAR

FOI MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTO A QUE SE ASSOCIOU TODO O PAÍS

COM O CHEFE DO ESTADO DE PORTUGAL DO EQUADOR

AS ROÇAS DE S. TOMÉ

VISTAS NUMA DAS MAIS IMPORTANTES E REPRESENTATIVAS

Recuperado o helicóptero desaparecido no Rio Mansoa

Não foram encontrados mais corpos

SANTA COMBA DÃO

MERGULHADA EM TRISTEZA

PRESTOU AS HOMENAGENS DEVIDAS AO FILHO ILUSTRE QUE ONTEM FOI A ENTERRAR

NO PEQUENO CEMITÉRIO DA SUA TERRA NATAL

UM VIOLENTO TERRAMOTO CAUSOU GRANDES DESTRUIÇÕES NO NORDESTE DA PÉRSIA

ELOGIO FÚNEBRE

PRONUNCIADO NOS JERÓNIMOS POR MONS. MOREIRA DAS NEVES

O Comércio do Porto, 31 de Julho de 1970, p.1

CORREIO DO MINHO

Diário Regionalista

JULHO — 1970
28
Terça-feira

JOAQUIM DE MACEDO
EUCLIDES DE BARROS

Morreu o Prof. Doutor António de Oliveira Salazar

—Grande Português e eminente Estadista que entra na história gloriosa de oito séculos como um dos mais lúcidos e esforçados servidores da Nação

★ O Chefe do Estado que se encontra em S. Tomé assistirá aos funerais nacionais que se realizarão na quinta-feira

★ O GOVERNO DECRETOU LUTO GERAL DURANTE QUATRO DIAS

★ Os restos mortais são hoje trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos

★ O Prof. Marcelo Caetano, que foi das primeiras entidades a comparecer na residência do extinto, pronunciou notabilíssimo discurso sobre a obra e a personalidade de Salazar

BRAGA, 1946

Um Homem e um Português

O Conselho de Ministros decretou luto geral de quatro dias

Foi embalsamado o corpo de Salazar

Breve resenha da vida do grande estadista

O elogio de Salazar

— a poucas horas do falecimento —

feito pelo Sucessor — Marcello Caetano:

A morte de Salazar

— sentida na Cidade de Braga

Homem de carácter forte e vontade inflexível

O termo da Ditadura

NA MORTE DE SALAZAR

SALAZAR — o Chefe Genial — (Autor de um dos mais empolgantes livros sobre o Estadista — «Discursos sobre Salazar») — num dos momentos mais felizes da vida do Grande Homem português.

Um Salazar! e os indecentes, — marxistas-leninistas, — marcelistas vão de Politica por, em dia, dia e dia, depositar flores e cantar galardões do escritor português, glosando-o sobre louvor, em um misto de apaixonado ao regime.

As bandeiras dos países da N. A. T. O. a meia haste

Chegou a Lisboa o vice-presidente do Brasil

A representação da Inglaterra

Águia sanha dupla mágoa

— ataca o ABC

Salazar na imprensa de Moçambique

Já se encontra em Lisboa

a delegação francesa

Manifestação de luto em Luanda

Salazar ocupou posição eminente no cena internacional

— Diz-se em mensagem a Presidente Nixon

Na A'frica do Sul o nome de Salazar

nunca será esquecido

— gelo-se do Ministro Hilgard Muller à chegada a Lisboa

A morte do eminente estadista recebida com pesar no Brasil

Esquelas solenes em Moçambique

Salazar, adeus!

(Continuado da 1.ª página)

Bisavó: — *ele que lhe servirão tanto génio, se lhe faltasse o património ?!»*

E esse o Homem que vai a enterrar hoje — um exemplo, fonte de seus progenitores.

Mas é também o Homem que vai preencher páginas da nossa História.

Salazar, adeus!

BRAGA nas vésperas das exéquias por SALAZAR

A Televisão e as cerimónias de hoje das exéquias e dos funerais do PRESIDENTE SALAZAR

Realizam-se hoje na Catedral as exéquias por alma do Presidente Salazar

Telegramas de condolências

Pedro Calmon:

A personalidade julgará o homem e a obra com perspectiva em falta aos contemporâneos

Na Argentina foi repetido um luto

A CASA DE SALAZAR

Se a Inglaterra vender armas à AFRICA DO SUL

o Uganda expulsará todos os cidadãos ingleses

Regressou a Lisboa o venerando Chefe do Estado

★ Emoção à partida em S. Tomé

"Correio do Minho"

A OPTICA

J. Cerqueira Gomes

RUA DE S. MARCOS, 12

Casa especializada em Optica médica com oficina completa para todas as montagens

Carta de Guimarães

(Continuada da 5.ª página)

O Chefe do Estado Maior empalês condenado a prisão perpétua

Os guerrilheiros palestinianos

Ratos a m... gatos a m...

Assembleia reunida a 24 em S. P...

2ª PÁGINA — DIÁRIO DA MANHÃ

O HOMEM QUE FOI PORTUGAL

A FOLHA

A CASA POBRE, NO LUGAR DE VIMIANZO, ONDE NASCEU SALAZAR

A REPOSTA À SINDICÂNCIA

O colaborador Alves da Silva

No Centro Académico da Democracia Cristã

PRIMEIRO EDUCAR

Salazar deputado

Um programa de ação

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.2

DURANTE QUARENTA ANOS

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.3

O HOMEM QUE FOI PORTUGAL

Diário da Manhã, 28 de Junho de 1970, p.4

DURANTE QUARENTA ANOS

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.5

O HOMEM QUE FOI PORTUGAL

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.6

DURANTE QUARENTA ANOS

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.7

8ª PAGINA — DIARIO DA MANHÃ

O HOMEM QUE FOI PORTUGAL

SALAZAR E O PRESIDENTE CAPA FILHO, DO BRASIL, ADMIRANDO O PANORAMA QUE SE AVISTA DO PALACIO DA PENA

Abandono a pasta das Finanças

Comemorações do Duplo Centenário

Concordata e Acordo Missionário

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.8

DIÁRIO DA MANHÃ

DURANTE QUARENTA ANOS

SALAZAR APRECIA PLANOS DE URBANIZAÇÃO

A neutralidade colaborante

Que é a Revolução Nacional?

Os problemas nacionais

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.9

O HOMEM QUE FOI PORTUGAL

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.10

DIARIO DA MANHÃ

DURANTE QUARENTA ANOS

MINISTERIO DAS FINANÇAS

AUTOGRAFO DE UMA MENSAGEM DE SALAZAR

O DR. OLIVEIRA SALAZAR, COM O PRESIDENTE COSTA E SILVA, DO BRASIL

COM A RAINHA ISABEL DE INGLATERRA

Na Canonização de S. João de Brito

Relevância do factor político

Após 20 anos de Governo

«Deve à Providência a graça de ser pobre»

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.11

O HOMEM QUE FOI PORTUGAL

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.12

DIÁRIO DA MANHÃ

DURANTE QUARENTA ANOS

Necessidade do apoio da consciência nacional

Ao longo de quarenta anos

Mogos, seguir-vos-ei!

Forçada a ofensiva externa

Não estou aqui, mas não, não me separo de vós

Diário da Manhã, 28 de Julho de 1970, p.13

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTUGUESES DE TODAS AS ETNIAS
DE S. BENTO AOS JERÓNIMOS
exprimiram o seu profundo desgosto pela morte do Presidente Salazar

Um laço de corações

REGRESSA HOJE A LISBOA
O CHEFE DO ESTADO

NADA PODERÁ SOBREPOR-SE
AO LUTO DE TODA UMA NAÇÃO
PELA MORTE DO SEU MAIS DILECTO FILHO
– afirmou o Chefe do Estado no Palácio do Governo de São Tomé

CONSELHO DE MINISTROS

ASCENDE AO POSTO DE ALMIRANTE O CONTRA-ALMIRANTE AMÉRICO THOMAZ

Na 3.ª página
CRONICA DE
JOSE MANUEL PINTASILGO

Diário da Manhã, 29 de Julho de 1970, p.1

O PRESIDENTE SALAZAR
TAMBÉM FEZ O PRÍNCIPE

SALAZAR REVIVE
na sua obra nacional

FLORES DA MADEIRA PARA O TÚMULO DO FALECIDO PRESIDENTE

Diário da Manhã, 29 de Julho de 1970, p.3

NA MORTE DO PRESIDENTE SALAZAR

CHEGARAM AS REPRESENTAÇÕES QUE ASSISTEM ÀS EXÉQUIAS SOLENES

ESTADISTAS FALAM DE SALAZAR

EM MAIS DE QUATRO DECADAS

à frente do Governo do seu País ofereceu ao Mundo um exemplo notabilíssimo de entrega abnegada e austera

— afirma Sanchez Bella

DESAPARECE COM SALAZAR QUASE MEIO SÉCULO DA HISTÓRIA PORTUGUESA

— SALIENTA O MATUTINO MADRILENO «ABC»

Diário da Manhã, 30 de Julho de 1970, p.5

DIARIO DA MANHÃ

NA MORTE DO PRESIDENTE SALAZAR

UM MONUMENTO A SALAZAR

O GOVERNADOR DE SÃO TOMÉ LOUVA O ENTUSIASMO

IMPERECÍVEL LIÇÃO de sacrifício e de renúncias

— Palavras do Governador-Geral de Moçambique referindo-se ao exemplo de vida de Salazar

NA IMPRENSA ESTRANGEIRA

SALAZAR VIVEU EM CADA MINUTO DA SUA EXISTENCIA

OS PROBLEMAS DA SUA PÁTRIA

— escreve em editorial o «Jornal do Brasil»

Proposta anunciada pelo vereador Leopoldo Nunes

MISSA NA CATEDRAL DE LOURENÇO MARQUES

OS PORTUGUESES DE BARCELONA ASSOCIAM-SE AO LUTO

SOLENES EXEQUIAS EM TODAS AS CAPITAIS DE DISTRITO

A FEDERAÇÃO DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO convida os seus filiados a fazerem-se representar no funeral

AMOU E SERVIU A SUA PATRIA NUMA DADIVA TOTAL

— Disse o Dr. Manuel Rocheta

Sociedade «ESTORIL»

Soube construir o Portugal moderno — escreve «O Tempo» de Roma

O Prof. Salazar entra agora na vasta galeria das grandes figuras nacionais — declarou à «ANI» o presidente do Real Gabinete Portugués de Leitura do Rio

A carreira política de Salazar analisada no jornal «Sueddeutsche Zeitung» de Munique

PROGRAMA ESPECIAL DA EMISSORA NACIONAL

Diário da Manhã, 30 de Julho de 1970, p.7

8ª PAGINA — DIÁRIO DA MANHÃ

UM MONUMENTO A SALAZAR

ERGUIDO NO PROLONGAMENTO DA AVENIDA DA LIBERDADE

— proposta anunciada na reunião extraordinária da Câmara Municipal

FLORES DE ANGOLA SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

DEPOSTAS PELA FILHA DO CHEFE DO ESTADO AOS PÉS DE SALAZAR

MULTIDÕES QUE AGUARDARAM QUASE DUAS HORAS DISSERAM ADEUS A SALAZAR

O Grande Colar da Ordem do Infante para Salazar

CONDOLÊNCIAS

«O melhor retrato de Salazar foi feito pelo seu eminente sucessor, ao anunciar ao País a morte do grande estadista»

«Um dos mais notáveis condutores de povos em todas as épocas»

ALTERADA A HORA PARA A TOMADA DE LUGARES NO TEMPLO

DIÁRIO DA MANHÃ

Diário da Manhã, 30 de Julho de 1970, p.8

6ª PAGINA — DIARIO DA MANHA

O FUNERAL NACIONAL DO PRESIDENTE SALAZAR

A DERRADEIRA VIAGEM DO PRESIDENTE SALAZAR

«A posteridade julgará o homem e a obra com a perspectiva que falta aos contemporâneos» — afirmou o Prof. Pedro Calmón ao «Diário», de Lourenço Marques

Diário da Manhã, 31 de Julho de 1970, p.6

DIÁRIO DE COIMBRA

Alguns dados biográficos sobre a vida do PROF. DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

Diário de Coimbra, 28 de Julho de 1970, p.6

PÁGINA 10 — DIÁRIO DE LISBOA — 27 JULHO 1970

O funeral do prof. Oliveira Salazar efectua-se quarta-feira para Santa Comba

(Continuação da 1.ª página)

Tivera no quarto do enfermo afirmou-nos:

— O prof. Salazar morreu serenamente.

As 10 e 45, chegaram à residência do prof. Oliveira Salazar o Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano e o ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote.

A primeira manifestação de luto nacional

A extrema unção foi dada às 9 horas

Câmara ardente na Assembleia Nacional

A comunicação oficial da morte do prof. Salazar foi dada ao País às 11 e 50

REUNIÃO DE SUBDELEGADOS DO I.N.T.P.

Doutoramentos em Medicina e em Filosofia

O incêndio na fábrica de cortiça

música nas férias

RENAULT 8S

MÁRIO GONZAGA RIBEIRO

Diário de Lisboa, 27 de Julho de 1970, p.10

PAGINA 12

DIARIO DE LISBOA

«BENDIGAMOS A PAZ! BENDIGAMOS A VITÓRIA!»

—PALAVRAS DO PRESIDENTE SALAZAR NO FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O FIM DA GUERRA E A CONTINUIDADE DA POLITICA DE SALAZAR

«NÃO VIVEMOS EM DITADURA»

AS ELEIÇÕES PARA A PRESIDENCIA EM 1949

A QUESTÃO DA INDIA

OS 70 ANOS

A II GUERRA E A CRIAÇÃO DA LEGIÃO PORTUGUESA

Diário de Lisboa, 27 de Julho de 1970, p.12

PAGINA 16

DIÁRIO DE LISBOA

Diário de Lisboa

DL

Rotacaragua Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 80 46 21-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 62 71-3-3 e 32 11 64-5
End. Tel. DIBOA, Telex 1.388
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

DOUTORAMENTO EM MEDICINA

ENCERRAMENTO DAS PADARIAS NA QUINTA-FEIRA

A industria de panificação da área do Grémio dos Industriais da Panificação de Lisboa encontra-se encerrada na quinta-feira.

Por isso, e segundo informação daquele Grémio, o horário de fabrico e venda de pão será, amanhã, o mesmo que se pratica aos sábados e vésperas de feriados.

Algumas pessoas emocionaram-se durante o cortejo

A MORTE DE SALAZAR

MILHARES DE PESSOAS VIRAM PASSAR O CORTEJO FÚNEBRE ATÉ AOS JERÓNIMOS

UM RAPAZ MORTO E TRÊS HOMENS FERIDOS NO CHOQUE DE UM AUTOMÓVEL COM UMA ÁRVORE

música nas férias

A melhor oportunidade, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, para comprar um Renault 10, 1300 c. c., já equipado com um rádio Voxson.

RENAULT 10

EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRITAL
MÁRIO GONZAGA RIBEIRO

Comentários da Imprensa francesa

Comentários da Imprensa inglesa

A sr.ª D. Maria do Resgate é chegada a S. Bento

CAMPO PEQUENO

AVISO

Por motivo do Luto Nacional em homenagem à memória do Presidente Salazar, fica sem efeito a corrida que se deveria realizar na 5.ª-feira, no Campo Pequeno.

Diário de Lisboa, 28 de Julho de 1970, p.16

PAGINA 12

DIARIO DE LISBOA

A HOMENAGEM DA CÂMARA

(Continuação da 1.ª página)

Convite à população

MUITAS MULHERES ENTRE O POVO QUE VELA O CADÁVER DE SALAZAR

Os restos mortais de Salazar continuam hoje a ser velados, no transepto da igreja dos Jerónimos, por extensas filas de pessoas de todas as condições sociais, entre as quais muitas mulheres, e por representantes de diversos sectores oficiais ou oficializados.

Telegramas de condolências de personalidades estrangeiras

O ÚLTIMO TURNO NOS JERÓNIMOS PERTENCERÁ AO SENADO UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA

O COMBOIO FÚNEBRE PARTIRÁ ÀS 12 E 45

Representação da França

O «Diário do Governo» de luto

Sociedade «ESTORIL»

CONVITE AOS FILIADOS DA ACÇÃO NACIONAL POPULAR

A ACÇÃO NACIONAL POPULAR CONVIDA OS SEUS FILIADOS A ASSOCIAREM-SE ÀS MANIFESTAÇÕES DE LUTO NACIONAL QUE SE REALIZAM EM TODO O PAÍS PELO FALECIMENTO DO PRESIDENTE SALAZAR

Diário de Lisboa, 29 de Julho de 1970, p.12

Já se encontram em Lisboa representações estrangeiras que estarão presentes nos funerais

Terreno para a «Fundação Salazar» oferecido pelo Município do Porto

A RTP transmite directamente as cerimónias fúnebres

NOTÍCIAS DIVERSAS

Condolências de Ian Smith

O decreto que ordenou luto por três dias no Brasil

O Chefe do Estado partiu de S. Tomé e chega ainda hoje a Lisboa

«Dotado de força interior quase sobrenatural» — disse o Chefe do Estado

UM TELEGRAMA DE NIXON

Estabelecimentos industriais encerrados na quinta-feira — pede a Corporação da Indústria

Um aspecto do desfile de pessoas junto a casa de Salazar.

Diário de Lisboa, 29 de Julho de 1970, p.13

HOMENAGENS FÚNEBRES EM TODO O PAÍS

O funeral de Salazar

PARA SANTA COMBA DÃO A ÚLTIMA VIAGEM DO PRESIDENTE SALAZAR

APENAS TRÊS LETRAS IDENTIFICAM A CAMPA

Diário de Lisboa, 30 de Julho de 1970, p.10

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

DIRECTOR — AUGUSTO DE CASTRO

O CHEFE DO ESTADO
interrompe a sua viagem
e deve chegar amanhã à noite a Lisboa

A MORTE DE SALAZAR EMOCIONOU PROFUNDAMENTE O PAÍS

DEFINITIVAMENTE NA HISTÓRIA

LUTO GERAL E FUNERAL NACIONAL

«VIGIOU NOITES INTERMINÁVEIS, SILENCIOSAMENTE, SEM QUE O POVO ADIVINHASSE SEQUER OS PERIGOS QUE CORRIA»
—disse de Salazar o Prof. Marcello Caetano, ao evocar a vida do «grande governante» e «grande português»

O CORTEJO FÚNEBRE

AMANHÃ, NO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS":
"QUARENTA ANOS DE HISTÓRIA FALARÃO POR ELE"
UM EDITORIAL DE AUGUSTO DE CASTRO

O FUNERAL SAIRÁ NA 5.ª-FEIRA EM COMBOIO ESPECIAL DOS JERÓNIMOS PARA SANTA COMBA DÃO, ONDE TERÁ LUGAR A INUMAÇÃO

TRÊS DIAS DE LUTO OFICIAL NO BRASIL

PRÍNCIPE PERFEITO

ARTIGO DE PAULO CUNHA

O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" CONSAGRA HOJE 15 DAS SUAS 32 PÁGINAS AO FALECIMENTO DE SALAZAR

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.1

O FALECIMENTO DO PROF. SALAZAR

AS ÚLTIMAS HORAS DO PRESIDENTE SALAZAR

PALAVRAS DE MARCELLO CAETANO

SENTIDA EVOCAÇÃO DA FIGURA DE SALAZAR

O CHEFE DO ESTADO

chega amanhã às 10.30 da noite

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.8

O FALECIMENTO DO PROF. SALAZAR

A MÁSCARA DE SALAZAR

O JORNALISTA DISFARÇOU-SE DE AJUDANTE DO MESTRE ESCULTOR

O PROGRAMA DAS CERIMÓNIAS FÚNEBRES

A IMPRENSA EUROPEIA E A MORTE DE SALAZAR

CONSTERNAÇÃO EM TODO O BRASIL

SALAZAR PARA O PANTEÃO NACIONAL

O CORTEJO FÚNEBRE DE S. BENTO PARA OS JERÓNIMOS

CONDOLÊNCIAS NORTE-AMERICANAS

TRÊS DIAS DE LUTO OFICIAL NO BRASIL

O EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM PARIS VEM A LISBOA

EXAMES

A REPRESENTAÇÃO DE ESPANHA

SALAZAR MORREU

O SEU NOME ENTROU PARA SEMPRE NA GALERIA DOS GRANDES DA PÁTRIA

BENEMÉRITO DA PÁTRIA

A ÚLTIMA HOMENAGEM:

A TORRE E ESPADA PARA SALAZAR

A ÚLTIMA FOTOGRAFIA AINDA SOB O SIGNO DO ULTRAMAR

A CONSAGRAÇÃO DO PAÍS

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.17

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

A VIDA DE SALAZAR NA VIDA DO PAÍS

DE PROFESSOR CATEDRÁTICO A CHEFE DO GOVERNO

A NOTÁVEL ACÇÃO DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR NAS FINANÇAS PÚBLICAS

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.18

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

A VIDA DE SALAZAR NA VIDA DO PAÍS

A POLÍTICA EXTERNA

E A EXTRAORDINÁRIA ACÇÃO DIPLOMÁTICA

DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

SENTINELA VIGILANTE

DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

NA CHEFIA DO GOVERNO

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.20

A VIDA DE SALAZAR NA VIDA DO PAÍS

SENTINELA VIGILANTE DO ULTRAMAR PORTUGUÊS

A POLÍTICA EXTERNA DE SALAZAR

GRANDES DA HISTÓRIA PRONUNCIARAM-SE SOBRE SALAZAR

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.21

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

A VIDA DE SALAZAR NA VIDA DO PAÍS

ALGUMAS HORAS DA VIDA POLÍTICA DO DR. OLIVEIRA SALAZAR

MINISTRO DAS FINANÇAS E PRESIDENTE DO CONSELHO

ACTO DE POSSE

APOIO DO EXÉRCITO A SALAZAR

CARMONA E SALAZAR

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.22

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

A VIDA DE SALAZAR NA VIDA DO PAÍS

SIGNIFICATIVOS ENCONTROS DE ESTADISTAS

A CONCORDATA COM A SANTA SÉ

COM DOIS PRESIDENTES DA REPÚBLICA

PAÍS MULTIRRACIAL

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.23

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

SALAZAR: 40 ANOS DE GRANDES REALIZAÇÕES

A PONTE SOBRE O TEJO

JUVENTUDE E DESPORTOS

ENSINO

RENOVAÇÃO DA MARINHA

BARRAGENS E ESTRADAS

RESTAURAÇÃO DOS MONUMENTOS NACIONAIS

Diário de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.25

QUARENTA ANOS DE HISTÓRIA

FALARÃO POR ELE

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

DIRECTOR — AUGUSTO DE CASTRO

DURANTE DOIS DIAS NOS JERÓNIMOS

AO LADO DE GAMA E CAMÕES

MILHARES DE PESSOAS DESFILARAM

DIANTE DOS RESTOS MORTAIS DE SALAZAR

O POVO SIMPLES E ANÓNIMO JUNTOU-SE AOS GOVERNANTES E DIPLOMATAS NA HOMENAGEM AO "GRANDE PORTUGUÊS"

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS

O CHEFE DO ESTADO

PORTUGAL PERDEU EM SALAZAR

UM DOS MAIS EXCELSOS PRÍNCIPES DE TODOS OS TEMPOS

Diário de Notícias, 29 de Julho de 1970, p.1

Diário de Notícias, 29 de Julho de 1970, p.7

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Diario de Noticias

DIRECTOR — AUGUSTO DE CASTRO

OURIVESARIA Santa Filomena

SABA O TELEVISOR ALEMÃO Nº 1

CENTENAS DE MILHARES DE PESSOAS DESFILARAM DIANTE DOS RESTOS MORTAIS DE SALAZAR

O ADEUS DO POVO DE LISBOA

IMPRESSIONANTE ROMAGEM DE SAUDADE:

MULTIDÃO, SILÊNCIO E FLORES

ENTRE AS PEDRAS VENERANDAS DOS JERÓNIMOS

O CHEFE DO ESTADO

CHEGOU ONTEM A LISBOA

E FOI AGUARDADO NO AEROPORTO POR TODOS OS MEMBROS DO GOVERNO

JÁ ESTÃO EM LISBOA

A filha do Chefe do Estado, Maria Natália, que antem ao princípio da noite chegara com seu pai a Lisboa, esteve de madrugada nos Jerónimos, acompanhada pelo coronel Freitas do Amaral, e depois, junto de esse, ramos de flores da Ilha Terceira, do Príncipe e de Angola

Diário de Notícias, 30 de Julho de 1970, p.1

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — 30-7-1970 — PÁGINA 7

O FALECIMENTO DO PROF. SALAZAR

IMPRESSIONANTE ROMAGEM DO POVO DE LISBOA

AS REPRESENTAÇÕES ESTRANGEIRAS

O BRASIL TAMBÉM ESTÁ DE LUTO

– sublinhou o vice-presidente da República almirante Rademaker à chegada a Lisboa

TELEGRAMAS DE CONDOLÊNCIAS

SENTIMENTO DE UM HUMILDE

AS CERIMÓNIAS DE HOJE

Diário de Notícias, 30 de Julho de 1970, p.7

PÁGINA 8 — 30-7-1970 DIÁRIO DE NOTÍCIAS

O FALECIMENTO DO PROF. SALAZAR

SUGERIDA EM LUANDA

A CONSTRUÇÃO DE UM MONUMENTO À MEMÓRIA DE SALAZAR

«O maior dos defensores da civilização ocidental», afirmou-nos de Salazar o director do jornal «La Nation Belge»

A CHEGADA DAS REPRESENTAÇÕES ESTRANGEIRAS

PROGRAMA ESPECIAL

sobre as solenes exéquias do Presidente Salazar

EVOCAÇÃO DE SALAZAR NA EMISSORA NACIONAL

IMPRESSIONANTE ROMAGEM DO POVO DE LISBOA

REPRESENTAÇÃO DA CASA DAS BEIRAS NAS CERIMÓNIAS FUNERAIS

DOIS TELEGRAMAS DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS

para o Chefe do Estado e o Presidente do Conselho

ESCUTAD EM SÃO TH

Diário de Notícias, 30 de Julho de 1970, p.8

PAGINA 10 — 30-7-1970 DIARIO DE NOTICIAS

O FALECIMENTO DO PROF. SALAZAR

A IMPRENSA ESTRANGEIRA FALA DE SALAZAR

A FIGURA E A OBRA DO PRESIDENTE SALAZAR

evocadas na Junta Distrital de Lisboa

ANTECIPADA A ENTRADA DOS CONVIDADOS PARA AS EXÉQUIAS NOS JERÓNIMOS

Reportagem de 3 horas na TV brasileira

REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA NA CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA

O PRESIDENTE

SALAZAR OCUPOU DURANTE 40 ANOS POSIÇÃO EMINENTE EM PORTUGAL E NA CENA INTERNACIONAL

PESAR DO GOVERNO DO PERU

A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA REUNIU-SE EXTRAORDINÁRIAMENTE PARA PRESTAR HOMENAGEM À MEMÓRIA DO PRESIDENTE SALAZAR

Diário de Notícias, 30 de Julho de 1970, p.10

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TÔDOS OS JORNAIS PORTUGUESES

CASTELÕES

Diario de Noticias

DIRECTOR — AUGUSTO DE CASTRO

A CASA DA SORTE
55 PRÉMIOS GRANDES
no valor de
94230 CONTOS

A Praça do Império era um mar de gente recolhida e triste. Os restos mortais de Salazar (à esquerda) iam tomar lugar derradeiro no comboio para Santa Comba

CUMPRIU-SE A VONTADE DO PRESIDENTE SALAZAR

A ÚLTIMA VIAGEM PARA SANTA COMBA

DAS PEDRAS EVOCADORAS DA EPOPEIA

À CAMPA RASA DA ALDEIA BEIRÃ

O "SENHOR DOUTOR" NÃO VOLTA MAIS:

UM DOS MAIORES PORTUGUESES DE SEMPRE

REPOUSA NO RECANTO DO PEQUENO CEMITÉRIO DA TERRA NATAL

PORTUGAL
VIVEU UMA JORNADA
DE IMPRESSIONANTE DIGNIDADE E EMOÇÃO

Nas 7.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª e 16.ª páginas:
REPORTAGEM de Adelino Alves, João Salvado, Carlos Pinto Coelho e Carlos Pina
FOTOS de Alberto Santos e Acácio Franco

Os Chefes de Estado e do Governo, ministros e altas individualidades que se incorporaram no funeral, assistindo à descida do corpo à terra

Diário de Notícias, 31 de Julho de 1970, p.1

Diário de Notícias, 31 de Julho de 1970, p.7

PAGINA 10 — 31-7-1970 DIARIO DE NOTICIAS

O FUNERAL DO PRESIDENTE SALAZAR

EXÉQUIAS SOLENES EM TODO O PAÍS

LUANDA EVOCA SALAZAR

A ÚLTIMA VIAGEM

REPERCUSSÃO

CERIMÓNIAS NO ESTRANGEIRO

Diário de Notícias, 31 de Julho de 1970, p.10

EXÉQUIAS SOLENES NOS JERÓNIMOS

O Chefe do Estado, o Presidente do Conselho, membros do Governo e outras altas entidades assistindo às exéquias

O Presidente da República no momento em que abandonava o templo

Uma imagem para a História no templo da Pátria. Imponente aspecto da assistência às cerimónias [illegible] por intenção do Presidente Salazar

O Cardeal-Patriarca de Lisboa presentando a absolução do alma com os restos mortais do Presidente Salazar

A esposa e a filha do Chefe do Estado [illegible]

Diário de Notícias, 31 de Julho de 1970, p.16

MORREU O DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR

SALAZAR E O CORPORATIVISMO

Os últimos dois anos de vida do Presidente Salazar

Diário de Notícias (da Madeira), 28 de Julho de 1970, p.7

O FUNERAL DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR

CERIMÓNIAS FÚNEBRES NOS JERÓNIMOS

EXÉQUIAS NA SÉ

O ELOGIO DE SALAZAR

Diário de Notícias (da Madeira), 31 de Julho de 1970, p.5

DIÁRIO DO NORTE

A MORTE DO PRESIDENTE SALAZAR

Realizei o suficiente para não poder dizer-se que falhei a minha missão

O Chefe de Estado foi informado da morte do Presidente Salazar à sua chegada à cidade de Santo António de Príncipe

«Diário do Norte»

COLUNA DO DISCO

«JANELA» DO NORTE

AO ABRIR DA JANELA

AO FECHAR DA JANELA

«NOVIDADES» DO RIO

II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Civis promovido pela F.N.A.T.

Diário do Norte vende-se em todo o País

Diário do Norte, 27 de Julho de 1970, p.9

DIÁRIO DO SUL

FUNDADOR E DIRECTOR - MADEIRA PIÇARRA

A MORTE DO PROFESSOR DR. OLIVEIRA SALAZAR

O PROF. OLIVEIRA SALAZAR, FALECEU SERENAMENTE ÀS 9 HORAS E 15 MINUTOS, NA SUA RESIDÊNCIA DA RUA DA IMPRENSA, EM LISBOA.

RECEBEU OS SACRAMENTOS DO PRIOR DA FREGUESIA PADRE TOBIAS DUARTE.

Prof. Oliveira Salazar

ACOMPANHARAM AOS SEUS ÚLTIMOS MOMENTOS OS MÉDICOS QUE DESVELADAMENTE O TRATARAM E PESSOAS ÍNTIMAS DE SUA CASA.

O Sr. Presidente do Conselho que estava em permanente contacto com a residência do Prof. Salazar, dirigiu-se para ali, cerca das 10.30 horas, acompanhado do sr. dr. Gonçalves Rapazote, ministro do Interior.

Momentos depois este membro do Governo anunciava à Nação, o falecimento do Presidente Salazar.

Entretanto acorriam à residência do estadista falecido, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal Patriarca de Lisboa; a filha do Chefe do Estado; antigos ministros e muitas figuras de relevo da vida pública.

Seguidamente o Presidente Marcelo Caetano, que entretanto comunicara para o Chefe de Estado a dar infausta notícia, fez reunir em sessão extraordinária o Conselho de Ministros, proferindo no final uma declaração ao País.

As estações de Rádio e Televisão deram a notícia e alteraram os seus programas para música sacra, dando, a espaços, noticiário sobre o acontecimento.

O corpo do Prof. Salazar é trasladado hoje de manhã, para o Mosteiro dos Jerónimos onde estará patente até à hora do funeral que se realiza 5.ª feira para Viseu.

Entretanto, vários países, nomeadamente a Espanha e Brasil telegrafaram a apresentar condolências.

Biografia do Presidente Salazar

Salazar nasceu a 28 de Abril de 1889 em Santa Cruz do Vimieiro, próximo de Santa Comba Dão. Era filho de modestos lavradores.

Aos 7 anos António Salazar entrou para a escola em Santa Comba e fez o exame de instrução primária, em Viseu.

No mesmo ano pela mão do padre João Pimentel, foi para o seminário de Viseu, onde estave oito anos. Nos exames de fim de curso obteve as mais altas classificações.

Renunciou à carreira eclesiástica por falta de vocação e foi para prefeito do Colégio de P.e Barreiros. Em 1908 concluí o 5.º ano do Liceu e em 1910 o 7.º ano, com 19 valores. Recebeu o primeiro louvor público pela sua inteligência.

Ensinou no Colégio «Via Sacra» e entrou na Universidade aos 21 anos. Fez o curso de Direito e filiou-se no C. A. D. C.

(CONTINUA NA PÁG. 1)

Decretado luto nacional por 3 dias

O Governo decretou três dias de luto nacional pela morte do Presidente Salazar que durante quarenta anos orientou os destinos do País.

O funeral realiza-se dia 30, para Santa Comba Dão, saindo dos Jerónimos.

(Continua na pág. 8)

Duas das últimas fotos do Presidente Salazar em visita pública

NOTÍCIAS DO PAÍS

- O Secretário de Estado da Agricultura, presidiu em S. João das Lampas à cerimónias inaugural da II Feira Industrial e Agro-Pecuária.
- O ministro do Interior inaugurou melhoramentos em três freguesias do concelho da Moita do Ribatejo. As obras estão orçadas em mais de treze mil contos.
- Em Angola, causou prejuízos superiores a dez mil contos um incêndio que deflagrou em Vila Bungo, a poucos quilómetros da cidade de Negage, o qual destruiu completamente os armazéns da Organização Costas, Limitada.
- Chegou a Lisboa para uma visita oficial de três dias ao nosso País, o navio-escola brasileiro «Custódio de Melo», trazendo a bordo 96 guardas-marinhas em viagem de instrução a portos da América e da Europa.
- O plano completo das obras do futuro porto de S. Tomé, que devem começar brevemente e que importam, no conjunto, em cerca de cem mil contos, foi apreciado pelo Chefe do Estado, durante a viagem a bordo da fragata «Comandante João Belo».

O CHEFE DO ESTADO REGRESSA AMANHÃ A LISBOA E ASSISTE AO FUNERAL

Logo que teve conhecimento da notícia do morte do Prof. Oliveira Salazar, o Chefe do Estado deu por terminada a sua visita a S. Tomé e Príncipe.

Ainda ontem o sr. Almirante Américo Tomás seguiu de avião para Luanda, de onde embarcará, também por via aérea, para Lisboa, devendo chegar hoje à tarde.

ANO II

N.º 433

Terça-feira, 28

JULHO DE 1970

Diário do Sul, 28 de Julho de 1970, p.1

PELOS AÇORES AO SERVIÇO DA NAÇÃO

DIÁRIO INSULAR

PRESIDENTE SALAZAR

UMA VIDA E UMA CARREIRA CONSAGRADAS

A PROCURAR A «JUSTIÇA E O BEM DO POVO»

SALAZAR - O HOMEM QUE JAMAIS CORREU E NUNCA FUGIU

UMA VASTA FAMÍLIA DE POVOS

NA MORTE DE SALAZAR

SALAZAR E OS AÇORES

Diário Insular, 28 de Julho de 1970, p.1

DE DEPUTADO À PASTA

Ministro por alguns dias apenas

Quatro condições postas ao Governo

Uma síntese de todo um sistema político

Orçamento equilibrado — primeiro saldo positivo

REFORMAS E ACÇÃO D

Uma série de medidas de renovação económica

1957. Salazar e a Rainha Isabel II durante o intervalo do espectáculo em S. Carlos em honra da soberana britânica

Salazar e Eisenhower, no Palácio de S. Bento, em 1951

Diário Popular, 27 de Julho de 1970, p.10_11B

O JORNAL DE MAIOR EXPANSÃO NO MUNDO PORTUGUÊS

DIÁRIO POPULAR

28

Director: MARTINHO NOBRE DE MELLO

Com as honras atribuídas a um chefe de Estado

A urna, à saída do palácio da Assembleia Nacional (Foto de José Antunes)

O CORPO DE SALAZAR FOI HOJE TRASLADADO DE S. BENTO PARA OS JERÓNIMOS

A urna com o corpo de Salazar encontra-se já na nave do Mosteiro dos Jerónimos, para onde foi conduzida, ao fim da manhã, com todas as honras devidas aos funerais nacionais ontem decretados pelo Conselho de Ministros, pouco depois do seu falecimento reunido em sessão extraordinária em S. Bento. Honras de Chefe de Estado, com escolta militar no percurso até Belém, após um período de vigília de carácter interno, de cunho familiar, a que não deixaram de se associar, além do Presidente do Conselho, outras destacadas figuras oficiais da vida nacional, que a partir das 10 horas começaram a afluir em elevado número à residência, na rua da Imprensa, à Estrela: os presidentes da Assembleia, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça, os ministros da Defesa e do Exército, do Interior e das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência e o subsecretário da Administração Ultramarina; o governador civil e os dois vice-presidentes da Câmara Municipal de Lisboa, etc. Do corpo diplomático estiveram os embaixadores da Grã-Bretanha e das Filipinas, tendo comparecido também, entre muitas mais individualidades, antigos membros do Governo,

(Continua na 2.ª pág.)

JOAQUIM SANTIAGO ganhou a etapa de hoje da Volta a Portugal

● PAGINA 17 ●

Hoje: 32 páginas

«SIM» DE ISRAEL AO PLANO DE PAZ DE WASHINGTON?

● LER NA PAGINA 20 ●

UM REPRESENTANTE DE NIXON NOS FUNERAIS

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Diário Popular, 28 de Julho de 1970, p.1

A MORTE DE SALAZAR

(Continuação da 1.ª pág.)

tido-lhe. Junto do Ponte Sôbral, aglomerou-se outra multidão para assistir à passagem do cortejo com os restos mortais do estadista, cuja memória ao último pôsto da marginal norte daquela obra.

A chegada aos Jerónimos

O cortejo fúnebre atingiu as praça do Império às 12 horas precisas e avançou lentamente por entre alas formadas por uma companhia do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, postada para prestar honras, empunhando a bandeira dos Regimentos de Caçadores 5, tocará a marcha fúnebre.

Após a paragem dos automóveis para subirem o Presidente Marcelo Caetano, os presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça e membros do Governo que se incorporaram no cortejo, apinhando-se da entrada do mosteiro o sendo do Estado que transportava a urna.

O grupo de praças da Polícia Militar colocou a urna nos ombros, tendo-se constituído novo cortejo a pé para evitar os sepultura, O cónego D. João de Castro (Nova Goa), alvia esa direcção, acompanhado por outros eclesiásticos e precedido pelo turíferio. A urna era acompanhada pelos pesid. Marcelo Caetano, dr. Luís Supico Pinto, eng.º Amaral Neto e conselheiro José Osório, precedendo os portadores das almofadas com a borla de cardeálicio e as condecorações.

Dentro da igreja, o cortejo foi depois numa ala, no transepto, frente ao altar-mor, tendo imediatamente o cónego D. João de Castro dito a oração fúnebre.

Os ministros e secretários e subsecretários de Estado tomaram os seus lugares em cadeiras de couro lavrado dispostas em tôrno filas do lado esquerdo do mesmo altar.

A frente destes cadeiras quatro lugares especiais foram ocupados pelo Presidente do Conselho e pelos presidentes das duas casas do parlamento e do Supremo.

De cada lado da entrada da capela-mor viam-se dois cadeirões dourados, destinados, nas ausências ocasionais das cerimónias depois de amanhã, ao Presidente da República e ao Cardeal-Patriarca.

Os primeiros turnos

Após a oração fúnebre, a urna foi aberta, tendo a sr.ª D. Maria de Jesus Freire descoberto por momentos o rosto do

CONDOLÊNCIAS DOS PRESIDENTES DO BRASIL E DA ARGENTINA

BRASÍLIA, 28 — O Presidente Médici enviou a seguinte mensagem ao Presidente Américo Tomás:

«Em meu nome e do povo brasileiro, desejo expressar a Vossa Excelência os sentimentos de mais profunda consternação pela grande perda sofrida pela Nação portuguesa, com o desaparecimento de um dos seus maiores vultos. Prof. António de Oliveira Salazar. Sua ação em defesa dos interesses portugueses e notável perfil de estadista ficarão para sempre marcados na História.»

Pesar na Argentina

BUENOS AIRES, 28 — Com motivo do falecimento do ex-Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, dr. António de Oliveira Salazar, o Presidente da nação, general Roberto Levingston, dirigiu uma mensagem de condolências ao primeiro magistrado português, Almirante Américo de Deus Rodrigues Tomás. O telegrama expressa o profundo pesar do povo e do Governo argentinos pelo falecimento do grande estadista português. — (P. P. e ANI).

Presidente Salazar. Em seguida, com D. Maria do Rosário de Oliveira Salazar, foi sentar-se em outro assento, e o esquife ficou apenas rodeado por uma guarda de seis polícias militares, a recear de 15 em 15 minutos.

A urna do esquife foi deixada um longo corredor por onde deverá decidir o préstito, logo a essência.

Às 16 e 30, o Chefe do Governo, os ministros e os presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça retiraram e ficaram, iniciando o primeiro de uma série de turnos de vela que se prolongarão até às 7 e 30 da próxima madrugada, e serão alternados de 3 horas de amanhã, para terça-

(Continua na 11.ª pág.)

ACTOS ADIADOS

Por motivo do falecimento do prof. dr. Oliveira Salazar, foram adiados os seguintes diversos actos.

Assim, não se efectuará esta manhã, na Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical, a sessão solene de encerramento das actividades do XVI Curso de Estudos Ultramarinos da Mocidade Portuguesa.

Também não se efectuará o concurso marcado para amanhã à tarde, pela banda de música da G. N. R., das Forças do Carmo.

Igualmente, não se realizará depois de amanhã a cerimónia de posse do novo governador do distrito autónomo de Ponta Delgada.

Foi ainda adiada para data a anunciar oportunamente, a visita de inspecção que o sr. dr. António Marcilhesta, governador civil do distrito de Lisboa, ora efectuar hoje ao concelho do Sobral de Monte Agraço.

A Câmara Municipal de Sintra deverá reunir-se extraordinàriamente, a realizar-se amanhã, até ao dia do funeral, da Ponta do Sarrazão. Também a delegação de P. R. A. T. suspendeu o horário para Trabalhadores que amanhã, à noite, deverão realizar-se no pavilhão do Clube Naval Setubalense.

Salazar no esquife. Vêem-se na fotografia, a irmã do estadista falecido, D. Maria do Rosário, e D. Maria de Jesus

SUGERIDO O ENCERRAMENTO DEPOIS DE AMANHÃ

DE TODA A ACTIVIDADE PRIVADA DO PAÍS

O diploma aprovado em Conselho de Ministros extraordinário, e que entrará publicado, é sucinto, ao decretar luto nacional, quanto ao encerramento, depois de amanhã, de outras actividades que não estejam ou de Estado.

Ao abrigo desse decreto, as actividades privadas ficam, assim, com liberdade de laborar ou não laborar. Por isso, os presidentes das duas Corporações existentes — Lavradores, Transportes e Turismo, Crédito e Seguros, Pesca e Conservas, Indústria, Comércio, Engenharia e Artes Gráficas, Espectáculos e Actividades — invocaram público, este mesmo, uma circular, sugerindo aos seus associados que encerrem depois de amanhã.

Assim, as actividades privadas ficam, de facto, encerradas depois de amanhã, mas as repartições públicas, as escolas, os bancos, as bolsas, as alfândegas, os correios, os telégrafos, os telefones, os hospitais, as farmácias, as forças armadas e militarizadas, as polícias, os serviços de electricidade, gás, água, transportes colectivos, abastecimentos públicos, etc., continuam a funcionar normalmente.

«A Corporação do Comércio, certa de interpretar o sentimento geral da população portuguesa pelo falecimento do sr. dr. António de Oliveira Salazar, que foi ilustre Presidente do Conselho de Ministros e figura impar da governação e do portuguêsismo, espera os comércios portugueses encerrarem no dia 30 do corrente, como prova do sentimento nacional pelo passamento do ilustre personalidade. Mais solicita aos dirigentes grémios e sindicatos que, sendo tal possível, se desloquem nesse dia de sua sede à capela ardente do distrito para nesses momentos prestarem uma

O senhor fúnebre é passagem por um dos mais importantes melhoramentos públicos que o falecido estadista patrocinou

homenagem de saudade e gratidão ao grande português que tão alto soube elevar o nome de Portugal.»

ENCERRAMENTO na quinta-feira da indústria de panificação

A indústria de panificação da área do Grémio dos Industriais da Panificação de Lisboa estará encerrada depois de amanhã, pelo que, amanhã só abrirá até o horário de terça-feira, inclusive.

PROFUNDA CONSTERNAÇÃO

NA ILHA DE SÃO TOMÉ

(Do nosso enviado especial ROTELHO DA SILVA)

SÃO TOMÉ, 28 — Correspondendo ao convite que, através do Rádio, endereçou Sua Ex.ª dirigido, o população desta cidade acorreu à igreja da Sé, onde de manhã se ergueu missa de «requiem» pelo prof. Oliveira Salazar. Manifestação que teve o cunho de uma derradeira homenagem ao homem que se ufanaram se habituaram a respeitar durante a sua longa carreira de estadista, pois se congregaram largas centenas de pessoas, que encheram, por completo, o templo. Desde a cimeira presidencial às autoridades locais e à grande maioria do povo, ninguém recusou a sua comparticipação.

Os sinos tocaram, de resto, haviam recebido com mágoa a notícia do falecimento do prof. Salazar, e, consequentemente, o dia ficou assinalado nas localidades da visita do Chefe do Estado. Gerou-se grande expectativa sobre se o Presidente Américo Tomás iria ou não interromper a sua permanência aqui. E quando, entre a gente, se soube que o Chefe do Estado regressaria amanhã à Metrópole, generalizou-se um clima de tristeza que bem traduz o entendimento com que o almirante Américo Tomás entrou a ser recebido na Ilha.

PADRE CRUZ

Por motivo do passagem do aniversário natalício do Padre Cruz, pelas 9 horas será celebrada missa por sua alma, na capela do cemitério de Benfica, estando aberto o jazigo onde repousam os seus restos mortais.

Diário Popular, 28 de Julho de 1970, p.9

O CHEFE DO ESTADO ACOMPANHARÁ O FUNERAL ATÉ SANTA COMBA DÃO

A MORTE DE SALAZAR

À PROCURA DE PESSOAS DE FAMÍLIA

ATROPELADO POR UM CAMIÃO

O CASO DO ANTIGO PRESIDENTE DO MUNICÍPIO DE GONDOMAR

CURSOS

Diário Popular, 28 de Julho de 1970, p.17

30-7-1970 DIÁRIO POPULAR PÁGINA 7

O CARDEAL-PATRIARCA DE LISBOA DEU A ABSOLVIÇÃO FINAL A SALAZAR

(Continuação da 1.ª pág.)

nome nas artes e nas ciências, nas finanças, na economia e na política, quase mesmo com essa gente grande se confundindo, vasta massa anónima de povo desfilou, sem interrupção, silenciosamente, respeitosamente, durante todas as horas destes longos dias, pela nave principal do templo da nossa História, em homenagem derradeira não só ao estadista morto, mas à nossa própria História, revendo, na eterna penumbra do mosteiro, figuras antigas e passadas, simbolizando umas períodos de glória, outras períodos de lágrimas, que os séculos de um País que orgulhosamente tem séculos de vida e gente grande e chusma a animar essa vida, são feitos disso tudo.

Na romagem ininterrupta juntaram-se os povos dos muitos bairros da velha capital de navegadores, mesmo os povos de bairros distantes, de bairros que não enxergam o mar. Nessa romagem de dias e de noites, no silêncio respeitoso do templo houve lágrimas, lágrimas de piedade, emoção, recolhimento instintivo perante o fenómeno da morte, que a todos nos ultrapassa, visto e sentido ele para além das explicações rígidas que a actual ciência nos possa dar. No seu luto sincero, o povo na ardência da sua curiosidade — faz ali o homem que mandou durante quarenta anos pelo fulgor da sua inteligência, pela renúncia de si próprio e por uma indomável força de vontade — quiz ver o gigante que nenhum poder derrubou, e só na batalha da morte ele foi vencido — e assim se cumpria a lei de Deus.

O Chefe do Estado e o Presidente do Conselho nos ofícios fúnebres

Ainda não eram 8 horas quando [illegible] o Ministro dos Jerónimos [illegible]

[illegible]

Monsenhor Moreira das Neves, quando proferia o elogio fúnebre de Salazar

O Cardeal-Patriarca de Lisboa presidiu às solenes exéquias

[illegible]

Os primeiros acordes do «Requiem», de Fauré

[illegible]

OS FOTÓGRAFOS NOS JERÓNIMOS

[illegible]

O elogio fúnebre de Salazar

[illegible]

UMA ESTATUA DE SALAZAR EM LUANDA

LUANDA, 30 — [illegible]

REGRESSO DA COMITIVA PRESIDENCIAL DE S. TOMÉ

S. TOMÉ, 30 — [illegible]

«A perspectiva do bem comum possui a grandeza das montanhas e do mar»

[illegible]

«Voluntário da solidão, como o Infante das Descobertas fez da casa de S. Bento a sua escola de Sagres»

[illegible]

(Continua na 2.ª pág.)

Diário Popular, 30 de Julho de 1970, p.7

SALAZAR:
IMAGENS DE QUARENTA ANOS DE HISTÓRIA

Flama, 27 de Julho de 1970, pp.4,5

SALAZAR: APOIO CONSTANTE DAS FORÇAS ARMADAS

Em 1932, Salazar conversa com o jornalista António Ferro, seu amigo colaborador e fundador do S.N.I. (C.P. Ilustr., S. N. I.)

Os comandantes das unidades da guarnição de Lisboa (Abril de 1928) com o então ministro das Finanças, junto do quem Salazar quis manifestar o seu apoio à obra por ele realizada.

O doutor Oliveira Salazar contou sempre com o apoio das Forças Armadas. Eis, em cima, com uma comissão da Marinha (1932) que lhe foi manifestar lealdade e, em baixo, discursando por ocasião da entrega das insígnias da «Torre e espada», que lhe foi concedida (em 1932) pelas forças de terra, mar e ar.

sacerdotais prudosa. Na vigência religiosa vem, além, a educar o filho mais novo — que aos três anos já sabia a Avé-Maria e o Pai Nosso. Entretanto, a vida dos pais decorria trabalhosa e sua mãe fizera da casa pequena uma espécie de casa de pasto. Em 31 de Agosto de 1895, faz o exame de instrução primária em Santa Comba. Posteriormente, ingressa no Seminário de Viseu «Pobre, filho de pobres, deve aquela casa grande parte da minha educação que de outra forma não teria, e ainda que houvesse predido a fé em que foi educado, não esqueceria nunca aquele bom padre que me ensinou a querer gratuitamente durante muitos anos, e a quem devo, além do mais, a minha formação e disciplina intelectuais — disse Salazar, mais tarde.

Com efeito, essa formação e disciplina intelectual de carácter religioso veio a reflectir-se sempre no decorrer da vida, nos pensamentos e nos actos. No Seminário, permanece seis anos. Em 1908, sente ao ouvido menores, mas abandona também os propósitos sacerdotais e ingressa como professor num colégio particular — tinha 19 anos. Entre os últimos amigos de Montalgre, os agradece surgem em Fevereiro de 1908) e ao primeiro da República. Enquanto isso, no Colégio da Via-Sacra, Salazar ministra o livro. Em 1909, já com conferência no Colégio da Via-Sacra, a qual assistem professores, que ficam admirados com a sua sapiência. «Em Outubro de 1910, com 21 anos, entra na Universidade de Coimbra. É a época de Salazar de capa e batina. Tanta S. Tomás de Aquino como seus pares e é eleito Presidente da Congregação de Nossa Senhora. Continua a sua tradição de bom aluno, no curso que frequenta, entre 1910 e 1914. Vai à serra natal todos os férias grandes e regalo-se e faz com que os pais se orgulhem dos seus êxitos.

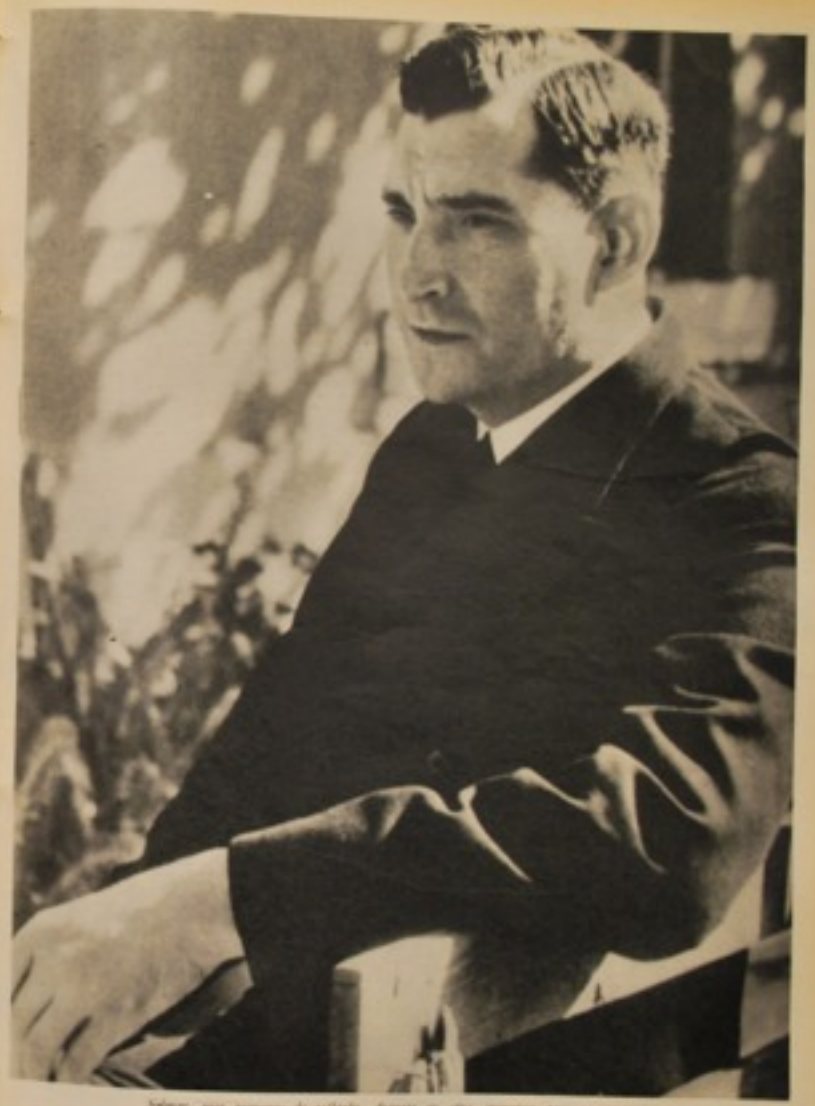
ALVES DA SILVA: UM PSEUDÓNIMO

Após estadias no claustro do convento de Santa Clara de Coimbra, ajuda a fundar o C.A.D.C. (Centro Académico de Democracia Cristã). Manifesta e Leão XIII (1901) e «Rerum Novarum» (1891) encíclica social influência. Manuel Gonçalves Cerejeira, com quem Salazar viveu numa República da Rua dos Grilos, é o director do jornal, aí, escreve Salazar sob o pseudónimo de Alves da Silva. A este grupo opunham-se os republicanos da esquerda e os monárquicos da direita.

Vem a terminar o curso com 19 valores e em 1914, ingressa no corpo docente da Faculdade. Em 1917, é nomeado assistente, por doença de Manuel de Sousa que fora seu principal mestre. Publica estudos, sobretudo de natureza económica e fiscal. Em 1918, com 29 anos, é professor catedrático, no grupo de Ciências Económicas. Em 1919, é-lhe atribuído um processo disciplinar, devido à acusação de propaganda política nas aulas e é suspenso até à conclusão do inquérito em Junho é restituído.

Começa então a sua vida política. É uma vez proposto deputado por Viana e não aceita qualquer vaga. Em 1921, é eleito deputado católico no Parlamento, mas recolhe abandona os bancos das assembleias políticas e regressa ao estudo jurídico-económico. Quando, em Abril de 1922, se reúne o Congresso Católico tem já bastante reputação. Em 4 de Julho de 1924, realiza-se, em Braga, o I Congresso Nacional, no qual Salazar participa.

SEGUE



Salazar, nos momentos de solidão, durante os seus governos mais ou menos

Flama, 27 de Julho de 1970, pp.8,9

Em Abril de 1940, Salazar é (também) ministro da Guerra e, nessa qualidade, vê-lo-emos cumprimentar dois oficiais generais.

Quando rebentou a guerra, sem que Portugal se tivesse envolvido directamente, o Presidente do Conselho foi objecto duma manifestação de carinho portuguesa.

Encontro diplomático em 1940: o Presidente do Conselho recebe o embaixador de França.

SALAZAR: OS ANOS CONTURBADOS DA GUERRA

Inquéu e Oscar Carmona. Interessa-se a Direita Nacional. Salazar vai ocupar, então, no Governo, o cargo de ministro das Finanças, mas deverá a condição vários ol prestamos el duas semanas — de 5 a 19 de Junho de 1926. O Governo da Ditadura, porém, não consegue dar uma orientação favorável às finanças públicas, pelo que, a 27 de Abril de 1928, um dia antes de fazer os 39 anos, entra de novo para o Governo, onde se vai manter quarenta anos ininterruptos. A diferença fundamental que havia entre Salazar e os outros ministros era que este pretendia uma orientação rígida, uma disciplina administrativa segura que se afastava em medidas como o direito de voto à saída o aumento de despesa e a intervenção em qualquer medida referente ao controlo ou despesas, o direito de fixar a verba para cada ministério e um especial rigido das iniciativas governamentais que pudessem ser consideradas sem recurso ao despesa suficientemente conhecido e o resultado da nova política económica no orçamento nacional.

Durante este período em que é Ministro das Finanças surgem os primeiros «Discursos», cujos títulos dão uma ideia do doutrina que os enformava: «Os problemas nacionais e a ordem de sua solução» (1928), «Política de verdade, política de sacrifício, política nacional» (1929), «Ditadura administrativa e revolução política» (1930), «Alegria dos viandes militares» (1930) «O interesse nacional no política da Ditadura» (1931) e «O mínimo e a Revolução Nacional» (1932).

É em 1932 que o Marechal Carmona convida o Salazar a Presidência do Ministério, ao mudando a Pasta das Finanças. (Em 1930, acumulara a dos Colónias, tendo sido então promulgado o importante «Acto Colonial»). Em 1936, acumulará o Ministério da Guerra e, também, o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros. Em 1939, virá a ser Ministro da Marinha.

Da Marinha, será encarregado em 1950, das Finanças em 1940, da Guerra em 1944 e dos Negócios Estrangeiros em 1947. Temos, assim, que, durante uma década, entre à frente da política externa, sendo sido uma das vozes mestras na observância dos compromissos da secular aliança com a Inglaterra. Foi-nos, com efeito, Salazar ser sempre fiel aliado da Grã-Bretanha e dos E. U. A., sobretudo a partir dos últimos anos da II Grande Guerra. Além desta aliança com os «grandes», é de assinalar a importantíssima assinatura do Pacto Peninsular, em 1939. Além, assim se chamou se consolidaram, pois Salazar diz: «A vitória vermelha em Espanha podia causar-nos sérios riscos de colisão os interesses franceses e ingleses em relação à Península. Da parte a tempo da Guerra Civil, o regime português auxiliara o general Franco dentro de suas possibilidades, ao começo de uma colaboração que se viu mantido durante 40 anos.

Também o Pacto do Atlântico, pelo que nunca se haveria, se veria a revelar incapaz de satisfazer os seus interesses nos últimos anos. De começo fora, porém, um seu sedutor de futuro — em 25 de Julho de 1949, falando na Assembleia Nacional, disse: «A aliança dos Estados Unidos e do Canadá, ao promover com o Pacto do Atlântico Norte, vem dar o apoio de força independente) a uma tal em qual eficiência da defesa da Europa, ao mesmo tempo que se procurava estabelecer a segurança económica com os auxílios directos dos capitais e da técnica».

A série de discursos continua. Salientemos, por mais significativos: «Unidade, coesão, base

As Universidades portuguesas prestam homenagem ao Presidente do Conselho. A DIREITA — Cerimónia da entrega do grau de doutor honoris causa, pela Universidade de Praga.

reparo. A Constituição de 1933 procura, pois, dar corpo jurídico aos ideais corporativos que sempre foram de especial predilecção do Prof. Salazar. Amplamente desenvolvida e alterada e codificada em anos posteriores através dos documentos legislativos, esses ideais corporativos não se viriam a efectivar senão parcialmente. Francamente o Prof. Salazar assumiu o Estado esa igualdade dos cidadãos perante a Lei, no livre acesso de todos os cidadãos aos benefícios da civilização e na interferência de todos os elementos estruturais da Nação na vida administrativa e na feitura das Leis. Para a doutrina corporativa os núcleos fundamentais são as famílias, as autarquias locais e os grupos fundamentais e é a eles que é dada a personalidade jurídica. Com a reforma constitucional de 1958 estes aspectos vão ter uma efectivação

SEGUE

segmentadas». «Temos de ter um exército», «O Império Colonial na economia da Nação», «A ordem pública em Portugal» e «o acontecimento de Espanha (comentário à revolta de dois navios de guerra), «Os acontecimento de Espanha e a não-intervenção», «O alistamento de voluntários para a guerra de Espanha», «O regresso atormentado» de Angola à Alemanha.

Mas voltemos um pouco atrás e analisemos a situação legislativa e institucional. Durante mais de meia dúzia de anos vivera o regime sob a designação de Ditadura. Mas a partir de certa altura a situação política começou a adquirir estrutura jurídica após a Revolta de Madeira e a oposição que dominava Portugal na sequência da queda de Primo de Rivera e da monarquia em Espanha.

Em 1932, a Imprensa publicava o projecto de Constituição, que foi aprovado por plebiscito em 1933. Este documento fundamental, que até agora regeu o país, é quase inteiramente da lavra do próprio Salazar, pelo menos no tocante à ordenação política-jurídica da Nação. Constituindo ao mesmo tempo uma reacção contra o de 1911, cujos valores ultrapassavam aos pensamentos liberais e individualistas do séc. XIX, a Constituição de 1933 reflecte uma reacção, que contra esse mesmo liberalismo, quer contra o marxismo e correntes socialistas. Encontra-se, com efeito, nas suas linhas, inspirações vindas do pensamento social da Igreja — tal como foi expresso pelas encíclicas «Rerum Novarum» e «Quadragésimo anno» — e as correntes vindas em voga em certos meios es-

Visita ao Museu de Arte Popular (1948).

SALAZAR: UM SORRISO VOLTADO PARA O OCIDENTE

Paralelamente à luta travada, uma campanha política e diplomática desenvolve-se, nomeadamente nas Nações Unidas, onde Franco Nogueira é o defensor da política salazarista. Após os primeiros tempos em que Portugal se encontra quase só, alguns países aderem à causa portuguesa e outros mantêm uma neutralidade ambígua ou protectora, como é o caso das potências da N.A.T.O. Quanto aos quadros da N.A.T.O., Salazar considera que o ponto fulcral do conflito Leste-Oeste se desloca da Europa e defende o alargamento da zona de influência da N.A.T.O. até outros planos. Uma ofensiva diplomática nesse sentido só poderia, porém, ser levada a cabo no período ora, quando da revisão prevista na Carta.

Encontramos, ao lado de nomes que permanecem companheiros de Salazar desde o pri-

meiro hora (Marcello Caetano, Lumbrales, etc.), os quadros governativos dos novos nomes que começam chamar a atenção do País. Adriano Moreira, Antunes Varela, Correia de Oliveira, Baltasar Rebelo de Sousa, são nomes que se recordam.

A par destes aspectos político-militares, a par da despesa que elas implicam, outras obras começaram. O plano de rega do Alentejo, os Estaleiros da Margueira, a dependência Pinto sobre o Tejo foram as principais realizações do regime nos últimos anos. Em 1966 assinalam-se, com grande relevo as comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional, que servem de pretexto para a inauguração de uma grande parte de melhoramentos, sobretudo no sector das Obras Públicas, a cargo de Arantes e Oliveira.

Recentemente, em Agosto, deu-se a última remodelação de um governo chefiado por Salazar e um grande lote de ministros foi substituído.

Durante todos estes anos sem dúvida que Salazar manteve uma estabilidade no País, contrastando com o resto do mundo. Era o seu ar da paz de que ele tanto se orgulhava. Essa a principal característica do seu longo período de chefia.

SEGUE

Flama, 27 de Julho de 1970, pp.22,23

Maio de 1967: Paulo VI, peregrino em Fátima, recebe os cumprimentos do Presidente do Conselho

SALAZAR: DO SEMINÁRIO DE VISEU AO ENCONTRO COM O PAPA

Assinatura da ratificação da Concordata e do Acordo Missionário, entre Portugal e a Santa Sé.

D. Manuel Gonçalves Cerejeira, conversando com Salazar, antigo companheiro dos anos de Coimbra

Flama, 27 de Julho de 1970, pp.28,29

ÚLTIMO ACTO PÚBLICO DE SALAZAR: UM VOTO NA CONTINUIDADE

Flama, 27 de Julho de 1970, p.34

Flama, 31 de Julho de 1970, pp.36,37

A MORTE DE SALAZAR

SOB A PONTE QUE TEM O SEU NOME

Flama, 31 de Julho de 1970, pp.44,45

O FUNERAL DE SALAZAR

EXÉRCITO: APOIO ATÉ AO FIM

Flama, 7 de Agosto de 1970, pp.42,43

CAUSOU PROFUNDA EMOÇÃO A MORTE DO PRESIDENTE SALAZAR

AS CONDOLÊNCIAS do distrito do Porto

MODELADAS A MÁSCARA E A MÃO DIREITA

INDIVIDUALIDADES PRESENTES EM S. BENTO DURANTE A NOITE

DE MANHÃ À NOITE EXPRESSIVAS MENSAGENS DE CONDOLÊNCIAS E MISSA AO PRINCÍPIO DA MADRUGADA

A CHEGADA DO PRESIDENTE DO CONSELHO E DO MINISTRO DO INTERIOR

CONSTERNAÇÃO NA GENTE DO POVO

Rainha Isabel II — mensagem de simpatia

PRIMEIRA MISSA CELEBRADA POR ALMA DO ANTIGO CHEFE DO GOVERNO

«UM GRANDE GOVERNANTE UM GRANDE PORTUGUÊS!»

— palavras de Marcelo Caetano na mensagem que dirigiu ao País

RECORDANDO A DEFESA DE ANGOLA EM 1961

DEU A DIPLOMACIA UM DOS SEUS PERÍODOS ÁUREOS

DECRETADO LUTO GERAL ATÉ QUINTA-FEIRA

EXÉQUIAS em todos os capitais de distrito

HOMEM, PROFESSOR E GOVERNANTE (LEIA NAS PÁGINAS 17 E 18)

Jornal de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.2

A MORTE DE SALAZAR

HOMENAGEM DO EMBAIXADOR DE PORTUGAL NO BRASIL

AMPLOS ELOGIOS FÚNEBRES NA IMPRENSA ESPANHOLA

«TINHA A PAIXÃO DA ORDEM»
— nota «Le Monde»

CONDOLÊNCIAS DO GENERAL FRANCO e do governo espanhol

PORTUGAL E SALAZAR nomes inseparáveis
— opina um ministro sul-africano

PÊSAMES da Casa Branca

DOIS CALOROSOS ELOGIOS de antigos ministros espanhóis

Na praia de Esmoriz

GRANDE EMOÇÃO E EXPECTATIVA com o desaparecimento de uma menina

DESPORTO

NATAÇÃO

QUATRO ÊXITOS DOS FLUVIALISTAS

AUTOMOBILISMO

PEIXINHO (Alfa Romeo 33) vitorioso em Malanje

JUSTIÇA DA F. P. F.

CALADO (Benfica) suspenso por três jogos

HÓQUEI EM PATINS

ADIADOS OS JOGOS «REGIONAIS»

Futebol de salão

TORNEIO DO GRUPO MÉRITO AVINTENSE

TÉNIS DE MESA

«REGIONAL» DE PARES-MISTOS

II TORNEIO DO GUIMARENSE

LIVROS

FESTAS GUALTERIANAS EM GUIMARÃES

Jornal de Notícias, 28 de Julho de 1970, p.13

SALAZAR REPOUSA JUNTO DOS PAIS NO CEMITÉRIO DA SUA TERRA NATAL

NUMEROSAS INDIVIDUALIDADES NAS SOLENES EXÉQUIAS NO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

ORAÇÃO FÚNEBRE PROFERIDA POR MONSENHOR MOREIRA DAS NEVES

Ao longo da linha férrea

MUITOS MILHARES DE PESSOAS ASSISTIRAM À PASSAGEM DO COMBOIO QUE TRANSPORTOU O CORPO DE SALAZAR

EM LUANDA

VAI SER ERGUIDO UM MONUMENTO

Cerca de 10 minutos sobre o comboio parado em Coimbra

O REGRESSO DO COMBOIO OFICIAL A LISBOA

A ACÇÃO DE SALAZAR salientada por um jornal de Dusseldorf

Jornal de Notícias, 31 de Julho de 1970, p.2

Mundo Desportivo, 29 de Julho de 1970, p.1

SALAZAR e o DESPORTO

RESPOSTA DE SALAZAR À MENSAGEM DOS DESPORTISTAS PORTUGUESES EM 1933

"DAR AOS PORTUGUESES PELA DISCIPLINA DA CULTURA FÍSICA O SEGREDO DE FAZER DURADOIRA A SUA MOCIDADE"

PÁGINA 2 — 29-7-1970

mundo desportivo

Mundo Desportivo, 29 de Julho de 1970, p.2

A NÓDOA DO ESCÂNDALO CAIU NA «VOLTA»!

Fernando Mendes acusado de «doping» na etapa Porto-Guimarães,

o Benfica abandona a corrida

O prestígio do grande clube exige que a verdade apareça cristalina e que seja duramente castigado quem o merecer

(Crónica de MANUEL DIAS na pág. DOIS)

O NORTE DESPORTIVO

Elementos para um processo cujos resultados é impossível prever

BENFICA JÁ REQUEREU A CONTRA-ANÁLISE

Um medicamento vulgar e que até receitado a crianças «drogou» Fernando Mendes?

Por NUNO BRÁS

AGOSTINHO NÃO JULGA MENDES

Que quer que lhe diga?»

Paz à sua alma, prof. Oliveira Salazar

O Norte Desportivo, 30 de Julho de 1970, p.1

NOTICIAS da Covilhã

1870 — 1970

A NOSSA HOMENAGEM A SALAZAR

O MAIOR OBREIRO do engrandecimento de Portugal e GRANDE DEFENSOR da Civilização do Ocidente

PROF. DOUTOR ANTONIO DE OLIVEIRA SALAZAR
O Português eminente que sofreu na Eternidade e na História portuguesa

«Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua História; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a *Glória do trabalho* e o seu dever».

(SALAZAR, em 26 de Maio de 1936)

Notícias da Covilhã, 1 de Agosto de 1970, p.1

28-7-1970 NOVIDADES Página 3

PARA AVALIAR A OBRA DE SALAZAR É PRECISO COMPARAR O PORTUGAL QUE ELE RECEBEU AO ASSUMIR O GOVERNO

COM O PORTUGAL QUE ELE DEIXOU

— DISSE O PROFESSOR MARCELLO CAETANO ATRAVES DA RADIO E DA TELEVISAO

DECRETADO LUTO GERAL

* ENCERRAMENTO OBRIGATORIO DOS ESTABELECIMENTOS PUBLICOS NO DIA DO FUNERAL

GOVERNANTE DE VISÃO CLARA

VIDA REGRADA DO ESTADO

DEFESA DOS DIREITOS PORTUGUESES NO MUNDO

GARANTIA DA PAZ RELIGIOSA

A EVOLUÇÃO DA DOENÇA DE SALAZAR

DESDE 7 DE SETEMBRO DE 1968 A 5 DE FEVEREIRO DE 1969

Novidades, 28 de Julho de 1970, p.3

Página 4 — NOVIDADES

TODA UMA VIDA CONSAGRADA AO SERVIÇO DA NAÇÃO

FUNDADOR DE SÓLIDO PRESTÍGIO

DIPLOMATA E CAMPEÃO DO OCIDENTE

ALUNO E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE

FUNDADOR E COLABORADOR DAS «NOVIDADES»

CHEFE DO GOVERNO DURANTE 36 ANOS

MINISTRO DAS FINANÇAS E RESTAURADOR DA ECONOMIA NACIONAL

Novidades, 28 de Julho de 1970, p.4

TODA UMA VIDA CONSAGRADA AO SERVIÇO DA NAÇÃO

O CARDEAL-PATRIARCA COM O PRESIDENTE SALAZAR

SALAZAR NA SUA MENSAGEM DE 30-IV-1949, LIDA AOS MICROFONES DA EMISSORA NACIONAL

SALAZAR NO SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO EM 1959

CONSTITUCIONALIZAÇÃO DO MOVIMENTO MILITAR DE 1926

A CONCORDATA E O ACORDO MISSIONÁRIO

ACÇÃO POLÍTICA

SALAZAR ESTUDANTE DE COIMBRA

OBRAS QUE SE REFEREM A SALAZAR

GRAUS ACADÉMICOS E CONDECORAÇÕES

Novidades, 28 de Julho de 1970, p.5

Novidades

O CORPO DO PRESIDENTE SALAZAR FOI TRASLADADO NA MANHÃ DE ONTEM

COM HONRAS DE CHEFE DE ESTADO DE S. BENTO PARA A NAVE DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

O CHEFE DO ESTADO ACOMPANHARÁ O FUNERAL DE SALAZAR ATÉ SANTA COMBA DÃO

O SR. ALMIRANTE AMÉRICO TOMÁS REGRESSA HOJE À METRÓPOLE

EMBALSAMADO O CORPO DE SALAZAR

O PROF. LUMBRALES É O TESTAMENTEIRO DE SALAZAR

O ALMIRANTE AMÉRICO TOMÁS ASSISTIU A UMA MISSA DE REQUIEM PELO PRESIDENTE SALAZAR CELEBRADA NA CATEDRAL DE S. TOMÉ

CONVITE DO MUNICÍPIO À POPULAÇÃO DA CAPITAL

O MUNICÍPIO DE LISBOA PRESTA HOJE HOMENAGEM A SALAZAR

Novidades, 29 de Julho de 1970, p.1

A morte do Presidente Salazar

A TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS PARA OS JERÓNIMOS

MISSA DE RÉQUIEM NA CATEDRAL DE S. TOMÉ COM A ASSISTÊNCIA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

É profunda a consternação em todo o Ultramar

O Município do Porto prestou homenagem à memória de Salazar

O CHEFE DO ESTADO ACOMPANHA O FUNERAL

PALAVRAS DO CHEFE DO ESTADO

Presentes no funeral os representantes dos Governos brasileiro, britânico e da África do Sul

Antigos ministros falam hoje na Emissora Nacional sobre o antigo Chefe do Governo

Discursos de Salazar vão ser editados em disco

Solenes exéquias em Braga

Novidades
JORNAL DA MANHÃ

Novidades, 29 de Julho de 1970, p.8

O PRIMEIRO DE JANEIRO

Carpélio TAPETES CARPETES

SALAZAR FOI ACOMPANHADO À SEPULTURA POR MUITOS MILHARES DE PORTUGUESES

O Chefe do Estado, o Presidente do Conselho e as mais representativas individualidades da vida nacional assistiram à inumação

(DOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS)

100 MORTOS E 120 FERIDOS NUM TREMOR DE TERRA NA PÉRSIA

TEERÃO, 30 — Uma centena de mortos e 120 feridos constituem o último balanço do tremor de terra que, por duas vezes, abalou esta manhã, às 5h32 e às 6h13, a Norte da Pérsia, nas províncias do Gorgan e do Khorassan.

33.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Demonstração de força da equipa do Sporting

- Vitórias de R. Delépine e E. Dionísio
- POSIÇÃO INDIVIDUAL E COLECTIVA FIRMADA

Localizado o helicóptero desaparecido no rio Mansoa

- NÃO FORAM ENCONTRADOS MAIS CORPOS

O partido Gahal abandonará o Governo se Israel aceitar o plano de paz

TELAVIVE, 30 — O grupo parlamentar do bloco Gahal decidiu abandonar o Governo se este aceitar o plano Rogers. Esta decisão, tomada por 14 votos contra 9 e duas abstenções, deve ser confirmada amanhã pela Comissão Central do Gahal.

O Primeiro de Janeiro, 31 de Julho de 1970, p.1

O VIRAR DE UMA PÁGINA NA HISTÓRIA DO PAÍS

Num ambiente carregado de luto e de solene austeridade foram prestadas as últimas homenagens ao Presidente Salazar

● A MOLDURA HUMANA DAS CERIMÓNIAS FÚNEBRES

● ALTAS INDIVIDUALIDADES ASSISTIRAM AS EXÉQUIAS

● A CHEGADA DO CHEFE DO ESTADO E DO PRESIDENTE DO CONSELHO

● A DISPOSIÇÃO NO INTERIOR DO TEMPLO

● O INÍCIO DAS CERIMÓNIAS

O ELOGIO FÚNEBRE
«Um dos maiores pela força do seu pensamento e da sua vontade»

● O INSTANTE SOLENE DA ABSOLVIÇÃO FINAL

Notícias de Lisboa

OCORRÊNCIAS DIVERSAS

Localizado o helicóptero desaparecido no rio Mansoa

● NÃO FORAM ENCONTRADOS MAIS CORPOS

ESPECTÁCULOS PARA HOJE

O Primeiro de Janeiro, 31 de Julho de 1970, p.5

O Século

O jornal de maior circulação em Portugal

Terça-feira, 28 de Julho de 1970

A CASA DA SORTE
55 PRÉMIOS GRANDES
94230 CONTOS

MORREU O PROF. SALAZAR: LUTO NACIONAL ATÉ QUINTA-FEIRA

EDITORIAL
A MORTE DE UM HOMEM

Luto oficial no Brasil
• A Espanha no funeral com o ministro López Bravo

Cancelada a viagem presidencial
O Chefe do Estado chegará a Lisboa amanhã às 22 e 30

A PARTIR DE HOJE NA NAVE DOS JERÓNIMOS O POVO PORTUGUÊS PRESTARÁ HOMENAGEM AOS RESTOS MORTAIS DO GRANDE ESTADISTA
• Funeral depois de amanhã às 12 e 30 para Santa Comba

ISABEL II: mensagem de simpatia a Portugal

«O SECULO» NOTICIOU O ACONTECIMENTO NUMA 2ª EDIÇÃO

O Presidente Marcello Caetano à Nação
Para avaliar a obra de Salazar é preciso comparar o Portugal que recebeu com o Portugal que deixou

UMA VIDA INTEIRA CONSAGRADA À NAÇÃO

VER BIOGRAFIA NO 2.º CADERNO (PAGS. 32 A 33)

O Século, 28 de Julho de 1970, p.1

O CHEFE DO ESTADO REGRESSA

Continuaremos a nossa determinação em todas as parcelas de Portugal

—afirmou o Presidente América Thomaz

A viagem do «Infante Dom Henrique» para Lisboa

Quer...

APERFEIÇOAR OS SEUS CONHECIMENTOS DE INGLÊS?

POIS, BEM, NÓS AJUDAMOS:

MANUAL DE INGLÊS MODERNO

MAIS FRASES IDIOMÁTICAS

(CITAÇÕES E PROVÉRBIOS)

PREPOSIÇÕES COMO SE EMPREGAM

EDITORIAL SECULO — LISBOA

Voe no 747 da Pan Am para Nova York

Pan Am 747

O Século, 28 de Julho de 1970, p.5

A MORTE DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

NUMEROSAS INDIVIDUALIDADES ACORRERAM À RESIDÊNCIA DA RUA DA IMPRENSA À ESTRELA

logo que se tornou conhecida a noticia do falecimento do antigo Chefe do Governo

A MENSAGEM DIRIGIDA À NAÇÃO PELO PRESIDENTE MARCELLO CAETANO

A COMUNICAÇÃO OFICIAL DA MORTE

EDITORIAL

ELE FOI, EM TODA A DIMENSÃO DA PALAVRA E EM TODA A DIGNIDADE DA ESPÉCIE — UM HOMEM

O ROSTO E A MÃO DIREITA DO PROF. SALAZAR

«O SECULO» E O FALECIMENTO DO PROF. SALAZAR

OS ÚLTIMOS DOIS ANOS DE VIDA DO PROF. SALAZAR E A EVOLUÇÃO DA DOENÇA

cuja crise derradeira o vitimou

O Século, 28 de Julho de 1970, p.7

UMA VIDA INTEIRA CONSAGRADA À NAÇÃO

O SECULO

2.º Caderno

A RENDIÇÃO DE UM HOMEM PARA CONTINUAR UMA IDEIA

—DECISÃO FUNDAMENTAL DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O Século, 28 de Julho de 1970, p.17

18 O SECULO 28-7-70

14 405 DIAS NO GOVERNO

A VOZ DO HOMEM MAIS CLARIVIDENTE NAS VÉSPERAS DO INÍCIO DA II GRANDE GUERRA MUNDIAL

O Século, 28 de Julho de 1970, p.18

NA DEFESA DO ULTRAMAR PORTUGUÊS A FÉ E A PRONTA DECISÃO DO PROF. SALAZAR IMPUSERAM-SE AO MUNDO

CLARO E LUMINOSO EXEMPLO DE UNIDADE ESPIRITUAL E MORAL

O Século, 28 de Julho de 1970, p.19

O Século, 28 de Julho de 1970, p.20

A RENDIÇÃO DE UM HOMEM PARA CONTINUAR UMA IDEIA

Assegurado um processo histórico cujos frutos o País sente e reconhece

O Século, 28 de Julho de 1970, p.22

O jornal de maior circulação em Portugal

O SECULO

Director — Guilherme Pereira da Rosa

Quarta-feira, 29 de Julho de 1970

OURIVESARIA SANTA FILOMENA
PREÇOS ANTIGOS

Portugal perdeu em Salazar um dos seus mais excelsos príncipes de todos os tempos – disse o Chefe do Estado em São Tomé

Milhares de pessoas desfilam nos Jerónimos perante os restos mortais do prof. Salazar

• É verdadeiramente impressionante a ultima homenagem do povo de Lisboa

O Chefe do Estado acompanhará o corpo do prof. Salazar até Santa Comba

O Presidente da República chega a Lisboa às 18 horas

O Presidente Américo Thomaz promovido a almirante por decisão do Governo reunido em Conselho de Ministros

2.º CADERNO

DIRIGENTES POLÍTICOS DE TODO O MUNDO enviam as suas condolências a Portugal

A TELEVISÃO transmitirá em directo de Santa Comba

O Século, 29 de Julho de 1970, p.1

A MORTE DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

MUITA GENTE DO POVO AO LONGO DO PERCURSO

O AUSTERO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS CENÁRIO DE DERRADEIRAS HOMENAGENS A OUTRO GRANDE VULTO PORTUGUÊS

O Século, 29 de Julho de 1970, p.8

A MORTE DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

Em sessão extraordinária a Câmara do Porto prestou sentida homenagem ao Presidente Salazar

Antigos membros do Governo e oficiais-generais em turnos que se prolongaram por duas horas

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA presta as derradeiras honras ao prof. Salazar

O Século, 29 de Julho de 1970, p.9

A MORTE DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

CONDOLÊNCIAS DE TODO MUNDO

SALAZAR EM FOCO NA IMPRENSA INTERNACIONAL

O Século, 29 de Julho de 1970, p.10

A MORTE DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

TESTEMUNHOS DE MÁGOA DAS ILHAS E ULTRAMAR

• A figura do estadista exaltada na Imprensa e nos meios oficiais

O Comércio e a Indústria exortados pelas suas Corporações

a associarem-se em massa às últimas homenagens ao prof. Oliveira Salazar

A CÂMARA DE LISBOA

que reúne hoje extraordinàriamente

CONVIDA A POPULAÇÃO A ASSOCIAR-SE ÀS CERIMÓNIAS

Livre-trânsito para os enterros

Condolências da comunidade chinesa de Macau

AS PADARIAS DE LISBOA ENCERRADAS AMANHÃ

O PESAR DE OUTRAS CORPORAÇÕES

OS FUNERAIS e as colectividades de cultura e recreio

O Século, 29 de Julho de 1970, p.11

O SECULO

O jornal de maior circulação em Portugal

Quinta-feira, 30 de Julho de 1970

DEPÓSITO LEGAL

VELADA DO POVO NOS JERÓNIMOS

• Lágrimas incontidas e as mais belas flores na tarde e na noite longa e silenciosa

Sufrágios em Fátima ao rito bizantino

Profundo recolhimento caracterizou o regresso a Lisboa do Presidente Américo Thomaz

SOLENES EXÉQUIAS EM MADRID POR ALMA DO PRESIDENTE SALAZAR

• O príncipe D. João Carlos presente à cerimónia

Reunião extraordinária na Câmara de Lisboa

Proposta a construção de uma estátua do dr. Salazar no troço que prolongará a Avenida da Liberdade

(Notícia na 8.ª página)

CERIMÓNIAS RELIGIOSAS NAS CAPITAIS DE DISTRITO

O GRANDE COLAR DO INFANTE DEPOSTO NA URNA

Destacadas figuras políticas constituem as delegações estrangeiras

A ÚLTIMA NOITE DE SALAZAR EM LISBOA

crónica de FREDERICO ALVES

2.º CADERNO

O Século, 30 de Julho de 1970, p.1

O REGRESSO DO CHEFE DO ESTADO

As saudações do Chefe do Governo

Partida de São Tomé em ambiente de luto

O dr. Moreira Baptista visitou o Emissor Regional

Telegramas enviados ao Chefe do Estado e ao ministro Silva Cunha

Cumprimentos do Governo e outras individualidades

O significado da visita referido pelo governador numa mensagem dirigida à província

Singela passagem por Luanda

CONVITE AOS FILIADOS DA ACÇÃO NACIONAL POPULAR

A Acção Nacional Popular convida os seus filiados a associarem-se às manifestações de luto nacional que em todo o País se realizam pelo falecimento do Presidente Salazar.

REGRESSAM HOJE MILITARES DA GUINÉ

ASSINATURAS EM VILEGIATURA

4.º ANIVERSÁRIO

DOUTORAMENTO EM FILOSOFIA

BOLETIM METEOROLÓGICO

MINISTÉRIOS

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

INTERIOR

FINANÇAS E ECONOMIA

ECOS DA SOCIEDADE

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO

O Século, 30 de Julho de 1970, p.2

A MORTE DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

MANIFESTAÇÕES NO ESTRANGEIRO

CHEGADA DE DELEGAÇÕES DE DIVERSOS PAÍSES

COLOMBO CONTINUA A TENTAR «DESCOBRIR» UM GOVERNO PARA A ITÁLIA

• Perspectivas de desanuviamento

FALECEU MARTIN-SANCHEZ NOTÁVEL ESCRITOR ESPANHOL

NIXON VAI AO MÉXICO

FALECEU RUDNEV CIENTISTA SOVIÉTICO

O Século, 30 de Julho de 1970, p.11

João Pereira da Rosa — Presente!

O Jornal de maior circulação em Portugal

O SECULO

Director — Guilherme Pereira da Rosa

Sexta-feira, 31 de Julho de 1970

OURIVESARIA
SANTA FILOMENA
PRATAS ANTIGAS

DA GLÓRIA DOS JERÓNIMOS À HUMILDADE DE SANTA COMBA DÃO

SALAZAR reuniu-se a seus pais no cemitèriozinho da terra onde nasceu e onde morará para sempre em campa rasa

2.º CADERNO

O Século, 31 de Julho de 1970, p.1

O FUNERAL DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

UMA SIMPLES CARREIRA PARA SALAZAR

O CORTEJO FUNEBRE ALONGAVA-SE POR MAIS DE UM QUILÓMETRO

OS DERRADEIROS ACTOS LITURGICOS DECORRERAM NA IGREJA ONDE SALAZAR FOI BAPTIZADO

REPORTAGEM

de Augusto Fraga, J. Gutierrez, João Corregedor, José Salsa, e Luís Rosa Duarte *(texto)*

Abel Fonseca, Fernando Baião e Júlio Marques *(fotografia)*

O PROF. AFONSO QUEIRÓ FEZ O ELOGIO DO MESTRE

SALAZAR: UM HOMEM E UMA ÉPOCA

«VIDA MUNDIAL» publica este semana um completo documentário da vida portuguesa dos últimos 40 anos e da acção do Salazar desde os bancos da Universidade até deixar o Governo por motivo da doença que o vitimou.

Num número inteiramente consagrado ao homem e à sua época, o leitor encontrará o perfil do político e a influência que exerceu na vida nacional dos últimos 50 anos.

O Século, 31 de Julho de 1970, p.11

O FUNERAL DO PROF. OLIVEIRA SALAZAR

ANGOLA PRESTOU AS ÚLTIMAS HOMENAGENS AO GRANDE ESTADISTA

OS SINOS DOS AÇORES dobraram

EMOCIONADA A POPULAÇÃO DO FUNCHAL assistiu às cerimónias religiosas

EM ROMA
MISSA POR ALMA DO PROF. SALAZAR

Solenes exéquias na Sé de Macau

AS CERIMÓNIAS em Cabo Verde

MOÇAMBIQUE OROU PELO PRESIDENTE SALAZAR

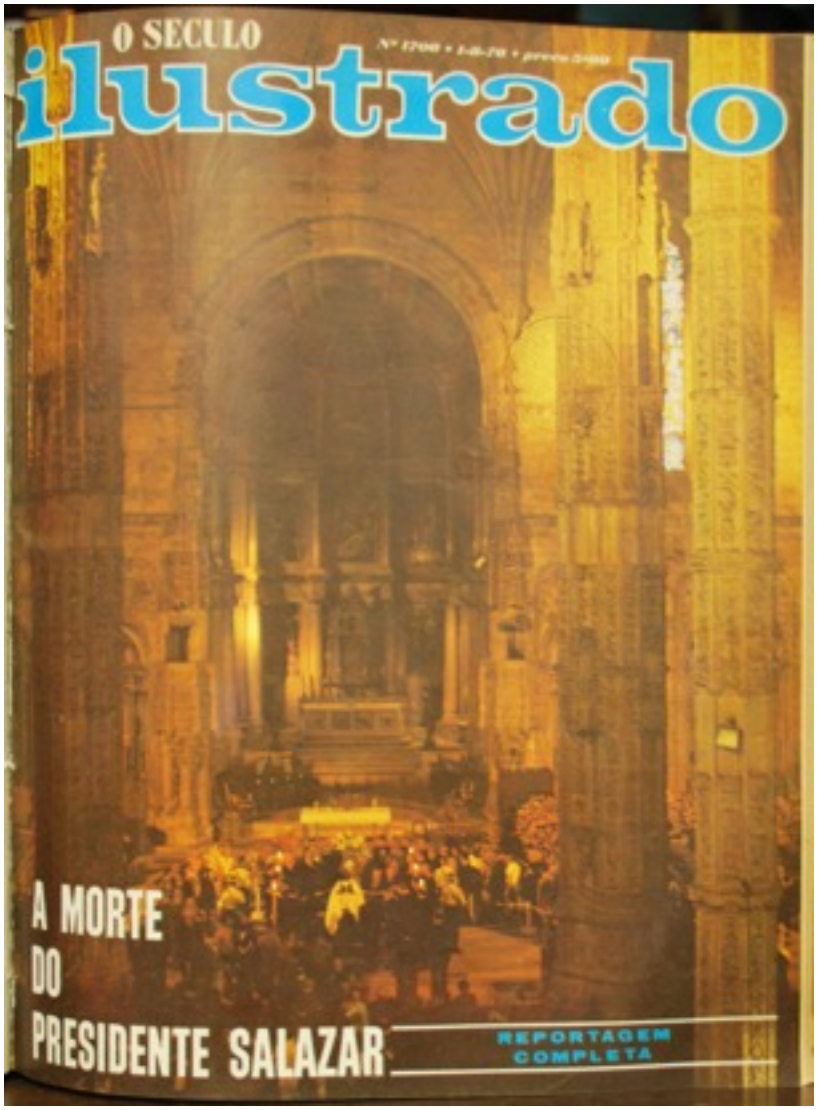
Ultimas Noticias

GRAVE DESASTRE com vários veículos perto de Leiria

• Extrema dificuldade em obter informações

Misteriosa droga na praia da Poreda

O Século, 31 de Julho de 1970, p.13



O Século Ilustrado, 1 de Agosto de 1970, p.1

INTERRUPÇÃO DA VIAGEM PRESIDENCIAL: O CHEFE DO ESTADO REGRESSA A LISBOA

O Chefe do Estado foi recebido pelos membros do Governo, no aeroporto de Portela, após ter interrompido a viagem presidencial a São Tomé e Príncipe

O Século Ilustrado, 1 de Agosto de 1970, pp.28,29

EX-PRESIDENTE ABANDONA O JERÓNIMOS

O Século Ilustrado, 1 de Agosto de 1970, pp.30,31

O Século Ilustrado, 1 de Agosto de 1970, pp.42,43

O Século Ilustrado, 1 de Agosto de 1970, pp.48,49

42 ANOS DE REGIME

1939

Termina a Guerra Civil de Espanha. Representantes de Portugal e de país vizinho assinam um convénio de amizade e não agressão. Surge o Bloco Peninsular.

Principia a segunda guerra mundial. Salazar declara que Portugal assumirá, no conflito, uma posição de neutralidade.

1940

Entram em vigor a Concordata e o Acordo Missionário. Salazar abandona a pasta das Finanças.

1941

Tropas australianas e holandesas desembarcam em Timor.

1942

O Presidente do Conselho encontra-se com o caudilho e ambos assinam um protocolo ao convénio luso-espanhol de amizade e não agressão. Verifica-se a reeleição do general Carmona.

Desembarcam em Timor tropas japonesas.

1943

Portugal concede à Grã-Bretanha facilidades no arquipélago dos Açores. Regista-se, em Itália, a liquidação do regime de Mussolini.

1944

O Chefe do Governo deixa de ocupar o cargo de ministro da Guerra.

Salazar visitou no Seminário de Viseu, Vilhena-st, na fotografia — o primeiro, sentado, a contar da esquerda

1945

Finda a segunda guerra mundial. Entre nós, decreta-se o luto oficial por morte de Hitler. Na India, é proclamada a República.

1946

Frustrada a revolta militar da Mealhada.

Funda-se a Organização das Nações Unidas.

1947

Salazar abandona, também, a pasta dos Negócios Estrangeiros. Forças fiéis neutralizam uma conspiração de republicanos-liberais e dissidentes do 28 de Maio.

1948

Criação da O. C. D. E.

1949

Portugal assina o Pacto do Atlântico.

Nórton de Matos publica o seu «Proclamação à Nação» não chegará, porém, a concorrer às eleições presidenciais. Os candidatos a deputados pela Oposição desistem, igualmente, de se apresentarem ao sufrágio.

Constitui-se o Conselho da Europa. Nasce a República Popular da China.

1951

Por morte de Carmona, concorrem às eleições para a Presidência da República o almirante Quintão de Meireles e o prof. Rui Luís Gomes e o general Craveiro Lopes.

O primeiro desiste e o segundo é considerado inelegível. Ganha o general Craveiro Lopes.

França, Itália, Alemanha e países do Benelux reúnem-se na Comunidade Europeia do Carvão e do Aço.

A Líbia torna-se independente.

1952

Publica-se o I Plano de Fomento.

1953

A Oposição vai às urnas, nas eleições para deputados, contra a União Nacional, em todos os círculos.

Portugal e o Brasil assinam um tratado de amizade e consulta.

1955

Encontram-se, em Bandung, representantes dos primeiros países livres da esfera colonial.

Os tratados de Roma instituem a Comunidade Económica Europeia e a Comunidade Europeia de Energia Atómica.

1956

Sudão, Tunísia e Marrocos conquistam a independência.

1957

A Oposição desiste de se apresentar às eleições para deputados.

O Gana ascende à independência.

1958

O general Humberto Delgado e o dr. Arlindo Vicente concorrem, pela Oposição, às eleições presidenciais mais movimentadas de sempre. Apresenta-se como candidato do Governo o almirante Américo Thomaz, em substituição do general Craveiro Lopes que se recusara a tentar a reeleição. O almirante Américo Thomaz é eleito, mas o general Humberto Delgado conquista 33 por cento dos votos. Afastado de seu diocese, o bispo do Porto exila-se no estrangeiro. A Guiné desliga-se da França.

Em Abril de 1928, Salazar toma posse do cargo de ministro das Finanças, cargo que já antes ocupara por breves dias. O encerramento de 28 de Maio encontrara o seu chefe

O Presidente Carmona recebe o primeiro Gabinete presidido pelo prof. Oliveira Salazar

Passam mesas antes de ser encerrado, Salazar forma novo Governo. O Presidente Américo Thomaz confere-lhe a posse, no Palácio de Belém

SALAZAR
UM HOMEM E UMA ÉPOCA

Os pais do prof. Oliveira Salazar, António de Oliveira e D. Maria do Resgate, espalhados em Vimieiro, Santa Comba

O ISOLAMENTO, REGRA DE CONDUTA INALTERÁVEL NO EXERCÍCIO DO PODER

O corpo de Lentes da Escola de Coimbra, em que Salazar foi professor. Da esquerda para a direita (1.ª fila): Alberto Xavier, Manuel Rodrigues, Manuel Gonçalves Cerejeira, Manuel Fernandes Costa, Fezas Vital, Alfredo de Magalhães, Mendes dos Remédios, Marnoco e Sousa, Dias da Silva, Abel de Andrade, Ferreira Deusdado, Ferreira Dias, Ferreira Gomes, Gonçalves de Freitas, Ferreira Lima, Ferreira Borges, Ferreira Rosa, Ferreira Simões, Ferreira Pinto, Ferreira Martins, Ferreira Braga, Ferreira Marques, Ferreira Santos, Ferreira Ramos, Ferreira Gonçalves, Ferreira Alves, Ferreira Fernandes, Ferreira Pires, Ferreira Nunes, Ferreira Moreira, Ferreira Antunes, Ferreira Vaz, Ferreira Leite, Ferreira Costa, Ferreira Oliveira, Ferreira Silva, Ferreira Sousa, Ferreira Carvalho, Ferreira Pereira, Ferreira Rodrigues, Ferreira Martins, Ferreira Braga, Ferreira Marques, Ferreira Santos, Ferreira Ramos, Ferreira Gonçalves, Ferreira Alves, Ferreira Fernandes, Ferreira Pires, Ferreira Nunes, Ferreira Moreira, Ferreira Antunes, Ferreira Vaz, Ferreira Leite, Ferreira Costa, Ferreira Oliveira, Ferreira Silva, Ferreira Sousa, Ferreira Carvalho, Ferreira Pereira, Ferreira Rodrigues

UM CAPÍTULO DE HISTÓRIA:

A CORRESPONDÊNCIA COM JOÃO FRANCO

Vida Mundial, 31 de Julho de 1970, pp.10,11

DEPÓSITO LEGAL

ANO XLIV — NÚMERO 15 450

SUPLEMENTO ESPECIAL

A VOZ

Terça-feira, 28 de Julho de 1970

Cansado em que o golpe de Estado [illegible] não fosse uma revolução. Mas uma revolução contra o revolucionarismo — o triunfo do senso histórico e do bem público.

CHARLES MAURRAS
Escritor e jornalista francês

Salazar modificou o conceito de vários portugueses. Muitos países necessitam, hoje, de um só português.

CORDO CORDAIRE DE BERTHOLD
Escritor e jornalista suíço

MORREU O PRESIDENTE SALAZAR

O MAIOR PORTUGUÊS DO NOSSO SÉCULO

A HISTÓRIA CONSIDERÁ-LO-Á COMO O GRANDE OBREIRO DO ENGRANDECIMENTO NACIONAL

Morreu Salazar. Portugal e o Mundo há dias que aguardavam a triste desenlace. Quando da recente crise de saúde, todos alimentávamos uma vaga esperança, a esperança da recuperação.

Entretanto, deu-se inesperadamente nova crise. A ciência médica usou todos os seus argumentos e a vida do Presidente Salazar foi-se prolongando. Os boletins clínicos, no entanto, não eram de molde a alimentar grandes esperanças.

O desenlace deu-se. Salazar morreu. O homem que imprimiu novos rumos a um Povo e que o arrancou do «apagado e vil tristeza» em que há muito e muito se encontrava, entrou definitivamente nas páginas da História, não apenas da História da sua Pátria, mas da História do Ocidente; não apenas da História do Ocidente, mas da História do Mundo do nosso tempo.

Jornais e revistas, bem como as mais importantes cadeias de televisão da Europa e das Américas, acompanharam, com interesse, a evolução da doença do grande estadista.

O Mundo, todo o Mundo, teve durante os últimos dias os olhos postos em Portugal.

Morreu Salazar. Portugal está de luto.

COMO SALAZAR VIA O PANORAMA POLÍTICO E SOCIAL DA NOVA ÁFRICA

EDITORIAL

UMA VIDA UMA OBRA UMA LIÇÃO

SALAZAR
MESTRE DE DOUTRINA

A Voz, 27 de Julho de 1970, p.1

A VOZ

A OBRA REALIZADA
PELA CRIAÇÃO DOS PLANOS DE FOMENTO

CRIADA A UNIÃO NACIONAL
SALAZAR CRIOU A MOCIDADE
E A LEGIÃO PORTUGESA

ALGUNS LIVROS
SOBRE A PERSONALIDADE
E A OBRA DE SALAZAR

UMA VIDA E UMA OBRA
—Sem alardes deu a Portugal a força de uma árvore que mergulha as suas raizes no solo da Pátria
— diz o «Jornal do Comércio» do Rio de Janeiro a respeito de Salazar

A Voz, 27 de Julho de 1970, p.4

Página 6 — A VOZ — 28 — VII — 1970

A MORTE DO PRESIDENTE SALAZAR

MISSA DE CORPO PRESENTE

O sr. Cardeal Patriarca de Lisboa abandonou o Palácio de São Bento de 12 a 20, depois de assistir à missa de corpo presente celebrada pelo rev. João Bosco.

MISSA POR ALMA DO PRESIDENTE SALAZAR CELEBRADA PELO BISPO RESIGNATÁRIO DE NAMPULA NA VILA DA LAGOA (AÇORES)

EMOÇÃO E REPERCUSSÃO EM VÁRIAS PARTES DO MUNDO

«O PAÍS IRMÃO PERDEU O HOMEM QUE O SALVOU DA RUÍNA ECONÓMICA E DO DESASTRE POLÍTICO»

— escreve «EL ALCAZAR»

LONDRES, 27 — A Rainha Isabel II enviou esta noite uma mensagem de pesar a Portugal, pela morte do antigo Chefe do Governo Português, Dr. António de Oliveira Salazar. — (R.).

O MINISTRO LOPEZ BRAVO REPRESENTARÁ O GOVERNO ESPANHOL NOS FUNERAIS

A MENSAGEM DO PRESIDENTE DO CONSELHO À NAÇÃO

LUTO NO BRASIL

A Voz, 28 de Julho de 1970, p.6

A MORTE DO PRESIDENTE SALAZAR

TELEGRAMAS DE CONDOLÊNCIAS PELO FALECIMENTO DO PRESIDENTE SALAZAR ENVIADOS AO PRESIDENTE DO CONSELHO

SOLENES EXÉQUIAS EM S. TOMÉ

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

TURNOS PARA HOJE NOS JERÓNIMOS

AS CERIMÓNIAS NOS JERÓNIMOS

HOMENAGEM DO MUNICÍPIO DO PORTO

Voto de pesar das Corporaçõe

A HOMENAGEM DAS ORGANIZAÇÕES DAS PESCAS

das ideias e dos factos

A PAZ COM A ALEMANHA

A REPRESENTAÇÃO DO GOVERNO INGLÊS

Mensagem de Edward Heath ao Prof. Marcello Caetano

A REPRESENTAÇÃO DO BRASIL NAS EXÉQUIAS

O REI SIMEÃO DA BULGÁRIA FAZ-SE REPRESE

CONSTERNAÇÃO NO ULTRAMA HOMENAGEM A SALAZA PRESTADA PELO GOVERNADOR-GERAL DE ANGO

NA RTV NORTE-AMERICANA

A Voz, 29 de Julho de 1970, p.6

ANO XLIV — NÚMERO 13 412

O JORNAL DE MAIOR ASSINATURA EM PORTUGAL

Quinta-feira, 30 de Julho de 1970

A VOZ

Director e Editor: PEDRO CORREIA MARQUES

MOSCOVO, 29 — A União Soviética lançou hoje o satélite «Cosmos-254» para continuar as explorações espaciais, anuncia a TASS. — (R.).

EDITORIAL

A ULTIMA HOMENAGEM

A VOZ

MILHARES DE PESSOAS PRESTARAM ONTEM ao antigo Chefe do Governo a sua derradeira homenagem

Os funerais do Prof. Oliveira Salazar realizam-se hoje para Santa Comba Dão

SOLENES EXÉQUIAS EM TODAS AS CAPITAIS DE DISTRITO À MESMA HORA QUE NOS JERÓNIMOS

DESIGNADO TESTAMENTEIRO DO PROF. SALAZAR O PROF. LUMBRALES

SEBASTIÃO ALVES VEREADOR DE LISBOA E ANTIGO DEPUTADO RECEBEU DAS MÃOS DE S. E. O CARDEAL PATRIARCA AS INSÍGNIAS DA ORDEM DO SANTO SEPULCRO

CONVITE AOS FILIADOS DA ACÇÃO NACIONAL POPULAR

O COMBOIO FÚNEBRE PARTE HOJE DE LISBOA ÀS 12 E 45

AS CIRCUNSTÂNCIAS TRÁGICAS EM QUE SE DEU O DESASTRE DE HELICÓPTERO NA GUINÉ

A ORDEM DO CORTEJO FÚNEBRE

TELEGRAMA DO PRESIDENTE NIXON

O CHEFE DO ESTADO REGRESSOU ONTEM A LISBOA

SALAZAR PARA O PANTEÃO NACIONAL

A Voz, 30 de Julho de 1970, p.1

Anexo III
Reportagem da RTP

Fig. 1, 2, 3, 4, 5, 6: Cerimónias fúnebres à frente e dentro da Assembleia da República

Fig. 7, 8, 9, 10, 11, 12: Procissão da Assembleia da República até ao Mosteiro dos Jerónimos

Fig. 13, 14, 15: Chegada do caixão à Praça do Império

Fig, 16, 17, 18: Início das exéquias no Mosteiro dos Jerónimos

Fig. 19, 20, 21, 22, 23: Exéquias no Mosteiro dos Jerónimos

Fig. 24: Plano geral do Mosteiro dos Jerónimos no final da sequência das exéquias e durante o qual se inicia o discurso de Salazar

Fig. 25, 26, 27, 28: Procissão na Praça do Império até ao comboio

Fig. 29, 30, 31, 32: Arranjo de flores oferecido pelos Comando da Guiné

Fig. 33: Entrada do caixão no comboio

Fig. 34: Vista da Praça do Império aquando da partida do comboio

Fig. 35, 36, 37, 38: Pessoas a despedirem-se ao longo da linha de comboio em Lisboa

Fig. 39: Pessoas à espera do comboio na estação de Coimbra-B

Fig. 40, 41, 42: Sequência delirante de colocação das flores no comboio

Fig: 43, 44: Reflexo das pessoas no comboio

Fig. 45, 46: Reflexo das pessoas e interior do comboio a partir

Fig. 47: Transporte do caixão para o armão militar na estação de Santa Comba Dão

Fig. 48, 50: Procissão no Vimieiro

Fig. 49: Exéquias na Igreja do Vimieiro

Fig. 51, 52: Procissão até ao cemitério do Vimieiro

Fig. 53, 54: A governanta D. Maria junto do caixão no cemitério do Vimieiro

Fig. 55: Momento após o enterro em que se abriram as portas do cemitério para deixar entrar a população que se acumulava no exterior

Fig. 56: População no exterior do cemitério

Fig. 57, 58, 59: Montra com fotografias da vida e obra de Salazar

Fig. 60: Bandeira a meia-haste na Assembleia da República